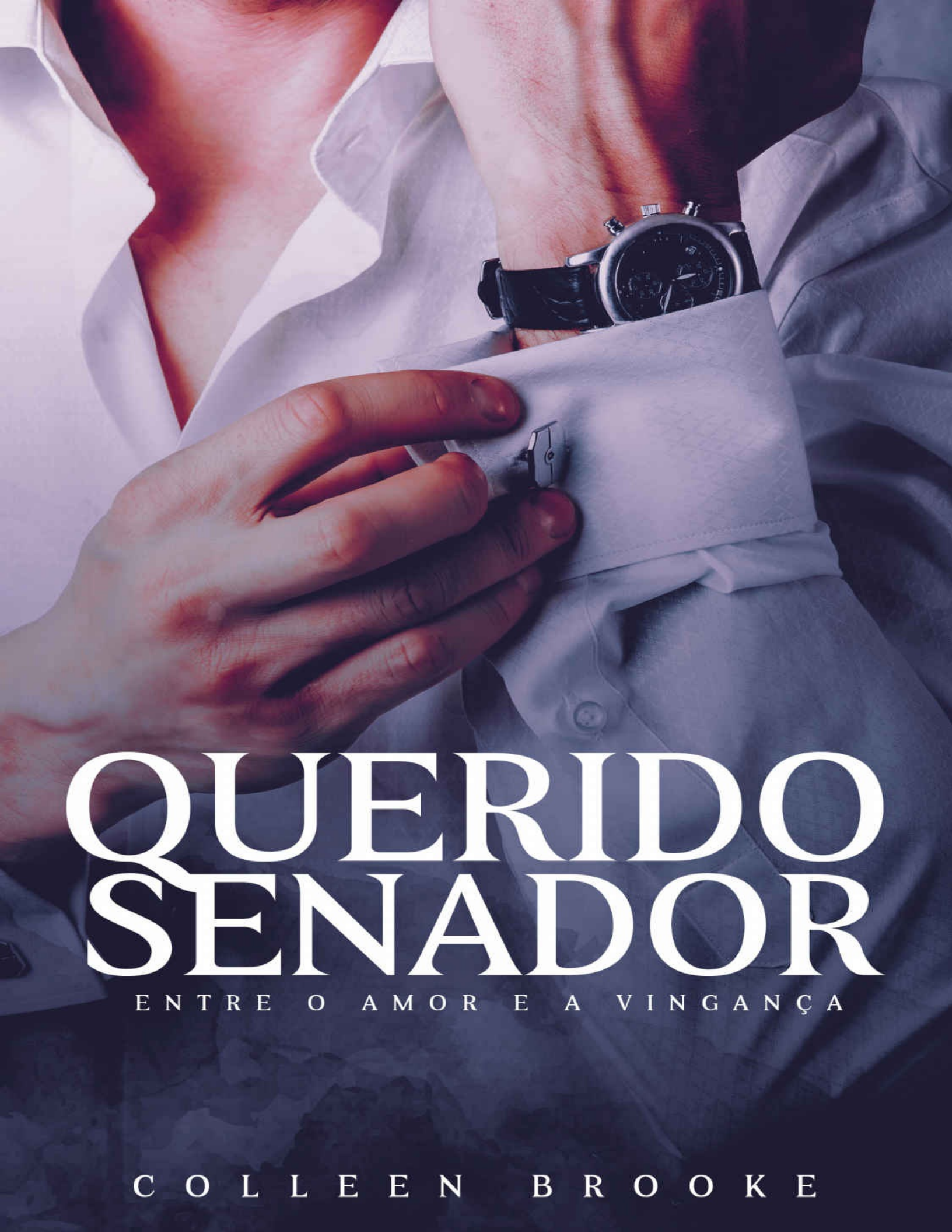




QUERIDO SENADOR

ENTRE O AMOR E A VINGANÇA

COLLEEN BROOKE



Querido Senador

Entre o amor e a vingança



COLLEEN BROOKE

Copyright © 2019 COLLEEN BROOKE

Nova Edição

FICHA TÉCNICA E EQUIPE EDITORIAL

Ilustrador: LA Capas

Revisão: Fernanda Silva

Diagramação Digital: Fernanda Silva

Todos os direitos reservados à autora, desta forma é proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, tangíveis ou intangíveis, sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos que aqui serão descritos, são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Edição Digital | Criado no Brasil



Casada há pouco mais de dois anos com Heitor Bitencourt, o atual deputado federal do estado de São Paulo, Olivia está cansada de sorrir em frente às câmeras e fingir que tudo está bem quando, na verdade, o seu casamento vai me mal a pior.

Heitor já não dorme em casa e a convivência entre eles está cada vez pior.

A bomba relógio, no entanto, só é acionada quando Olivia descobre uma traição por parte do marido e decide se vingar naquilo que Heitor mais ama: sua carreira política.

Ela só não esperava que, em meio ao seu plano de vingança, surgisse em seu caminho um homem capaz de roubar todo o seu fôlego e de fazê-la se sentir amada outra vez, tampouco que esse homem fosse o principal rival de seu futuro ex-marido.

Agora Olivia terá a difícil escolha de viver um novo amor ao lado de Gustavo ou de seguir adiante com o seu plano de vingança.



[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

[09](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

[Outras Obras](#)

01



Olivia

POLÍTICA

substantivo feminino

1. arte ou ciência de governar.
2. arte ou ciência da organização, direção e administração de nações ou Estados; ciência política.
3. orientação ou método político.
4. arte de guiar ou influenciar o modo de governo pela organização de um partido, influência da opinião pública, aliciação de eleitores, etc.
5. prática ou profissão de conduzir negócios políticos.
6. cerimônia, cortesia, urbanidade.
7. fig. habilidade no relacionar-se com os outros, tendo em vista a obtenção de resultados desejados.

Origem:

- ◉ ETIM gr. politiké (sc. tékhne) '(ciência) dos negócios do Estado etc.'

Tantos significados quando, na verdade, poucas palavras poderiam caracterizar e descrever o real significado de POLÍTICA. Um bom exemplo seria a palavra "circo", afinal, é exatamente isso o que a política é: uma grande palhaçada. Um palco no qual os "palhaços" – candidatos de narizes vermelhos – fazem a festa, enquanto o público, neste caso o povo, fica cego perante um mundo de risadas e caras pintadas. O pior é que todo esse *showzinho* barato é o suficiente para fazer alguns "*idiotas*" levantarem e aplaudirem de pé o fracasso da humanidade.

Como eu sei disso?! Simples. Sou filha de um político e casada com outro. No entanto, se eu pudesse escolher, escolheria ser filha de um mendigo e nunca ter me casado com Heitor. Não que eu não goste de meu marido, eu gosto.

Ao menos eu o fazia quando nos casamos

Viro-me na cama e constato o que eu já esperava: o outro lado está vazio. Sorrio frustrada, incapaz de lembrar quando foi a última vez em que dormi e acordei nos braços de Heitor. A verdade é que ele raramente está em casa. Sua justificativa, perdão, sua desculpa?

"É ano de eleição, Olivia. Eu preciso me dedicar totalmente à campanha."

Claro, o trabalho sempre em primeiro lugar.

Trabalho este tão sério que ele costuma chegar em casa às 3h da madrugada, cheirando a uísque e perfume de puta barata. Não sou burra, sei perfeitamente que ele me trai. Certo, talvez eu seja uma verdadeira anta por permitir que isso aconteça. Agora tente explicar isso ao meu coração.

É difícil gostar de alguém e saber que nunca será correspondida.

Houve um tempo em que jurei que Heitor me amasse, mas isso foi antes do casamento ser consumado e ele conseguir o cargo de Deputado Federal de São Paulo com o apoio do meu pai. No fim, eu fui apenas um meio, uma espécie de ponte para que ele conseguisse alcançar o seu objetivo.

Saber disso dói. Dói muito.

Por mencionar a palavra dor, que náusea é essa? — Pergunto-me mentalmente enquanto levanto-me às pressas e corro em direção ao banheiro. Mal me ajoelho em frente ao vaso sanitário e já começo a despejar todo o jantar de ontem à noite para fora.

Se existe algo que odeio é vomitar.

Quando, enfim, a sessão vômito dá uma trégua, levanto-me, pego minha escova, creme dental e tento me livrar do gosto horrível que se

impregnou em minha boca.

Eca!

— Aconteceu alguma coisa? — a voz de Heitor ecoa pelo banheiro, e pulo assustada.

— O que faz aqui? — questiono após o susto, mas não me dou ao trabalho de olhar para ele enquanto faço a pergunta.

Eu devo estar horrível.

— A última vez que verifiquei, esta continuava sendo a minha casa. — ele responde, a voz grave e imponente.

Heitor é o tipo de homem que intimida apenas com um simples olhar.

— Fico feliz em saber que ainda lembra que possui um lar e uma esposa. — murmuro, sem conseguir esconder minha ironia e insatisfação.

— Acredite, é impossível esquecer tal fato. — meu marido solta as palavras como se nosso casamento fosse um enorme fardo em sua vida.

Talvez porque seja. — Penso e minha raiva aumenta.

— Claro, afinal, ser casado comigo deve ser um grande pesadelo. — cuspo as palavras para fora.

— Pense o que quiser, Olivia. Agora, se me der licença, eu preciso tomar banho. — rosna e, sem pensar duas vezes, viro-me para encará-lo.

E aí está ele com apenas uma toalha ao redor da cintura – seu corpo escultural amostra –, em sua típica pose de dono do mundo.

Heitor, apesar de seus quarenta e dois anos, continua sendo um belo colírio para os olhos. Já eu, com meus vinte e dois anos, pareço apenas mais uma dentre milhares de mulheres comuns. Não que o termo “comum” seja

algo ruim ou que eu me ache feia, longe disso, só tenho consciência de que nunca serei uma Gisele Bündchen ou uma Candice Swanepoel da vida.

— Apreciando à vista? — o idiota pergunta ao notar meu olhar fixo em seu peito nu.

Pega no flagra.

— Eu... Hã... — gaguejo, sem saber o que responder.

Pelo amor de Deus, como alguém pode se sentir constrangida por cobiçar o corpo do próprio marido? Que tipo de relação é essa?

— Acho que esses dias sem sexo não têm lhe ajudado muito. — o desgraçado comenta, nos lábios um sorriso debochado.

— Fazer o que, é isso o que acontece quando se é casada com um homem vinte anos mais velho. A idade deve prejudicar o funcionamento de certas partes do corpo. — olho em direção ao seu membro masculino e sorrio diabolicamente.

— O que você está querendo insinuar, Olivia? — questiona, seu ego visivelmente ferido. — Por acaso está insinuando que não dou conta do recado?

— Bem, pense o que quiser. — devolvo suas palavras e noto-o me fuzilar com os olhos. — Aprecie o banho, senhor deputado. — falo, ironicamente, e saio logo em seguida, deixando para trás um cachorro raivoso.

Olivia 01 x 00 Heitor.

Volto para nosso quarto e sigo para o closet. Bella – a melhor amiga de todo o universo – me convidou para tomarmos um café e conversámos um pouco, por isso preciso de algo confortável e ao mesmo tempo apresentável.

Vasculho entre minhas roupas e acabo optando por uma calça *skinning*, uma blusa branca, um blazer preto e um *oxford* marrom.

Separo as peças, coloco-as em cima da cama – ao lado do terno de Heitor – e espero meu marido sair do banheiro. Se fosse há pouco menos de dois anos, estaríamos tomando banho juntos, como um casal apaixonado. Contudo, as coisas entre nós haviam mudado drasticamente, principalmente no quesito sexo.

O sexo com Heitor costumava ser bom. Porém, agora, nas raras vezes em que transamos, eu sequer consigo gozar.

É triste admitir, mas meu marido já não me proporciona prazer.

Olho o relógio que fica sobre um dos criados mudos e percebo que irei me atrasar caso o sr. *Gostosão* não saia do banho.

Impaciente, resolvo entrar no banheiro e arrastar meu marido de lá. Eu só não esperava encontrá-lo ao telefone:

— Sim, eu irei passar a noite com você. — o tom de voz calmo e suave de Heitor me deixa surpresa.

Com quem ele está falando?

Escondo-me em um cantinho do banheiro e resolvo continuar escutando a conversa.

— Sim, eu sei que seu aniversário está chegando... — fala. — É claro que eu já planejei algo, amor.

Amor?

Ouvir essa palavra sair da boca de Heitor para outra mulher, dói mais do que eu imaginava, provavelmente porque faz com que eu não sinta boa o suficiente.

— Letícia, eu já falei que não posso me separar dela agora... — ele continua, e meu coração se estilhaça. — É época de eleição, querida. Preciso dela ao meu lado, interpretando o papel de esposa perfeita, para que eu consiga o cargo de governador.

Então é por esse motivo que ele continua comigo?

A quem estou tentando enganar? É óbvio que eu já sabia disso, só fui burra demais por não tomar nenhuma atitude e continuar vivendo em meio a uma farsa.

— Mas é claro, meu amor. Assim que eu conseguir me eleger ao cargo de governador, irei esperar mais alguns meses e então pedirei o divórcio.

De repente a vontade de vomitar está de volta, junto com um desejo insano de destruir o rostinho perfeito de Heitor.

— Eu sei... Acredite, ser casado com ela é um saco... Sim... Você é muito mais gostosa que ela. — ele ri alto. — Ok... Vou ter que desligar agora, amor. Eu te amo, gata.

Eu te amo...

Três palavrinhas que eu, até então, nunca havia escutado sair de sua boca.

Ele tem uma amante.

Ele tem uma amante e ele a ama.

E, de uma hora para outra, vejo a pouca esperança que eu nutria de salvar o meu casamento se esvair.

Ouçoo um barulho e volto para o quarto correndo, ainda sem saber como processar o que acabo de descobrir. Preciso pensar primeiro, na

verdade, eu já sei exatamente o que devo fazer.

Mesmo me sentindo um lixo, que foi usado e descartado, pego meu celular e procuro o número da única pessoa capaz de me ajudar a acabar com *Heitor Fodido Bitencourt*.

— Por que está chorando? — Heitor pergunta ao retornar para o quarto, só então me dou conta de algumas lágrimas que teimaram em cair.

— Eu... Não é nada. — enxugo minhas lágrimas e corro para o banheiro.

Em momento algum olho para a cara do desgraçado com quem me casei. Se eu olhasse para seu rosto, com certeza acabaria presa, e eu não posso estar presa para pôr em prática o meu plano de vingança.

Heitor irá se arrepender amargamente por ter me feito de objeto.

Ele pagará caro.

Não terei piedade na hora de destruir seu coração, assim como ele destruiu o meu.

A mulherzinha apaixonada e cega deu lugar a uma mulher vingativa. Uma mulher de sangue frio, que não medirá esforços para aniquilar o inimigo.

Heitor comerá o pão que o diabo amassou.

...

Paro meu carro em frente ao café que Bela escolheu para nos encontrarmos e logo adentro o estabelecimento a procura de uma ruiva de

parar o trânsito.

— Estou aqui! — ela grita, balançando os braços, o que gera a atenção de alguns clientes.

Caminho até ela e a cumprimenta com um abraço apertado.

— Ok. O que foi que o idiota do seu marido fez agora? — a pergunta é feita assim que nos sentamos.

— Ele... Hã... De onde você tirou essa ideia? — desconverso, não porque não confie nela, mas porque não quero preocupar minha melhor amiga com meus problemas conjugais.

Isabela já possui sua própria cota de problemas para cuidar, como o fato de ser mãe e pai de uma garotinha de três anos.

Angelina é a coisa mais linda.

— Por favor, Olivia. Conheço essa cara e ela significa: "*o imbecil do meu marido defecou fora do penico*".

— *Eletemumaamante*. — solto as palavras de forma rápida, rezando para que ela tenha entendido e não me faça repetir tudo de novo.

— Ele o quê? Eu... Eu vou matar aquele desgraçado filho da mãe e parente do satanás. — Bela rosna a ameaça com tanta raiva que até eu sinto medo.

— Você não pode matá-lo, eu...

— Eu não acredito que você vai ficar do lado daquele cachorro velho, Olivia. Pelo amor de Deus, amiga! O cara te traiu com outra. — Bela, além de me interromper, ainda faz questão de lembrar-me desse "*pequeno*" detalhe.

— Eu sei que ele me traiu, Bela. — bufo. — Porém, preciso dele vivo

para me vingar.

— Espera! Para tudo! O que a senhorita está pensando em fazer?

— Você saberá assim que o nosso convidado chegar. — sorrio para a cara de: "*eu não estou entendendo nada*", que minha amiga faz.

— Convidado? Que convidado?

— Creio que seja eu o tal convidado. — a voz de Gustavo invade o ambiente, e noto o rosto de minha amiga ruborizar. — Bom dia, senhoras. — ele faz o cumprimento, no rosto um sorriso capaz de derreter qualquer calcinha.

Antonio Gustavo Monteiro, além de lindo e sexy, é do partido opositor ao de Heitor. Ele disputará a vaga de governador este ano, e eu farei o que for preciso para ajudá-lo a vencer a eleição e derrotar o meu *querido* marido.

— Então, sra. Bitencourt, devo admitir que fiquei surpreso com o seu convite. — diz Gustavo, logo após ocupar um dos assentos ao lado de Bela e de frente para mim.

— Bem, eu serei direta, sr. Monteiro. Eu quero destruir o meu marido, e para isso preciso de sua ajuda. — coloco as cartas na mesa, sem rodeios, e em troca recebo um sorriso estampado no rosto do que eu espero ser o meu mais novo aliado.

Prepare-se, Heitor Bitencourt. O seu conto de fadas está a um passo de se tornar um filme de terror.

02



Gustavo

JUSTIÇA

substantivo feminino

1. qualidade do que está em conformidade com o que é direito; maneira de perceber, avaliar o que é direito, justo.

"não há como questionar a j. de sua causa"

2. o reconhecimento do mérito de alguém ou de algo.

"a história ainda há de fazer-lhe j."

3. conjunto de órgãos que formam o poder judiciário.

4. o conjunto de pessoas que participam do exercício da justiça.

"a j. vem reivindicando melhores salários"

5. cada uma das jurisdições encarregadas de administrar a justiça.

"J. Civil"

Origem

⊙ ETIM lat. *justitiā*, ae 'justiça, equidade

Quando se ingressa no mundo político é necessário que primeiro se tenha conhecimento do que é justiça. Todavia, a falta de caráter e o egoísmo de alguns governantes podem ser um grande empecilho para a obtenção de uma sociedade igualitária e justa.

No instante em que decidi seguir o caminho político, jurei a mim mesmo que seria diferente dessa corja de abutres que suga até o último centavo da população para colocar no próprio bolso. Prometi, perante minha mãe em seu leito de morte, que faria a diferença e que seria um homem digno.

Hoje, aos trinta e dois anos e com uma carreira política estável, me orgulho de tudo o que já realizei pelo estado de São Paulo ao tentar cumprir o

juramento que fiz a mulher que foi e sempre será o meu maior exemplo de justiça e honestidade.

Dona Maria Dalila – uma nordestina guerreira que saiu do sertão do Piauí com dois filhos pequenos para tentar ganhar a vida na cidade grande – me ensinou desde cedo a diferenciar o certo do errado. E é em seus ensinamentos que penso quando Olivia pede para que eu a ajude a sabotar a campanha do próprio marido.

Confesso que fiquei surpreso quando recebi uma mensagem de texto da esposa do meu principal oponente, mas nada havia me preparado para o que Olivia acabara de propor.

— Deixe-me ver se entendi. A senhora está sugerindo que eu a ajude a sabotar a campanha de seu marido porque foi traída e quer se vingar? — pergunto, sem demonstrar qualquer tipo de emoção, enquanto encaro seu rosto de anjo.

Olivia é uma mulher jovem e incrivelmente linda, o que torna quase inacreditável a possibilidade de que um homem possa pensar em trai-la, ainda mais uma figura pública como Heitor. Se bem que Heitor é o que eu costumo chamar de babaca. No fim, não seria nenhuma surpresa se ele trocasse uma mulher como Olivia por uma qualquer.

— Sim... Quero dizer, não. — responde, confusa. — Eu só quero que todos saibam quem é o verdadeiro Heitor Bitencourt.

Analiso-a por mais alguns segundos antes de tomar a palavra. — Não, Olivia. Não é isso o que você realmente quer. — digo a ela o que realmente penso e noto sua expressão mudar de confiante para indignada.

— E quem o senhor pensa que é para dizer o que eu quero ou não?

Pelo visto a gatinha tem garras.

— Olivia! — sua amiga a repreende, parecendo-me um pouco envergonhada.

— Simples, você está casada com Heitor há três anos...

— Dois anos e meio. — ela faz a correção.

— Como eu estava falando, antes de ser interrompido, — fixo meu olhar em seu hipnotizante par de olhos castanhos, claros como mais doce mel. — você e Heitor estão casados há um tempo considerável. Não sou burro, sei que está ciente das falcatruas nas quais o seu pai e o seu esposo estão envolvidos.

— Aonde o senhor pretende chegar com essa história? — ele pergunta, sem paciência.

— O que estou querendo dizer é que se a sua preocupação fosse com o povo, como está insinuando, já teria aberto a boca a muito tempo. — respondo, ciente de que acabo de cutucar onça com vara curta.

— Olha aqui, se o senhor não quer me ajudar é bem simples, o senhor só precisa dizer que não quer e ponto final. Ninguém está lhe obrigando a nada. — dispara.

Devo admitir que Olivia é realmente uma mulher linda, mas ela com raiva chega a ser sexy.

— Guarde as garras, tigresa. — sorrio, fazendo-a rolar os olhos. — Eu irei ajudá-la.

— Irá?

— Sim. — confirmo com leve um balançar de ombros.

Vasculho o bolso de meu paletó, retiro um cartão e entrego-o a ela.

— O que é isso? — questiona, analisando o cartão.

— O cartão de um dos melhores advogados de São Paulo, um ex-colega de faculdade. — respondo ao mesmo tempo em que me levanto de meu assento.

— E por que está entregando-o a mim?

— Achei que a senhora tivesse mencionado uma suposta traição por parte de Heitor. Por isso, sugiro que procure um advogado e resolva sua situação conjugal. Eu, infelizmente, não tenho tempo a perder com crise de mulher ciumenta. Se está tão insatisfeita assim com o seu casamento, peça o divórcio. Agora, se me dão licença, preciso voltar ao trabalho. Foi um prazer, senhoras.

Coloco algumas notas de dinheiro sobre a mesa e saio.

Estou quase abrindo a porta do meu carro quando ouço passos se aproximarem.

— Quem diabos o senhor pensa que é para falar comigo daquela forma?

Sou surpreendido por uma Olivia furiosa que, em um movimento rápido, bloqueia minha passagem, ficando entre a porta do meu Jaguar e meu corpo.

— Eu estou falando com o senhor! — ela esbraveja, o nariz empinado.

Meu Deus, essa mulher só pode ser louca.

— Eu não sou surdo, ouvi perfeitamente o que disse. Porém, achei que tivesse deixado claro que não irei compactuar com esse seu joguinho de criança mimada.

— Olivia, vamos embora. Deixe o Sr. Monteiro entrar no carro.

Finalmente alguém sensata.

— Não. — rosna para a amiga. — Não sem antes dizer algumas verdades para este homem que se acha no direito de me julgar e me humilhar.

— Perdão, mas eu não me recordo de tê-la julgado, tampouco de humilhá-la. Eu apenas constatei um fato.

— Então está dizendo que eu sou mesquinha, egoísta e vingativa?

— Não. Estou dizendo que existem maneiras mais adultas de se resolver um problema.

— Como se o senhor fosse um santo. — ironiza. — Todos sabem o quanto odeia Heitor.

— A senhora está certa. Não simpatizo com o seu marido. — dou de ombros. — Porém, não sou sujo a ponto de sabotá-lo. É claro que quero vencer essa eleição, mas por mérito próprio. — minhas palavras parecem deixar a *princesinha* muda. — Eu não sou igual a seu pai, tampouco a seu marido, Olivia. Eu tenho algo chamado caráter, não sei se já ouviu falar. — solto ao mesmo tempo em que ela abaixa a cabeça, nitidamente envergonhada. — Agora, agradeceria muito se a senhora me deixasse entrar em meu carro. — torno a pedi, e dessa vez ela se afasta, ainda muda.

Entro em meu carro, e antes de dar partida, olho uma última vez para o pequeno anjo de temperamento quente.

Por que ela precisava ser tão linda?

...

— Até que enfim você apareceu. Vamos, me conte o que

a *Princesinha de São Paulo* queria com você. — olho para Bernardo e me pergunto o que minha irmã viu nele.

— Bernardo! — Nathalia o repreende.

— O que foi, amor? Vai me dizer que também não está roendo as unhas dos pés para saber o teor da conversa. — meu cunhado defende-se, e Nath não nega.

— Vocês dois se merecem. — digo, pegando Nathan do colo de minha irmã.

— *Titi*. — o pequeno clone de Bernardo balbucia.

— Isso, campeão. Titio. — mordo sua bochecha gordinha, e ele solta algumas gargalhadas.

— Sério que você não vai nos contar nada? Sua irmã está grávida, se o bebê nascer com cara de curioso a culpa será sua.

— Minha culpa? Que culpa tenho eu se vocês não conhecem uma camisinha ou qualquer outro método contraceptivo? — pergunto.

Minha irmã fica vermelha, já Bernardo exhibe um sorriso de orelha a orelha.

Maldita seja a hora em que eu apresentei os dois.

— Você está exagerando. — Nathalia se defende.

— Exagerando? Nath, você está grávida do seu quarto filho.

— O que eu posso fazer? Sua irmã gosta de se...

— Se eu fosse você não terminaria a frase. — corto-o, minha voz firme. — Agora me digam, onde está o resto da creche? — faço menção aos gêmeos de sete anos: Benjamin e Analu.

— Ainda não chegaram da escola. Ah, Benjamim não para de reclamar da partida de futebol que você ficou devendo a ele. — Nathalia comenta.

— Eu não sei por que ele não quer jogar comigo. — meu cunhado e melhor amigo resmunga.

— Talvez seja porque você não saiba perder, querido. — Nath responde, e eu não consigo conter o riso.

Bernardo é um perna de pau no futebol, mas, mesmo assim, não aceita perder para uma criança de sete anos. Da última vez que Ben ganhou de **7x1**, Bernardo fez o maior escândalo e acusou o próprio filho de ter trapaceado. Sim, ele consegue ser mais criança que Nathan de um ano e meio.

— Até você? — olha para a esposa com cara de chateado.

— Desculpa, querido, mas você deveria aprender a perder.

— Na verdade, ele já deveria estar acostumado. — brinco, e Bernardo me lança um olhar mortal.

— *Papa*. — Nathan balança os bracinhos em direção ao pai.

— Vem com o papai, filhão. — pega o filho de meus braços. — Você é o único que me entende.

— Ok, a conversa está boa, mas eu preciso buscar as crianças na escola. — Nathalia anuncia, levantando-se do sofá.

Sua barriga parece fica maior a cada dia.

— Nem pensar. A Dra. Laura foi bem categórica quando disse que você não pode dirigir. — Bernardo, enfim, abre a boca para falar algo sensato.

— Eu estou grávida, Bê, não inválida. — minha irmã protesta com

um rolar de olhos.

— Ele está certo, Nath. Você já está com sete meses de gestação.

— Cristo do céu, por favor, eu não vou morrer por buscar meus filhos no colégio.

— Não, isso está fora de cogitação. Você ficará aqui e eu vou buscá-los. — Bernardo passa Nathan para o colo da esposa, lhe dá um selinho e, em seguida, pega as chaves do carro. — Você vem comigo? — ele pergunta, e eu assinto.

— Então irei terminar de preparar o almoço. — Nathalia bufa. — Você irá almoçar aqui, Gustavo?

— Sim. — respondo antes de sair.

...

— Pronto. Agora você já pode me contar os detalhes sórdidos do encontro com a gata da mulher do *Cretino Corrupto*.

— Eu não tenho nada para contar, e Nathalia irá adorar saber que você acha Olivia uma gata. — brinco e Bernardo me olha com um olhar de súplica.

— Você não vai contar a ela, certo?

— Talvez sim, talvez não. — resolvo torturá-lo.

— Por favor, Gustavo, tenha piedade do seu pobre cunhado, melhor amigo e pai dos seus quatro sobrinhos. Você sabe muito bem que da última vez que mencionei a palavra bonita e outra mulher na mesma frase, Nathalia quase me coloca para fora de casa, além de fazer greve de sexo por duas

semanas. Até no chão da sala fui obrigado a dormir, uma vez que ela me privou do sofá.

— Ok, eu não irei mencionar nada para minha irmã, mas só por consideração a meus sobrinhos.

— Obrigado. — ele solta o ar que estava prendendo nos pulmões. — Agora, por favor, diga-me o que a *princesinha* tanto queria com você.

— Ela propôs que eu a ajudasse a sabotar a campanha de Heitor. — meu comentário faz com que o idiota do meu cunhado frei o carro bruscamente. — Que merda foi essa, Bernardo? Uma tentativa de nos matar? — pergunto irritado com sua imprudência, e ele volta a dirigir.

— Desculpa, cara, mas... Eu... É sério isso? — indaga sem acreditar e eu apenas assinto com um balançar de cabeça. — E o que você disse? Como irão sabotar a campanha do desgraçado? Eu posso ajudar? Por favor, Gustavo, diga que sim. Eu prometo fazer tudo direitinho. Já assisti todas as temporadas de CSI, sou capaz de fazer um homicídio parecer suicídio. Serei bastante útil, nem vou contar nada a Nathalia. Se eu contar é bem capaz dela querer roubar toda a cena. — Bernardo começa a falar sem parar, e eu me pergunto de qual hospício ele fugiu.

— Não haverá nenhum homicídio.

— Ok, posso bater nele sem matá-lo, será um sacrifício, mas farei o que você mandar, chefe.

— Em que mundo você vive, Bernardo? Não haverá homicídio, tampouco você apanhando de alguém.

— Eu não irei apanhar, sou faixa preta em Muay Thai. — diz orgulhoso.

— Desde quando Muay Thai tem faixa?

— Bem, esse é apenas um detalhe.

— Claro. — reviro meus olhos. — De qualquer forma, eu não aceitei a proposta de Olivia.

— O quê? Você ficou louco? Bateu com a cabeça? Bebeu urina de rato ou é simplesmente burro? Fala sério! Essa é a sua oportunidade de você colocar o Heitor atrás das grades e de ainda por cima garantir o cargo de governador. — ele solta, procurando algo no bolso de seu jeans. — Pegue! — tira o celular do bolso e estende o aparelho em minha direção. — Você vai ligar para ela e dizer que estava drogado quando recusou a proposta.

— Eu não vou fazer isso, Bernardo. Você, como meu amigo, deveria saber que eu jamais seria capaz de trapacear para vencer uma campanha.

— Desculpa, cara. Eu sei... É só que... Você sabe o quanto eu odeio Heitor.

— Sim, eu sei. Mas já passou da hora de seguir em frente, Bernardo. Agora você tem Nathalia, tem uma família.

— Você está certo. — faz uma pausa. — Mas se mudar de ideia me avise.

Sorrio com seu último comentário.

Bernardo nunca vai deixar de ser um idiota.

03



Olivia

ENCENAÇÃO

substantivo feminino

1. teat espetáculo teatral; montagem, representação.
2. teat conjunto de providências técnicas e artísticas para a realização de um espetáculo; montagem.
3. teat trabalho desenvolvido pelo diretor teatral; direção teatral.
4. fig. atitude que se caracteriza pela falta de sinceridade ou por não corresponder à verdade, e cujo fito é iludir ou impressionar alguém.

criação fantasiosa, artifício enganoso; cena, invenção, fingimento.

Origem

◉ ETIM encenar + -ção

Costumo dizer que minha vida é uma verdadeira encenação, um grande palco de teatro, onde tenho que sorrir em frente às câmeras e gritar para o mundo o quão sortuda sou por ter um homem como Heitor ao meu lado.

Um homem que me trai.

No entanto, a sociedade brasileira desconhece a existência de tal fato.

Hoje, por exemplo, vesti um belíssimo *Valentino* e meu melhor sorriso para encenar, mais uma vez, o papel de esposa feliz.

— Deputado Bitencourt, o senhor cresceu consideravelmente durante a última pesquisa. Isso lhe dá certa segurança na disputa pelo o cargo de governador do estado São Paulo que atualmente é ocupado pelo seu sogro?
— um dos repórteres pergunta, e a minha vontade de revirar os olhos é grande.

Não se depender de mim. — Penso.

Gustavo pode até não ter aceito minha proposta, mas eu não desisti de acabar com o mundinho colorido de Heitor.

— Ainda é cedo para afirmar qualquer coisa, mas estou trabalhando arduamente para que a vitória seja alcançada. — responde, no rosto um largo sorriso, mantendo sua típica pose de dono do mundo enquanto abraça minha cintura e posa para algumas fotos.

Estamos em um jantar de caridade, um dos eventos dos quais sou obrigada a comparecer. Não que a ideia de ajudar o próximo seja ruim, porque não é. Porém, esses jantares não passam de uma grande farsa. A verdade é que a maioria das pessoas aqui presentes, membros da alta sociedade, estão pouco se importando com a seca no sertão nordestino ou a falta de infraestrutura de hospitais e escolas. Tudo o que interessa a esse povo medíocre é o status e a chance de posarem como bons samaritanos.

Grande parte do dinheiro arrecado com esses jantares é reembolsado para arcar com as despesas da própria festa, que conta com champanhe de alta qualidade, caviar e toda essa merda que os ricos fazem questão de comer.

Eu, sinceramente, prefiro um bom hambúrguer com batata frita.

— Só mais uma pergunta, senhor Deputado. — uma repórter se pronuncia. — Creio que o senhor esteja ciente da presença do Senador Monteiro na festa de hoje. Como é sua relação com um de seus principais oponentes nessa disputa eleitoral? — a pergunta é feita, mas não escuto a resposta.

Meu mundo para quando ouço o sobrenome de Gustavo.

Faz quase duas semanas desde o nosso encontro nada amigável e saber que irei revê-lo esta noite não é algo que me deixa feliz.

— Será que você poderia sorrir e começar a andar? — Heitor rosna, despertando-me de meus pensamentos.

Coloco novamente um sorriso no rosto e entro no antro de cobras.

...

Meia hora depois e a vontade que tenho de cortar meus dois pulsos é grande. Heitor está no meio de uma conversa calorosa com meu pai, alguns outros políticos e importantes empresários de multinacionais. Já eu estou ao lado de minha mãe, rodeada por peruas que estão mais preocupadas com a cor do esmalte das unhas dos pés que com a arrecadação de fundos.

— Boa noite. — uma voz enjoada invade o ambiente.

Ergo minha cabeça para ver quem é e me deparo com uma morena de corpo escultural.

— Letícia, querida. Que bom que veio. — uma das peruas a cumprimenta.

Espera! Letícia? Qual a probabilidade dessa vagabunda ser a amante de Heitor?

— Letícia, que bom revê-la. — Heitor a saúda e, neste momento, minhas dúvidas se tornam certezas.

Mas que filhos da mãe.

Como eles têm a cara de pau de se encontrarem no mesmo ambiente que eu?

Aonde foi parar o respeito?

Tento controlar meu desejo insano de dar na cara dessa vagabunda e chutar os ovos de Heitor.

— Não vai me apresentar sua amiga, querido? — indago, estampando no rosto um falso sorriso.

— Claro. Essa é a Srta. Meireles, minha assistente e filha de um velho amigo.

Assistente?

Eu vou matar esse desgraçado filho da mãe.

— É um prazer poder finalmente conhecê-la, Olivia.

— O prazer é meu, querida. E para você é sra. Bitencourt. — corrijo-a com um ar de superioridade. — Agora, se me dão licença, preciso ir ao toalete. — peço e saio, sem esperar pelo sermão de Heitor ou de dona Charlotte, minha mãe.

Caminho entre os corredores da enorme mansão dos Campos Sales, a procura de um banheiro ou qualquer outro local onde eu possa gritar de raiva.

— Droga! Onde diabos fica essa merda?

— Uma senhora casada e nascida em berço de ouro não deveria ter a boca tão suja. — escuto a voz de Gustavo e meu corpo congela.

Pelo visto hoje é meu dia de sorte.

— E alguém que se julga tão certinho deveria cuidar da própria vida ao invés de se preocupar com a dos outros. — devolvo, virando-me para encará-lo, mas me arrependo no instante em que meu olhar encontra o dele.

Cristo das pepekass abandonadas, que homem é esse?

Encaro um Gustavo sexy, vestido em um lindo smoking preto – que

parece moldar seu corpo – e nos lábios o seu melhor sorriso molha calcinha.

Ele precisava ser tão gato assim? Talvez as coisas fossem mais fáceis se ele fosse baixinho, careca e barrigudo.

— Assim você machuca meu pobre coração. — leva uma de suas mãos ao peito.

— Desculpe-me, achei que o senhor não tivesse um. — rebato, e ele, ao invés de se irritar, sorri ainda mais, revelando suas malditas covinhas.

— Gosto da sua ironia. — faz uma pausa e eu bufo. — E de quando fala palavras sujas também. — se aproxima. — É sexy. — outra pausa. — Principalmente no quarto. — as três últimas palavras são sussurradas em meu ouvido de uma forma tão sensual que faz meu corpo aquecer e meu sexo latejar.

Mas o que diabos esse idiota pensa que está fazendo?

Era só o que me faltava, mais um imbecil para brincar com a minha cara e me fazer de palhaça.

— Dispenso suas gracinhas, Sr. Monteiro. — falo em um tom duro e cortante.

— Calma! Não precisa mostrar as garras, anjo. — ergue as mãos em sinal de rendição, mas em momento algum desfaz o maldito sorriso.

— O que o senhor está fazendo aqui? Veio me lembrar do quão egoísta sou? — questiono, sem esconder minha raiva.

— Por incrível que pareça não. — ele responde. — Vim porque não parava de admirá-la desde que chegou. — completa, pegando-me de surpresa.

— Ok. Onde estão as câmeras? — olho para os lados e ele começa a rir. — Do que raios o senhor está rindo?

— De sua baixa autoestima e da sua falta de confiança em minha pessoa.

— Primeiro, eu não sofro de baixa autoestima. Segundo, por que eu confiaria no senhor? — cruzo meus braços.

— A senhora tem razão. — dá de ombros. — Não há motivos para confiar em mim, mas esse quadro pode ser revestido. — puxa-me pela cintura, aproximando meu corpo do seu. — Você está incrivelmente linda, Olivia.

— O que o senhor pensa que está fazendo? Por acaso ficou louco? — tento me libertar de seus braços. — Meu marido está nesta festa, imbecil. — empurro seu peito, afastando-o para longe, fazendo com que a perda de seu toque provoque uma estranha sensação de vazio. — Já imaginou se alguém vê essa cena? — questiono enquanto tento me recompor e parecer indiferente ao contato entre nossos corpos.

— Perdoe-me, eu não havia pensando nisso. — se desculpa, aparentando vergonha por sua atitude irracional. — Isso... isso não irá se repetir. Com licença.

E ele sai da mesma forma como chegou.

...

Gustavo

A loucura é a única explicação plausível para o que acabo de fazer. Se bem que, no meu caso, essa loucura tem nome e sobrenome: Olivia de Albuquerque Bitencourt, a diaba em corpo de anjo que não sai de minha

mente.

Não sei exatamente o que está acontecendo comigo, tampouco o feitiço que aquela diaba jogou sobre mim. O fato é que só em vê-la sinto o meu pau virar pedra.

Hoje, quando adentrei o salão de festa e meu olhar cruzou com o dela, esqueci, por alguns segundos, a mulher ao meu lado e o fato de que Olivia é casada. Tudo que eu queria fazer era levá-la para um canto qualquer e degustar daqueles lábios pecaminosos. Como eu queria fazê-la minha. O vestido que ela está usando também não ajuda muito: vinho, longo, justo e com um decote nas costas capaz de levar qualquer homem à loucura.

Heitor é realmente um bastardo de sorte, uma pena que não dê valor a joia que possui.

Como alguém pode trair uma mulher como Olivia?

— Você demorou. — Julia, minha acompanhante da noite, reclama em um tom de voz meloso.

— Desculpe-me, estava resolvendo um assunto importante.

— Eu quero dançar. — ela sussurra o pedido em meu ouvido.

— Seu desejo é uma ordem. — guio-a até a pista de dança, onde avisto Heitor dançando com sua secretária, Letícia Meireles, uma de minhas antigas fodas e, certamente, a atual amante de Heitor.

Olho para os lados a procura de Olivia e quando a encontro em um canto, olhando o marido dançar com outra, meu coração se parte. Seu semblante demonstra humilhação e raiva por estar sendo feita de idiota em público. A tristeza em seu olhar é nítida, e, por incrível que pareça, me sinto mal por vê-la sofrer desta forma, como se fosse inferior a outra mulher. O que é um grande equívoco.

Olivia é tão perfeita que chega a ser crime.

E, pela segunda vez na noite, ajo sem pensar.

— Preciso que dance com Samuel. — peço a Julia, que olha para meu amigo antes de assentir.

— Tudo bem, mas quero que dance comigo depois. — imponhe a condição, e eu concordo com um sorriso.

Deixo-a dançando com meu amigo e me direciono à única mulher capaz de capturar toda a minha atenção.

— Será que a senhorita poderia me conceder a honrar de uma pequena dança? — faço o convite a uma Olivia que me olha como se quisesse perguntar: "*Você ficou louco?*".

Sim, Olivia... Eu fiquei louco. Louco por você! — Grito mentalmente enquanto espero por sua resposta.

Olivia olha novamente em direção ao marido, avaliando meu pedido. Quando estou crente de que irei receber um não, eis que sou surpreendido por um belo e maravilhoso "*sim*".

Não consigo conter o sorriso que se forma em meu rosto. Ofereço meu braço a ela, sem me importar com os olhares que se formam sobre nós.

A dança começa e naquele momento sei que não irei descansar enquanto Olivia não for minha.

04



Olivia

PECADO

substantivo masculino

1. violação de um preceito religioso.

2. p.ext. desobediência a qualquer norma ou preceito; falta, erro.

"p. juvenis"

3. ação má; crueldade, perversidade.

"é um p. acordá-lo tão cedo"

4. o que merece ser lastimado; pena, tristeza.

"é um p. que você não possa ficar para o jantar"

5. estado em que se encontra alguém que cometeu um pecado (acp.1).

"aquela mulher vive em p."

Origem

◉ ETIM lat. peccātum, i 'falta, culpa, delito, crime'

Sinto os olhares de repreensão sobre mim, como se eu estivesse cometendo um pecado. Porém, enquanto uma das mãos de Gustavo repousa em minha cintura e a outra se encaixa perfeitamente na minha, neste momento, sei que a opinião dessa corja de fofoqueiros, além de insignificante, é irrelevante, se comparada à sensação de segurança que Gustavo parece transmitir a meu corpo e mente.

Não sei descrever ao certo o que se passa comigo, mas posso afirmar que há uma espécie de imã me atraindo em direção ao perigo. E este perigo tem um sorriso cafajuste, um olhar sedutor e um corpo que pede para ser usado e abusado.

— Você não deveria olhar para mim desta forma e esperar que eu me comporte como um bom menino. — Gustavo sussurra as palavras em meu

ouvido para que apenas eu o ouça.

— E de que forma estou olhando para o senhor?

Não sei que espírito me possuiu, mas resolvo entrar em seu jogo.

— Como se quisesse me despir e abusar sexualmente do meu pobre corpo. — ruborizo com suas palavras. — Vermelho combina com você. Devo admitir que fica ainda mais linda quando se sente constrangida. — ele comenta de forma natural, suas lindas covinhas dando o ar da graça.

— Por que o senhor me convidou para dançar? — questiono, em uma tentativa de desviar o assunto.

— E por que eu não chamaria? Você é de longe a mulher mais linda da festa, Olivia. — fixa seu olhar no meu. — Eu seria muito burro se deixasse a chance de tê-la em meus braços escapar por entre minhas mãos.

— O senhor não deveria falar esse tipo de coisa. Eu sou uma mulher casada, Sr. Monteiro. — lembro a ele o fato do qual parece ter esquecido, mas a verdade é que, se eu fosse honesta comigo mesma, admitiria que as palavras por mim proferidas foram ditas para mim, como um lembrete de que não posso desviar minha atenção do meu objetivo.

— Eu sei. Devo confessar, no entanto, que este detalhe não me alegra em nada.

— Onde exatamente o senhor pretende chegar com toda essa história?

— Primeiro, eu agradeceria se esquecesse o “senhor”. — ele pede. — Porra, Olivia, eu sou apenas dez anos mais velho que você. Seu marido tem vinte anos a mais. Você o chama de quê? Vovô? — indaga sorrindo, contudo não acho graça de sua piada e fecho a cara. — Desculpe-me. — faz uma pequena pausa. — Me chame apenas de Gustavo.

— Tudo bem, *Gustavo*. Agora me diga, aonde pretende chegar?

— Em suas calças. Para ser mais exato, em sua calcinha. — ele fala com tamanha naturalidade que fico perplexa e sem reação. — Resumindo: eu quero você, Olivia. — olho para os lados, certificando-me de que ninguém tenha escutado as obscenidades que ele acaba de proferir.

— Você... Você ficou louco? — gaguejo a pergunta. — Não sei se tem conhecimento, mas não sou qualquer uma.

— Eu nunca disse que era.

— Mas está me tratando como uma ao se candidatar a vaga de amante.

— Eu não sabia que existia uma. — comenta com um sorriso divertido nos lábios.

— E não existe. Você... você entendeu o que eu quis dizer.

Estou tão nervosa que acabo me enrolando com as palavras.

— Sim, eu entendi. E, só para esclarecer, não estou me candidatando à vaga de amante.

— Não? — indago, rezando para que eu tenha conseguido esconder minha pequena pontada de decepção.

— Não, Olivia. Eu sou um pouco egoísta, não divido o que é meu. — seu tom possessivo me deixa sem ar.

— Ma-mas e-eu n-não sou sua.

Ótima hora para um ataque de gagueira.

— Ainda não. — diz, no exato momento em que a música acaba e Heitor se aproxima.

Constato então que, por alguns minutos, esqueci-me completamente da existência do imponente Heitor Bitencourt.

— Será que agora eu poderia roubar *minha mulher*? — Heitor pergunta, dando ênfase as duas últimas palavras.

Tive que me esforçar bastante para não revirar os olhos e lhe dar o dedo do meio.

— Se ela fosse sua não seria necessário roubá-la. — Gustavo responde, e eu quase dou risada da cara de tacho que Heitor faz. — Mas, como sou generoso, permitirei que o faça. Só um conselho, uma mulher tão linda como Olivia não deveria ficar por aí sozinha. Há muitos homens por aí, todos prontos para dar o bote na primeira oportunidade que aparecer. — sorri para mim. — Foi uma honra dançar com a senhorita.

— Senhora. — Heitor o corrige. — Ela é minha esposa, caso tenha esquecido. — puxa-me de encontro a seu corpo.

— Infelizmente é impossível esquecer os fatos desagradáveis. — Gustavo devolve e acho que nem meu próprio marido consegue acreditar no que seu adversário acaba de falar. — Mais uma vez obrigada, Olivia. — beija minha mão e, em seguida, se afasta, mas não antes de piscar de olho para mim.

Eu tento – juro que tento –, mas não consigo evitar o sorriso de vitória que se forma em meu rosto.

— Será que você poderia me explicar o porquê aceitou dançar com meu maior rival? — meu marido rosna a pergunta. — Você sabe o quanto eu odeio esse homem, Olivia. O que você fez foi inadmissível. Como minha esposa, você me deve respeito e obediência. — termina seu discurso ridículo.

— Em primeiro lugar, eu sou sua esposa, não sua escrava, logo, não

lhe devo obediência alguma. Em segundo, Gustavo é seu adversário, não meu.

— Você só pode estar brincando com a minha cara, Olivia. Não vá me dizer que estava flertando com aquele imbecil?! — puxa-me pelo braço de forma discreta e me arrasta para um dos cômodos da mansão.

— Me solta, Heitor! — esbravejo enquanto tento me libertar de seu aperto.

— Não sem antes você responder minha pergunta. Você estava flertando com aquele babaca?

— E se eu estivesse? — pergunto, a poucos centímetros de seu rosto, com uma coragem que me surpreende.

— Não me provoque, Olivia. — adverte-me. — Você é minha esposa.

— E você o meu marido. No entanto, nem o fato de ser casado comigo o impossibilitou de passar a noite dançando com aquela vadia.

— Então é isso. — abre um sorriso presunçoso.

— Isso o quê?

— Você está com ciúmes.

— Eu não estou com ciúmes, Heitor. — nego.

— Está sim. Você está morrendo de ciúmes. — beija meu pescoço. Tento afastá-lo novamente, mas é em vão. — Não finja que não quer que eu a foda aqui e agora, Olivia. Seu corpo me pertence. — morde o lóbulo de minha orelha, fazendo todo o meu corpo arrepiar.

— Eu... Você ã-não pode fazer isso. — juro que estou tentando me manter forte perante a tentação em minha frente, mas está sendo um pouco difícil, principalmente depois de meses sem transar.

— Claro que posso, sou seu marido. — toma meus lábios nos seus no exato momento em que alguém bate na porta.

Salva pelo gongo! — Penso, afastando-me de Heitor enquanto tento voltar à compostura.

— Merda! — ele esbraveja quando Letícia entra no cômodo em que estamos.

— Desculpe-me. — ela pede, antes de sair com lágrimas no rosto.

— Eu... eu vou ver se ela está bem. — Heitor fala, deixando-me sozinha para ir atrás dela.

Neste momento percebo o óbvio: ele realmente a ama.

Fico parada – feito uma idiota – durante uns cinco minutos, antes de vestir minha máscara de mulher forte e ir para casa, o único lugar onde eu posso chorar e arquitetar um plano que leve Heitor ao fundo do poço.

...

O sol que invade a janela, bate diretamente contra meu rosto, me fazendo despertar. Abro meus olhos com certa dificuldade, olho ao redor do enorme quarto e nem vestígios de meu marido.

Mais uma noite em que ele não se deu ao trabalho de retornar para casa. — Penso, porém logo me levanto. Sigo para o banheiro, faço minha higiene matinal, tomo um banho, visto uma roupa confortável, desço, como meu café da manhã e saio de casa. Desta vez determinada a pôr um ponto final no mundinho colorido de Heitor.

Estaciono meu *volvo* em frente à sede de um importante jornal

paulistano e adentro o prédio de forma discreta: com um óculo escuro e um lenço na cabeça.

Ontem, depois que cheguei em casa, entrei em contato com o editor chefe do jornal, que não pensou duas vezes antes de me reservar um horário em sua agenda.

Ao que parece, eu não sou a única a odiar Heitor.

— Bom dia, eu tenho uma reunião marcada com Sr. Bernardo Moraes. — falo para a recepcionista que me envia ao último andar, onde tenho que falar com a secretária do senhor Moraes.

— Oh, sim. Ele está aguardando a senhora. Pode entrar.

A secretária me guia até a sala de seu chefe. Bato na porta antes de entrar e me surpreendo ao encontrar um belo homem, aparentemente na casa dos trinta, ao invés de um velho barrigudo de sessenta.

— Oliva Bitencourt, seja bem-vinda! — ele saúda-me, levantando-se de sua cadeira para me cumprimentar.

— Senhor Moraes, muito obrigada por disponibilizar parte de seu precioso tempo para ouvir o que tenho a dizer. — digo, cumprimentando-o com um sorriso e um rápido aperto de mão.

— Acredite, eu sou o único que agradeço. Agora, por favor, sente-se e vamos ao que interessa: desmascarar Heitor. — ele sorri triunfante, e eu me pergunto o que Heitor fez para o homem à minha frente odiá-lo tanto.

Sento-me em uma cadeira de frente para o senhor Moraes e começo a contar todos os podres de Heitor, dando uma atenção maior as falcatruas presentes durante toda a gestão de seu governo e ao seu caso extraconjugal.

— Então a senhora quer que o caso extraconjugal entre seu marido e a

tal secretaria seja a manchete de nossa próxima edição? — questiona-me.

— Exatamente.

— A senhora está ciente de que, após a notícia ser divulgada, haverá centenas de jornalista querendo que fale a respeito da traição, certo?

— Sim, mas isso é o de menos. Estou disposta a dar minha cara à tapa, desde que Heitor pague caro pelo o que fez.

— Ok, já que a senhora tem plena convicção do que está propondo, irei me encarregar de que alguém siga todos os passos de seu marido, 24 horas por dia. Assim que eu conseguir provas concretas de tudo o que me falou, Heitor será visto como o *santinho do pau oco* e sua campanha irá pelos ares. — outro sorriso vitorioso.

— Desculpe-me a pergunta, mas o que Heitor fez para merecer o seu ódio? — resolvo ser direta.

— Ele matou minha esposa e o meu filho. — sua resposta me deixa perplexa.

Heitor? Um assassino?

Fico sem acreditar. Tudo bem que Heitor não presta, mas matar alguém já é demais.

— Co-como assim? — olho para sua mesa e encontro uma foto dele com uma mulher e três crianças. — Era essa a sua família?

— Não, essa é a família que construí depois que o cretino do Heitor matou minha primeira esposa, ela estava grávida de oito meses. Heitor estava dirigindo alcoolizado quando o seu carro atingiu o meu e... E Sarah morreu. — relata com a voz embargada.

— Eu... Eu sinto muito por sua perda. — lamento.

Nunca perdi alguém próximo, mas imagino que seja uma dor horrível.

— Obrigada, mas isso foi há pouco mais de treze anos. — sorri fraco, no exato momento em que alguém bate na porta. — Pode entrar! — fala e logo uma mulher, *super* grávida, invade a sala com um lindo bebê nos braços.

— *Papa.* — o garotinho balbucia, balançando os bracinhos em direção ao Sr. Moraes.

— Hey, garotão. — ele levanta-se para pegar o filho nos braços e beijar os lábios da esposa.

— Desculpe-me atrapalhar sua reunião, amor. Mas Benjamim teve outra briga na escola. Preciso que fique com o Nathan para que eu possa resolver o problema. Eu tentei entrar em contato com o Gustavo, mas com toda essa campanha eleitoral ele está mais ocupado do que nunca.

Gustavo? O meu Gustavo?

Porra, que merda estou pensando? O homem nem meu é.

— Ah, oi. Eu sou Nathalia, esposa do Bernardo. — a morena estende-me sua mão, sorrindo.

Merda, ela tem o mesmo sorriso que Gustavo.

— Olivia.

— Oh meu Deus! Olivia como a esposa do cretino Bitencourt e a mulher de quem meu irmão não para de falar? — ela solta as palavras para fora, tampado a boca logo em seguida.

— Nath! — seu marido a repreende.

— Desculpe-me. Esqueça o que eu disse, mesmo que tudo seja verdade. — sua forma de pedir desculpas me faz sorrir.

— Não se preocupe, está tudo bem. — tento tranquilizá-la. — Acredite, conheço perfeitamente o marido que tenho. — comento quando um celular começa a tocar.

— Droga, onde eu enfiei essa merda? — Nathalia pragueja enquanto procura por seu celular dentro de sua enorme bolsa. — Achei! — exclama, erguendo o parêntese antes de levá-lo ao ouvido. — Lembrou que tem irmã? — indaga para a pessoa do outro lado da linha. — Não, Gustavo. Eu estou bem... Não, o bebê continua dentro da minha barriga... Sim... Ben brigou na escola de novo... Não, eu já trouxe o Nathan para que Bernardo fique de olho nele enquanto resolvo o problema na escola... Ok... Ah, já ia esquecendo. Adivinha quem está aqui em minha frente?

Por favor, fique calada... Por favor! — Imploro mentalmente.

— Errou. Finalmente conheci a famosa Olivia. Ela é realmente linda, exatamente como você descreveu.

Ele falou para sua irmã que eu sou linda?

— Não... Eu não sei o que ela veio fazer aqui. — ela fala as palavras como se eu não estivesse ali, em sua frente. — Ok... Vou passar para ela, tenha calma, homem!

O quê?

— Ele quer falar com você. — me estende o celular, sorrindo de orelha a orelha.

— O-oi. — gaguejo porque, ao que parece, Gustavo se tornou o responsável por meus ataques de gagueira.

— O que raios você está fazendo aí, Olivia? Sério que vai continuar insistindo nessa sua vingança estúpida? — a pergunta é feita de forma rude, o que me deixa puta da vida.

— Isso não te interessa. — sussurro enquanto me afasto um pouco para que nem Nathalia nem Bernardo sejam capazes de escutar a conversa.

— A merda que não me interessa. Bernardo é meu cunhado, Olivia. Eu não o quero envolvido nesse seu joguinho.

— Ele já é grandinho, sabe o que faz.

— Não, ele não sabe. — diz, rispidamente. — Se você insistir com isso não é só o seu casamento que estará em jogo, o da minha irmã também estará. — faz uma pausa. — Nath não sabe muito sobre o passado de Bernardo, muito menos que ele já foi casado. Por isso, procure outra pessoa para ajudá-la.

— Ele já aceitou.

— Então você irá dizer a ele que não quer mais continuar com essa palhaçada. — seu tom autoritário me deixa ainda mais furiosa.

— Desculpa, Sr. Senador, mas eu não irei fazer isso. — desligo o telefone em sua cara. — A ligação caiu. — minto, descaradamente, devolvendo o celular a Nathalia. — Bem, eu preciso ir agora. Foi um prazer conhecê-la, Nathalia. — lhe dou um abraço seguido de dois beijinhos na bochecha. — Sr. Moraes, em breve entrarei em contato.

— Então não desistiu da proposta? — ele pergunta e Nathalia olha para o marido como se perguntasse: *"Do que vocês estão falando?"*.

— Não. Nada mudou. — respondo com convicção, rezando para que eu não me arrependa da decisão que tomei.

Saio da sede do jornal morrendo de medo de ter feito a escolha errada.

E se o que Gustavo falou for realmente verdade? Eu não quero destruir o casamento de ninguém.

Depois de muito pensar, resolvo ir à casa de Bella.

Preciso desabafar com alguém e ninguém melhor do que minha amiga sem papas na língua.

05



Gustavo

PACIÊNCIA

substantivo feminino

1. qualidade do que é paciente.

virtude que consiste em suportar dissabores e infelicidades; resignação.

"não tem a mesma p. dos seus pais"

capacidade de persistir numa atividade difícil; perseverança.

"um trabalho que exige muita p."

2. angios erva (*Rumex crispus*) da fam. das poligonáceas, nativa da Europa e Ásia, de folhas alternas e lanceoladas, com propriedades depurativas e tônicas; labaga-crespa.

3. angios erva (*Rumex patientia*) da mesma fam., nativa da América do Norte, de folhas azedas, comestíveis e flores verdes em panículas.

4. lud jogo de baralho individual que consiste em fazer diferentes combinações com as cartas, segundo regras determinadas.

Origem

◉ ETIM lat. *patientia*, ae 'capacidade de suportar, de resistir'

Sempre fui um homem de uma paciência invejável, porém todo o meu autocontrole parece se esvaír quando o assunto em questão é Olivia. A diabinha consegue me tirar do sério sem muito esforço.

Quando minha irmã mencionou ter finalmente conhecido Olivia, constatei o óbvio: Olivia havia procurado Bernardo para se aliar a ela em seu plano de vingança contra Heitor.

Por mais que eu deteste Heitor com todas as minhas forças – sentimento esse que não é pouco –, não acredito que manipular sua campanha por pura vingança seja a forma correta e justa de resolver o problema. Na verdade, estou certo de que isso só trará futuras dores de cabeça.

Por que Olivia tem que ser tão teimosa? — Questiono mentalmente, perdido em um turbilhão de pensamentos.

— Você por acaso está tentando foder com a sua campanha e o cargo de futuro governador? — Samuel invade minha sala com sua típica cara de quem comeu e não gostou, jogando uma revista de fofocas em cima de minha mesa.

— O que é isso? — questiono, apontando para a revista.

— Leia você mesmo. — esbraveja.

Pergunto-me há quanto tempo ele não transa, afinal, todo esse mau humor só pode significar uma coisa: FALTA DE SEXO!

Pego a revista, ainda sem entender nada. Contudo, no momento em que meu olhar cruza com a capa, o mau humor de Samuel passa a fazer todo sentido.

Traição?

Olivia Bitencourt, esposa do Deputado Federal de São Paulo, Heitor Bitencourt, parece ter caído aos encantos do sedutor Gustavo Monteiro.

Gustavo, que atualmente é considerado um dos solteiros mais cobiçado do Brasil, é Senador e o principal opositor de Heitor nesta disputa eleitoral.

Faltando pouco menos de seis meses para a eleição, surge a pergunta que não quer calar: Será que estamos diante de um caso extraconjugal, ou será essa apenas uma forma baixa e suja de sabotar a campanha do adversário?

Confira algumas imagens do "casal" e tire suas próprias conclusões.

Termino de ler a fofoca e encaro as quase vinte imagens, todas minhas com Olivia. Algumas de nosso "encontro" no café e outras do jantar de ontem. O fato é que em todas as fotos nós estamos próximos demais, em uma estou quase beijando-a.

— Mas quem raios escreveu isso? — rosno, uma raiva descomunal tomando conta de mim.

— No momento isso é o que menos importa. Eu quero saber se é verdade o que está escrito aí?

— Mas é claro que não. — respondo, sem hesitar.

— Então você não está fodendo a vagabunda da esposa do Heitor? — sua pergunta me deixa mais furioso do que eu já estava.

— Não a chame de vagabunda! — esbravejo de punhos fechados.

— Ótimo. — Samuel gargalha alto, levando as mãos à cabeça, gesto que sempre faz quando está nervoso. — Então quer dizer que, com tantas mulheres no mundo, você foi se envolver justo com a do seu principal oponente?

— Eu não me envolvi com ela, Samuel.

— Mas quer! — ele afirma, e eu não nego.

Sim, eu quero me envolver com Olivia de todas as formas possíveis.

— Nós temos trabalhado duro nessa campanha, Gustavo. Você não pode jogar tudo por água abaixo por causa de uma mulher. — fala um pouco mais calmo. — Há muita coisa em jogo. Você sabe disso, certo?

— Sim, eu sei.

— Ótimo. Consegui uma entrevista para você em uma hora. Você irá se retratar e negar cada calúnia que foi proferida com o intuito de prejudicar sua imagem. — faz uma pausa. — Eu não nadei, nadei para morrer na praia, Gustavo. — esclarece antes de virar as costas e sair.

Samuel é um ótimo profissional e um excelente amigo, mas, às vezes, consegue ser frio, calculista e uma tremenda dor na bunda.

Volto a encarar a revista, ponderando tudo o que está em jogo. Por fim, me preparo para a entrevista e para o que acontecerá após ela.

...

Olivia

— Você o quê? Sua vaca! E só agora você menciona isso? — Bella leva as mãos à boca quando percebe que há criança no recinto.

— Você falou um palavrão mamãe. Me deve um real. — Angelina repreende a mãe desbocada.

— Desculpa, querida. Mas a culpa foi da sua tia Olivia e não da mamãe. — faz cara de santa. — Dê um dólar a minha filha, Oli. — a descarada sorri com a maior cara de pau.

— Lhe comprarei um sorvete, que tal? — sugiro para uma Angelina que bate palminhas. — Ok, então suba e vista uma roupa bem bonita porque iremos ao parque.

— Posso levar a Mel, mamãe? — faz referência a sua cachorrinha.

— Sim, meu anjo. — Bella responde. — Agora faça o que sua tia

pediu. — dá um beijo na bochecha gordinha da filha, que sai correndo em direção ao quarto. — Vamos, quero saber tudo a respeito do senador gostosão. Ele tem pegada? Te deixou com a calcinha molhada?

— Isabella! — repreendo-a.

— Ah, por favor, Olivia, não se faça de santa. Gustavo, além de lindo, é sexy como o inferno. Nem adianta negar.

— Eu não estou falando o contrário. Contudo, sou uma mulher casada.

— Desculpa, amiga, mas Heitor também é casado e nem por isso deixa de trepar com qualquer rabo de saia que lhe abre as pernas. — seu comentário me faz abaixar a cabeça em um claro sinal de constrangimento.

— Eu sei, mas...

— Mas a verdade é que chifre trocado não dói, Oli. Você é jovem, linda, gostosa e não deve ficar presa a um homem que não te merece.

— O que você quer dizer com isso?

— Que você deveria trepar horrores com o Gustavo. — fala, sem papas na língua.

Devo confessar que toda essa sinceridade de Bella assusta-me um pouco.

— Não precisa ser nenhum Einstein para deduzir o óbvio. — continua.

— E qual seria o óbvio?

— Gustavo Gostoso Monteiro quer fodê-la de todas as formas possíveis e você será a rainha das burras se não abrir as pernas para ele.

— E-Eu não posso fazer isso, Bella. É errado.

— Errado é ficar na vontade, meu bem. — faz uma pequena pausa. — Olhe para mim, Olivia. — ela pede, e eu o faço. — Às vezes o errado pode ser, na verdade, o certo. O Gustavo pode ser o seu certo, querida. — suas palavras saem com tanta convicção que, por um momento, permito-me pensar na possibilidade de eu e Gustavo juntos.

— Estou pronta! — Angelina anuncia ao retornar para a sala, e eu agradeço a oportuna interrupção.

— Então vamos lá. — digo, já de pé, em uma tentativa de evitar mais uma das perguntas de Bella. Tarefa essa que não será fácil, conhecendo a amiga que tenho.

...

Sabe aqueles dias em que parece que você amanheceu com os dois pés esquerdo? Bem, acho que estou em um desses dias, *para variar*. Mal saio da casa de Bella e já sou surpreendida por uma ligação de um Heitor furioso. Não entendi muito bem o teor do assunto, mas o magnífico deputado exigiu minha presença em nossa casa.

Pelo visto algo sério deve ter acontecido.

Despeço-me de Bella e Angelina antes de voltar para casa, sem saber o que me aguarda, rezando mentalmente para que minha intuição de que há mais desgraça vindo a caminho esteja errada.

— Até que enfim você resolveu aparece. — são essas as palavras que saem da boca de Heitor quando adentro nossa casa.

— Olá para você também.

— Onde você estava, Olivia? — sua pergunta me pega de surpresa, visto que Heitor nunca fez a linha marido controlador.

— Eu estava na casa da Bella. — respondo, jogando minha bolsa sobre o enorme estofado. — Algum problema?

— Nenhum. Só o fato de que acabo de descobrir, através de uma revista de fofocas, que sou o novo integrante do time de cornos da sociedade paulistana. — ri sem humor. — COMO VOCÊ TEVE A CORAGEM DE ME TRAIR COM O GUSTAVO, OLIVIA? — grita, me fazendo pular para trás.

— Mas do que diabos você está falando? Eu nunca te traí. — falo, meu tom de voz firme, sem me deixar abalar por suas falsas acusações.

— Então está dizendo que isto é mentira. — ele joga uma revista em meus braços, e eu folheio rapidamente a tal revista, levando uma de minhas mãos à boca quando leio o conteúdo ali impresso.

— E-Eu... Mas é óbvio que isso é mentira, Heitor. Você realmente acha que eu seria burra de trai-lo, ainda mais correndo o risco de ser descoberta? Faça-me o favor. — devolvo a revista a ele. — Eu jamais colocaria minha reputação em jogo, por mais que você mereça ser o presidente do time dos cornos de São Paulo. — solto as palavras, vendo fumaça sair pelo nariz do imponente Heitor. — Agora, se me der licença, tenho mais o que fazer do que perder meu tempo lendo revista de fofoca. — com essas palavras saio em direção ao meu quarto, deixando para trás um Heitor mudo, sem reação alguma.

Decido tomar um banho enquanto analiso quem possa ter sido a pessoa que inventou essa história. Algo me diz que há o dedo de alguém,

além de um desses jornalistas meia boca. Deixo a água correr por todo meu corpo e tento relaxar. No entanto, toda vez que fecho meus olhos a imagem de Gustavo que me vem à mente.

O que raios está acontecendo comigo?

...

17h... É exatamente neste horário que uma mensagem de texto de Gustavo resolve perturbar minha paz.

Cretino

Preciso que me encontre no Emiliano às 19h.

Por favor, seja discreta. Irei aguardá-la ansiosamente.

Creio que não seja necessário mencionar o fato de que bastou a leitura das três últimas palavras para que todo o meu corpo entrasse em estado de êxtase.

Considero a possibilidade de ignorar a mensagem, principalmente depois dos boatos maldosos que a mídia anda especulando a meu respeito. Entretanto, sinto que essa possa ser a minha única chance de esclarecer alguns pontos soltos e tirar Gustavo de meu sistema. Por fim, decido que talvez este encontro seja mais oportuno do que parece. Afinal, não tenho nada a perder, uma vez que não há nenhuma solução capaz de salvar o meu casamento.

Sim, eu irei me encontrar com Gustavo.

Seja o que Deus quiser.

...

— A senhora não irá jantar em casa hoje, dona Olivia? — Joanna, uma das cinco empregadas que Heitor julga serem necessárias, pergunta quando estou a um passo da porta principal.

— Não, Joanna. Irei jantar com a Isabella. — minto.

— E o senhor Heitor?

— O que tem ele?

— Se ele vier para o jantar, o que eu devo dizer a ele? — pergunta como quem não quer nada. Porém, não é necessário conhecê-la bem para saber que esse seu interesse repentino está ligado as especulações sobre o meu possível caso extraconjugal.

— Você não tem que dizer nada. Meu marido está ciente de que irei jantar com minha amiga. — respondo de forma ríspida.

Sempre tratei bem as pessoas, mas não aceito que se metam em minha vida particular.

— Tenha uma boa noite, Joanna. — sorrio vitoriosa e saio com destino ao pecado.

...

Meia hora depois e estou em frente a suíte de um dos hotéis mais

luxuosos de São Paulo, ainda ponderando se devo entrar ou dar meia-volta e ir embora. Só o fato de saber que Gustavo está do outro lado da porta me deixa nervosa.

— O que eu estou fazendo aqui, Senhor? — murmuro comigo mesma. — Chega! É melhor eu ir embora. — tomo a decisão no exato momento em que um Gustavo incrivelmente sexy abre a porta.

Seus olhos escuros como a noite cruzam com os meus e se alguém me perguntasse qual é o meu nome, eu com certeza não saberia responder. Não quando há um homem totalmente comestível em minha frente.

— Mal chegou e já quer ir embora? Desta forma irei deduzir que minha companhia não lhe agrada. — o desgraçado comenta, fazendo um pequeno beicinho.

Droga! Até a merda do seu beicinho parece algo indecente.

— E-Eu... O que você quer comigo, Gustavo? — pergunto ao mesmo tempo em que tento desviar meu olhar de seu corpo pecaminoso.

— Entre, por favor. — ele abre um pouco mais a porta, dando-me passagem. Todavia, não movo meu corpo um centímetro sequer.

— Obrigada, mas prefiro ficar aqui. — cruzo meus braços, dando ênfase a minha frase.

— Olivia, por favor, nós precisamos conversar e o corredor de um hotel, com certeza, não é o local mais apropriado para isso. — gesticula. — Entre, eu prometo que não mordo. — sorri. — A menos que você queira, é claro. — completa, olhando-me dos pés à cabeça, o que me faz corar de envergonha.

— Tudo bem, mas não posso demorar muito.

— Com medo do que o seu maridinho irá pensar?

— Acho que isso não é da sua conta. — tento soar o mais ríspida possível enquanto adentro a luxuosa suíte.

— Curta e grossa. Desta forma, ficarei ainda mais encantado... — faz uma pausa, aproximando-se por trás para sussurrar o final da frase em meu ouvido: — *e excitado*. — sua voz sai tão sexy que tenho a leve impressão de que acabo de encharcar minha calcinha.

— E-e... Será que você poderia tentar parar de bancar o *Don Juan* e ir direto ao assunto? Por que marcou este encontro? O que de tão importante tem para falar comigo, afinal? — solto as perguntas, impaciente.

— Tudo bem, tentarei ser o mais direto possível. Quero que desista de qualquer que seja o acordo que tenha feito com o meu cunhado...

— Achei que eu já tivesse deixado bem claro que não irei desistir de nada. — corto-o.

— E eu acredito que tenha deixado nítido que não permitirei que prossiga com esse seu planinho infantil.

— Quem foi que disse que você precisa permitir algo? — desafio-o.

— Não queira testar meus limites, Olivia. — adverte-me. — Por isso, aconselho que não coloque em risco o casamento da minha irmã.

— Se essa é sua grande preocupação, fique tranquilo. Eu seria incapaz de destruir o casamento de alguém. — asseguro-lhe, tentado não demonstrar o quão ofendida me senti com o seu comentário.

— Não foi minha intenção ofendê-la. — ele fala, como se estivesse lendo minha mente. — Eu apenas preocupo-me com as pessoas que amo.

— Tudo bem, Gustavo, irei procurar outro jornalista. — digo. — Será

que posso ir agora, ou há algo a mais pelo qual queira me culpar?

— Não seja exagerada, Liv.

Liv... A palavra soa tão sexy saindo de seus lábios.

— E sim, há algo que ainda precisa ser resolvido.

— Se está se referindo à matéria ridícula que foi publicada sobre o nosso possível caso extraconjugal, eu não faço ideia de quem possa ter inventado essa história absurda.

— Absurda por quê? Não sou bom o suficiente para você? — ele pergunta com uma cara de quem quer aprontar.

— Pare com suas brincadeiras, Gustavo. Eu estou falando sério.

— Eu também estou falando sério. Tão sério que quero você nua, — ele leva sua boca ao meu ouvido. — na minha cama, gritando o meu nome enquanto eu a faço gozar de prazer. — sussurra a provocação, seu hálito quente me causando arrepios. — O que acha de tornarmos essa notícia verdade, Liv? — beija levemente meu pescoço, sua barba roçando minha pele, fazendo meus olhos fecharem e um pequeno gemido escapar de minha boca. — Seja minha, Olivia... E eu serei todo seu.

Não sei exatamente como, mas meus lábios foram de encontro aos de Gustavo. Minhas mãos foram parar em seus cabelos, enquanto as dele revezavam-se entre minha cintura e minha bunda. Meu corpo entra em chamas e minha calcinha precisa ser trocada.

Seu beijo tem o gosto do pecado.

Eu nunca imaginei que o pecado pudesse ser tão gostoso.

06



Olivia

LUXÚRIA

substantivo feminino

1. viço, magnificência (a propósito de vegetações).
2. rel segundo a doutrina cristã, um dos sete pecados capitais.
3. comportamento desregrado com relação aos prazeres do sexo; lascívia, concupiscência. m.q. CIO ('apetite sexual').
4. fig. AL m.q. ESPERMA.

Origem

- ⊙ ETIM lat. luxuriā,ae 'superabundância, excesso, luxo'

Sempre questioneei o porquê dos homens se entregarem totalmente ao desejo carnal, o porquê de a luxúria falar mais alto que a razão. Sempre julguei aqueles que se deixam levar por um pedaço de bunda e um belo par de seios. Entretanto, agora, enquanto Gustavo possui minha boca, eu simplesmente esqueço de todos os preceitos que por mim foram criados. Estou sendo sucumbida a um mar de prazer, sem me preocupar com as consequências.

A verdade é que nada mais importa.

— Eu preciso prová-la. — Gustavo quebra o silêncio e com ele o eletrizante contato entre nossas bocas.

Quase solto um pequeno resmungo em sinal de protesto, mas sou impedida quando ele me pega no colo, vulgo de uma forma fora do normal, e me leva para a cama.

Ele me olha com uma cara de safado, como um verdadeiro leão

perante sua pressa. Aproveito a oportunidade para apreciar, com um rápido olhar, todo o seu corpo pecaminoso, parando no volume de sua calça jeans. Abro um sorriso travesso ao constatar que ele está tão excitado quanto eu.

— Isso é o que você faz comigo, Liv. — ele leva uma de minhas mãos até o seu membro rígido. — Eu vou fodê-la a noite toda, Olivia. Você será minha. Toda minha. Eu irei arruiná-la para qualquer outro homem. — a promessa é sussurrada em meu ouvido, o tom de voz usado por Gustavo aumentando ainda mais o meu desejo de ser possuída.

Nunca pensei que diria isso, mas quero ser fodida como uma puta. Quero sexo forte, selvagem e duro. Quero sentir Gustavo me preenchendo por inteira, enquanto eu grito o seu nome sem parar.

— Por favor, Gustavo, eu preciso de você.

— Calma, diabinha sexy. Eu prometo que farei com que você veja estrelas. — ele beija o meu pescoço, minha boca, o vale entre meus seios e, em um movimento rápido, arranca o meu vestido de meu corpo. — Wow! Isso tudo é para mim? — ele encara meus seios desnudos e minha minúscula calcinha de renda preta. — Porra, Olivia, você é simplesmente perfeita.

Eu abro minha boca para agradecer o elogio, mas paro quando ele posiciona o rosto entre minhas pernas, abrindo-as, e me beija através do material fino de minha calcinha.

— Oh meu Deus. — sussurro, molhada... Merda, eu já estou molhada e tudo o que ele fez foi isso. Acho que estou com sérios problemas.

Gustavo lambe as bordas de minha calcinha e, em seguida, desliza um dedo sob a parte interna de minha coxa. Ele ainda está me beijando, empurrando o ar quente através do material enquanto seu dedo desliza dentro da minha calcinha.

Minha respiração arqueja e meus quadris se movem um pouco, primeiro à esquerda, depois à direita. Seu toque leve me matando.

— Relaxe, diabinha. — diz ele, esfregando minhas coxas para cima e depois para baixo enquanto empurra seu rosto em minhas partes macias.

Suas mãos sobem e puxam minha calcinha para baixo, devagar. Ele olha para mim com uma expressão sombria antes de colocar a boca em minhas dobras.

Quando sua língua quente sai e entra em mim, eu quase grito de alegria. Minhas pernas tremem de necessidade. Tenho que morder meu lábio com força para não contar a todos em um raio de quinhentos metros o que estamos fazendo.

— Você está tão molhada. — ele diz, olhando para mim.

— Já faz algum tempo. — confesso, o que parece lhe agradar mais do que eu esperava.

— Nós iremos devagar então.

— Eu disse que já faz algum tempo, não que eu quero ir devagar. — esclareço. — Faça sexo comigo, Gustavo. Agora!

— Mas você tem um gosto tão bom. — diz ele, colocando a boca em mim novamente.

Eu gemo, dividida entre querer mais disso e precisar senti-lo dentro de mim, mais dele, a parte que nos trará tanto prazer.

— Gustavo, por favor... Eu não vou durar muito tempo se você continuar me torturando assim.

— Você está reclamando? — ele pergunta, uma risada baixa vinda do fundo de seu peito.

— De forma alguma, senador. Eu apenas quero sentir o seu pau preenchendo minha boceta.

Minhas palavras parecem surtir efeito pois em questão de segundos ele está nu e devidamente encapado, o que me permite apreciar o quão grande sua *ferramenta* é.

Céus, será que ele caberá dentro de mim?

— Você está pronta para mim? — ele pergunta, de joelhos, se posicionando entre as minhas pernas, a mão em meu pau.

— Por que você não *entra* aqui e confere?! — abro mais minhas pernas e movo meus quadris, pronta para recebê-lo.

Gustavo se aproxima de meu centro e guia a cabeça do meu pau até minhas dobras. Ele está se concentrando em ser cuidadoso, mas eu posso ver o instante em que ele encontra o calor. Seu rosto relaxa e o prazer toma conta.

— Céus, Olivia! A sua boceta é o paraíso. — ele rosna, baixando o peso para baixo em mim e empurrando o resto de seu comprimento para dentro da minha boceta gulosa.

Eu gemo de felicidade quando Gustavo começa a entrar e sair. Eu encontro cada um de seus impulsos suaves com um dos meus próprios. É tenro, mas exigente. Intoxicante. Estou tão perto do orgasmo, o que não faz sentido desde que começamos agora, mas é um fato. Provavelmente porque seja *ele*... O homem que tem possuído todos os meus pensamentos e me levado à loucura.

O ritmo das estocadas de Gustavo aumenta e todos os músculos do seu corpo ficam tensos. — Porra, Liv, eu sinto muito, mas não acho que eu seja capaz de aguentar muito tempo. A sua bocetinha é tão apertada. Céus, você é tão gostosa. — ele geme.

— Então venha. — eu suspiro, ciente do fato de que Gustavo não é o único que está perdendo o controle. Eu perdi o controle de tudo também... dos meus pensamentos, do meu corpo e dos meus desejos. — Oh, meu Deus! — grito quando sinto as ondas de prazer chegando. Eu posso senti-las aproximando-se, construindo...

— Olivia! — Gustavo grita o meu nome. — Droga!

E então uma série de grunhidos e rosnados vem de sua garganta quando ele bate em mim freneticamente, duro e forte.

Eu me perco quando ele está no meio do caminho. Sons, que não fazem nenhum sentido, estão saindo de mim. Eles soam como se fossem palavras, mas não são. Então eu me seguro em Gustavo, montando esse louco carrossel até que ele finalmente para de girar.

— Wow! — digo, tentando recuperar o meu fôlego, quando ambos de nós afundamos ainda mais no colchão.

— Nós ainda não terminamos, diabinha. — ele sorri, amassando um de meus seios com sua mão. — Eu prometi arruiná-la para qualquer outro homem e eu levo a sério minhas promessas. — Gustavo toma os meus lábios e antes que eu perceba, eu estou de quatro enquanto ele me fode por trás.

Algo que me diz que hoje a noite vai ser longa, não que eu esteja reclamando. Pelo contrário.

...

Abro meus olhos lentamente, me aconchego no corpo ao lado e pulo de susto.

Gustavo!

Acalmem-se, é claro que eu me recordo de todos os fatos corrido ontem à noite, até mesmo porque é difícil esquecer *seis* orgasmos e uma vagina dolorida. Meu desespero é por saber que o sol já deu o ar de sua graça e ao invés de estar em casa, esperando o meu marido, eu estou em um quarto de hotel, ou melhor, nos braços de seu maior rival. Depois disso eu, com certeza, queimarei no fogo do inferno ao lado de Heitor. Se bem que, como Bella mencionou, chifre trocado não dói.

Será que Gustavo gostaria de ser acordado com um boquete e depois repetir a rodada de ontem? — Analiso a possibilidade, cobiçando o homem nu ao meu lado.

Ele é tão gostoso e fode tão bem.

Nada disso, Olivia. O que vocês tiveram foi apenas diversão. Sexo. Agora pegue suas roupas espalhadas pelo chão do quarto, vista-se e vá para casa.

E é exatamente isso o que faço, com todo o cuidado do mundo para não acordar Gustavo. Olho para ele uma última vez e vou embora.

São pouco mais de 8h da manhã, o que significa que Heitor ainda não chegou em casa, logo, não há com o que me preocupar. — Digo para mim mesma, mas a verdade é que isso pouco importa. Se eu for sincera comigo mesma, saberei que meus pensamentos ficaram naquele quarto de hotel, com Gustavo, e não com meu marido idiota.

— O que você está fazendo comigo, Sr. Senador?

...

Gustavo

Acordo com o outro lado da cama vazio. Chamo por Olivia, e nada. Levanto-me, vou até o banheiro e constato o que eu já esperava: ela foi embora. Não posso evitar a pequena pontada de decepção que se instala em meu peito.

Devo confessar que depois de ontem, cogitei a ideia de que Olivia me acordaria em plena manhã me pedindo por mais. No entanto, vejo que foi um equívoco de minha parte. O pior é que não há ninguém para me ajudar com minha típica ereção matinal.

Espero que um banho frio resolva.

Entro no chuveiro e enquanto a água desce por meu corpo, lembranças da noite de ontem invadem minha mente. Meu pau enterrado em Olivia, ela implorando por mais e a intensidade de seus lindos olhos ao gozar.

Pelo visto nenhum banho gelado será capaz de resolver o meu problema.

— O que você está fazendo comigo, diabinha?

07



Bernardo

VINGANÇA

substantivo feminino

1. ato lesivo, praticado em nome próprio ou alheio, por alguém que foi real ou presumidamente ofendido ou lesado, em represália contra aquele que é ou seria o causador desse dano; desforra, vingança.

2. qualquer coisa que castiga; castigo, pena, punição.

"seria esta doença uma v. por suas crueldades"

Origem

⊙ ETIM vingar + -ança

Vingança é sempre a palavra que me vem à mente quando escuto o nome do Heitor Fodido Bitencourt, o homem que levou para sempre um pedaço de mim. Por sua culpa eu perdi o meu primeiro amor, meu primeiro filho e alguns de meus sonhos.

Eu era apenas um *garoto* quando conheci Sarah, ela estava linda em seu vestido florido. Seus cabelos eram tão loiros que me lembravam os raios de sol.

Ela era simplesmente perfeita.

Logo começamos a namorar e em pouco tempo veio a notícia da gravidez. Nós não estávamos preparados para sermos pais, isto era um fato, mas nos amávamos e juntos criaríamos nosso filho.

Sem pensar duas vezes a pedi em casamento, ela aceitou sem hesitar e pronto. Sarah passou a ser minha esposa. Estávamos vivendo um verdadeiro conto de fadas, mas contos de fadas não existem e em um piscar de olhos a realidade surgiu, junto com a dor da perda. Eu vi meu mundo ruir por culpa

de um bêbado irresponsável.

Na noite em que tudo aconteceu, eu e Sarah retornávamos da casa de seu pai, sua música favorita tocava no rádio. Lembro-me de sua voz suave enquanto ela cantava a melodia que ecoava pelo som do carro, lembro-me de sorrir diante a cena, lembro-me dela também sorrir quando resolvi acompanhá-la na cantoria, lembro-me de sua mão repousar sobre a minha e, em seguida, lembro-me do forte impacto de algo jogando nosso carro para fora da pista... Por último, lembro-me de seus gritos e de acordar em um hospital com a notícia de que eu havia perdido a minha mulher e o meu filho.

A dor da perda foi tão grande que, por inúmeras vezes, questionei o porquê de Deus tê-la tirado de mim. Foi então que jurei vingança. Jurei a mim mesmo que Heitor pagaria caro, e venho lutando até hoje para cumprir minha promessa.

— O jantar está pronto. — Nathalia anuncia com cara de poucos amigos.

— Sério que você vai continuar chateada comigo? — pergunto para minha barrigudinha linda.

Conhecer Nathalia foi o maior presente que Deus poderia me ter me dado depois de toda a dor pela qual passei. Quando perdi Sarah, pensei que nunca mais seria capaz de amar outro alguém. Então eis que surge uma louca da língua afiada e do temperamento forte que roubou o meu coração. É claro que sempre amarei Sarah, mas não posso negar que o amor que sinto por Nath é diferente. É ainda mais intenso.

— Eu não estou chateada com você. — responde, e eu abro um enorme sorriso, já me aproximando de seu corpo. — Só estou com uma vontade incontrolável de chutar suas bolas. — ela me empurra pra longe e volta para a sala de jantar, onde as crianças tentam arrumar a mesa.

Nathalia está chateada porque eu não quis contar a ela sobre o tal acordo que fiz com Olivia. É óbvio que odeio ter que esconder as coisas de minha mulher, mas se eu contar a ela corro o risco de perdê-la e isso significaria minha morte.

Amo minha pequena mais que minha própria vida. Ela e os nossos filhos se tornaram o meu mundo.

— Papai, eu ajudei a mamãe a fazer o espaguete. — Analu anuncia entusiasmada.

— Sério? — finjo surpresa, e ela assente. — Então tenho certeza de que está delicioso. — digo, fazendo-a sorrir com orgulho.

Depois de tudo pronto, nos sentamos à mesa e damos início a refeição. O espaguete está realmente maravilhoso.

— E esse machucado em seu braço, Ben? Foi da briga de hoje? — pergunto quando percebo um leve aranhão no braço do meu primogênito.

— Sim, mas o outro garoto ficou pior. — diz orgulhoso.

— Esse é o meu garoto. — brinco e em troca ganho um olhar repreensivo vindo de minha esposa.

— Eu simplesmente não acredito no que você acaba de falar. — Nathalia rosna, incrédula. — O certo seria você ensinar a ele que nada se resolve a base de violência.

— Eu só estava brincando, Nath...

— A hora de brincar já se foi há um bom tempo, caso não tenha notado. — cospe as palavras para fora enquanto se levanta da mesa e segue em direção ao nosso quarto.

— Vocês brigaram? — Analu pergunta, a voz embargada.

Essa foi a primeira vez que eu e Nathalia discutimos na presença das crianças.

— Claro que não, filha. — minto. — Eu e sua mãe estamos bem, ela só está nervosa.

— Por causa da gravidez? — Benjamim questiona.

— Também. — respondo.

Termino de jantar, coloco as crianças para escovar os dentes, dou banho em Nathan, leio uma história para os três dormirem, lavo a louça e, só então, vou para o quarto, onde encontro Nathalia dormindo feito um anjo.

Ela é tão linda.

Fico admirando-a por mais alguns minutos antes de entrar no banheiro, tomar uma ducha, escovar os dentes, vestir uma boxer e me deitar ao seu lado, tendo todo o cuidado do mundo para não acordá-la.

Estou quase pegando no sono quando minha esposa vira seu corpo de encontro ao meu, colocando sua cabeça sobre meu peito e suas mãos ao redor de minha cintura.

— Desculpa. — ela sussurra as palavras tão baixo que quase não sou capaz de ouvir. — Eu não deveria ter brigado com você na frente das crianças. Sinto muito. — beija meu peito nu.

— Está tudo bem, pequena. — tento tranquilizá-la, fazendo um cafuné em sua cabeça.

— Por que você não me conta o que Olivia foi fazer no jornal?

— Porque eu não posso falar, amor. Não agora.

— Por que não? — insiste, parecendo uma criança teimosa.

— Porque eu não quero brigar.

— E por que brigaríamos? Por acaso há algum rabo de saia no meio dessa história toda? — ela se afasta em um movimento rápido, cruzando os braços.

— Não, pequena. Não há rabo de saia nem nenhuma gostosona nessa história. — falo a última parte só para provocá-la e logo sou surpreendido por um belo beliscão seguido de um tapa. — Ai! — exclamo, massageando a região atingida.

Nathalia tem a mão pesada.

— Isso é para deixar de ser idiota. — rosna com a cara fechada.

— Era brincadeira, amor.

— Brincadeira sem graça. — bufa.

— Que culpa tenho eu se você fica ainda mais sexy quando está toda enciumada? — puxo-a em direção ao meu corpo, mordendo sua bochecha. — Eu te amo, você é *super gostosa* e não tenho motivos para procurar lá fora o que eu já tenho em casa. — falo e sua carranca dá lugar a um sorriso.

— Mesmo com essa barriga enorme. — sinaliza em direção a seu enorme barrigão.

— Esse barrigão é lindo e te deixa ainda mais comestível. — para provar o que acabo de falar, esfrego minha ereção contra seu corpo. — Você é a mulher mais gostosa de todo o universo, Nath, e a única em que eu quero enterrar meu pau. — concluo meu pensamento e ela solta uma de suas risadas nada discretas.

— Nossa! Quanto romantismo em um só homem. — brinca, me puxando para um beijo quente, do tipo pré-sexo. — Eu te amo.

— Eu também te amo, mas agora chega de falar. Eu quero fazer sexo, mulher.

— Então sinta-se à vontade, eu sou toda sua.

E eu não perco tempo.

...

Heitor

PESADELO

substantivo masculino

1. sonho aflitivo que produz sensação opressiva; mau sonho.
2. letargo, marasmo.
3. p.metf. pessoa, situação ou algo que molesta, enfada, incomoda.

"seu ambiente de trabalho era um p."

Origem

⊙ ETIM pesado + -elo

Acordo sobressaltado, após mais um de meus incontáveis pesadelos. Pesadelos estes que se tornaram rotina ao longo da última década. É sempre a mesma coisa: sangue, gritos de assassino e o medo.

Respiro e inspiro algumas vezes, uma tentativa de controlar o meu ataque de pânico. Depois de alguns segundos, levanto-me da enorme cama, mantendo certo cuidado para não acordar a mulher ao meu lado, uma prostituta que aceitou ser fodida em troca de uma boa quantia.

— Assassino. — profiro as palavras ao mesmo tempo em encaro minha imagem refletida no espelho. Pareço ter envelhecido uns dez anos: meus olhos estão vazios e meu rosto pálido. É sempre assim, um pesadelo que parece não ter fim. — Eu não queria matá-la. — sussurro baixinho e me encolho em um canto gélido do banheiro.

Com as mãos agarradas em meus joelhos, eu choro... Choro com as lembranças da noite que mudou minha vida.

...

O relógio em meu pulso marca 6h34min da manhã. Espreguiço-me na cama, acordo a morena ao meu lado, pago pela noite de sexo e mando-a ir embora. Pego meu celular sobre o criado mudo e me deparo com as dezenas de mensagens e ligações perdidas de Letícia. A mulher é minha amante, mas consegue ser pior que minha esposa. Depois de lê a primeira mensagem, jogo o celular em cima da cama e sigo para o banheiro, preciso de um banho antes de voltar para casa.

Casa... O lugar onde eu deveria me sentir bem. No entanto, não é nada acolhedora como deveria ser, uma vez que lá me sinto preso em uma gaiola, vivendo uma mentira para que eu possa conseguir o que quero: *poder*.

Meu casamento com Olivia não passa de uma grande farsa, mais um dentre os milhares casamentos por conveniência. Eu sempre quis me destacar no mundo político e Olivia foi o meu passe para o sucesso.

Se me perguntarem se eu a amo, a resposta será não. Para ser sincero, nem sei se sou capaz de amar alguém. Eu não sei o que é amor, então como posso amar? Talvez seja melhor assim, afinal, amor é para os fracos. Letícia,

por exemplo, assim como Olivia, é somente uma das peças que completam o meu jogo de xadrez. Não tenho tempo para todo esse sentimentalismo barato que rodeia a vida daqueles que se contentam com pouco. Não, eu nasci para ser grande, bem-sucedido, ter dinheiro e poder nas mãos. Amor, com certeza, está fora de cogitação.

Termino minha ducha, enrolo uma toalha em minha cintura e volto para o luxuoso quarto de hotel, mas nada podia me preparar para a cena com a qual me deparo. Meu corpo congela enquanto encaro a mulher a minha frente. Pergunto-me se os mortos são capazes de ressurgirem das cinzas.

— Oh, perdão. Desculpe-me, achei que o quarto já tivesse sido desocupado. — a dona do rosto que me assombra durante anos faz o pedido de desculpas.

Não... Não é possível. Não pode ser ela, não quando eu a vi morrer... não quando eu fui o único a matá-la.

— Vo-você está viva. Co-como isso é possível?

— Perdão, senhor, mas não entendi o que o quis dizer com isso. — ela faz uma careta, como se não estivesse entendendo nada.

Porra! Eu devo estar delirando!

08



Gustavo

SEXO

cs/ substantivo masculino

1. conformação física, orgânica, celular, particular que permite distinguir o homem e a mulher, atribuindo-lhes um papel específico na reprodução.
2. nos animais, conjunto das características corporais que diferenciam, numa espécie, os machos e as fêmeas e que lhes permitem reproduzir-se.
3. nos vegetais, conjunto de características que distinguem os órgãos reprodutores femininos e masculinos.
4. conjunto das pessoas que pertencem ao mesmo sexo.
5. p.ext. sensualidade, lubricidade, sexualidade.
6. conjunto dos órgãos sexuais; genitália.

Origem

- ⊙ ETIM lat. *sexus*,us 'id.'

Uma semana desde minha noite com Olivia e ainda tento, inutilmente, convencer minha mente e meu coração de que o que ocorreu naquele quarto de hotel não passou de sexo, desejo carnal, algo que não voltará a acontecer. Contudo, uma coisa é repetir essas palavras como se fosse um mantra, outra – bem diferente – é aceitar a ideia de que, neste exato momento, ela deve estar ao lado de um verme que não a merece. Um parasita que suga o melhor de minha Liv.

Sua? Ela é casada com outro, idiota. Você é, no máximo, o amante.

Meu subconsciente resolve testar minha paciência e sanidade mental, como se eu já não estivesse fodido o suficiente.

Porra, eu simplesmente não consigo manter meus pensamentos longe de Olivia.

— Com licença, sr. Monteiro. — Naomi, minha secretária, se pronuncia ao entrar em minha sala.

— Sim? — pergunto.

— Tem uma senhora lá fora que deseja falar com o senhor. Eu peço para que a mesma se retire, ou o senhor irá recebê-la? — pergunta, mas antes que eu possa responder, uma loira de parar o trânsito invade minha sala.

— Ele com certeza irá falar comigo. — reconheço a voz como sendo de Olivia e quase caio de minha cadeira.

— Pode se retirar, Naomi, eu irei conversar a sós com a senhorita. — peço e Naomi sai, nos deixando sozinhos. — Por que não me avisou que viria? — questiono, sem conseguir esconder minha felicidade em vê-la.

Levanto-me para cumprimentá-la, porém sou surpreendido por um forte tapa na cara.

— Ai! — massagueio o local atingido. — O que raios deu em você, mulher?

— O que diabos deu em você, seu cretino! — Olivia tira uma revista de sua bolsa e joga-a sobre meu peito.

— O que é isso?

— Uma entrevista na qual você fala o quão horrível e deprimente aparento ser. Segundo suas próprias palavras, eu não passo de uma menininha mimada, superficial e cômica, com a qual você jamais se envolveria. — fala e sou capaz de ver uma lágrima escapar de seus olhos.

Mas que merda!

— Eu nunca disse isso, Liv. Você precisa acreditar em mim, *diabinha*. — tento novamente uma aproximação, mas, ao que parece,

Olivia pretende manter-se o mais distante possível.

— Não? Então por que você não mencionou a tal entrevista para mim antes? Por que me fodeu naquele quarto de hotel como se eu fosse uma qualquer? — sua última acusação me faz ver vermelho.

— Eu nunca a fodi como uma qualquer, Olivia, e você tem conhecimento deste fato. — digo, ríspido, e ela abaixa a cabeça como se reconhecesse que tenho razão.

— Mas também não ligou para mim. — sussurra.

— Você foi a única que fugiu. — devolvo.

— Eu não fugi. — rebate com o nariz empinado.

— Sim, você o fez. Se bem me recordo, fui o único a acordar em uma cama vazia. — lembro-a do detalhe que ela parece ter esquecido.

— Não tente mudar o foco da conversa, Sr. Monteiro. O senhor me difamou publicamente e eu exijo uma retratação.

— Eu não a difamei, Olivia. — corrijo-a. — De fato eu concedi uma entrevista a essa tal revista. — *o que me arrependo de ter feito.* — Mas, ao que vejo, minhas repostas foram distorcidas.

— Então está dizendo que não disse o que metade de São Paulo e eu estamos pensando que disse? — pergunta, abaixando a guarda.

É surpreendente a forma como Olivia consegue ser fofa e sexy, tudo ao mesmo tempo.

Porra se eu não tenho vontade de dobrá-la em meu colo enquanto marco sua bundinha redonda como minha.

— Não, eu não disse. — aproximo-me da *loira/morena* parada no meio da minha sala e, enfim, abro um sorriso ao notar que ela não se afastara

dessa vez. — Prometo que meus advogados abrirão um processo contra a tal revista e que logo ela deixará de circular nas bancas. — toco seu nariz com o meu e puxo-a pela cintura. — Eu deveria ter ligado, não é? — pergunto e ela sorri manhosa.

— Sim, você deveria ter o feito. — responde sincera.

— Bem, se isso serve como conforto, saiba que não parei de pensar em você um só segundo. — confesso, enterrando minha cabeça na curva de seu pescoço, respirando fundo enquanto inalo o delicioso aroma de seu perfume. — Você cheira a rosas. — solto as palavras e ela sorri.

— Obrigada.

— Eu quero tê-la de novo, Liv. — volto a encarar seus olhos. — Eu preciso tanto de você que dói. — confesso, levando uma de suas mãos ao encontro de meu membro rígido.

— Uau! — Olivia exclama surpresa. — Ele... ele está tão... tão... duro.

— Bem, você é a única culpada. Sabe, ele se anima muito quando a vê.

— Você é um verdadeiro pervertido.

— Devo admitir que de fato sou um pervertido, mas só quando o assunto em questão é uma certa morena, que também fica extremamente sexy de peruca loira.

— Gostou do meu disfarce? — pergunta mordendo o lábio.

— Oh, sim. — olho para sua saia preta, camisa branca e salto alto vermelho. — Eu, definitivamente, gostei muito. — faço uma pausa para, enfim, tomar seus lábios nos meus. De início o beijo é lento, mas logo Olivia

dá o espaço pelo qual minha língua reivindicava.

Ainda com os lábios colados nos dela, ergo-a do chão, fazendo-a entrelaçar suas pernas em minha cintura, minhas mãos cravadas em sua bunda.

Em passos rápidos, caminho até o sofá que fica em minha sala e deito-a sobre ele, quebrando nosso beijo para encarar a mulher a minha frente. Lábios inchados pelo beijo, respiração irregular e um olhar de luxúria que comprova o seu desejo.

— Você é tão perfeita! — exclamo, posicionando-me entre suas pernas para beijá-la mais uma vez.

Não me canso de sentir seus lábios nos meus.

— Eu preciso de você um pouco mais embaixo, Gustavo. — ela cora ao fazer o pedido.

— Bem, eu estou aqui para satisfazê-la. — sorrio de forma maliciosa, antes de descer vagarosamente de encontro a seu sexo molhado. Puxo sua saia e solto um leve xingamento ao notar sua nudez.

— Não achei necessário usar uma calcinha. — fala com uma cara de menina levada.

— Assim você me deixará louco, *diabinha*. — mordo sua coxa direita e ela solta um de seus gemidinhos sexys. — Tão molhada! — exclamo, encarando sua boceta rosada que parece pingar de excitação. O clitóris inchado clama por atenção.

— Por favor, Gustavo. — pede. — Me coma logo.

É impossível não sorrir diante o seu desespero.

— Calma, *diabinha*. A presa é inimiga da perfeição. — provoco, mas

logo estou com a cabeça enterrada entre suas pernas, degustando da melhor iguaria de todo o universo.

Tão doce!

— Mmmm... Gustavo, mais forte. — instrui, levando suas mãos ao meu cabelo.

Intensifico as lambidas, acrescentando dois dedos em sua entrada apertadinha, que os engole com ganância.

— Ahhh...

— Isso, Liv. Geme *pra* mim. — peço, olhando fixamente o par de olhos castanhos a minha frente. — Você tem um gosto tão bom. — volto a chupá-la, como se eu dependesse do seu gozo para viver.

— Não para, Gustavo! Por favor, não para! — choraminga e eu sei que ela está perto de chegar ao clímax. Posso sentir suas parentes internas espremerem meus dedos.

Minha garota é sensível.

— Eu não vou parar, *baby*. Quero você gozando em minha boca. — desta vez intensifico o ritmo com o qual meus dedos entram e saem de sua boceta e logo sinto seu mel preencher minha boca, enquanto ela grita meu nome. Dou um leve beijo em sua boceta, depois de engolir cada gota de sua excitação, e espero seu corpo se recuperar do orgasmo que acaba de ter.

— Isso... isso foi incrível, Gustavo.

— Sim, isso foi. Naomi deve ter adorado ouvir os seus gritos. — brinco, mas ela leva a sério o meu comentário.

— Oh meu Deus! Eu gritei muito alto?

— Um pouco, mas eu gosto dos seus gritos. — beijo seus lábios. —

Fico feliz que tenha vindo.

— Fico feliz em ter vindo. — sorri.

— Tenho que pegar um voo em menos de quarenta e cinco minutos.
— falo, odiando ter que acabar o que mal começamos.

— Oh, então acho melhor eu ir embora. — diz ela, recolhendo sua saia do chão.

— Não quero que isso entre nós termine, Olivia. — solto. — Mas também não quero ter que dividi-la com Heitor. — esclareço.

— Ele é o meu marido, Gustavo.

Suas palavras não deveriam, mas, por alguma razão, machucam como o inferno.

— Eu sei, mas não posso continuar fazendo isso sabendo que ele também a toca. — faço uma careta ao imaginar Heitor e minha diabinha juntos.

— Eu não faço sexo com ele há meses, Gustavo. Eu sequer permiti que ele me beijasse desde que fiquei com você. — ela confessa, e uma parte de mim fica feliz em ouvir suas palavras.

— Então peça o divórcio. — sugiro.

— Eu... eu não posso, Gustavo. Não agora. Não antes de me vingar de Heitor.

E novamente a história da tal vingança.

— Achei que tivesse desistido dessa ideia maluca.

— Não comece, Gustavo. Heitor me traiu e merece pagar caro por me fazer de trouxa. — pulo do sofá com suas palavras, morrendo de raiva.

— Você também o traiu, Olivia. — recordo-a do fato que ela parece ter esquecido.

— Por favor, Gustavo, não compare os casos. Eles... eles são diferentes.

— Não, eles não são. E você sabe disso.

— Eu vou embora.

— Vai fugir de novo? — questiono em tom de deboche, incapaz de esconder minha raiva.

— Eu não estou fugindo, Gustavo.

— Não é o que parece. — rebato.

— Você é um idiota.

— Sim, o idiota para quem você acaba de abrir as pernas. — mal termino de falar e sinto outro tapa sendo desferido contra minha face, desta vez de despedida, uma vez que Olivia sai logo em seguida.

— Argh! — grito, atirando contra a parede o primeiro objeto que encontro, um porta lápis. — Inferno de diaba! — xingo, amaldiçoando o momento em que Olivia cruzou o meu caminho.

...

Dias depois...

...

— Quase uma semana neste hotel e você ainda não saiu para se divertir. — a voz de Alice ecoa pelo ambiente e quase reviro meus olhos.

— Eu vim a trabalho, não para me divertir. — respondo, sem tirar os olhos dos papéis que ocupam boa parte da mesa do restaurante.

— Eu só estava tentando ser uma boa anfitriã, não precisava ser grosso.

— Desculpe-me, não foi minha intenção ser grosseiro. — digo, sincero.

A verdade é que toda essa pilha de papéis e minha discussão de dias atrás com Olivia têm me tirado do sério.

— Se quiser posso ajudá-lo. Ainda sou muito boa com números. — ela oferece, e eu não recuso.

— Bem, ajuda nunca é demais. — sorrio em agradecimento e Alice aproxima sua cadeira da minha.

Em menos de uma hora ela foi capaz de resolver o que eu levei o quádruplo do tempo para tentar fazer.

— Pronto! — entrega-me os papéis e eu fico olhando-a como um idiota.

— Minha nossa! Eu nem sei como agradecer.

— Então é uma coisa boa que eu saiba como. — sorri.

— Derrame. — brinco.

— Quero que aproveite um pouco a viagem, Gustavo. Quero que saia comigo hoje à noite. — pede, ainda sorrindo.

— Alice, eu não...

— Por favor, Gustavo. Em nome dos velhos tempos. — ela coloca sua mão sobre a minha e eu acabo cedendo.

— Ok, você venceu. Esteja pronta às 20h em ponto.

— Certo, sr. Monteiro. — ela me surpreende com um selinho antes que eu tenha a chance de virar o rosto e, em seguida, sai como se nada tivesse acontecido.

— Ainda juntos? — sou surpreendido pela presença de um velho amigo.

— Matheus? — olho surpreso para o homem à minha frente, levantando-me para abraçá-lo.

— Gustavo Monteiro! — ele exclama, retribuindo o abraço.

— Eu nem acredito que está aqui, seu bastardo. Você sumiu pouco antes...

— De você pedir Alice em noivado. — completa com uma expressão triste, ou talvez eu tenha interpretado de forma errada. — Fico feliz em saber que vocês ainda estão juntos. — sorri.

— Oh, não. Rompemos há quase oito anos. Poucos meses depois que você foi embora. — esclareço.

— Desculpe-me, eu vi vocês dois se beijando e... Deixe para lá. Fale-me o que faz aqui.

— Bem, eu vim a trabalho. Mas e você? Está morando na cidade?

— Sim, mas voltarei para São Paulo até o final deste mês. — fala, e eu não posso deixar de ficar triste por saber que ele sequer deu notícias.

— Você deveria ter me procurado.

— Eu ia, só não sabia como chegar ao futuro governador de São Paulo. — brinca.

— Então você deveria lembrar que antes de ser candidato ao cargo de governador, eu sou seu amigo.

— Eu sei, sinto muito. É que tanta coisa aconteceu. — murmura, cabisbaixo. — Fui preso por porte de droga. — solta a bomba.

— Cristo, Matheus! O que diabos você tem na cabeça, homem? — pergunto sem esconder minha decepção.

— Cérebro. Só nunca aprendi a usá-lo. — brinca.

— Estou morrendo rir. Agora me diga o que você faz aqui.

— Peguei um bico de garçom. Dá para acreditar?

Não, não dá. Matheus havia se formando com louvor em medicina, era o melhor de sua turma.

— Eu fiz muita coisa errada, Gustavo. — ele diz, a voz embargada. — Coisas das quais não me orgulho.

— Eu poderia tê-lo ajudado.

— Não, não poderia. Ninguém poderia, na verdade. Mas agora, que paguei pelos erros que cometi, estou tentando reconstruir minha vida.

— Fico feliz.

— Gustavo, eu esqueci meu celul... — Alice para de falar ao notar a presença de Matheus.

— Olá, Alice. — ele a cumprimenta com um sorriso, enquanto ela devolve o gesto com um pequeno aceno de cabeça.

— Você viu o meu celular, Gustavo? — ela pergunta impaciente, como se quisesse fugir de alguém.

— Eu... eu acho melhor eu ir embora. Foi um prazer revê-lo, irmão.

Tchau, Alice. — Matheus se afasta da mesma forma com que veio.

— Você foi grossa com ele. — repreendo-a pelo seu comportamento.

— Eu não fui grossa com ele, Gustavo. Ele... Eu só não gosto dele e você sabe disso.

— Não, Alice, eu não sei. Matheus sempre a tratou com respeito, então não compreendo o porquê de abominá-lo desta forma. — solto, antes de recolher os papéis da mesa e voltar para o meu quarto.

...

Matheus

ERRAR

verbo

1. transitivo direto, transitivo indireto e intransitivo

incorrer em erro, em engano.

"errou todas as questões e foi reprovado"

2. transitivo direto

andar sem rumo certo; vaguear, percorrer.

"errou toda a Europa durante dois meses"

3. transitivo indireto

ant. causar ofensa; injuriar.

"errou aos avós"

4. intransitivo

fazer ou pensar algo que resulta em culpa.

"errou muito, mas depois se corrigiu"

Origem

⊙ ETIM lat. erro,as,āvi,ātum,āre 'vagar, andar sem destino, apartar-se do caminho, perder-se', donde fig. 'errar, cometer uma falta, enganar-se, hesitar, duvidar'

Dizem que errar é humano, então por que somos condenados por nossos erros mesmo depois de pagarmos por cada um deles? É difícil receber vários *nãos* por um erro cometido. É difícil olhar para trás e ver que tudo poderia ter sido diferente se você tivesse optado pelo caminho certo. Mas você fez a escolha errada, e a sociedade nunca te aceitará, tampouco as pessoas que um dia te amaram. Porque agora você é um objeto defeituoso, um ser desprezível, que merece viver sozinho até o dia de sua morte.

Olho para a garrafa de uísque barato em minhas mãos trêmulas e penso nas últimas palavras do homem que me criou:

"Você é igual a mim, Matheus, e terá um fim como o meu." — Foram essas as palavras que saíram de sua boca, pouco antes dele apertar o gatilho da arma e estourar os próprios miolos. *Lembro-me como se fosse hoje.* Depois disso eu nunca mais fui o mesmo e a profecia parece cada vez mais perto de se cumprir.

Hoje encontrei um velho amigo: Gustavo Monteiro. Ele parece bem, o que me deixa feliz, e ao mesmo tempo envergonhado. Feliz por ver o homem no qual ele se tornou e envergonhado por não ter metade de seu caráter. Gustavo sempre foi o melhor de nós dois, tanto é que Alice o escolheu a mim. Mas quem pode culpá-la depois de tudo o que fiz?

Batidas na porta despertam-me de meu devaneio e xingo baixinho a possibilidade de ser Samuel que veio cobrar-me os dois meses de aluguel atrasados.

— Um instante! — grito, escondendo a garrafa de uísque dentro de um armário caindo aos pedaços. As batidas continuam e, por alguns segundos, penso que irão colocar a porta abaixo. — Já vai, eu... — abro a porta e fico estático ao ver a figura a minha frente. — Alice? — balbucio, sem acreditar que ela realmente esteja aqui. — Você... Hã... Quer entrar? — pergunto, envergonhado, abrindo a porta e revelando o local onde vivo. Ela olha para o ambiente e, em seguida, me dá um olhar de pena.

— Eu... acho melhor não. — sua resposta me faz rir.

— Por quê? Não está a sua altura?

— Não coloque palavras em minha boca, Matheus. Mas, respondendo à sua pergunta, eu não estou acostumada a ver tanta pobreza em um só lugar. — o comentário maldoso é proferido com ar de superioridade.

Suas palavras me machucam tanto que algo em mim parece sangrar. A droga do meu coração.

— Então você deveria voltar para o castelo de onde veio. — rebato de forma rude.

— Oh, eu voltarei. Mas antes preciso lhe dar um aviso. Fique longe de mim e do Gustavo! — adverte-me. — Não quero vê-lo novamente.

Se ela soubesse o quanto dói ouvi-la dizer isso.

— Gustavo é meu amigo. — digo, firme, como se suas palavras não tivessem acabado de ferir-me ainda mais.

— Você não tem amigos, Matheus. — ela destila o seu veneno e me pergunto se esta é a mulher por quem me apaixonei. A garota com quem eu pretendia viver o resto da minha vida era doce, o oposto da mulher que agora me encara com repúdio.

— Você está diferente.

— Bem, você é o único responsável por minha mudança.

— Eu... Você não sabe o quão arrependido estou por tudo o que aconteceu, Alice. Eu sequer consigo dormir à noite.

— Arrependimento não trará o meu filho de volta, Matheus. Você o matou. — ela deixa uma lágrima escapar, seguida por outras, e é impossível não me sentir um monstro perante suas acusações e sofrimento.

— Eu sei, me desculpe. — peço quando minhas próprias lágrimas resolvem surgir. — Eu o amava. — sussurro entre soluços quando a imagem do nosso filho vem a minha mente.

— Não! — grita, distribuindo socos por todo o meu peito. — Você nunca o amou. Você foi um irresponsável. Você... Você matou o meu bebê e agora eu quero que você morra. Eu te odeio, Matheus. Eu odeio você, seu desgraçado! — continua desferindo golpes contra meu peito, e eu os recebo calado, sem protestar.

Ela está certa em tudo, menos em dizer que eu não o amava.

Eu o amo até hoje.

— Eu só pedi para que você cuidasse dele. Por que você não fez o que eu havia pedido, Matheus? Por quê? — chora copiosamente, e não penso muito antes de envolver meus braços ao redor de seu corpo frágil, em uma tentativa de levar sua dor embora. — Se você soubesse o quanto eu o odeio por isso.

Acredite, eu sei. Mas isso não diminui o amor que sinto por você, baby. — Penso, acariciando suas costas.

— Eu só queria o meu bebê de volta. — sussurra, suas lágrimas banhando minha camisa surrada. — Onde foi que erramos? — sou pego de surpresa por sua pergunta, e permaneço em silêncio, incapaz de encontrar

uma resposta para tal questionamento. — Em um momento nós éramos felizes, então no outro...

— Eu estraguei tudo. — completo, o coração apertado, ao mesmo tempo em que nossos olhos se conectam, ambos quebrados, feridos e repletos de mágoa.

— Eu... eu preciso ir embora. — ela tenta quebrar o contato entre nossos corpos, mas a impeço.

— Por favor, fique. — sussurro o pedido carregado de esperança.

— Eu não posso, Matheus.

— Só mais uma noite. Então será a última... Eu prometo. — solto a mesma mentira que ela costumava soltar na época em que namorava Gustavo e batia tarde da noite em minha porta, pedindo por algo que sabíamos que era errado, mas que não conseguíamos controlar. — Por favor, *baby*. — a súplica agora é feita a milímetros de seus lábios rosados.

— Nós não po...

Uso uma de minhas mãos para pegá-la pela nuca e cobrir sua boca com a minha, interrompendo o que ela estava prestes a dizer. Suas mãos empurram contra o meu peito enquanto enrolo meu punho em seu cabelo e aumento meu aperto, mas, em seguida, elas param quando lambo sobre a costura de seus lábios. Não leva sequer um segundo para o seu corpo suavizar no meu e a sua boca se abrir para a minha língua poder deslizar dentro.

Seu gosto continua o mesmo, senão melhor.

— Só mais uma noite. — sussurro contra sua boca, ofegante, ansiando por mais.

— A última. — diz, cedendo.

— A última. — repito a mentira, antes de fazê-la minha outra vez.

O mal da mentira, no entanto, é que no final alguém sempre acaba ferido.

09



Olivia

SAUDADE

substantivo feminino

1. sentimento melancólico devido ao afastamento de uma pessoa, uma coisa ou um lugar, ou à ausência de experiências prazerosas já vividas (freq. us. tb. no pl.).

"s. de uma amiga"

2. mús B certa cantiga entoada em alto-mar por marinheiros.

3. angios design. comum a várias plantas de diversas famílias, esp. da fam. das dipsacáceas e das compostas; saudades, suspiro, suspiros.

- angios erva de até 60 cm (*Scabiosa atropurpurea*) da fam. das dipsacáceas, com flores vistosas, roxas, rosas ou brancas, nativa da Europa e muito cultivada como ornamental; escabiosa, flor-de-viúva, saudades-roxas, suspiro-dos-jardins, viúva, viúvas.

- angios m.q. SAUDADES-ROXAS (*Scabiosa maritima*).

4. orn RJ (Itatiaia) m.q. ASSOBIADOR (*Tijuca atra*).

Origem

○ ETIM lat. solitas, ātis 'unidade, solidão, desamparo, retiro'

Como você pode sentir saudade de algo que sequer existiu? Venho me fazendo essa pergunta todos os dias desde minha discussão com Gustavo. Confesso que uma parte de mim mantinha a esperança de que ele ligaria – essa era a emocional –, já a racional sempre soube que eu estava errada e que ele merecia alguém que fosse capaz de se entregar por inteira. Alguém menos complicada e de preferência solteira.

É óbvio que pretendo me separar de Heitor, mas isso pode levar algum tempo e Gustavo não merece ficar com o papel de amante. Não, ele é perfeito demais para isso. Então por que, apesar de ter conhecimento de todos estes fatos, continuo desejando o seu toque e ansiando por suas

carícias? Por que não consigo arrancá-lo de meus pensamentos? Eu, infelizmente, não consigo encontrar respostas para nenhum destes questionamentos.

— De novo no mundo da lua? — Bella pergunta, arrancando-me de meus devaneios. — Sabe o que você deveria fazer? Chutar a bunda do Heitor e correr para os braços do Gustavo Gostoso Monteiro, antes que outra o faça.

— Não é tão simples assim, Bella. Eu preciso me vingar do Heitor primeiro.

— Certo, então essa vingança consiste em você se martirizando por não estar ao lado do homem que ama, enquanto o babaca do seu marido trepa com a secretária peituda. É isso mesmo, ou eu esqueci de mais algum detalhe? — ironiza.

— Eu não estou apaixonada por Gustavo. — esclareço.

— E eu não me chamo Isabella da Silva Araújo. — revira os olhos. — Por favor, Olivia. Está mais do que evidente que você não para de pensar nele.

— Desde quando pensar em alguém significa morrer de amores? — questiono.

— Desde quando esse alguém fodeu com seus miolos em um quarto de hotel e depois em seu escritório. — rebate.

— Fale baixo. — peço enquanto meus olhos vagueiam por todo o restaurante, certificando-me de que ninguém ouviu a conversa. — Eu não sei porque comentei isso com você. — bufo.

— Talvez porque eu seja sua melhor amiga e, pelo visto, a única capaz de raciocinar.

— Seu senso de humor está realmente incrível hoje.

— E o seu medo também. — devolve. — Olha, Olivia, eu não estou querendo bancar a *chatonilda*, ou algo do gênero, só estou tentando impedi-la de cometer a segunda maior burra de sua vida, uma vez que a primeira foi casar com Heitor. — faz careta ao mencionar o nome de meu "*querido*" marido.

— Eu agradeço sua preocupação, Bella, mas agora não há muito que eu possa fazer. Não acredito que Gustavo ainda queira me ver depois do nosso último encontro.

— Bem, só há uma maneira de saber?

— Qual?

— Ligue para ele e marque um novo encontro.

— Eu não vou ligar para ele, Bella. Muito menos marcar um encontro. Sem mencionar que seria arriscado demais continuar me encontrando com ele. — falo, convicta, como se o que ela acabara de propor não passasse de um absurdo.

— Por favor, amiga. Está estampado na sua cara, feito tatuagem, o quanto você quer vê-lo novamente.

Está tão evidente assim? — Penso em perguntar, mas me controlo.

— Hoje eu e minha filhota dormiremos na casa da minha avó. Se quiser, meu apartamento é todo seu. — de repente sua proposta parece tão tentadora. — Eu sei que você quer, Olivia. Então pare de enrolar e ligue logo para ele.

Antes que eu tenha a chance de sequer pensar a respeito, Bella empurra meu celular em minhas mãos.

— Eu vou ao banheiro, enquanto isso você liga para ele. — ela se levanta e sai.

Fico encarando o contato de Gustavo por alguns instantes, antes de, enfim, começar a digitar uma mensagem de texto. Sim, porque no momento não sei se tenho coragem o suficiente para falar com ele, mesmo desejando, desesperadamente, ouvir sua voz.

Eu

Será que podemos nos encontrar hoje?

Envio a mensagem e espero pela resposta, que demora pouco mais de cinco minutos.

Cretino

Boa tarde para a SENHORA também.

E, respondendo à sua pergunta, eu não acho que o seu MARIDO irá gostar.

Certo, essa eu mereci...

Eu

Por favor, Gustavo. Eu realmente preciso falar com você.

Cretino

E qual seria o teor da conversa?

Se o que quer é um brinquedinho, então
sugiro que procure outro.

Eu

Eu não quero um brinquedinho como
você acaba de insinuar. Pensei muito e estou
disposta a nos dar uma chance.

Penso seriamente em excluir a última mensagem, mas acabo
enviando-a. A resposta, desta vez, não poderia vir mais rápida.

Cretino

Porra, Liv! Isso é sério?
É só me dizer o local e a hora, diabinha.
Estarei lá ;)

Sorrio com sua mudança repentina de humor.

Observo Bella se aproximar e digito, de forma rápida, o endereço de
minha amiga, seguido do horário. Aperto em enviar e pronto. Agora é só
esperar e rezar para que tudo dê certo.

— Deixa eu adivinhar! Você não teve coragem de ligar e acabou
optando pela velha e boa mensagem de texto. — Bella fala com um sorriso
no rosto, retornando ao seu acento.

— Ele aceitou. — revelo, sem esconder minha felicidade.

— Pelo visto alguém irá transar hoje. — coro, não com suas palavras,
mas por imaginar Gustavo tomando-me em seus braços.

Ah, Gustavo, acho que você se tornou o meu vício.

...

Gustavo

Como político, aprendi que antes de tomar qualquer decisão é necessário primeiro analisar os prós e os contras. Agir por impulso, na maioria das vezes, pode ser o mesmo que colocar uma corda no pescoço. Então por que, apesar de ter conhecimento de todas as consequências, estou a um passo de cometer a maior loucura de toda a minha vida?

Por mais que minha consciência grite para que eu me afaste de Olivia, há uma força – ainda maior – que implora para que eu enfrente tudo e todos. Sei que posso estar cometendo uma grande burrada ao colocar em jogo não só minha carreira como também a imagem de Liv. Porém, a ideia de ficar sem ela me parece ainda pior. Não sei dizer se é amor, mas é algo intenso demais para simplesmente deixar ir.

Eu preciso de Olivia da mesma forma que necessito do ar para respirar, e isso me assusta. É algo aterrorizante, uma vez que nunca senti nada parecido.

Pergunto-me se a loucura é um dos sintomas do amor.

Respiro fundo, conto até dez e, enfim, toco a campainha do apartamento de Isabella. Sei que parece patético, mas é impossível controlar o nervosismo que toma conta de mim. Saber que Olivia será finalmente minha me deixa em êxtase.

— Oi. — a enorme porta de madeira é aberta e uma Olivia sorridente

faz o cumprimento.

Quero agarrá-la ali mesmo, mas controlo minha vontade, mesmo não a vendo a quase um mês. Antes de qualquer coisa é necessário ouvir de sua boca que realmente falara sério ao enviar a mensagem.

Da próxima vez em que eu fizer amor com Olivia, ela será oficialmente minha.

— Oi, você... Você está linda. — noto seu rosto corar com meu elogio e é impossível não me perguntar se ela sempre reagirá desta forma a mim.

Eu espero que sim. É fodidamente sexy a forma como seu rosto ruboriza.

— Obrigada.

Ah, minha doce Liv, se você soubesse o efeito que causa sobre mim.

— Não vai me convidar para entrar? — pergunto com um sorriso divertido nos lábios, revelando as covinhas que ela parece amar.

— Oh, meu Deus... É claro... Entre... Eu... Eu estou nervosa. — confessa.

De certa forma é reconfortante saber que não sou o único nervoso.

— Se isso a tranquiliza, eu também estou nervoso.

— Está? — questiona, incrédula, como se nervosismo e eu não combinassem na mesma frase.

— Estou, Liv. Você tem esse dom, sabe. Deixa-me nervoso, me fazendo parecer um *nerd* perante a líder de torcida sexy.

— E isso é bom ou ruim? — franze o cenho.

— Não sei. Ainda estou tentando descobrir. — dou de ombros,

fazendo-a sorri. — Preciso saber se estava falando sério quando mencionou que nos dará uma chance. — é a primeira coisa que falo quando entramos na luxuosa sala do apartamento de Isabella.

Olivia desvia o olhar e, por um segundo, penso que tudo não passou de um mero equívoco.

— Eu preciso saber a verdade, Liv. — insisto.

— Eu não brincaria com algo sério, Gustavo. — meu suspiro é quase que imediato.

— Então está disposta a esquecer e a abrir mão dessa maldita vingança? — a esperança em minha voz é bastante perceptível.

— Estou disposta a nos dar uma chance, quanto a tal vingança não posso prometer nada. — sua sinceridade deveria me deixar feliz, mas tem o feito reverso. Não quero que Olivia continue com essa ideia maluca fixa na cabeça.

— Olivia...

— Não, Gustavo! Não me peça para esquecer todo o mal que Heitor me fez. — interrompe-me. — Eu realmente sinto algo muito forte por você, mas não posso deixar que Heitor saia impune. — ela faz uma pausa enquanto aproxima seu corpo do meu. — Por favor, Gustavo. Não estou pedindo para que apoie ou aceite minha decisão, estou pedindo apenas para que a respeite. — enterra seu rosto na curva de meu pescoço, e meus braços, instintivamente, entrelaçam sua cintura de boneca.

— Não quero brigar. — dou-me por vencido.

É claro que não estou nada contente com sua decisão de prosseguir com essa maldita vingança. Porém, é algo que não cabe a mim. Olivia é uma mulher adulta e, como tal, tem o direito de fazer suas próprias escolhas.

— Bom, porque eu também não. — beija rapidamente meus lábios.
— Fiz macarrão com salsicha, seu preferido. — muda de assunto.

— E como chegou à conclusão de que este é o meu prato favorito?

— O "tio Google". — responde e não posso controlar a gargalhada.

— Andou stalkeando minha vida, loirinha?

— Talvez, sr. Senador. — a safada dá um leve tapinha em minha bunda. — Venha, ou a comida irá esfriar. — ela arrasta-me pela mão antes que eu tenha tempo de revidar a palmada.

— Então a Princesinha de São Paulo sabe cozinhar? Quem diria. — brinco, e acabo levando um beliscão. — Ai, Liv! Eu estava apenas brincando.

— Eu adoraria dizer que não sou apenas um rostinho bonito, mas a verdade é que tive a ajuda de Bella.

— Vejo que também não sabe o significado da palavra modéstia.

— Hahaha... Estou morrendo de rir. — revira os olhos. — Se continuar com suas gracinhas, ficará sem comer. — faz a ameaça.

— Isso é jogo sujo.

— Cada um joga com as armas que tem, senador. — morde o lábio inferior e quase me esqueço de que não posso levá-la para cama. Não agora.

...

Termino de ajudar Olivia com a louça e seguimos para o enorme sofá, onde a danada cismou que eu precisava assistir, segundo ela, o melhor filme de todo o universo: Diário de uma paixão.

— Você está diferente. — ela solta depois de alguns minutos.

— Diferente como? — mantenho meus olhos vidrados na tela, não que esteja gostando do filme, eu apenas não quero ter que encarar seu olhar de decepção.

— Sei lá. — dá de ombros. — Mal tocou em mim desde que chegou.

— Acredite, tudo o que eu mais quero é fazer amor com você, Liv. — aperto, ainda mais, meus braços ao redor de seu corpo.

— Então por que não faz? — questiona-me.

— Porque quero que esteja totalmente livre quando eu o fizer. — respondo.

— Eu já disse que irei pedir o divórcio ao Heitor, Gustavo. — contesta emburrada.

Céus, até chateada ela consegue ser linda.

— Eu sei, Liv. E você não imagina o quão feliz me sinto por isso.

— Não parece. — rebate igual criança.

É impossível não rir.

— Virei palhaça agora? — ela tenta se desvencilhar de meus braços, mas sua tentativa é em vão. — Me solta, Gustavo!

— Eu não vou discutir com você por bobagem, *diabinha*. — beijo seu pescoço e aos poucos vou amansando a pequena fera. — Entenda o meu lado, Liv. Quero você por inteira. — afrouxo o abraço, somente o suficiente para seu olhar encontrar o meu. — Prometo que quando levá-la novamente para cama, você subirá pelas paredes. — arranco-lhe um sorriso.

— Promete? — faz beicinho.

— Sim, *minha diabinha*. — beijo suavemente seus lábios.

— Gustavo. — ela quebra o beijo.

— Sim?

— Será que podemos dar uns amassos, ou isso também está fora de cogitação? — a safada exhibe um sorriso sapeca.

— É impressão minha ou a senhorita está querendo usar e abusar do meu corpinho sexy?

— Oh, acho que é só impressão sua, caro senador. Agora traga essa boca aqui. — sou puxado pelo colarinho de minha camisa, caindo sobre o seu corpo, enquanto uma Olivia esfomeada devora minha boca.

Pelo visto terei um sério caso de bolas azuis.

10



Bernardo

INVESTIGAR

verbo transitivo direto

seguir os vestígios, as pistas de.

- fazer diligências para descobrir (algo); inquirir, indagar.

"i. o motivo de um crime"

- procurar metódica e conscientemente descobrir (algo), através de exame e observação minuciosos; pesquisar.

"i. a causa de uma doença"

Origem

- ◉ ETIM lat. *investīgo,as,āvi,ātum,āre* 'id.'

Investigar a vida de Heitor está sendo mais difícil do que eu pensava. Para minha frustração, o desgraçado sabe esconder os próprios podres como ninguém.

Já faz quase dois meses desde que Olivia me procurou pedindo ajuda, e até agora não fui capaz de encontrar provas que o comprometam. No entanto, não sou um homem que desiste fácil.

— Bom dia, sou o assistente do deputado Bitencourt e gostaria de confirmar a reserva que foi feita em nome do mesmo. — ligo para a recepção do hotel no qual Heitor passa a maior parte de suas noites.

— Claro, a reserva está confirmada, senhor. — a recepcionista confirma.

— A suíte de sempre? — jogo verde esperando colher maduro.

— Exatamente, senhor. A suíte 76, como foi solicitada.

— Certo! Muito obrigada. — finalizo a chamada e espero meia hora antes de adentrar o luxuoso hotel.

— Bom dia, senhor. Em que posso ajudá-lo? — a morena por trás do balcão da recepção pergunta, sem tirar os olhos de mim.

— Bom dia. — dou a ela o meu melhor sorriso. — Sou o assistente do deputado Bitencourt, liguei há pouco mais de meia hora.

— Oh sim, claro. Houve algum problema?

— Nada muito sério. O senhor Bitencourt esqueceu alguns documentos importantes na suíte e pediu para que eu viesse pegá-los.

— Ah.

— Será que você poderia me fornecer o cartão de acesso ao quarto?

— Oh, sim. Mas antes preciso entrar em contato com o Sr. Bitencourt. — ela pega o telefone, certamente para contatá-lo.

— O sr. Bitencourt está no meio de uma reunião importante. Tenho certeza que ele não ficaria nada contente em ser interrompido por conta de uma bobagem. — coloco minha mão sobre a dela. — Eu só irei pegar os documentos, linda.

Se Nathalia me ouvisse chamando outra mulher de linda, eu com certeza seria um homem morto.

— Por favor, prometo que serei rápido. O Sr. Bitencourt é um homem exigente e não quero colocar o meu emprego em risco. Os medicamentos de minha mãe são tão caros. — apelo para o drama e a morena acaba cedendo.

— Eu não acredito que estou fazendo isso, mas é por uma causa nobre. — ela entrega-me o cartão.

— Muito obrigado. — pisco sedutoramente antes de seguir para o

elevador.

Hoje parece ser um daqueles dias de sorte.

Poucos minutos depois e estou em frente a tal suíte, o local onde pretendo encontrar algo que incrimine Heitor, ou alguma pista que me leve a algo mais "cabeludo".

Preparo-me para abrir a porta quando a mesma é aberta por um fantasma do passado.

Como isso é possível?

— Bernardo? — o rosto que costumar ser o meu raio de sol parece tão espantado quanto o meu.

— Sarah? — balbucio, incrédulo, incapaz de acreditar em meus próprios olhos. — Eu... eu não entendo. Eu vi o seu corpo no caixão. Eu chorei sua morte. Como... Como isso é possível. — dou um passo para trás, choque tomando conta de mim.

— Por favor, não se afaste. — ela pede. — Se você entrar eu posso explicar tudo. — ela se afasta para que eu possa entrar, mas hesito. — Por favor. — torna a pedi, e desta vez obedeço.

— Você não é a minha Sarah, é? — pergunto quando ela fecha a porta e volta a me encarar.

— Não, eu não sou a sua Sarah.

— Eu não entendo, vocês são...

— Gêmeas. Nós somos gêmeas.

Sou pego de surpresa por sua resposta, uma vez que a minha Sarah era filha única.

— A Sarah não tinha irmãos.

— Eu também achava que não os tivessem, mas isso foi antes de minha mãe confessar, alguns instantes antes de morrer, que eu tinha uma irmã gêmea que foi criada por meu pai biológico, o homem que minha mãe abandonou. — ela explica. — Eu sei que toda essa situação deve ser estranha para você, mas se você me der alguns minutos de seu tempo eu posso esclarecer suas dúvidas.

— Acho que você pode começar me contando como sabe quem eu sou? — resolvo ser direto, afinal, é estranho o fato de ela saber o meu nome quando, até minutos atrás, eu não sabia sequer que ela existia.

— Não se preocupe, eu irei responder a todos os seus questionamentos, mas antes preciso de um corpo de água. Você quer um pouco também? — ela pergunta enquanto se dirige ao frigobar, e eu assinto. — Aqui. — ela me estende um corpo com água, poucos segundos depois.

— Obrigado. — agradeço antes de beber todo o líquido de uma vez, na esperança de que a água posso me acalmar. — Você ainda não me disse o seu nome.

— Samantha. O meu nome é Samantha e eu adoraria conhecer um pouco mais sobre minha irmã. O que ela gostava de fazer? Ela preferia o frio ou o calor? Qual era a comida que ela mais amava?

E pelos próximos quarentas minutos falamos sobre Sarah e o quão perfeita ela era. Porém, em algum momento, entre uma conversa e outra, o quarto começou a girar.

— Não se preocupe, querido. Eu irei cuidar de você. — ouço Samantha murmura enquanto sinto minhas costas batendo contra o colchão da cama. Em questão de segundos o corpo dela está sobre o meu, tento

afastá-la, mas não tenho forças, tudo ao meu redor continua girando como se eu estivesse em um carrossel.

— O que... o que você está fazendo? — pergunto quando uma de suas mãos abre o zíper de minha calça.

— Eu estou apenas tomando de volta o que a vida, no caso minha irmãzinha morta, me roubou. — ela sorri. — Não se preocupe, querido. Você não lembrará de nada quando acordar.

...

Sinto minha cabeça latejar enquanto luto para abrir meus olhos. A sensação que tenho é a de que fui atropelado por um caminhão de bois. Quando finalmente consigo abrir meus olhos, eu desejara que nunca o tivesse o feito. O corpo nu ao lado do meu –também nu –, me faz querer vomitar.

— Mas que porra é essa? — grito, fazendo a mulher ao meu lado acordar. — O que raios você pensa que está fazendo nua ao meu lado? E por que diabos eu estou nu? — levanto-me da cama as presas, como se ela estivesse pegando fogo. Tateio meu jeans e o visto na velocidade da luz enquanto espero pela resposta de Samantha.

— Nós... nós dois fizemos sexo. Você não se lembra?

— Nós o quê? Você só pode estar louca. Nós estávamos conversando sobre sua irmã...

— Então você me disse o quanto eu o fazia lembrar dela e me beijou. — ela completa o que, em minha cabeça, ainda é um quadro em branco. — Uma coisa levou a outra e nós acabamos na cama.

— Isso... isso não pode ser verdade. — nego com a cabeça, incapaz de acreditar em suas palavras.

— Eu não acredito que você não lembra de nada o que aconteceu. — sua voz embarga. — Eu sou uma idiota mesmo. — ela chora, mas no momento estou mais preocupado em terminar de me vestir, encontrar o meu celular e dar o fora daqui.

— Por que o meu celular está desligado? — pergunto quando o encontro sobre o criado mudo.

— Bem, você foi o único a desligá-lo com a desculpa de que não queria ser interrompido enquanto afundava as bolas em mim.

— Isso é loucura.

— Interprete como quiser.

— Eu sou casado.

— Tarde demais para lembrar disso.

— Eu... eu vou dar o fora daqui. — solto, mas ela me puxa pelo braço.

— Eu sinto muito, Bê.

— Bernardo. — corrijo-a.

A única pessoa que pode me chamar de *Bê* é minha esposa, a mulher que, aparentemente, eu trai.

— Eu sinto muito, *Bernardo*. Eu não queria me comportar como uma cadela. Também lamento por não o ter parado. — ela se desculpa, mas não sei se acredito em suas palavras. — Por favor, pegue o meu endereço e o meu número de telefone antes de ir. — ela me estende uma folha de papel rabiscada. — Por favor. — torna a pedi quando hesito, e acabo colocando o

papel em meu bolso, desesperado para sair do quarto que me sufoca.

— Eu não irei procurá-la, tampouco quero que você me procure. —
deixo claro antes de sair. — Droga! — amaldiçoo quando entro no elevador e
ligo meu celular, apenas para me deparar com uma centena de ligações
perdidas e mensagens que revelam que minha vida jamais será a mesma:

Minha Pequena

Nossa filha está quase nascendo, Bê.

Preciso de você aqui comigo!

Minha Pequena

Amor, onde você está?

Minha Pequena

Bernardo, aconteceu alguma coisa? Eu estou ficando
preocupada.

Minha Pequena

Por favor, Bernardo, eu preciso de você...

Gustavo

Sua filha está nascendo, imbecil!

Onde diabos você enfiou esse seu rabo?

Gustavo

Sua esposa precisa de você, babaca!

Gustavo

*Eu não sei o que aconteceu com você,
mas juro que lhe darei uma surra se não
chegar a tempo.*

Céus! O que foi que eu fiz?

...

— Onde ela está? — pergunto ao meu amigo e cunhado, que me olha como se fosse me matar a qualquer momento.

— Onde raios você estava imbecil? Sua mulher estava morrendo de dor enquanto chamava por você. — Gustavo esbraveja furioso, não lhe tiro a razão.

— Eu descobri que a Sarah tem uma irmã gêmea. — solto as palavras, e se antes eu achava que ele queria me matar, agora tenho certeza.

— Como? — balança a cabeça, visivelmente confuso. — Espera! Você... Você não fez o que eu estou pensando que fez, certo? — pergunta, mas ao invés de responder sua pergunta eu abaixo a cabeça, envergonhado. — Filho da puta! — ele empurra-me. — Eu lhe avise para não fazer minha irmã sofrer, Bernardo. Eu lhe dei a porra do aviso! — encosta-me contra a parede branca do hospital. — Eu só não arrebento essa sua cara em respeito aos meus sobrinhos, coisa que você não tem.

— Eu amo os meus filhos, Gustavo, assim como amo a sua irmã.

— Ama tanto que perdeu o nascimento da sua filha caçula. — ele cospe e meu chão se abre.

— Ela... ela já nasceu? — lágrimas brotam de meus olhos.

— Sim. Elas estão no quarto 56. — ele rosna.

Não espero por outro sermão. Desvencilho-me do aperto de Gustavo e sigo para o quarto.

Preciso ver minhas meninas.

Abro a porta com cuidado e me deparo com uma Nathalia sorridente, segurando um pacotinho rosa nos braços.

Nossa Maria Julia.

— Oi. — quebro o silêncio, me aproximando das duas.

— O que está fazendo aqui, Bernardo? — o sorriso de minha esposa dá lugar a tristeza.

— Ela é linda. — mudo de assunto, e Nath vira o rosto para o outro lado. — Desculpe-me, *pequena*. Por favor, me desculpe. — quebro ali mesmo, em sua frente. Já não sou capaz de segurar as lágrimas.

— Onde você estava, Bernardo? — pergunta. — Onde? — insiste.

Não posso mentir para ela.

Eu simplesmente não posso!

— Eu... eu te trai, Nathalia. — as palavras saem em meio a soluços. — Por favor, *pequena*, me perdoe. Eu me sinto um lixo. Por favor, não me deixe. Por favor. — suplico-lhe.

— Sai daqui, Bernardo. — sou capaz de ver uma lágrima escorrer por sua face.

— Não, Nath, por favor!

— SAIA DAQUI, BERNARDO! EU TE ODEIO! — ela grita, e

Maria Julia começa a chorar.

— Está tudo bem, Nathalia? — Gustavo faz a pergunta, abrindo a porta de supetão.

— Tire esse homem daqui, Gustavo, por favor. — ela pede enquanto tenta acalmar nossa filha.

Eu sequer tive a oportunidade de pegá-la no colo.

— Por favor, pequena, eu te amo. — continuo com a súplica, mas é em vão.

— Eu quero que você vá para casa e retire todas as suas coisas de lá, Bernardo. Meu advogado dará entrada no pedido de divórcio. — suas palavras quebram meu coração.

— Não, *pequena*, nós iremos conversar e resolveremos isso. — continuo chorando. — Eu te amo tanto.

— Gustavo, por favor, leve ele daqui. — ela torna a pedi, e desta vez sou arrastado para longe da mulher que amo.

Eu não posso perdê-la.

Não posso perder minha família.

— Eu avisei para esquecer essa vingança, Bernardo, mas você não quis me ouvir. Parabéns por destruir a sua família.

E com essas palavras sou chutado, não só para fora do hospital, mas para fora da vida que batalhei para construir.

11



Olivia

CULPA

substantivo feminino

1. responsabilidade por dano, mal, desastre causado a outrem.

2. falta, delito, crime.

"grande é a c. de quem furta"

3. atitude ou ausência de atitude de que resulta, por ignorância ou descuido, dano, problema ou desastre para outrem.

jur no direito civil, falta contra o dever jurídico, cometida por ação ou omissão e proveniente de inadvertência ou descaso.

jur no direito penal, ato voluntário, proveniente de imperícia, imprudência ou negligência, de efeito lesivo ao direito de outrem.

4. fato, acontecimento de que resulta um outro fato ruim, nefasto; consequência, efeito.

"a inflação é c. da dolarização da economia"

5. consciência mais ou menos penosa de ter descumprido uma norma social e/ou um compromisso (afetivo, moral, institucional) assumido livremente.

Origem

⊙ ETIM lat. culpa, ae 'falta,

Nunca imaginei que o sentimento de culpa pudesse ser tão doloroso. Saber que, de certa forma, contribui para a desgraça de Bernardo e Nathalia faz com que eu me sinta um ser desprezível.

— Você deveria parar de se martirizar tanto. — Gustavo repreende-me como se estivesse lendo os meus pensamentos.

Estamos mais uma vez na casa da Bella, o local tornou-se nosso ponto de encontro.

— Você não...

— Não tenho culpa. — completo a frase com um revirar de olhos. — Eu sei que você vai continuar tentando convencer-me do contrário, Gustavo. Mas é impossível mandar essa sensação embora. Eu não deveria ter colocado Bernardo no meio dos meus problemas conjugais.

— Bernardo já estava no meio disso muito antes de você entrar, Liv. A história dele e Sarah é antiga, você não teve culpa. — beija o topo de minha cabeça.

— Como sua irmã está? — faço a mesma pergunta dos últimos cinco dias.

— Mal. — a resposta continua a mesma, o que me deixa triste. — Não fique assim, Liv.

— E como você espera que eu fique? Eu destruí o casamento da sua irmã, Gustavo. Nem sei como você consegue me olhar nos olhos. — levanto-me do sofá e sigo para a cozinha.

— Pela milésima vez, Olivia: Você. Não. Teve. Culpa. — pronuncia as palavras pausadamente. — Pare de se culpar! Você não obrigou o idiota de Bernardo a trair minha irmã. Ele fez porque quis e agora está arcando com as consequências.

— Não dá, Gustavo. Eu não consigo! Os dois eram tão felizes. — sou incapaz de controlar as lágrimas que insistem em cair.

— Shhh, *minha diabinha linda*. — seus braços envolvem meu corpo. — Eles irão se acertar com o passar do tempo.

— Você só está dizendo isso para que eu não me sinta uma merda ambulante.

— Não, estou dizendo isso porque é a verdade. — sorri. — Bernardo é um babaca que pisou feio na bola e, por mais que eu queira matá-lo, sei que ele daria a própria vida pela a de minha irmã e a das crianças. Ele não irá renunciar à família que construiu. Fique tranquila.

— E se Nathalia não o perdoar? — questiono.

— Ela o ama, Liv. Pode levar algum tempo, mas o perdão virá.

— Obrigada.

— E esse agradecimento seria exatamente por quê?

— Por ser o homem mais incrível do mundo.

— Bem, eu faço o que posso. No entanto, ser irresistível é algo natural em mim. — sorri, todo convencido.

— Nossa! Quanta modéstia em uma só pessoa. — brinco.

— Tenho mil e uma qualidades. Se quiser, posso mostrar algumas para você. — sugere com uma cara de safado, o que é o suficiente me deixar molhada.

— Eu adoraria. — aperto sua bunda.

— Então apresse os papéis do divórcio, *diabinha*. — sussurra as palavras em meu ouvido.

Gustavo continua com a ideia fixa de que só iremos fazer sexo depois que eu for oficialmente uma mulher livre – o que espero que seja logo. Já entrei com o pedido de divórcio e a qualquer momento Heitor estará com os papéis em mãos.

— Você é um cara mau.

— Eu só quero fazer as coisas da forma correta. — ele morde minha

bochecha. — Preciso ir. — anuncia, olhando para o *Rolex* em seu pulso.

— Precisa ser agora? — faço minha melhor cara de menina levada.

— Infelizmente sim. Tenho uma coletiva de imprensa marcada.

— Peço desculpas, esqueci-me que estou diante ao futuro governador de São Paulo. — arrumo sua gravata.

— Estou trabalhando para isso. Será que tenho o seu voto? — puxa-me pela cintura.

— Com certeza você o tem. — beijo seus lábios, mas quando a coisa começa a esquentar me afasto. — Agora vá trabalhar, homem. Temos uma eleição para vencer.

— Ligo para você mais tarde. — ele beija-me os lábios uma última vez antes de ir.

...

— Você vai entrar ou veio apenas ver o quão maravilhosa é a porta da casa de sua cunhada? — uma Bella impaciente pressiona-me.

— E se ela me colocar para fora?

— Bem, você só irá saber se entrar.

Queria ter a coragem e a cara de pau que minha melhor amiga possui. Porém, no momento, tudo o que tenho é culpa, medo e um pouco mais de culpa.

— Tudo bem, eu toco a campainha. — e antes que eu possa impedi-la, ela o faz.

— Por que você fez isso?

— Uma de nós tinha que fazer e, como você arregou, o trabalho ficou por minha conta.

— Olivia? — sou pega de surpresa ao me deparar com um Bernardo descabelado, com orelhas enormes abaixo dos olhos e barba por fazer. — O que vocês estão fazendo aqui?

— Hã... Nós... Hã...

— Olivia veio falar com sua mulher, ou seria ex? Bem, não sei como defini-la depois da burrada que você fez.

— Isabella! — repreendo a morena desbocada. — Desculpe-me, Bernardo. — peço, morta de vergonha pela falta de educação de Bella.

— Tudo bem, Olivia. Sua amiga tem razão.

— Eu não sabia que ainda estava morando aqui. — falo, meio sem jeito.

— Continuarei aqui até o final do mês, para que as crianças não sofram tanto com a separação. — explica com um olhar triste, tão diferente daquele Bernardo brincalhão que Gustavo descrevera.

— Eu sinto muito, Bernardo. Eu não deveria ter colocado seu casamento em risco. — solto as palavras para fora. — Por favor, me desculpe.

— Você não teve culpa, Olivia. Eu sou o único culpado por toda a desgraça que está acontecendo. — abaixa a cabeça. — Fui eu quem traiu a Nathalia, não você.

— Mesmo assim, sinto como se tivesse minha parcela de culpa. — confesso. — Eu não sei nada sobre a cadela da irmã de Sarah, mas prometo

ajudá-lo a reconquistar sua esposa.

— Nathalia me odeia, Olivia. Agradeço sua oferta, mas não há muito a ser feito. Eu errei e pagarei por isso. — abre um pouco mais a porta, dando passagem para que eu e Bella possamos entrar. — Ela está no segundo quarto.

— *Papa, fi-iz dodói.* — um garotinho entra na sala aos prantos.

Bernardo pega-o no colo enquanto analisa o machucado do filho.

— Calma, campeão. O papai vai dar um beijinho e logo, logo irá sarar. — beija a mãozinha gordinha do menino, que parece uma versão mirim de Bernardo. — Pronto! Agora diga olá para essas duas gatinhas, Nathan. — pede e ele o faz, todo envergonhado.

— *Oiá, gáticas.* — descansa a cabecinha no ombro de Bernardo.

A cena é tão linda que sinto meu peito apertar.

— Papai, Ben roubou de novo no jogo de tabuleiro. — desta vez são os gêmeos que adentram a sala.

Um mais lindo que o outro.

— Podem ir, irei resolver esse pequeno B.O. — ele diz, e Isabella empurra-me em direção as escadas, como sempre apresada.

— Bate logo na porta, ou eu o faço.

— Disso eu não duvido. — reviro meus olhos e dou duas leves batidas na porta do quarto da pequena Maria Julia.

— Pode entrar. — escuto a voz de Nathalia e benzo-me antes de entrar. — Olivia? Que surpresa! — exclama com um meio sorriso estampado no rosto, fazendo menção de se levantar, mas eu impeço-a:

— Continue sentada, não precisa se levantar. — sorrio ao ver o pacotinho rosa em seus braços.

Eita, que os genes de Bernardo e Nathalia são algo de outro mundo. Nunca vi tanta gente bonita em um só lugar.

— Desculpa vir sem avisar. Essa é a Isabella, minha melhor amiga. — faço as apresentações e em questões de minutos Bella começa a falar mais que um papagaio.

— Vocês querem algo? Um suco, café...

— Não, estamos bem. — respondo, olhando para o nada, a procura das palavras certas.

— Você está bem, Olivia? — Nathalia pergunta.

— Sim, eu só... Há algo que eu gostaria de falar, mas não sei como. Não quero que sinta raiva de mim. — sussurro, já temendo o pior.

— E porque eu iria sentir raiva de você. Se for por está namorando meu irmão, fique tranquila. Vocês merecem ser felizes. — sorri com sinceridade.

— Obrigada, fico feliz que apoie nosso relacionamento. Mas não é sobre isso que vim falar.

— Não? — enruga a testa.

— Eu... Eu vou ao banheiro. — Isabella nos deixa sozinhas, e eu agradeço-a mentalmente por isso.

— Eu... Você se lembra do nosso primeiro encontro?

— Sim, foi na sala do Bernardo. — faz uma careta ao mencionar o nome do marido.

— Eu fui procurá-lo para que ele pudesse me ajudar a desmascarar o Heitor. — começo.

— Como assim?

— Descobri que Heitor estava me traindo com sua secretária e queria acabar com sua imagem de bom moço revelando tudo à mídia.

— Por isso procurou, Bernardo. — deduz. — Só não entendo por que ele não quis me contar o teor do assunto.

— Eu, infelizmente, não posso falar o motivo que levou Bernardo a não contar tudo, porque isso é a história dele para contar. — respiro fundo antes de prosseguir. — Tudo que posso dizer é que, de certa forma, contribui para a separação de vocês.

— Como assim? Vocês...

— Não! Claro que não! Eu amo o seu irmão. — apresso-me em negar sua acusação e mal percebo a última frase que saiu de minha boca.

Eu amo, Gustavo!

— Eu não entendo.

— Tudo o que peço é que converse com Bernardo. Sei que traição é algo imperdoável e doloroso, mas Bernardo pode ser tão vítima quanto você.

— Olivia, agradeço sua preocupação, mas...

— Por favor, Nathalia, não estou pedindo que faça isso por mim. Faça isso pelos seus filhos e pelo amor que ainda sente por Bernardo.

— Ele me traiu, Olivia! Deixou-me sozinha enquanto eu sofria de dor. Perdeu o nascimento da própria filha. — agora lágrimas banham seu rosto. — Eu pensei que ele me amasse, sabe.

— E ele o faz. Pode até parece que não, mas ele a ama. Você não é a única que está sofrendo, Nathalia.

— Ele é o único culpado.

— Sim, ele errou, mas merece ser ouvido.

— Será que você ouviu Heitor?

Ok! Essa eu mereci.

— Heitor não me ama. Ele não me olha como Bernardo olha para você.

— Bernardo pode ser um ótimo ator.

— Então ele deveria ganhar um Oscar. — ironizo. — Bernardo ama a família que tem e não merece perdê-la, por mais imbecil que tenha sido.

— Acho melhor você ir embora, Olivia.

— Tudo bem, eu irei. Mas prometa-me que irá pensar no que falei.

— Não posso prometer nada. — acaricia o rostinho da filha, que dorme tranquilamente.

— Espero que você não se arrependa. — solto antes de sair.

...

São quase 20h da noite e espero ansiosamente por uma das mensagens de Gustavo.

— Que merda é essa, Olivia? — Heitor adentra meu quarto, furioso, jogando alguns papéis em cima da cama.

Sequer me dou ao trabalho de pegá-los, uma vez que já sei do que se

tratam.

— Um pedido de divórcio. — dou de ombros, indiferente ao seu showzinho.

— Você só pode estar brincando com minha cara. — leva as mãos à cabeça.

— Eu nunca estive tão certa em toda a minha vida, Heitor. Eu quero o divórcio. — digo, firme.

— Quem é ele? — sou puxada da cama por um Heitor possesso, que aperta meu braço com força.

— Você está me machucando, idiota! — tento me libertar de seu aperto.

— Ótimo, porque a intenção é essa. Agora você irá me dizer o nome do seu amante.

— A única coisa que posso dizer é que ele é um milhão de vezes melhor que você, tanto como pessoa quanto na cama. — cuspo as palavras antes de um tapa ser desferido contra minha face.

Heitor me bateu.

— Sua puta! — ele rosna ao me jogar no chão.

Antes que eu tenha a chance de levantar para me defender, socos e chutes são desferidos contra o meu corpo.

— VADIA! — ele grita ao mesmo tempo em que peço para que ele pare.

— Pare, Heitor. Por favor, pare! — peço enquanto tento me proteger de seus ataques.

— Eu irei acabar com você, Olivia. Você pagará o preço por ter me feito de idiota, sua vadiazinha de merda. — a ameaça em sua voz torna o meu medo ainda maior e, em um ato de total desespero, pego a primeira coisa que vejo – um jarro de vidro – e acerto a cabeça de Heitor com ele, que cai inconsciente.

Preciso sair daqui antes que ele acorde.

Arrasto-me até a cama e perco o meu celular.

— Amiga? Aconteceu alguma coisa? — Bella pergunta ao ouvir meu choro do outro lado da linha.

— Heitor me agrediu. Eu... Por favor, eu preciso sair daqui. — falo entre lágrimas.

— Filho da puta! — xinga. — Calma, Oli. Eu estou indo. Fique tranquila.

Bella desliga o telefone e rezo para que ela chegue logo.

Estou sangrando e sentido fortes dores abdominais.

Isso não é normal.

12



Olivia

VAZIO

adjetivo

1. que não contém nada (ou contém apenas ar) ou quase nada.

"copo v."

2. em que não há ou há poucos ocupantes ou frequentadores.

"um cinema v."

3. despovoado, desocupado, desabitado.

"os campos v. serão loteados"

4. p.ext. faltar, privado ou carente de algo.

"estou v. de boas ideias"

5. fig. a que falta fundamento, valor, substância; vão.

"um juramento v."

Origem

⊙ ETIM lat. *vacīvus*, a, um 'desocupado, vago, livre; desprovido'

A dor da perda é algo inexplicável e o vazio que me consome é simplesmente horrível, pior que os hematomas espalhados por meu corpo. As lágrimas vêm com facilidade, já não me preocupo em segurá-las. Não quando perdi uma parte de mim, uma parte que não voltará. Choro feito criança. Choro como nunca chorei na vida.

— Ele chegou. — Bella anuncia no instante em que um Gustavo desesperado adentra o quarto de hospital.

— Deus, Liv! O que aconteceu com você? — a preocupação em seu tom de voz faz com que meu choro se intensifique. — Calma, amor, eu estou aqui. Vai ficar tudo bem. — com cuidado, ele senta ao meu lado na cama e

dá-me o que eu tanto necessitava: o conforto de seu abraço.

— Eu vou deixá-los sozinhos para que possam conversar. — diz Bella, nos deixando a sós.

Gustavo mantém seus braços ao redor do meu corpo, e agradeço por ele não me fazer nenhuma pergunta, visto que ainda não me sinto preparada para falar. Não agora.

Dói tanto.

Só depois do que parece horas, sou capaz de formular a primeira frase.

— Nós o perdemos. — sussurro em meio ao mar de lágrimas.

— Do que está falando, amor?

— Heitor recebeu os papéis do divórcio. — começo.

— Foi ele quem fez isso com você? — noto seu corpo enrijecer e sua voz ganhar um tom raivoso.

Não consigo responder, sinto-me envergonhada, impotente. Tudo que faço é confirmar com a cabeça, enquanto imagens de Heitor me agredindo vêm à minha mente.

— Eu vou matar aquele desgraçado! — Gustavo rosna e sei que não está blefando. — Juro que ele irá pagar caro por isso, Liv. — deposita um beijo sobre o topo de minha cabeça.

— Ele... Nosso... Eu estava grávida, Gustavo. Eu sei que usamos proteção, mas... Eu não sei explicar, só sei que perdi o nosso bebê. Ele o matou. — soluço contra seu peito, agarrando-me ao tecido de sua camisa.

Por algum motivo, falar as palavras em voz alta torna a dor maior. Talvez porque seja difícil acreditar que isso de fato aconteceu.

— Ele... Eu... — agora é Gustavo quem chora. — Nosso bebê? — confirmo novamente, com um leve balançar de cabeça. — Oh meu Deus, Liv. — soluça. — Eu... Eu sinto tanto, amor. — abraça-me apertado e, por mais que meu corpo esteja machucado, não sinto dor física alguma, não quando os braços de Gustavo são o meu escudo.

— Irei denunciá-lo à polícia. — anuncio minha decisão de fazer justiça.

Heitor não ficará impune.

— Eu irei com você.

— Não. — nego. — Não quero que arrisque sua campanha. — digo, sentindo-me culpada por colocá-lo nesta situação. — Acho que... — procuro as palavras certas, se é que elas existem. — Talvez seja melhor que você se afaste de mim. — viro meu rosto para o lado oposto, incapaz de encarar seus olhos.

— Do que você está falando, Olivia? — seu tom firme clama por uma resposta.

— De nós, Gustavo. Do quanto sou um perigo para você. — volto a encará-lo, mas arrependo-me de ter o feito no momento em que vejo mágoa em seu olhar.

— Você não... Você não pode estar falando sério. — ele fecha os olhos, respirando fundo.

— Eu sei o quanto é importante essa campanha para você.

— Foda-se a porra dessa maldita campanha, Olivia! A mulher que eu amo foi agredida por um covarde que matou o meu filho. — suas últimas palavras saem duras, cheias de ódio. — Sério que você realmente acredita que estou preocupado com questões políticas? — questiona-me.

Os olhos dilatados e a respiração pesada são sinais claros do quanto ele se sentiu ofendido por minhas palavras.

— Eu só não quero que desista do seu sonho por minha causa. — confesso em um sussurro fraco.

— Você já parou para pensar que meu sonho envolva você, casamento e filhos? — sou pega de surpresa por suas palavras. — Eu acabei de dizer que amo você, Olivia. — suspira. — Se está ao seu lado significa perder o cargo de governador, como insiste em dizer, então foda-se! Ficarei feliz da mesma forma. — acaricia meus cabelos. — Entenda, Liv, não é um cargo que me trará felicidade. Minha felicidade é você. — ele encosta seus lábios nos meus, em um beijo tenro, que revela o desejo de um casal de amantes.

Neste momento, permito-nos a chance de sermos felizes.

Juntos.

— Eu também te amo.

...

— Você ficará comigo no meu apartamento. Não adianta discutir. — Gustavo parece meu pai falando.

Acabo de ser liberada pelo médico e tento, inutilmente, explicar a Gustavo que não irei com ele. Não que eu não queira, eu só tenho medo de estarmos apressando as coisas. Colocando a carroça frente aos bois.

— Nós já conversamos sobre isso, Gustavo. Eu ficarei na casa da Bella. — reafirmo minha decisão de instantes atrás.

— Você deveria parar com tamanha teimosia. — repreende-me.

— E você deveria aceitar um “*não*” como resposta. — devolvo.

— DR? Pelo visto cheguei na hora errada. — Isabella brinca ao entrar no quarto.

— Sua amiga é a única culpada. — Gustavo joga a batata quente em minhas mãos.

— Ele quer que eu vá morar com ele. — esclareço.

— Então vá.

— Você está me expulsando de seu apartamento antes mesmo de eu sequer me mudar para lá, é isso mesmo? — pergunto à amiga da onça.

— Menos, Liv. — ela revira os olhos. — Você sabe que ficarei feliz em recebê-la em meu humilde lar, mas talvez Gustavo tenha razão. — fala como se estivesse escondendo-me alguma coisa.

— Viu? Até Isabella sabe que tenho razão. — o desgraçado sorri vitorioso. — Você irá comigo e ponto final.

— Certo, Isabella Araújo, o que você está escondendo-me? — vou direto ao ponto. — E nem adianta dizer que não é nada porque a conheço perfeitamente bem. — não dou chances para uma possível mentira.

— Eu... Hã... — faz uma pausa antes de soltar a bomba: — Heitor ligou para meu celular, Olivia. Ele está a sua procura. Será questão de horas para que ele ou a imprensa descubra sua localização.

Ouvir o nome de Heitor provoca um arrepio ruim por todo o meu corpo.

— Eu irei à polícia, Bella. — tento não transparecer meus medos enquanto falo de minha decisão. — Assim que eu colocar meus pés fora deste

hospital, toda São Paulo terá conhecido do ser covarde e desprezível que o Heitor é. — digo, sem hesitar, e Gustavo aperta minha mão em um claro sinal de que estará comigo. Ao meu lado.

...

Gustavo

Presenciar a imagem de Olivia ferida em uma cama de hospital e receber a notícia de que perdemos um filho que, até então, não tínhamos conhecimento de sua existência, são acontecimentos dolorosos, que jamais serão esquecidos.

Só agora, enquanto Olivia narrar ao delegado às atrocidades que Heitor lhe fez, é que sou capaz de entender a sede de vingança que Bernardo nutriu ao longo dos anos. Pela primeira vez consigo compreender sua dor. Perder um filho vai além do que qualquer um possa imaginar.

— Eu realmente sinto muito pelo ocorrido srta. Albuquerque, mas fico feliz que tenha procurado a justiça. Infelizmente, a maioria das mulheres que sofrem de violência doméstica ainda sente certo receio em denunciar seus parceiros. — lamenta.

— Heitor merece ser preso. — o tom de voz raivoso de Olivia é algo novo.

— E irá. — o delegado assegura-lhe. — Entrarei, neste exato momento, com um pedido de prisão preventiva. O sr. Bitencourt receberá a visita de alguns de meus homens ainda hoje.

— Obrigado, delegado. — agradeço.

— O senhor não precisa agradecer, só estou fazendo o meu trabalho.

— Será que eu já posso ir embora? — Olivia pergunta, visivelmente cansada.

— Claro, srta. Albuquerque. Mantereí a senhorita informada sobre qualquer novidade no caso. Tenham uma boa tarde.

— O senhor também. — nos despedimos e seguimos para casa.

...

— Chegamos, Bela Adormecida. — sussurro as palavras para uma Olivia sonolenta, que dorme feito um anjo no banco do meu Jaguar.

— Deixe-me dormir, Gustavo! — resmunga de olhos fechados.

É impossível não rir diante sua pose de gatinha manhosa.

— Certo! Acho que terei que levá-la no colo. — constato o óbvio.

Com o máximo de cuidado possível, saio do carro, abro a porta do passageiro e pego-a em meus braços. Em questões de segundos tenho seus braços ao redor de meu pescoço e sua cabeça aninhada em meu peito.

— Você cheira bem. — sussurra, grogue de sono.

— Obrigado. — sorrio. — Você também tem um ótimo cheiro, minha diabinha.

— Gosto quando me chama de *diabinha*. — confessa em sua embriaguez sonífera. — Queria ter sido capaz de salvar nosso bebê. — sua mudança drástica de assunto vem presidida por lágrimas.

Dói tanto vê-la sofrer.

— Você não teve culpa, Liv. — beijo-lhe a testa.

— Eu enfrentei o Heitor, disse a ele que eu tinha um outro alguém. Alguém melhor que ele na cama. — funga. — Sem querer acabei dando munição para seu ataque de fúria.

— Isso não justifica o fato dele dê-la agredido, Olivia. Nada justifica.

— Você é tão perfeito, Gustavo. — acaricia-me a face. — Não quero que me odeie.

— Eu não o farei. — tranquilizo-a.

— Promete? — ela olha em meus olhos, como se precisasse ter certeza de que não estou mentindo.

— Prometo. — confirmo e logo ela volta a dormir. — Eu irei protegê-la, *diabinha*.

...

— Você ficou louco, Gustavo! Como você traz a esposa do inimigo para o seu próprio lar? — Samuel anda de um lado para o outro de minha sala de estar, nas mãos uma revista de fofoca. — Você tem noção da repercussão que isso está tomando? — questiona-me. — Heitor foi preso ontem à noite, a imprensa já está ciente de todo o escândalo.

Uma parte de mim fica feliz por saber que Heitor está atrás das grades, porém, a outra parte se sente mal, uma vez que Olivia será colocada na mira de jornalistas inescrupulosos, incapazes de respeitar sua dor.

— Se o que quer é se relacionar com essa mulherzinha, ótimo! Mas faça isso por baixo dos panos, ao menos até que a campanha termine e você

seja eleito. — sugere, como se essa fosse a solução para todos os "*problemas*".

— Primeiro, eu estou pouco me fudendo para essa campanha. Segundo, Olivia é a mulher que amo, nós acabamos de perder um filho e não irei abandoná-la somente porque minha carreira política está em jogo. — esclareço os fatos.

— Essa mulher está fazendo sua cabeça, Gustavo. Será que você não percebe?

— A única coisa que consigo perceber, com clareza, é o quão egoísta você é. — cuspo as palavras para fora. O pouco de paciência que me restava acaba de se esvaír. — Achei que antes de meu agente você fosse meu amigo.

— Da forma como fala pareço o vilão da história. — debocha. — Eu só estou pensando no melhor para você, Gustavo.

— Então compreenda que não irei afastar-me de Olivia. Eu a amo, Samuel.

— Certo. — suspira, pesadamente. — Você já é grandinho, sabe o que faz. Só espero que não esteja jogando seu sonho no lixo. — ele arremessa a revista sobre o sofá. — Você tem um comício neste final de semana. Esteja preparado para o que está por vir. — alerta-me e sai da mesma forma que chegou: de repente.

Sento-me no sofá com a cabeça entre as mãos, tentando processar o que acaba de acontecer.

— Ele tem razão. — sou pego de surpresa pela voz angelical de Olivia.

— Não. Ele está errado. — contesto a morena vestida em uma de minhas camisas. — Venha aqui, bebê. — chamo-a.

— Não quero lhe causar problemas, Gustavo. — acomoda-se em meu colo.

— E não irá. — beijo-lhe os lábios.

— Seu amigo parece não concordar muito com essa sua afirmação. — ela revira os olhos ao mencionar o babaca de Samuel.

— Acredite, ele é um bom amigo, mesmo sendo um idiota na maior parte do tempo. — brinco, arrancando um sorriso de seus lábios rosados. — Dormiu bem? — apresso-me em mudar de assunto.

— Não muito. — responde com um olhar de pesar. — Sonhei com ele.

— Com Heitor?

— Não, com o nosso filho. Ele era tão lindo, Gustavo. — seus olhos lacrimejam e sua voz torna-se embargada.

— Tenho certeza que sim, afinal, estamos falando do nosso filho. — sorrio, em uma tentativa de quebrar o clima pesado que se formou.

— Sinto como se estivesse faltando um pedaço de mim.

— Li que a sensação de vazio é normal, mas que passará aos poucos.

— Quando leu isso?

— Ontem, depois que você dormiu. — confesso.

— Você não existe, sr. Monteiro.

— Não só existo como, também, sou todo seu. — saboreio seus lábios mais uma vez. — Está com fome?

— Não.

— Bem, com fome ou não, eu estou alimentando-a. — levanto-a de

meu colo para que eu possa preparar o café da manhã. — Escolha o que quer comer, e eu o farei.

— Pode ser qualquer coisa. — ela dá de ombros. — Não sou fresca com comida.

— Certo, então irei preparar algo leve, que esteja dentro do cardápio que o médico receitou. — lembro-me das indicações médicas. — Enquanto isso, você ficará deitadinha neste sofá, esperando seu banquete ficar pronto.

— Quero ajudá-lo. — faz beicinho.

— Você não pode fazer esforço, Olivia.

— Por favor, Gustavo, não me trate como uma inválida.

— Você precisa descansar, amor.

— Eu não irei morrer se fizer o meu próprio café da manhã. — bufa com um rolar de olhos.

— Tudo bem. Você venceu, diabinha teimosa. — desisto, uma vez que sei que ela ganharia de qualquer forma.

— Perfeito! Agora me diga o que eu preciso fazer. — pede.

— Achei que soubesse cozinhar. — arqueio uma de minhas sobrancelhas.

— Eu nunca disse que sabia. Falei que queria ajudar, não que sou uma *másterchef* da vida. — Olivia e sua boca esperta.

— Então a senhorita nunca fritou um ovo?

— Digamos que fui privada de certos prazeres. — admite, sem muita emoção.

— Oh! — exclamo. — Então acho que terei que ensinar a você tudo o

que eu sei. — puxo-a pela cintura, tomando o cuidado de não machucá-la.

— Acho que sim, sr. Monteiro. Contudo, para a sua sorte, sou uma ótima aluna. — sussurra a última frase em meu ouvido de forma provocante.

— Não brinque comigo, Olivia. — advirto-a, principalmente porque as atividades sexuais estão restritas até segunda ordem.

— Você é o único com a mente poluída, caro senador. — morde o lábio inferior, o que me faz praguejar baixinho e me ajustar em meu jeans. — Agora mova esse seu traseiro gostoso, homem!

13



Gustavo

INJUSTIÇA

substantivo feminino

1. ausência de justiça.
2. violação do(s) direito(s) de outrem.
3. ato ou decisão contrária à justiça.

"cometer i."

Origem

◉ ETIM lat. injustit̃ia, ae 'injustiça, severidade, excesso de rigor'

A injustiça que assola o mundo é algo alarmante e a revolta é apenas a pontinha do iceberg. A raiva que sinto é algo inexplicável. Saber que Heitor foi liberado após pagar fiança deixa-me em um estado de fúria fora do comum.

Como? Como isso é possível? Até quando o status social falará mais alto que um crime cometido?

Eu simplesmente não consigo compreender essa tal "*justiça*" que a lei dos homens diz exercer.

— Você deveria se acalmar. — Samuel sugere, logo após me dá a tal notícia.

— Como se fosse possível. — não faço esforço algum para mascarar a raiva em meu tom de voz. — Eu quero matá-lo, Samuel.

— Ele ainda irá a julgamento.

— No entanto, mesmo assim, foi liberado depois de agredir a ex-mulher. — replico. — Eu... eu preciso ir para casa.

— Você acabou de chegar, Gustavo. Sem mencionar o fato de que tem uma coletiva de imprensa marcada.

— Então cancele-a. — pego minha pasta sobre a mesa. — Não quero que Olivia esteja sozinha ao receber a notícia.

Isto é, se ela já não recebeu uma ligação do delegado para informar o ocorrido. Ademais, será questão de horas para que a imprensa divulgue a mais nova "informação". — Penso.

— Certo, mas não posso adiá-la por mais tempo. Você precisa se pronunciar a respeito dos acontecimentos que se sucederam ao longo desta última semana. As pessoas querem saber tudo sobre sua *"história de amor"* com Olivia.

— Então elas continuarão querendo. Meu dever como político é atender as necessidades da população, não expor minha vida pessoal nos tabloides de fofocas.

— Mas seus eleitores querem...

— Meus eleitores deveriam estar preocupados com minhas propostas eleitorais e com o que tenho feito em meu mandato. Afinal, é isso o que realmente importa. — esclareço, antes de sair.

— O senhor já vai? — Naomi questiona.

— Sim. — respondo. — Por favor, desmarque todos os meus compromissos de hoje e remarque-os para outro dia. — peço.

— Sim, senhor. Tenha um bom dia.

— Você também.

...

Olivia

Olho para o apartamento arrumado e fico feliz pelo trabalho que fiz, não que houvesse muita coisa para arrumar, Gustavo consegue ser mais organizado que eu.

Jogo-me no sofá e suspiro de tédio. É tão chato ficar em casa sem Gustavo.

Penso em mandar uma mensagem de texto perguntando se ele virá almoçar comigo, mas logo lembro que hoje é o seu primeiro dia de trabalho depois do episódio ocorrido. Por fim, opto por controlar meu desejo de vê-lo, ao menos até à noite.

— É isso, Olivia. Nada de importuná-lo feito criança carente. — digo a mim mesma no exato instante em que escuto a campainha tocar.

Será ele?

Alegro-me com a possibilidade.

Óbvio que não, Olivia. Afinal, por que ele tocaria a campainha da própria casa? — Meu subconsciente resolve dissipar minha esperança.

Mesmo assim coloco um sorriso no rosto e abro a porta.

— Mãe? — encaro a mulher bem vestida à minha frente, ainda sem acreditar que ela realmente esteja aqui.

— Avental, Olivia?! — repreende-me.

Ela não pergunta como estou, apenas repreende-me.

— Eu estava limpando a casa. — explico e ela começa a rir, como se acabasse de ouvir uma piada.

— Então quer dizer que você virou a empregada? É nisso que dá trocar um bom partido como Heitor por alguém que veio do sertão. — suas últimas palavras são mais dolorosas que as primeiras.

— O que veio fazer aqui?

— Como o que eu vim fazer aqui?! Não é óbvio? Vim buscá-la. Heitor está disposto a perdoá-la. Agradeça a Deus pelo marido que tem, não é qualquer um que aceita uma traição.

— Como... como a senhora pode falar isso? Heitor me agrediu. Ele me bateu, mãe. — mostro as marcas espalhadas por algumas regiões do meu corpo, e ela nem ao menos tenta esconder sua cara de nojo. — Eu perdi meu filho. Heitor matou o meu bebê. — já não controlo as lágrimas.

É sempre doloroso lembrar que uma importante parte de mim se foi por culpa de um verme, um monstro incapaz de amar.

— Nada disso teria acontecido se você não tivesse se envolvido com aquele *senadorzinho*.

— Como se Heitor fosse fiel a mim. — rebato.

— Heitor é homem, Olivia, tem suas necessidades. Talvez, se você o satisfizesse, ele não tivesse procurado outra. — ela fala como se eu fosse a única culpada. — Eu sou sua mãe, querida, quero o melhor para você.

— Claro, porque o melhor para uma filha é sofrer ao lado de um monstro abusivo.

— Certo, Heitor errou, mas você também não ficou atrás. Por isso, enxugue esse rosto e vamos para casa. Seu marido a espera. — sou pega de surpresa pela última frase.

Isso não pode ser verdade.

— Eu... Heitor foi...

— Sim. Ele foi liberado e você irá retirar a queixa que vez contra seu marido e pedir a anulação do divórcio.

— ELE NÃO É MAIS O MEU MARIDO! — grito em meio a uma explosão interna e externa de raiva. — HEITOR É UM MONSTRO!

— Pare de gritar, Olivia! Você está parecendo uma louca descontrolada.

— SAIA! SAIA DA MINHA CASA AGORA! — empurro-a, fecho a porta e corro para o sofá, onde me encolho feito uma criança.

...

Gustavo

Confesso que estava receoso com a possibilidade de que Olivia já tivesse conhecimento da libertação de Heitor. No entanto, nada havia me preparado para a seguinte cena: minha Liv chorando feito criança, seu corpo encolhido no sofá e seus soluços incessantes preenchendo todo o ambiente.

Parte-me o coração vê-la sofrer desta forma.

A passos rápidos, caminho em sua direção. Pego-a no colo e a levo para o nosso quarto. Não pergunto nada, apenas deito-a sobre a cama e, logo após, me junto a ela. Sua cabeça apoiada em meu peito, meus braços ao redor de seu corpo frágil e suas lágrimas banhando minha camisa.

O meu desejo de levar para longe toda a sua dor se intensifica.

— Eu estou aqui, amor. Vai ficar tudo bem. — sussurro as palavras

enquanto beijo o topo de sua cabeça.

— Ela... Ela... Oh, Gustavo. Eu me sinto tão mal.

— Shh, querida. Você não precisa explicar nada agora. — abraço-a ainda mais forte. — Eu estou aqui, Liv. Eu estou aqui. — sussurro repetidamente as palavras em seu ouvido até que sua crise de choro dê lugar à serenidade do sono.

Olho-a dormir e pergunto-me o que a deixou tão transtornada, se seria apenas a notícia de que Heitor fora solto ou se havia algo a mais por trás de suas lágrimas. Seja lá o que tenha acontecido, eu irei descobrir. Mas, enquanto isso não acontece, velo o seu sono, desejando poder protegê-la de toda dor e sofrimento.

Ah, minha diabinha linda, você não faz ideia do quanto eu a amo.

...

— GUSTAVO! — o grito desesperado de Olivia faz com que eu corra da cozinha em direção ao nosso quarto.

Encontro-a se debatendo na cama, ainda dormindo, provavelmente presa a algum pesadelo.

— Hey, amor, acorde! — sussurro o pedido em seu ouvido, abraçando-a de forma protetora.

— Gustavo? — seus lindos olhos castanhos, enfim, se abrem. — Eu... Você... Heitor. Ele matou você... Por minha culpa... Ele matou você. — ela chora, agarrando-se a mim, como que para ter certeza de que de fato estou ali, ao seu lado.

— Calma, amor. Foi só um sonho ruim. Eu estou aqui com você, sempre estarei. — beijo-lhe os lábios suavemente.

— Promete?

— Prometo.

— Parecia tão real. — faz referência ao pesadelo. — Você estava comigo e então... — funga. — Depois estava caído no chão, seu corpo repleto de sangue, enquanto Heitor sorria. Deus, Gustavo! Foi horrível a sensação de perdê-lo... Eu... eu não quero mais pensar nisso. — ela balança a cabeça, como se o movimento fosse apagar a cena de sua memória.

— Então não pense, amor. — aperto-a contra mim. — Eu estou aqui com você e irei lhe preparar um almoço maravilhoso. Modéstia à parte, eu sou um ótimo cozinheiro. — brinco, arrancando-lhe um pequeno sorriso.

— Você é perfeito demais para mim. — descansa uma de suas mãos em meu rosto. — Eu te amo, Antonio Gustavo Monteiro.

— Eu também amo você, Olivia de Albuquerque Matos.

...

— Por favor, Gustavo, esqueça essa ideia maluca de ir falar com minha mãe. — Olivia pede, pela vigésima vez, enquanto anda de um lado para o outro da sala de estar.

— Ela... Porra, Olivia! Ela vem até nossa casa, destrata a minha mulher, e você realmente espera que eu fique quieto? — por mais que eu tente, é impossível controlar o sentimento de raiva que me domina. Não após saber que a mulher que trouxe minha Liv ao mundo é uma verdadeira vaca.

— Eu não ligo para o que ela disse, Gustavo.

— Não, é claro que não. É por não dar a mínima que estava chorando quando cheguei. — deixo escapar as palavras em meio a minha crise de raiva.

— Pense como quiser. — ela cospe, visivelmente magoada. — Quer ir falar com ela? Então vá! — rosna, antes de sair pisando duro em direção ao nosso quarto.

— Droga! — praguejo, indo atrás dela.

— Eu só queria que as pessoas parassem de me tratar como uma criança. — ela murmura as palavras assim que entro no quarto. — Minha mãe pensa que ainda pode mandar em mim, meu pai mal lembra que eu existo, Heitor pensa que é o meu dono e você que deve me proteger de tudo e de todos. — faz uma pausa. — Sabe, Gustavo, por mais que eu ame seu instinto protetor, eu também preciso lutar minhas próprias batalhas.

— Eu só não quero vê-la sofrer.

— Eu sei, amor. — descansa suas mãos em meu peito. — Mas sofrer é algo inevitável.

— Certo. Você tem razão. Prometo que não irei até a casa de seus pais e dizer a sua mãe o quanto ela é mesquinha e nojenta. Tampouco ameaçá-la caso ela volte a pensar em procurar minha namorada para fazê-la sofrer.

— Namorada? — Olivia questiona com um sorrisinho no rosto. — Engraçado, não me lembro de ter sido pedida em namoro, sr. Monteiro.

— Sério? Tem certeza que eu não fiz o pedido? — finjo incredulidade.

— Sim, acho que eu lembraria se fosse pedida em namoro por um

homem tão sexy. — pisca.

— Você me acha sexy, diabinha? — sorrio.

— Você está tentando mudar de assunto, sr. Senador?

— E perder a oportunidade de ouvir você gritando sim? Nem pensar.
— brinco. — Olivia, será que você aceitaria namorar o cara mais sexy de todo o mundo?

— Espera! O William Levy irá me pedir em namoro?

— Estou morrendo de rir, engraçadinha. — fecho a cara perante seu comentário desnecessário.

— Desculpa, amor. É que você falou o cara mais sexy do mundo.

— Isso não é engraçado, Olivia. — bufo. — Espero que esteja feliz em estragar meu pedido de namoro. — cruzo os braços.

— Eu só estava brincando, amor. Você é muito mais sexy que o gato do William Levy. É óbvio que eu aceito ser sua namorada. Agora venha aqui e me dê um de seus beijos quentes, homem. — pede.

— Só depois que você reformular seu discurso e tirar a palavra gato antes do nome daquele *atorzinho*.

— Certo. Você é o único cara sexy, gato e gostoso que já existiu. Melhor assim?

— Muito melhor. — puxo-a para mim, saboreando o gosto de seus lábios macios.

— Não sabia desse seu lado ciumento.

— Eu também não. — admito, antes de voltar a beijar-lhe os lábios.

...

Olivia

Depois de ser pedida em namoro, Gustavo achou que seria uma boa ideia comemorarmos com um jantar romântico.

— Você está linda. — meu namorado me faz o elogio.

— Obrigada. — agradeço, um pouco sem graça. — Você também está lindo.

Gustavo veste um look mais casual que o deixa ainda mais sexy.

— Tem certeza que não quer pedir uma pizza e assistir a um filme? — pergunto.

— Não precisa ter medo, Liv. Eu estarei ao seu lado.

— Mas as pessoas ficarão olhando, os fotógrafos...

— Fodam-se todos eles. Nós somos namorados e, como qualquer casal, temos o direito de nos divertimos sem que para isso seja necessário ficarmos trancados em casa.

— Mas...

— Sem "*mas*", Olivia. Desta forma, irei deduzir que tem vergonha de mim.

— Não! Claro que não! — apresso-me em negar sua acusação.

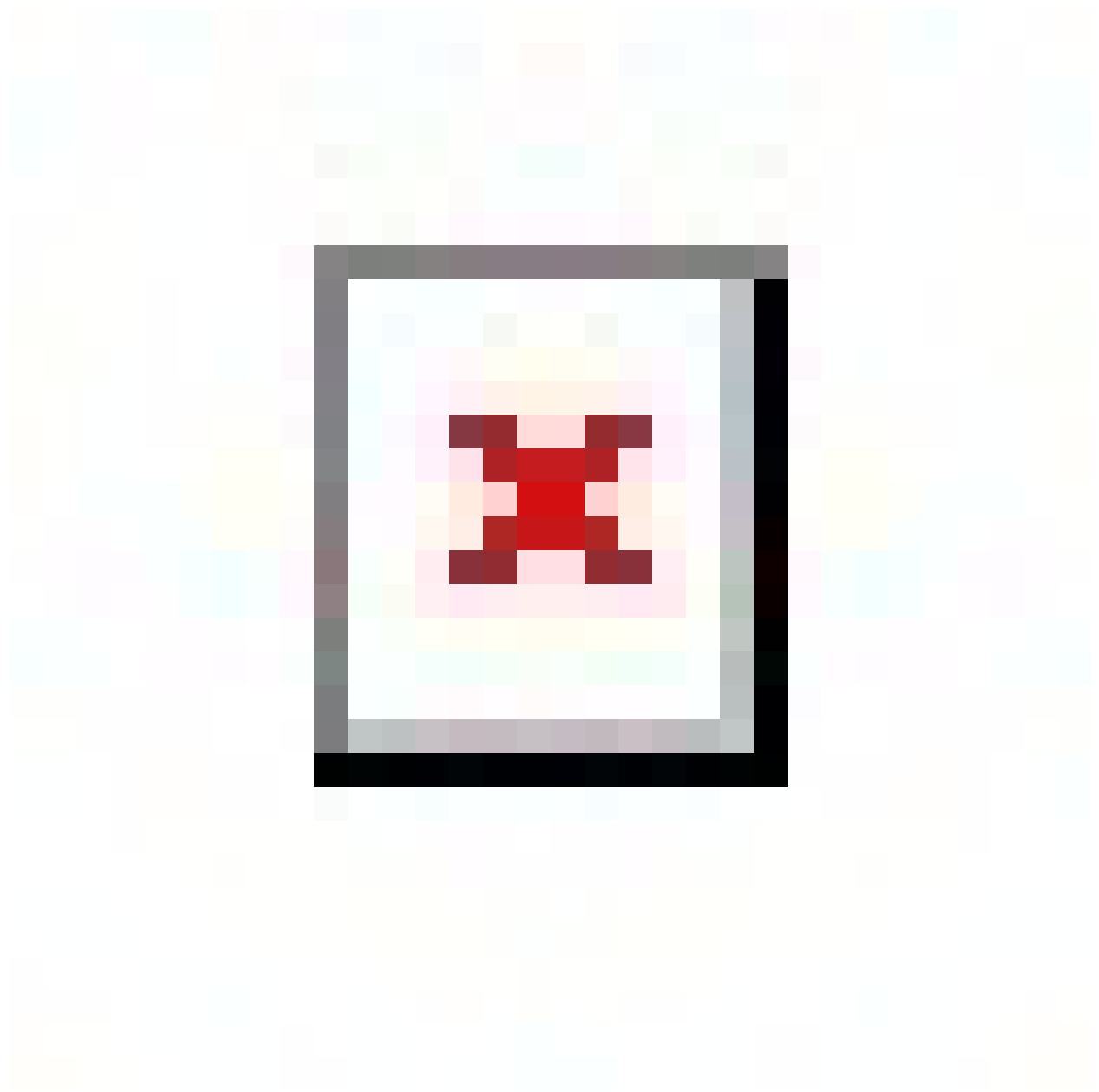
— Então não vejo motivo algum para não sairmos um pouco.

— Isso não prejudicará sua campanha? — não consigo evitar a pergunta.

— Quando você irá entender que para mim nada neste mundo é mais importante que você e minha família? Diga-me, o que preciso fazer para que você entenda de uma vez por todas que eu a amo? Diga-me e eu o farei. — seu olhar de dor faz com que eu me sinta culpada por duvidar de seus sentimentos.

— Desculpa. — peço em um sussurro, abraçando-o apertado. — Eu só tenho medo. Medo de que você perceba o problema ambulante que eu sou.

— Engraçado, porque quando olho para você não vejo problema algum. Eu só consigo enxergar o amor.



Olivia

INSEGURANÇA

substantivo feminino

1. ausência de segurança; periculosidade.

"a i. das grandes cidades"

2. sensação ou sentimento de não estar protegido, seguro.

"o desemprego generalizado causa i."

3. falta de confiança em si mesmo, em suas próprias qualidades ou capacidades.

"ele demonstra muita i. ao falar"

Origem

⊙ ETIM in- + segurança

Por mais que me esforce, não consigo evitar a sensação de insegurança que se apodera de meu corpo e mente quando entramos pelas enormes portas do luxuoso restaurante escolhido por Gustavo.

Posso sentir os olhares curiosos sobre mim e isso me incomoda mais do que imaginei. Fico me perguntando se consegui esconder com maquiagem todos os hematomas em meu rosto.

— Está tudo bem? — Gustavo sussurra a pergunta em meu ouvido.

— Sim. — minto com um sorriso amarelo no rosto.

— Senador Monteiro, seja bem-vindo. — a hostess cumprimenta-o, sorrindo de orelha a orelha. — Sua mesa já está pronta. Queiram me acompanhar, por favor.

— Obrigado. — agradece Gustavo. — Vamos, Liv. — ele guia-me por entre o ambiente repleto de homens e mulheres que olham para mim de

forma distintas: alguns com repúdio, outros com pena.

— Tenham um bom jantar e não hesitem em chamar-me caso necessitem de algo. — fala de forma gentil. — Logo um de nossos garçons virá anotar os pedidos. Sintam-se à vontade. — sorri mais uma vez antes de sair.

— Tem certeza que está tudo bem, amor? — Gustavo torna a questionar-me enquanto arrasta uma das cadeiras para que eu possa sentar.

— Sim, está tudo bem. Não se preocupe. — tranquilizo-o, repousando uma de minhas mãos sobre a sua.

— Você está calada desde o momento em que saímos.

— Eu estou bem, Gustavo, apenas com o início de uma dorzinha de cabeça.

— Se quiser podemos voltar para casa. — ele faz menção em levantar-se da mesa, mas eu o impeço.

Por mais que eu queria fugir de todos esses olhares, não quero estragar a noite que Gustavo preparou para nós. Seria egoísmo de minha parte.

— Eu realmente estou bem, querido. — sorrio. — O que você sugere de entrada? — mudo de assunto.

— Bem, eu sou um apreciador do Steak Tartare.

— Carne crua? Eca! Nem pensar. — veto sua sugestão com uma careta, o que lhe arranca um sorriso.

— Certo, sem Steak Tartare.

— Você pode pedir se quiser. — dou de ombros.

— E correr o risco de ter você vomitando em mim? Acho que passo.
— brinca. — Você escolhe.

— Certo. — abro o cardápio e começo a analisar as diversas opções.

A verdade é que pouca coisa agrada-me. Não sou uma grande fã da culinária francesa, não desses pratos elaborados e de nomes esquisitos.

— Você deveria ter falando que não gosta de comida francesa. — as palavras de Gustavo pegam-me de surpresa.

— Como...

— Digamos apenas que você não sabe fingir. Sua expressão fala por si só. — explica. — Venha! — Gustavo levanta, estendendo-me sua mão para que eu faça o mesmo.

— Como assim, Gustavo? E o nosso jantar?

— Sem perguntas, Liv. Apenas venha comigo. — ele torna a pedir, e eu vou de bom grado, sem esforço algum.

As pessoas voltam a nos encarar enquanto saímos apressados, porém, dessa vez, seus olhares não me incomodam. Não quando sorrio feito uma idiota.

— Para onde está me levando, sr. Monteiro? — pergunto, já devidamente acomodada em seu luxuoso Jaguar.

— Para conhecer os prazeres da culinária nordestina.

...

— Eu acho que não aguento mais comer. — anuncio. — A sensação é

a de que irei explodir a qualquer momento.

— Eu não me surpreenderia se isso de fato viesse a acontecer. Você comeu mais que um grupo de pedreiros, diabinha. — Gustavo comenta com um sorriso divertido nos lábios.

— Não exagere, Gustavo. — fecho a cara.

Eu não comi tanto assim. Ou será que comi? Mas quem pode culpar-me quando ele fora o único a me trazer para conhecer o melhor restaurante nordestino de São Paulo?

— Olhe o que preparei para você, querida. — dona Francisca, proprietária do restaurante e uma velha amiga da mãe de Gustavo, surge com mais um de seus deliciosos pratos.

— Oh, eu realmente agradeço, mas acho que já comi o suficiente. — sorrio para a senhora simpática que me recebeu de braços abertos.

— Bobagem, querida. Pegue! Você está muito magrinha. Precisa se alimentar. — ela empurra o prato em minha direção, e eu olho para Gustavo, em um pedido silencioso de socorro, mas tudo o que o desgraçado faz é rir.

— Se eu virar uma bola a culpa será toda sua. — rosno baixinho, para que somente ele possa escutar.

— Bem, você será a bola mais sexy de todo o mundo. — dá-me um de seus sorrisos e, quando suas covinhas aparecem, esqueço o porquê de querer matá-lo há poucos segundos.

— Isso é jogo sujo, sr. Senador. — protesto assim que dona Francisca se afasta.

— O quê? — pergunta, inocentemente, como se não tivesse conhecimento do efeito que causa sobre mim.

— Você sabe muito bem do que estou falando.

— Do que você está falando, diabinha linda? — seu sorriso aumenta.

— Disso. — aponto para as duas covinhas em seu rosto. — Elas têm o poder de me causarem amnésia. Você sorri e eu esqueço tudo. — confesso.

— Fico feliz em saber que compartilhamos do mesmo problema, porque o seu sorriso tem o mesmo efeito sobre mim. — sua voz soa tão sexy que sinto meu sexo contrair.

— Gustavo! — uma voz feminina exclama e logo meus olhos estão fixos na loira que praticamente se atira nos braços de Gustavo. *Do meu Gustavo.* — Por que não me avisou que viria? Poderíamos ter vindo juntos, você sabe, para relembrarmos os velhos tempos. — a oxigenada fala as palavras como se eu não estivesse ali presente. E que merda de história é essa de velhos tempos?

Estreito meu olhar e espero Gustavo se pronunciar.

— É bom revê-la também, Alice.

É nessas horas que a educação de Gustavo me irrita.

— Bem, eu gostaria de aproveitar o momento para lhe apresentar minha namorada. Olivia, essa é Alice, uma velha amiga. — Gustavo faz as apresentações e, só então, a megera olha em minha direção.

— Oh, querida, peço desculpas. Eu não havia notado sua presença. — seu sorriso é mais falso que a cor do seu cabelo.

— Não precisa se preocupar, meu namorado é realmente algo bom de olhar. — cuspo, deixando a megera sem graça e Gustavo surpreso.

— Você tem razão, Gustavo é realmente muito bonito. — ela concorda enquanto olha, descaradamente, para o *meu* homem. — Com todo o

respeito, é claro. — completa. — Bem, será que posso me juntar a vocês? Odeio comer sozinha.

— Claro. — Gustavo responde, e eu juro que irei matá-lo.

A loira megera senta-se à nossa mesa e sequer se dá ao trabalho de mascarar os olhares nada discretos que atira sobre Gustavo.

— Eu amo esse restaurante. Lembra a primeira vez que me trouxe aqui, Gustavo? — a pergunta feita pela loira aguada provoca uma crise de tosse em Gustavo. — Está tudo bem, querido?

— Sim, *querido*, está tudo bem? — ênfase o "querido".

— Oh... Hã... Tudo bem. — o cretino gagueja.

— Vocês são amigos há muito tempo? — pergunto e a megera abre um largo sorriso.

— Bem, são quase nove anos de amizade. Eu e Gustavo nos conhecemos no último ano da faculdade, quando você, provavelmente, estava entrando no colegial. — a cobra destila o seu veneno.

— Alice! — Gustavo a repreende.

— O que foi, querido? Não foi minha intenção ofendê-la.

Sínica!

— E não me ofendeu, *querida*. — tomo a voz, como se estivesse indiferente ao seu comentário maldoso. — Apesar de nova, eu sei muito bem como satisfazer um homem, principalmente o meu homem. — deslizo uma de minhas mãos por baixo da mesa e apalpo o pau de Gustavo, que quase pula de susto no processo.

— Está tudo bem? — a megera indaga e Gustavo apenas assente que sim, incapaz de falar. Controlo o sorrisinho sapeca que quer escapar de meus

lábios enquanto continuo massageando seu pau por cima do jeans. — Tem certeza? Você está um pouco vermelho.

— Eu... eu realmente estou bem. — ele responde, tentando afastar minha mão de seu membro, o que é em vão.

— Você mora em São Paulo, Alice? — indago.

— Não, estou na cidade somente a passeio. — sua resposta me deixa extremamente feliz. — Mas já morei aqui na época em que Gustavo me pediu em noivado. — suas palavras me fazem apertar o pau de Gustavo com força.

— Ai! — o desgraçado grita, quase pulando da cadeira. Seu rosto vermelho e os olhos cheios de lágrimas revelam sua dor.

Bem feito!

— O que aconteceu, amor? — pergunto, na maior cara limpa.

Gustavo olha para mim como se dissesse: "*Você pagará caro por isso, diabinha*".

— Na-nada. — responde, ainda vermelho e se contorcendo de dor.

Acho que exagerei um pouquinho na hora de apertar seu grande mastro.

— E-eu... Eu vou ao banheiro. — diz ele, antes de sair, deixando-me sozinha com a megera.

— Então, Olivia... É esse o seu nome, certo? — questiona e eu assinto. — Olha, eu não sei o que Gustavo viu em uma pirralha como você, mas eu posso garantir que não é nada sério. Por isso, não se iluda, querida. Gustavo prefere mulheres experientes e vividas.

— Como você? — questiono com um sorriso de deboche nos lábios.

— Bem, nós já fomos noivos. — destaca.

— Exatamente, foram do verbo não são mais. — devolvo.

— Isso porque eu terminei com ele. — suas palavras fazem meu sorriso murchar. — Gustavo era louco por mim, Olivia. Era não, é! — sorri. — Acredite, será apenas uma questão de tempo até que ele volte a ser meu.

— Gustavo me ama. — digo com convicção.

— Por favor, garota, largue de ser ridícula! Gustavo só está com você por uma coisa: sexo fácil. — ela volta a destilar o seu veneno, mostrando quem realmente é. — Sem mencionar que você é a ex-esposa do seu maior rival. Foder você é apenas uma forma de atingir Heitor, será que você ainda não percebeu isso?

— CALA A BOCA! — grito. — Você não sabe de nada.

— Você é tão patética que chega a dá pena. Eu tenho uma história de anos com Gustavo, Olivia, enquanto você não passa de uma simples vadia que abriu as pernas para o principal oponente do próprio marido. Você realmente acredita que algum homem levaria uma mulherzinha como você a sério? Faça-me rir. — suas palavras me abalam de uma forma que sequer consigo explicar.

— Voltei. — Gustavo anuncia, ocupando seu lugar ao meu lado. — Aconteceu alguma coisa? — questiona ao notar o clima tenso.

— Não. — a megera se apressa em responder. — Eu só estava comentando com Olivia o quanto você odeia coisas que vêm fáceis. — sorri.

— Eu... eu quero ir embora, Gustavo. — murmuro.

— Já? Achei que você estivesse gostando, Liv.

— Por favor. — peço e ele assente.

— Fique mais um pouco, Olivia. A conversa estava tão agradável. — Alice fala, interpretando seu papel de ex-namorada/noiva boazinha.

— Vamos, Gustavo. — torno a pedir, já de pé.

— Claro, amor. — Gustavo se levanta, depositando algumas cédulas de dinheiro em cima da mesa. — Foi um prazer revê-la, Alice. — ele se despede como o cavalheiro que é.

— O prazer foi todo meu, querido. — devolve.

Sua voz é tão enjoativa que começo a andar em direção à saída do restaurante sem esperar por Gustavo.

— Ei, Liv, aonde é o incêndio? Por que essa pressa toda? Aconteceu alguma coisa? — meu namorado pergunta, já do lado de fora.

— Seja sincero comigo, Gustavo. Você me vê apenas como uma diversão, como um meio de atingir Heitor? — solto a pergunta, meus olhos cheios de lágrimas.

— De onde diabos você tirou essa ideia, Olivia? — rosna.

— Apenas responda, Gustavo.

— Porra, claro que não, Olivia. Eu te amo. Achei que já tivesse deixado bem claro os meus reais sentimentos por você. — suas palavras revelam o quão ofendido ele está por minha pergunta. Isso faz com que eu me sinta ainda pior porque, olhando em seus olhos, sei que o que ele acaba de falar é de fato verdade.

— Desculpa. — sussurro o pedido, me jogando em seus braços. — Eu... É que Alice me fez sentir insegura. — confesso e sinto o corpo se Gustavo enrijecer.

— Como é que é? Que merda ela falou para você, Liv? — seu tom de

voz raivoso mostra o quão furioso ele se encontra.

— Nada, Gustavo. É melhor esquecermos essa história e irmos para casa.

— Não, Olivia. Primeiro você irá dizer o que Alice falou para deixá-la nesse estado, só depois iremos para casa.

— Gustavo...

— Eu estou esperando um esclarecimento dos fatos, Olivia.

— Ela insinuou que você está comigo apenas por diversão, que não passo de sexo fácil e que será questão de tempo para que vocês dois reatem o noivado. — solto de uma vez, sabendo que ele não me deixaria em paz enquanto não ouvisse a verdade.

— Filha da p... — respira fundo, prendendo o xingamento. — E você acreditou no que ela disse? — ele indaga, parecendo incrédulo. — Sério que, mesmo depois de eu derramar meu amor por você, você ainda dúvida dos meus sentimentos?

— Eu... Desculpa. Por favor, me desculpe, Gustavo. — imploro ao mesmo tempo em que meu rosto é banhado por lágrimas.

— Shhh, amor. Não chore! — ele envolve seus braços ao redor de minha cintura, seu queixo apoiado no topo de minha cabeça.

— Desculpe-me por estragar nossa noite e principalmente por duvidar de seus sentimentos. — peço mais uma vez. — Por favor, me desculpe.

— Está tudo bem, Liv. — sussurra, suas mãos massageando minhas costas. — Está tudo bem. — repete as palavras, mas eu sei que nada está bem. Eu magoei Gustavo, e tudo por culpa de minha insegurança.

...

O trajeto de volta para casa foi realizado em silêncio. Enquanto Gustavo mantinha os olhos fixos no trânsito, eu concentrava minha atenção na paisagem e no vai e vem de pessoas pelas ruas de São Paulo ao mesmo tempo em que questionava, silenciosamente, se meu relacionamento com Gustavo é forte o suficiente para resistir a uma ex-noiva megera e as loucuras de um ex-marido sem escrúpulos algum. Deus queira que sim. Já não sou capaz de imaginar um futuro sem o moreno ao meu lado.

— Eu te amo, diabinha. — Gustavo sussurra as palavras como se estivesse lendo minhas inseguranças, a mão direita repousando sobre meu joelho.

— Eu também te amo, sr. Senador.

15



Gustavo

EQUÍVOCO

adjetivo

1. que pode ter mais de um sentido, de uma interpretação; ambíguo.
2. que é difícil de classificar.
"cabelos de cor e."
3. que dá origem a julgamentos morais diferentes; dúbio, duvidoso.
4. lóg que, embora apresente um único significante linguístico, pode ser entendido em dois ou mais sentidos diferentes (diz-se de um conceito propositalmente polissêmico no interior de uma determinada doutrina filosófica).

Origem

- ⊙ ETIM *aequivocus*, a, um 'que tem dois sentidos, ambíguo, que causa confusão'

Sei que havia prometido a Olivia que não iria interferir em suas próprias batalhas. Todavia, a partir do momento em que sua mãe teve a audácia de ir ofendê-la em nossa própria casa, me vi no direito de lhe dizer algumas verdades e deixar claro que Olivia não está sozinha. Ela tem a mim.

Se Charlotte pensou que poderia fazer minha garota chorar ao destilar o seu veneno, então ela cometeu um grande equívoco.

— O que esse homem está fazendo aqui? — minha querida sogra pergunta à empregada ao se deparar com minha presença em sua luxuosa sala de estar.

— É um prazer revê-la também, Charlotte. — debocho.

— Desculpa, senhora, é que ele disse ser o namorado da srta. Olivia.
— a mulher responde.

— Ao que parece estou rodeada de incompetentes. — Charlotte rosna.

— Vamos, saia daqui antes que eu lhe demita por justa causa.

— Eu sinto muito, senhora. Com licença. — a pobre mulher pede assustada, acatando a ordem da patroa e nos deixando a sós.

— Eu quero você fora da minha casa, rapaz. — volta sua atenção para mim. — Já não basta ter destruído o casamento da minha filha?

Como alguém consegue ser tão cínica e dissimulada?

— Que casamento? O que ela vivia de fachada com um homem sem escrúpulos que teve a covardia de agredi-la? — questiono, a raiva tomando conta de mim. — Por favor, pare de bancar a mãe preocupada, esse papel não combina com você.

— Fico me perguntando o que Olivia viu em um *tipinho* como você, um pé rapado que veio do nordeste, uma região tão pobrezinha. — suas palavras revelam o que eu já sabia: Charlotte é um ser desprezível e preconceituoso.

Não importa o fato de eu possuir milhões em minha conta bancária, pessoas como Charlotte sempre irão me ver como o garoto que vivia em uma casa de dois cômodos na região mais pobre do sertão nordestino.

— Talvez seja algo que ela nunca recebeu dos próprios pais: amor.

— Como se você a amasse de verdade. Por favor, Gustavo, me poupe desse seu discurso de amante apaixonado. — gargalha. — Você, mais do que ninguém, deveria saber que amor não enche barriga. Se aceita um conselho, livre-se de Olivia enquanto é tempo. Procure outra mulher e deixe minha filha reconstruir sua vida ao lado de Heitor. — suas palavras me fazem desprezá-la ainda mais.

— Agora eu entendo o porquê de Olivia ser tão insegura. Afinal, qualquer pessoa, tendo uma mãe como você, se sentiria assim. — faço uma

pequena pausa. — Eu não sei de onde veio os seus "valores morais", Charlotte, mas de onde eu vim o amor é a base de tudo. E o que Olivia nunca recebeu de vocês, hoje ela tem de sobra.

— Quem você pensa que é para julgar a forma como eu eduquei minha filha?

— Eu sou aquele que estive ao lado dela quando ela mais precisou, ou você acha que ser vítima de agressão doméstica é algo fácil? Será que é fácil perder o próprio filho por causa de um monstro abusivo? Você não sabe uma vírgula da dor pela qual sua "filha" passou durante os últimos dias. Então não venha querer ditar o que é certo ou errado.

— Você... É melhor você se retirar da minha casa, antes que eu seja obrigada a chamar um dos seguranças.

— Claro, afinal, a senhora adora sair por aí apontando as falhas dos outros, mas não aguenta ouvir um par de verdades. — cuspo. — Contudo, não se preocupe, não será preciso chamar seus cães de guardas, serei curto e objetivo. Quero que você se afaste de Olivia.

— Era só o que me faltava, você cogitar a ideia de que pode mandar em mim. — torna a gargalhar. — Eu sou a mãe dela, caso tenha esquecido. — vocifera.

— Não, você é a mulher que a colocou no mundo. — corrijo-a. — Se você fosse mesmo a mãe dela, como se auto denomina, não teria ido até nossa casa e feito minha *mulher* chorar, tampouco teria assumido as "dores" de Heitor.

— Heitor é um bom homem. — defende o ex-genro, o que não me surpreende mais. — Quanto ao que aconteceu, a culpa é toda e exclusivamente sua. Se não tivesse seduzido a minha filha, nada disso teria

acontecido e ela e Heitor ainda estariam juntos, como deve que ser.

Agora é definitivo. Essa mulher acaba de trazer à tona o pior de mim, para o seu próprio azar.

— Você me dá nojo, Charlotte. Não entendo como é capaz de continuar defendendo esse miserável depois de tudo o que ele fez a Olivia. — passo uma de minhas mãos por entre meu cabelo, tentando manter o controle. — A senhora é tão mesquinha e tão podre que eu só consigo sentir pena do lixo humano que você é. — minhas últimas palavras fazem seus olhos esbugalhados ficarem ainda maiores.

— Eu não irei permitir que me ofenda dentro da minha própria casa.

— Engraçado, foi exatamente isso o que você fez com Olivia, a ofendeu dentro da casa dela.

— Eu não sei o que Olivia lhe disse, mas ela certamente deve ter aumentado os fatos e...

— E que eu acredito em cada palavra dita por minha mulher. É por acreditar nelas que estou aqui. — interrompo-a. — Como mencionei anteriormente, eu quero que fique longe de Olivia e que nos deixe em paz. Juro que se vê-la derramando mais uma lágrima por sua causa, você irá se arrepender amargamente de ter nascido.

— Você está me ameaçando?

— Acredite, eu não sou homem de ameaças, Charlotte. Interprete isso como um aviso. — sorrio. — Bem, tenha um bom dia. — digo, antes de virar-lhe as costas e sair.

...

— Até que enfim você resolveu aparecer? Esqueceu que tem uma entrevista marcada? Sem mencionar o fato de que precisamos acertar os últimos detalhes de todos os compromissos e viagens que antecedem os três últimos meses antes da eleição. — assim que piso meus pés em minha sala, Samuel começa a falar sem parar.

Mal cheguei e já quero fugir para bem longe daqui.

— A jornalista chegou? — questiono, sem dá muita importância a sua enxurrada de palavras.

— Não, mas estará aqui em poucos minutos. — responde.

— Ótimo, então chame a Naomi e vamos resolver a situação dos compromissos que serão realizados fora da cidade. Quero que Olivia vá comigo.

— Você só pode estar ficando louco se acha que irei permitir isso.

— Não recordo de ter pedido sua permissão. — rosno. — Olivia é a minha namorada e irá acompanhar-me em cada um dos eventos marcados, se assim ela quiser.

— Por favor, Gustavo, seja mais racional. Nem todos os seus eleitores aceitaram esse relacionamento nada convencional. — tenta explicar, como se sua explicação tivesse algum fundamento plausível.

— Então eles terão que engolir o fato de que meu amor por Olivia é maior que qualquer coisa.

— Eu não entendo o que você viu nessa mulher.

— E eu não entendo o porquê de você implicar tanto assim com ela. O que Olivia te fez, afinal? — coloco-o contra a parede.

— Sr. Monteiro, a jornalista chegou. — Naomi anuncia e Samuel parece respirar aliviado.

— Obrigada, Naomi. — agradeço. — Peça para que ela entre, por favor.

— Sim, senhor.

— Nós ainda não terminamos essa conversa. — esclareço ao homem que, até algumas semanas atrás, eu acreditava veemente ser um de meus amigos.

Eu não sei o que raios aconteceu com Samuel, mas eu irei descobrir.

— Bom dia, sr. Monteiro. — a jornalista que deve ter, no máximo, vinte e três anos, faz o cumprimento. — Meu nome é Marcela Botelho, escrevo para uma coluna política do Jornal O Povo e, desde já, gostaria de agradecê-lo por ter nos concedido essa entrevista.

— Muito prazer, srta. Botelho. — cumprimento-a com um rápido aperto de mãos. — Bem, acho que podemos dar início a entrevista, se já estiver tudo pronto, é claro. — comento com um sorriso no rosto, mas por dentro morrendo de pressa. Prometi a Olivia que iríamos almoçar juntos e odeio fazê-la esperar. — Sente-se, por favor. — aponto em direção a uma das poltronas de couro.

— Hã... Claro. — ela se enrola com as palavras, mas faz o que lhe fora pedido. — Certo, acho que já podemos começar. — liga o pequeno gravador e começa a despejar as perguntas que vão desde meu crescimento durante a última pesquisa a meu relacionamento com Olivia.

— Tudo o que eu posso dizer é que a amo e admiro a mulher por quem me apaixonei. — falo depois que ela tem a infelicidade de perguntar o porquê de eu estar “arriscando” minha carreira. — Acredito que risco maior

seria deixar a mulher da minha vida escapar por pura ganância.

— Então está dizendo que largaria tudo por uma mulher que traiu o próprio marido? — sua pergunta é repleta de veneno.

— Estou *afirmando* que largaria qualquer coisa pela mulher que amo.

— Ok, a entrevista está encerrada. — Samuel toma a voz, interrompendo-me.

— Mas... — a srta. Botelho tenta argumentar.

— Seu tempo acabou, senhorita. — Samuel esclarece.

— Na verdade, eu ainda tenho cinco minutos. — ela rebate, olhando para o relógio em seu pulso.

— Sinto muito, mas...

— Pode deixar, Samuel. Irei responder a uma última pergunta antes de darmos a entrevista como finalizada.

— Gustavo... — Samuel tenta contestar minha decisão, mas bastou um olhar para ele entender que eu não iria ceder.

— Prossiga, srta. Botelho. — peço.

— Como é para o senhor saber que enquanto está aqui, me concedendo essa entrevista, sua "*namorada*" foi vista ao lado do ex-marido? — sou pego de surpresa por sua pergunta.

— Mas que merda de brincadeira é essa? — rosno, sem me preocupar com o uso chulo das palavras.

— Bem, eu acabei de receber essas imagens. — ela estende em minha direção o iPad que repousava em seu colo. Pego o aparelho e as imagens que vejo acordam o monstro possessivo dentro de mim.

Mas que porra é essa?

— Talvez sua digníssima namorada não seja tão santa, afinal. — o comentário parte de Samuel, que encara as imagens com um sorriso no rosto.

— Eu... Isso deve ser alguma espécie de montagem. Olivia jamais se encontraria com Heitor sem que eu soubesse. — tento encontrar uma explicação para o que vejo.

— É como aquele velho ditado: o amor é cego. Só não deixe que esse sentimento destrua sua campanha, senador. — Marcela solta o conselho ao mesmo tempo em que se levanta e pega o iPad de minhas mãos. — Mais uma vez muito obrigada por disponibilizar parte de seu precioso tempo. Tenha um bom dia.

— Eu avis...

— Cale-se, Samuel! — vocifero.

— Você precisa enxergar o que está estampado como *outdoor* e só você não consegue ver. Acorde, Gustavo! Olivia não passa de uma puta interesseira. — quando percebo meu punho já tem ido de encontro ao rosto de Samuel, atingindo seu nariz em cheio.

— Nunca mais use esse termo para se referir a Olivia, ou eu juro que não irei me responsabilizar por meus atos. — aviso.

— Olhe só para você, Gustavo. Veja só no que essa mulher o transformou. — diz ele enquanto tenta conter o sangue que jorra de seu nariz. — Quando irá perceber que essa mulher não é digna do seu amor? Ela só lhe faz mal, Gustavo, e irá destruir o que batalhamos durante anos para construir.

— Você não conhece a minha Liv.

— E você? Conhece? Será que você realmente conhece e pode confiar

em uma mulher que lhe omite certos detalhes como, por exemplo, encontrar-se às escondidas com o homem que matou o seu filho? Isso é, se o pirralho fosse realmente seu. — insinua e o segundo soco é desferido com consciência.

— Eu quero que você recolha todas as suas coisas que estão aqui. A partir de hoje você não trabalha mais para mim. — rosno as palavras para o homem que esteve ao meu lado durante anos, mas que hoje eu não reconheço mais.

Samuel me decepcionou de uma forma que eu nunca imaginei ser possível.

— Você não pode me mandar embora. Não depois de tudo o que fiz por você. — esbraveja.

— Meus advogados entrarão em contato com você, Samuel. Agora, se me der licença, eu tenho um almoço marcado. — digo, antes de virar-lhe as costas e me direcionar à saída.

— ISSO NÃO VAI FICAR ASSIM, GUSTAVO! ESCREVA O QUE ESTOU DIZENDO. ISSO NÃO VAI FICAR ASSIM! — ele ameaça, mas não dou muita importância a seu show de histeria. Samuel é do tipo que ladra, mas não morde.

Agora o que realmente me interessa é saber o porquê Olivia foi se encontrar com Heitor sem me falar nada.

16



Olivia

PARANOICA

ói/ adjetivo

1. relativo a paranoia.
2. adjetivo *substantivo feminino*

PSIQ

que ou quem sofre de paranoia.

Origem

⊙ ETIM *paranoia* + *-ico*

Já sentiram a estranha sensação de estarem sendo vigiados? É essa sensação que domina meu corpo — acompanhada de um arrepio ruim — enquanto transfiro os mantimentos do carrinho de supermercado para o porta malas do meu volvo. Olho para os lados e tudo o que vejo é um casal acompanhado de duas crianças.

Talvez eu esteja sendo apenas paranoica. — Penso, deixando algumas laranjas caírem no chão em um momento de descuido.

— Droga! — praguejo ao mesmo tempo em que me curvo para apanhar as frutas, mas antes que eu tenha a oportunidade de apanhá-las alguém o faz.

— Você deveria ter mais cuidado, querida. — a voz do meu ex-marido se faz presente e os acontecimentos da noite em que perdi meu bebê vêm a minha mente. — O que foi, Olivia? Viu algum fantasma? — ele sorri, jogando as laranjas dentro do porta malas.

Em um ato de completo desespero, olho para trás, na esperança de

que o casal e seus filhos ainda estejam ali, mas logo avisto os mesmos adentrando o pequeno supermercado e medo toma conta de mim.

— Você já foi mais corajosa, Olivia. — o infeliz debocha enquanto eu continuo petrificada, sem saber o que fazer. — Fiquei sabendo que você está morando com o babaca do Gustavo. Quem diria, a morena que se fazia de rogada não passa de uma vadiazinha de quinta.

— Gustavo é muito mais homem que você. — rosno, encontrando, enfim, minha voz.

— Oh, então acho que talvez eu deva lhe lembrar do quão bom era o meu pau preenchendo sua bocetinha. — suas palavras me causam ânsia de vômito, sequer consigo acreditar que um dia já tive estômago o suficiente para ir para a cama com um monstro feito Heitor. — O que você me diz, Olivia? — puxa-me pela cintura, sua ereção roçando minha barriga.

— Não toque em mim! Solte-me, seu desgraçado! — grito as palavras em meio a um mar de lágrimas. — Saia! Saia! — tento me libertar dos seus braços.

— Por favor, Olivia, pare de fazer charme. — gargalha. — Nada mais justo que você dar sua bocetinha para mim depois de tudo o que me fez passar.

— Você me dá nojo, Heitor. Nojo. — cuspo. — Você foi o único a me causar mal. Você matou o meu bebê. Você não passa de um assassino. — minhas palavras são o suficiente para ele afrouxar o seu aperto e eu conseguir me libertar.

— Eu não sou um assassino. — ele balança a cabeça negativamente. — Eu sequer sabia que você estava grávida.

— Isso não justifica o fato de ter me agredido como o ser covarde que

você é.

— Eu errei, Olivia, admito. Mas eu não fui o único a cometer um deslize. Você... você me traiu com o meu maior rival, você foi para a cama com aquele imbecil.

Eu mal posso acreditar no que Heitor acaba de falar.

— O fato de eu ter me apaixonado por Gustavo não dava a você nenhum direito de me agredir. — vocifero. — Seja homem, ao menos uma vez na vida, e assuma os seus erros, Heitor. Não venha querer jogar a culpa para cima de mim.

— Tudo bem, você está certa. Mas nós ainda podemos fazer funcionar. Dê-me outra chance, Olivia, por favor. — seu pedido me deixa pasma. Como ele pode sequer cogitar a ideia de que voltarei para ele depois de todo o mal que me fez.

— Você só pode estar louco se pensa que eu irei voltar com você.

— Sejam os sensatos, Olivia, o melhor para nós é reatarmos nosso relacionamento. Inclusive para o seu amado Gustavo. — a ameaça em seu tom de voz é nítida.

— Você está ameaçando fazer algum mal a Gustavo?

— Não, eu só estou dizendo que, caso você continue insistindo nessa sua vingancinha ridícula, alguém pode acabar se ferindo. — as palavras são sussurradas em meu ouvido, o que faz com que meu corpo estremeça em um calafrio. — A decisão está em suas mãos, querida. — sorri. — Mas, como não sou um cara mau, lhe darei alguns dias para reorganizar seus pensamentos e entender que está pressa a mim até que eu diga o contrário. Por ora, irei permitir que retorne para os braços do seu amante. Foi um prazer revê-la, Olivia. — antes que eu tenha a chance de impedi-lo, ele beija o canto

de minha boca.

— Não toque em mim! — limpo o local onde seus lábios me tocaram, empurrando-o para longe. — Eu nunca irei voltar para você, Heitor. Nunca. — grito.

— Isso é o que veremos. — sorri largamente, virando-me as costas e caminhando por entre a fila de carros.

Sem pensar muito, jogo o resto das compras dentro do porta malas, sem me preocupar em organizá-las, e apresso-me em sair dali o quanto antes.

Com as mãos ainda trêmulas, dirijo em direção à segurança do meu lar, debatendo comigo mesma se devo ou não mencionar a Gustavo as ameaças de Heitor.

...

— Você precisa contar tudo para o Gustavo. — Bella aconselha-me depois que narro a ela meu "encontro" com Heitor.

— Eu não sei, amiga. Gustavo já tem problemas demais com o que se preocupar. — digo pensativa, sem querer tornar a vida do meu namorado ainda mais conturbada.

— Pense bem antes de tomar qualquer decisão, Oli. Não faça nada que venha a se arrepender futuramente.

— Não se preocupe, Bella. Eu ficarei bem. — tento tranquilizá-la. — Agora terei que desligar. Estou tentando fazer a lasanha que Nathalia disse que Gustavo tanto ama. — sorrio.

— Oh meu Deus! Será que devo acionar a equipe de bombeiros. —

zomba da minha falta de dotes culinários.

— Hahahaha... Estou morrendo de rir, engraçadinha.

— Falo sério, Oli. Cuidado para não colocar fogo na cozinha do *Gostoso Monteiro*.

— Vou desligar, vadia, e nada de ficar cobiçando o meu homem. — finalizo a chamada entre gargalhadas.

Só Isabella para me fazer rir em meio ao caos. — Penso, ainda com um sorriso no rosto.

— Um dólar para saber o motivo desse seu sorriso. — a voz de Gustavo preenche o ambiente da cozinha e meu sorriso aumentar ainda mais quando o vejo parado na entrada da porta. As mangas da camisa social branca, puxadas até os cotovelos, e o cabelo bagunçado o deixam sexy pra caramba. Se bem que Gustavo é sexy de todas as formas, até quando não tenta ser.

— Você chegou mais cedo, ainda não terminei de preparar o nosso almoço. — caminho até ele, me jogando em seus braços e beijando-lhe os lábios.

— Achei que fosse gostar da surpresa. — sua postura rígida enquanto o abraço é algo novo e estranho.

O que será que aconteceu?

— É claro que gostei. — apresso-me em dissipar qualquer tipo de dúvida que ele possa ter criado. — Agora sente-se aí enquanto eu termino de colocar a lasanha no forno. — aponto para o banco próximo ao balcão americano. — Como foi o seu dia de trabalho? — pergunto para quebrar o silêncio que se formou.

— Normal. — antes de me virar em direção ao forno, noto-o dá de ombros. — E você? Fez o que durante a manhã?

— Eu... Eu fui ao supermercado. Nada demais. — resolvo omitir a parte em que o monstro do meu ex-marido me encurralou com suas ameaças.

— Por que você está mentindo para mim, Olivia? — sua pergunta me pega de surpresa.

— Eu... Do que você está falando, Gustavo? — indago, sem coragem o suficiente para olhá-lo nos olhos.

— Por favor, Liv, seja sincera comigo. — seu tom de voz ferido faz com que eu me sinta um lixo. — Olhe para mim, Olivia. — pede, mas permaneço parada, encarando o forno elétrico. — Por favor, Olivia, olhe para mim. — ele torna a pedi, e dessa vez eu faço o que me é pedido. — Por que você está mentindo para mim? — seu olhar de decepção me quebra por dentro. — Eu... eu só quero entender.

— Como você ficou sabendo?

— No momento não importa como eu fiquei sabendo, tampouco quem me contou. Eu quero ouvir o seu lado da história e é por isso que estou aqui.

— Você está com raiva de mim?

— Eu tenho motivos para ficar com raiva?

— Não. — apresso-me em responder.

— Então venha aqui e me conte o que aconteceu. — sinaliza para o banco ao lado do seu. Dez segundos depois e estou sentada a poucos centímetros de distância, sem saber por onde começar. — Você não precisa ter medo, Olivia. Eu só estou lhe pedindo a verdade.

A sensatez de Gustavo é algo realmente admirável.

— Eu não menti quando disse que fui ao supermercado. — começo.
— Hoje mais cedo liguei para sua irmã pedindo a receita da lasanha que sua mãe costumava fazer, vi que havia alguns ingredientes faltando e fui até o supermercado para obtê-los. Eu só queria agradá-lo, Gustavo, eu juro. Eu não sabia que Heitor estaria lá. Desculpa, eu não sabia. Se soubesse, eu não teria saído de casa. Por favor, acredite em mim. — as primeiras lágrimas resolvem surgir. — Por favor, não me deixe... Por favor.

— Hey, diabinha linda, olhe para mim. — pede e logo meu olhar cruza com o seu. — Eu não irei deixá-la, a menos que seja isso o que você quer.

— Não, eu não quero isso. — fungo.

— Então irei continuar ao seu lado. — ele me puxa para ao seu colo, e eu vou de bom grado, descansando minha cabeça na curva de seu pescoço enquanto suas mãos entrelaçam minha cintura. — Eu te amo e confio em você, Liv.

— Heitor me tocou. — meu comentário faz o corpo de Gustavo enrijecer.

— Como assim ele a tocou?

— Ele... Ele me puxou para si e roçou... Ele roçou... — não consigo concluir a frase. Não com a ânsia de vômito que volta a surgir sempre que me lembro das mãos imundas de Heitor em meu corpo.

— Eu vou matar aquele infeliz. — meu namorado rosna, não preciso olhar em seus olhos para saber que não está blefando.

— Não, Gustavo. Eu não quero que vá atrás dele.

— Você não pode me contar o que aquele imbecil fez e, em seguida, pedir para que eu permaneça de braços cruzados.

— Não quero que você se envolva em mais problemas por minha causa, Gustavo. Além do mais, irei ainda hoje até a delegacia prestar queixa, uma vez que Heitor não cumpriu com a ordem de restrição. — digo. — Por favor, Gustavo, prometa-me que irá esquecer essa história.

— Sinto muito, Olivia, mas eu não posso prometer isso.

— Por isso não contei a verdade antes para você. — pulo de seu colo. — Não quero o homem que amo preso por sujar as mãos com alguém que não vale a pena. — choro.

— Porra, Liv, você sabe o quanto odeio vê-la chorar? O quanto isso me machuca? — ele questiona, mas não respondo, continuo soluçando. — Eu prometo que ficarei bem, amor. — sinto novamente seus braços ao redor do meu corpo. — Ficarei bem por você. — beija o topo de minha cabeça, acariciando minhas costas. — Por nós.

...

Depois que eu e Gustavo esclarecermos algumas verdades, fomos capazes de terminar de preparar o almoço, comer e nos jogarmos no sofá, prontos para uma maratona de Netflix.

— Você é tão perfeito que, às vezes, me pergunto se não estou apenas sonhando. — confesso, desenhando círculos imaginários por todo o seu abdômen definido.

— Bem, você não é a única a pensar desta forma. Eu a amo tanto, Liv,

que o medo de perdê-la me torna doente.

— Você não irá me perder. Nunca. — ergo minha cabeça para beijar seus lábios.

Como eu o amo.

— Tenho algo para confessar, mas não quero que sinta raiva de mim.
— franzo meu cenho após ouvir suas palavras.

— O que você aprontou dessa vez, sr. Monteiro?

— Promete que não vai ficar com raiva de mim?

— Como posso prometer algo se não faço ideia do que seja.

— Promete? — insiste.

— Prometo. — dou-me por vencida.

— Fui visitar sua mãe hoje. — diz ele, de uma vez, o que faz com que eu tente escapar de seus braços. — Você prometeu, Liv. — contesta, mantendo-me presa em seus braços.

— Assim como você prometeu que não iria falar com ela. — rebato, chateada.

— Eu sei. — é tudo o que ele diz. Não há nenhum "*eu sinto muito*", há apenas um simples e seco "*eu sei*". — Eu não vou dizer que sinto muito, se é isso o que espera ouvir, porque eu não me arrependo do que fiz. Sua mãe merecia ouvir algumas verdades, Olivia. Ela precisava saber que você não está sozinha. Por isso, não irei pedir desculpas.

— Obrigada. — agradeço-o depois de ouvir sua explicação.

— Você não está brava? — sua testa levemente enrugada demonstra seu atual estado de confusão.

— Um pouquinho, afinal, você prometeu que não iria procurá-la. — lembro a ele. — Mas sei que, apesar de ter quebrado sua promessa, você só queria me proteger. — sorrio, mordendo o seu queixo.

— Então estou perdoado?

— Sim. — assinto.

— Simples assim?

— Aham.

— Pensei que seria um pouco mais difícil obter o seu perdão.

— Está reclamando, sr. Senador?

— De forma alguma, muito pelo contrário. — ele sorri, mostrando suas covinhas. — Amo você e ficaria muito feliz se aceitasse me acompanhar em meus compromissos que antecedem a votação. — Gustavo sabe como usar um momento a seu favor, mas dessa vez não irá funcionar.

— Por mais que eu queira estar ao seu lado, não acho que essa seja uma boa ideia.

— Por que não? O que lhe impede de aceitar meu convite?

— Tirando o fato de que a maioria dos seus eleitores me olha estranho e de que Samuel me odeia? Acho que não há nada demais. — ironizo com um revirar de olhos.

— Em primeiro lugar, não é a maioria que te olha estranho, apenas alguns imbecis incapazes de aceitar e entender o quanto a amo. Segundo, Samuel não trabalha mais para mim.

— Como assim? — questiono sem compreender o porquê de Samuel não trabalhar mais para Gustavo. — Por favor, Gustavo, não me diga que é por minha causa.

— Não se preocupe, diabinha, a culpa não é sua. Samuel foi o único a se transformar em um verdadeiro estranho. — apontada de decepção é nítida em seu tom de voz.

— Eu não sei o que aconteceu, mas sinto muito. — beijo seu peito. — Eu e Samuel nunca fomos amigos, nem nada do tipo, porém sei que você o via como um. Se quiser me contar o que aconteceu, estarei aqui para ouvi-lo.

— Obrigado, Liv, mas tudo o que quero é que aceite o meu convite.

— Gustavo, eu não acho...

— *Que seja uma boa ideia.* — completa. — Você já me disse isso, e irei respeitar sua decisão se realmente quiser ficar. Contudo, serão quase cinco dias fora e não sei se conseguirei ficar tanto tempo longe de você.

Cinco dias? Tudo isso?

— Cinco dias? — faço careta.

— Aham, mas tudo bem. Respeitarei sua decisão.

— Gustavo, eu... Pensando bem, talvez seja melhor que eu vá.

O quê? Ninguém pode culpar-me por mudar tão rápido de ideia, afinal, serão quase cinco dias. Não me imagino ficando longe do meu namorado gostoso nem por um dia, quem dirá por mais.

— Eu te amo, minha diabinha linda. — ele beija meus lábios, e sinto sua ereção roçar contra o meu sexo, já molhado. — Nós ainda não podemos, Liv. — repreende-me quando começo a moer contra seu mastro.

— Podemos ser cuidadosos. — tento persuadi-lo.

— Por mais que eu queira fazer amor com você demasiadamente, prefiro respeitar as orientações médicas.

— Mas eu quero transar, Gustavo. Estou sentido tanta falta de você.

— Eu sei, amor, mas primeiro você precisa se recuperar por completo. Só mais alguns dias e serei todo seu.

— Certo, mas quando o sinal verde for dado, o senhor será o meu escravo sexual. — digo, fazendo-o gargalhar.

— Eu serei o que você quiser, diabinha. O que você quiser.

Sim, eu tenho o melhor namorado de todo o mundo.

17



Bernardo

ARREPENDIMENTO

substantivo masculino

1. pesar ou lamentação pelo mal cometido; compunção, contrição.

"foi grande o a. do assassino"

2. negação ou desistência de algo feito ou pensado em tempos passados.

"o a. de ter estudado medicina"

jur faculdade concedida às partes de desfazer o contrato anteriormente celebrado.

3. *rel* no judaísmo e no cristianismo, ato central da virtude religiosa que consiste em um sentimento de rejeição sincera, por parte do pecador, ao seu comportamento pregresso, e que resulta na intenção de um retorno contrito à lei moral.

Origem

◉ ETIM *arrepender* + *-mento*

Se arrependimento matasse eu, com certeza, estaria a sete palmos do chão. Ainda não consigo entender como pude ser tão idiota a ponto de colocar não só meu casamento em jogo, mas também o amor dos meus filhos e o da mulher que amo.

Quase três semanas desde o episódio em que fui para cama com a irmã de Sarah e ainda sinto nojo de mim mesmo por tamanho ato. Nathalia continua a me ignorar e as crianças já perceberam que algo não está normal. Abrir os olhos durante as manhãs que sucederam minha maior burrada tornou-se uma tortura. Não sou o mesmo Bernardo de antes e, muito provavelmente, nunca serei. Não sem o amor de Nathalia.

Agora, por exemplo, já passa das três da manhã e ainda não fui capaz de pegar no sono.

Reviro-me na cama do quarto de hóspedes, tentando encontrar uma posição confortável, como se minha insônia estivesse relacionada a este fato. A verdade é que desaprendi a dormir sem sentir o calor do corpo da minha mulher ao meu lado.

Por que não podemos voltar no tempo? — Penso antes de escutar o estridente som de Maria Julia chorando.

Apresso-me em levantar-me da cama e corro para verificar minha menininha.

— Hey, por que você está chorando, mocinha? — pego-a no colo e seu choro cessa ao som de minha voz, seus olhos verdes me encarando com curiosidade. — É fome? — pergunto, mesmo sabendo que ela não irá responder. — Bem, pelo cheiro acho que o problema é outro. — brinco, mas Maria Julia não acha minha piada engraçada e volta a chorar. — Certo, desculpe-me. O papai vai resolver isso rapidinho. — sorrio, colocando-a em cima do trocador. Tiro seu pijama, abro sua fralda e... *Meu Deus! Como uma coisinha tão pequenina pode fazer algo assim?*

— Aconteceu alguma coisa? — Nathalia entra no quarto quando estou terminando de trocar nossa filha.

— Nada demais, só alguém que estava com a fralda suja. — respondo, virando-me para encarar a única mulher que faz meu coração disparar em um ritmo descompassado.

— Eu poderia ter trocado, era só ter me chamado. — a indiferença de Nathalia, além de ser algo novo, machuca como o inferno.

— Era só uma fralda suja. — dou de ombros. — Além do mais, gosto de passar um tempo ao lado da minha menininha. — olho admirado para o bebê em meus braços.

Tão pequenina.

— Claro, uma forma de amenizar a culpa por ter perdido o nascimento da própria filha. — rosna.

Aí está um dos motivos pelos quais eu creio que meu relacionamento com Nathalia nunca mais será o mesmo, ela jamais irá me perdoar e na primeira oportunidade que aparecer jogará em minha cara o que fiz. — como acaba de fazer.

— Por favor, Nathalia, não vamos por esse caminho de novo. — peço, cansado demais para discutir.

Maria Julia escolhe esse momento para voltar a chorar, agora de fome.

— Você já pode me dar ela. Irei alimentá-la. — ela pede, e eu entrego Maria Julia a ela. — Será que você poderia sair? — sinaliza em direção à porta. — Eu preciso dar de mamar para minha filha e não me sinto confortável com você no quarto. — suas palavras saem duras e cortam como uma faca.

— Eu... Hã... Boa noite. — digo e, como resposta, recebo o silêncio ensurdecedor de Nathalia.

...

Pouco mais de seis horas da manhã e assusto-me com um telefonema do meu cunhado.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto preocupado, uma vez que Gustavo deixou de falar comigo logo após descobrir que eu havia traído sua

irmã.

— Eu gostaria de saber se, por acaso...

— *Fale logo de uma vez, Gustavo.* — posso ouvir a voz de Olivia ao fundo.

— Eu não sei... Eu só pensei que poderíamos... — torna a se enrolar com as palavras.

— O que Gustavo está querendo dizer é que ele ficaria muito feliz se você aceitasse tomar um café com ele, para colocarem a conversa em dia. — agora a voz de Olivia é bem mais nítida, uma vez que parece ter capturado o celular das mãos do namorado.

— *Eu ainda tenho boca, diabinha.* — meu amigo reclama, e eu sorrio.

— Diga a ele que eu adoraria. — respondo e logo escuto os gritinhos de euforia vindos de Olivia.

— Certo. Então anota aí o endereço e o horário. — instrui e eu faço uma pequena nota mental.

— Obrigado, Olivia. — agradeço-a, antes de finalizar a chamada, porque sei que se Gustavo aceitou conversar comigo foi por insistência dela. Caso contrário ele continuaria a me ignorar.

— Bom dia, papai. — Ben surge em meu quarto ainda de pijama.

— Hey, amigo, o que aconteceu? Por que ainda não se arrumou para ir ao colégio? — indago e não demora muito para eu note mais duas cabecinhas surgirem na porta: Analu com Nathan em seus braços.

— Hoje é sábado, papai. — Ben responde.

E, ao que parece, eu já não sou capaz de distinguir os dias da

semana.

— Então o que estão fazendo aí parados? Cadê o meu beijo? — brinco e em questão de segundos os três estão escalando minha cama e pulando em meus braços.

— *Papa.* — Nathan balbucia, se enroscando em meu pescoço. Beijo sua cabeça e abro os braços para que Ben e Analu deitem, cada um de um lado. Ficamos assim por alguns minutos, até Ben quebrar o silêncio:

— Você e a mamãe irão se separar, não é? — sua pergunta me deixa mudo, sem saber o que responder.

— Não precisa mentir, papai, nós já percebemos. — Analu completa o pensamento do irmão.

— É complicado, crianças.

— Vocês não se amam mais? É isso? — meu primogênito questiona.

— É claro que nos amamos, filho.

Ao menos eu ainda amo sua mãe com toda a minha alma. — Penso.

— Mas às vezes amamos tanto uma pessoa que temos que renunciar a ela para a felicidade da mesma.

— A mamãe não é mais feliz ao seu lado? — Analu indaga.

— *Mamã.* — Nathan balbucia, olhando para os lados, como se fosse encontrar sua mamãe em algum canto do quarto.

— A mamãe está dormindo, campeão. — falo e ele volta a repousar sua cabeça sobre o meu peito. — A culpa não é da mãe de vocês, e é muito importante que entendam isso. — tento responder a pergunta de Analu. — Eu a magoei muito e agora ela precisa de um tempo para pensar.

— Ela não pode pensar com você ao lado dela? — minha menina franze a testa.

— Não, querida, mas isso não significa que ficarei longe de vocês.

— Não quero que vá embora. — Ben me olha com os olhos lacrimejados.

— Eu também não, papai. — Analu soluça baixinho. A imagem de lágrimas descendo por seu rostinho de anjo corta o meu coração ao meio.

— Hey, querida! Não chore, meu anjo. — peço. — O papai promete que algum dia tudo voltará a ser como antes.

— Promete? — ela pergunta, esperançosa.

— Prometo.

Não importa o que eu tenha que fazer ou por quanto tempo terei que lutar pelo amor de Nathalia. Eu irei reconquistá-la, nem que para isso eu tenha que me rastejar aos seus pés.

...

Entro na cafeteria próxima ao condomínio onde moro e logo avisto meu cunhado sentando em umas das mesas que ficam ao lado de uma enorme janela de vidro. Gustavo parece pensativo e sei que há algo o preocupando, além da dor que causei a sua irmã.

— Oi. — solto o cumprimento sem saber como agir, o que é engraçado, uma vez que eu e Gustavo costumávamos ser aquele tipo de amigos que se saúdam com xingamentos e os apelidos mais inusitados que alguém possa criar.

— Oi. — ele devolve, sem muita emoção.

— Se quiser eu posso ir embora e dizer para Olivia que fizemos as pazes. Você sabe que não precisa conversar comigo se não quiser, certo? — pergunto ao notar seu olhar de decepção.

— Por favor, Bernardo, sente o seu rabo nessa cadeira e pare de fazer drama. Eu não estou aqui porque minha mulher me obrigou. — arqueio uma de minhas sobrancelhas. — Certo, talvez eu esteja aqui porque ela ameaçou entrar em uma greve de sexo assim que as atividades sexuais forem liberadas. — bufa.

— Eu sinto muito, cara. — digo, sentando-me de frente para o homem que mais admiro neste mundo.

— Você deveria sentir mesmo. Porra, Bernardo, eu lhe avisei que não permitiria que você fizesse minha irmã sofrer. Eu confiei em você, cara.

— Eu sei, Gustavo. Acredite, se eu pudesse voltar atrás eu jamais escolheria machucar minha pequena, mas...

— Mas você não pode. — completa.

— Eu a amo, Gustavo. Isso pode até soar idiota, uma vez que eu fui burro o bastante para trai-la, mas eu a amo. Eu... Eu só não esperava que Sarah tivesse uma irmã gêmea, muito menos que eu seria burro o bastante para ir para cama com ela.

— Você falou com ela depois do que aconteceu? — ele pergunta, e eu nego com um balançar de cabeça.

— Ela anotou o endereço e o número de telefone em uma folha de papel, mas eu não vi o porquê procurá-la. Porra, eu sequer lembro de ter transado com ela. A única coisa que sei é que eu acordei nu com ela...

— Por favor, Bernardo, me poupe dos detalhes. A única coisa que quero e preciso saber é se vocês usaram proteção.

— Merda! — praguejo quando lembro de ter acordado *desencapado*.

— Droga, Bernardo! E se ela estiver grávida? — seu questionamento me causa náusea.

— Ela... Ela não está.

Ela não pode estar grávida.

— Reze para que suas palavras sejam verdades. Minha irmã não merece sofrer ainda mais.

E é isso o que eu faço. Rezo em pensamento para que Samantha não esteja esperando um filho meu.

— E a Olivia? Como ela está? — tento desviar o foco da conversa, mesmo que meus pensamentos estejam todos voltados para o meu ato de estupidez.

— Ela é simplesmente perfeita. — meu amigo sorri de orelha a orelha ao falar da namorada. — O único problema é o imbecil do Heitor. — seu sorriso murcha, dando lugar a uma expressão séria.

— Ele fez alguma coisa?

— Ontem ele a encurralou no estacionamento de um supermercado e tocou... Ele tocou nela. — cerra os punhos. — Eu tenho vontade de matá-lo, Bernardo. — vocifera e eu compreendo perfeitamente o que meu amigo está sentindo, afinal, durante anos foi esse o sentimento que nutri por Heitor.

— Heitor é um babaca, Gustavo, mas não vale apena sujar suas mãos com ele.

— Eu sei, mas, às vezes, a vontade que tenho de matá-lo fala mais

alto. — seu olhar está repleto de ódio, o que devo admitir ser algo novo, já que Gustavo sempre soube controlar bem suas emoções.

— Por favor, Gustavo, não vá fazer nenhuma besteira. — aconselho.

— Quanto a isso, eu não posso prometer nada. Não se ele voltar a encostar outro dedo em minha mulher.

— Só pense bem antes de tomar qualquer decisão precipitada.

— Fique tranquilo, Bernardo. — sorri. — Agora eu apreciaria muito se você usasse o seu poder de jornalista para conseguir um agente de campanha para mim.

— Como assim? O que raios aconteceu com o Samuel?

— Eu o demiti. — sua resposta não poderia me deixar mais chocada. — Samuel já não é o mesmo de antes. Sei lá, ele... Ele parece um estranho, além de sempre encontrar uma oportunidade de ofender Olivia. — explica.

— Você está ciente de que ter o demitido, nessa altura do campeonato, foi o mesmo que ter dado um tiro no próprio pé, certo?

Com pouco menos de dois meses para o fim da campanha, a saída de Samuel pode vir a acarretar em uma série de problemas e prejudicar o desempenho de Gustavo nessa corrida eleitoral.

— Eu estou ciente. — fala com pesar. — Mas acredite, as coisas seriam bem piores se ele continuasse a trabalhar para mim.

— Bem, você deve saber o que é melhor. De qualquer forma, tenho a pessoa perfeita para ocupar o cargo que era de Samuel, ao menos temporariamente.

— Quem?

— Eu. — sorrio.

— Você?

— Bem, eu sou formado em jornalismo e relações pública, sem mencionar o fato de que conheço sua trajetória política melhor do que ninguém.

— E o jornal?

— Eu estava mesmo precisando de umas férias. E como mencionei anteriormente, é apenas um emprego temporário. Na verdade, o termo correto seria: um amigo prestando um favor a outro. O que você me diz?

— Obrigado, Bernardo.

E, neste momento, sei que dei o primeiro passo para ter o meu amigo/irmão de volta. Agora só falta reconquistar minha pequena.

18



Gustavo

AVESSO

ê/

adjetivo

1. contrário; antagônico.

"ser a. ao hábito de fumar"

2. não inclinado (no sentido moral).

"ser a. às manifestações do espírito"

3. danoso, desfavorável.

"a fortuna foi-lhe a."

4. *substantivo masculino*

lado oposto ao dianteiro, ao direito; envesso.

"o a. da saia"

Origem

⊙ ETIM lat. *aversus,a,um*, part.pas. do v.lat. *aversāre*

Enquanto olho para o relógio em meu pulso, contando os segundos para retornar para casa, percebo que minha vida nunca mais será a mesma, não que eu esteja reclamando, longe disso. Antes eu costumava passar horas com a cabeça enfurnada em assuntos referentes ao meu trabalho, sem me preocupar com o horário. Hoje, no entanto, meu único pensamento é estar nos braços da mulher que amo.

Cada segundo longe de minha diabinha é o que se assemelha a uma grande eternidade.

Olivia virou minha vida de ponta cabeça, me virou do avesso, e o avesso nunca pareceu tão certo quanto agora. Eu não sei como isso é

possível, mas já não sou capaz de viver sem ela. Na verdade, a pergunta correta seria: como vivi tanto tempo sem ela? Eu não faço a mínima ideia. A única certeza que tenho é a de que pretendo passar o meu para sempre ao lado dela. Amando-a como ela merece.

— Alguém está mais apaixonado do que eu imaginava. — Bernardo brinca, provavelmente depois de notar o sorriso bobo estampado em meu rosto, o mesmo que surge sempre que penso em Olivia.

— Bem, eu não sou o único. — devolvo quando percebo uma foto de minha irmã em suas mãos.

— Não, mas é o único a ser correspondido. — lamenta com o olhar vazio e o semblante cansado, guardando a imagem dentro de sua carteira.

— Ela irá perdoá-lo, Bernardo. Tenha paciência. — tento amenizar o seu sofrimento, mas a verdade é que, se eu estivesse em seu lugar, estaria tão louco quanto ele com a possibilidade de perder a mulher que amo.

— Eu agradeço o seu esforço em tentar me consolar, Gustavo. Mas nós dois sabemos que Nathalia não é o tipo de mulher que perdoa fácil.

É... Ele tem razão. Minha irmã não acredita em segunda chance e algo me diz que meu cunhado terá que suar a camisa para tê-la de volta. O que, infelizmente, pode levar tempo. Um longo tempo.

— Você contou a ela sobre nossa viagem? — questiono.

— Sim.

— E?

— E nada. — bufa. — Ela sequer me olhou nos olhos enquanto eu falava. Nathalia me odeia, Gustavo, e eu sinto que estou morrendo aos poucos.

— Se você optar por ficar, não irei me opor.

— Não, está tudo bem quanto a isso. Na verdade, acredito que esses dias longe podem ser bons para organizar meus pensamentos. De qualquer forma, sua irmã, mesmo não falando nada, pareceu bem feliz com a ideia.

— Eu... Eu sinto muito, Bernardo.

— Não mais do que eu. — seus olhos marejados e a voz embargada expressam o seu pesar. — Bem, eu tenho que ir. Fiquei de levar as crianças ao cinema, vulgo assistir filme no meu quarto, fazer um balde de pipoca e depois limpar a bagunça dos três pequenos furacões. — põe-se de pé, enxugando com as costas da mão uma lágrima que teima em cair.

— Diga as crianças que mandei um beijo.

— Eu direi. — sorri fraco antes de deixar minha sala.

Tanto Bernardo como minha irmã estão sofrendo muito com essa separação e eu espero, sinceramente, que Nathalia deixe seu orgulho de lado e possa dar a si mesma uma nova chance de ser feliz.

— Com licença. — sou pego de surpresa pela voz de Alice, minutos após a saída de Bernardo.

O que raios ela está fazendo aqui?

— Você não deveria estar aqui, Alice. — solto as palavras de forma seca, sem me preocupar com o fato de estar sendo rude.

— Desculpa, eu... Eu só queria lhe fazer uma visita e lhe trazer isso. — ergue duas sacolas, ambas com a logomarca de um dos restaurantes que costumávamos ir quando ainda namorávamos.

— Sinto muito, mas eu irei jantar em casa, com a *minha mulher*. — enfatizo as duas últimas palavras para que ela entenda que não estou

disponível.

— Eu não sei o que você viu naquela pirralha, Gustavo. — vocifera.
— Por favor, ela mal saiu das fraldas.

— Bem, aquela "*pirralha*", como você insiste em chamá-la, é a mulher que eu amo e a pessoa que escolhi para ser a mãe dos meus filhos. Quanto ao fato de Olivia ser mais nova que eu, posso garantir que ela não deixa a desejar em absolutamente nada. — meu comentário faz Alice esbugalhar seus olhos e abrir a boca em um perfeito "O".

— Então por que ainda não a pediu em casamento?

— E quem disse que eu não o farei? — questiono, porque isso é algo que eu obviamente farei, só estou esperando o momento certo. — Por favor, Alice, entenda de uma vez por todas que o que nós tivemos acabou. Ficou no passado. Agora, por gentileza, saia da minha sala e não volte mais a procurar-me, tampouco a se aproximar da minha mulher.

— Você... Você é um idiota, Gustavo. — ela arremessa as sacolas sobre minha mesa, comida se espalhando por todos os lados. — Espero que sua doce Olivia o troque da mesma forma com que trocou o ex-marido. Então, quando isso acontecer, não me procure. — sorri debochada antes de virar as costas e ir embora.

Já foi tarde! — Penso, incapaz de acreditar que um dia cogitei a ideia de me casar com uma mulher tão mesquinha e fútil como Alice. Minha sanidade mental, com certeza, não estava em perfeita ordem quando a pedi em casamento.

— Com licença, sr. Monteiro. — Naomi pede batendo na porta de meu escritório e pergunto-me onde ela estava, uma vez que Alice entrou sem ser anunciada.

— Sim?

— A srta. Albuquerque ligou perguntando que horas o senhor retornará para casa. — a menção do sobrenome de minha diabinha faz com que meu humor mude de forma surpreendente.

— Diga a ela que sairei em poucos minutos, assim que eu arrumar essa bagunça. Pensando bem, não diga nada. Acho melhor fazer-lhe uma surpresa. — sorrio.

— Certo, senhor. Quanto à bagunça, eu mesma arrumo. Juro que não percebi quando a senhorita Alice invadiu a sala. Eu realmente sinto muito. Sei que, mesmo ao telefone, eu deveria ficar atenta a quem entra e sai.

— Está tudo bem, Naomi. Só preste mais atenção da próxima vez, por favor. — peço, levantando-me e recolhendo alguns papéis sobre minha mesa. — A entrada da srta. Alice está proibida.

— Sim, senhor. Prometo que isso não voltará a se repetir.

— Já que tudo foi esclarecido, preciso ir. Tenha um boa noite.

— O senhor também.

Deixo meu escritório e decido passar em uma floricultura antes de fazer meu caminho para casa. Para os braços de minha Liv.

...

Olivia

Eu estou tão nervosa, sei que não deveria, mas simplesmente não

consigo controlar o frio na barriga toda vez que penso em qual será a reação de Gustavo quando abrir a porta de nossa casa, como ele insiste em chamar.

As atividades sexuais foram, enfim, liberadas e em um momento de êxtase e um pouco de loucura – confesso –, resolvi que seria uma boa ideia surpreender meu namorado, principalmente depois de tudo o que passamos. Devo admitir, no entanto, que não estava em meu perfeito juízo quando liguei para Bella pedindo ajuda, tampouco quando concordei com o que ela propôs. Em minha defesa, a ideia parecia simplesmente perfeita, porém, agora, enquanto encaro minha imagem refletida no espelho, me pergunto se não estou parecendo um pouco ridícula vestida neste pedaço de pano que mal cobre o meu corpo.

— Onde raios eu estava com a cabeça quando aceitei me sujeitar a isso? — Questiono-me silenciosamente, tomando a sábia decisão de trocar o micro vestido por algo mais decente antes de Gustavo chegar.

— Puta que pariu, diabinha! — a voz grave de Gustavo me faz virar surpresa para encará-lo, e seu olhar de luxúria me faz pensar que talvez a ideia de Bella não tenha sido tão ruim, afinal.

...

Gustavo

Não consigo segurar o palavrão que sai de minha boca quando me deparo com a imagem de uma Olivia extremamente sexy encarando seu reflexo no espelho de nosso quarto. Tenho certeza que minha boca, além de estar aberta, saliva com a visão a minha frente: Olivia vestida em um vestido minúsculo que abraça perfeitamente suas curvas. A visão é simplesmente

perfeita e faz meu pau levantar na velocidade da luz.

— Você gostou? — a danada morde o lábio inferior e juro que este é o meu fim.

A passos rápidos, quebro a distância que nos separa e puxo-a pela cintura, unindo nossos corpos e nossas bocas. Não demora muito para que uma de minhas mãos vaguei lentamente em direção ao seu traseiro redondo e firme, explorando a região que eu tanto amo.

— Você ainda não me respondeu se gostou ou não. — ela quebra o nosso beijo e se afasta um pouco, dando uma rápida voltinha, me provocando, como se eu já não estivesse louco o suficiente.

— Vo-você está perfeita. — gaguejo perante o monumento à minha frente.

Eu preciso tê-la, ou essa necessidade que me consome me deixará louco.

Tento trazê-la de volta para os meus braços, mas sou cruelmente impedido.

— Ainda não, garotão. — ela dá mais um passo para trás, arrumando o vestido que chega a ser indecente de tão sexy. — Temos que jantar primeiro.

— Será que eu não posso pular logo para a sobremesa? — Olivia gargalha de meu comentário malicioso.

— Não seja apressado, sr. Monteiro. Preparei-lhe um jantar e tenho certeza que irá gostar muito. — seu olhar de menina levada não abre espaço para dúvidas. Minha menina está aprontando, e eu tenho convicção de que irei gostar de tudo o que está por vim. — Seja bonzinho e me acompanhe, por favor. — ela passa por mim rebolando os quadris em direção ao corredor de

nosso apartamento e eu sigo logo atrás, apreciando à vista e dando graças a Deus pelo jantar ser em casa. Digamos que a imagem de outros homens vendo Olivia como eu estou vendo agora não me deixa muito feliz. Na verdade, não me deixa nem um pouco feliz. Não que eu seja o tipo de homem que dita o que sua companheira deve ou não vestir, isso é algo que acho inadmissível e me entristece saber que existem mulheres que acham esse tipo de comportamento *"fofo e protetor"*.

— Espere aqui! — ela faz o pedido quando chegamos à sala de estar. Abro a boca para questioná-la, mas antes que eu seja capaz de formular qualquer tipo de frase, ela começa a caminhar novamente, desta vez em direção a sacada. Penso em segui-la, mas, por fim, resolvo acatar seu pedido, como um bom menino, e espero pelo que parece horas antes de ouvi-la chamar por mim. — Pronto! Pode vir agora! — dá o sinal verde e eu não demoro para seguir seu comando e encontrá-la ao lado da pequena mesa com vista para a cidade de São Paulo. A mesa, na qual costumamos tomar nosso café da manhã, está digna de um verdadeiro jantar romântico.

— Uau! — exclamo, pensando no porquê de não ter dito essa ideia antes.

— Gostou da surpresa?

— Eu amei tanto a surpresa que até esqueci das flores. — digo, apontando para o buquê de rosas em minhas mãos e Olivia sorri. — São para você. — entrego-lhe as flores e ela as leva até o nariz, inalando o aroma suave enquanto agradece:

— Obrigada, Gustavo. Elas são lindas. — sorri e isso é o suficiente para que eu também sorria. — Irei colocá-las em um jarro. — avisa antes de se dirigir para a cozinha. Aproveito o momento para me livrar de meu terno e de minha gravata, puxando as mangas de minha camisa até meus cotovelos.

— Eu sei que havia dito que a sobremesa ficaria para depois do jantar, mas pensando bem, acho que a ordem dos fatores não altera o produto. — Olivia está de volta e junto com ela o seu olhar cheio de desejo.

Ela fita meu corpo como se quisesse me despir.

— É bom saber que eu não sou o único aqui pronto para rasgar um pouco de roupa e obter o que quer. — solto as palavras, aproximando meu corpo do dela porque, ao que parece, é impossível ficar no mesmo ambiente que Olivia e não tocá-la. — Eu já mencionei o quão linda e sexy você é? — sussurro a pergunta em seu ouvido.

— Já, mas é sempre bom ouvir.

— Eu te amo, diabinha. — fixo meu olhar no dela antes de selar nossos lábios em um beijo sereno.

— Eu também te amo, sr. Senador. — ela acaricia meu rosto com uma das mãos. — Obrigada por me amar de volta.

— Nunca me agradeça por isso, Liv. Não por amá-la. Acredite, amar você não é nenhum tipo de favor ou qualquer sacrifício, é algo que não consigo e nem quero evitar. — esclareço e noto seus lindos olhos brilharem. — Agora vamos jantar, antes que eu mude de ideia e a leve para o quarto.

...

Olivia

— Dance para mim. — a voz grave e rouca de Gustavo faz o pedido e minha pele arrepia quando seus braços envolvem minha cintura e o nosso quarto é invadido pelo som de um *reggaeton* lento.

Fecho meus olhos e faço o que ele pede, requebrando meu quadril no ritmo da música. Gustavo me acompanha e nossos corpos se encaixam. Me viro de frente para ele e envolvo meus braços ao redor de seu pescoço. Sinto o cheiro de suor e perfume masculino. Meu corpo reage. Sinto meus seios pesarem e minha boceta ligeiramente molhar. Não paramos de dançar. Ele segura firme minha cintura com uma das mãos e encaixa a outra em minha nuca, segurando meu cabelo com firmeza. Me sinto alagar e meus joelhos fraquejam.

Meu ponto fraco.

Olho sua boca. Consigo sentir seu olhar sobre mim e tudo o que quero é provar o gosto do seu beijo. Como se tivesse dito as palavras em voz alta, ele satisfaz o meu desejo.

Seu beijo é lento, como se estivesse me saboreando. Ele solta meu cabelo para segurar uma de minhas nádegas e eu intensifico o beijo, querendo mais.

Minhas mãos percorrem seus ombros largos, braços e peitoral. Preciso de uma âncora, sinto que estou me afogando em desejo.

— Mais. — minha voz sai rouca de desejo em meio a súplica.

A mão que estava em minha cintura acaricia minha coxa e levanta a barra do meu vestido, somente o suficiente para que ele tenha acesso a minha calcinha que está encharcada. Consigo sentir o aroma forte de minha excitação. Gustavo passa os dedos, indicador e médio, na minha calcinha, brincando com meu clitóris sob o fino pedaço de renda.

Uma descarga elétrica percorre o meu corpo. Abro mais minhas pernas, dando permissão para ele ir além, mais como uma ordem, que ele prontamente obedece. Seus dedos, enfim, me penetram, no entanto, ele não

os movimenta e eu bufo em frustração. Com um sorriso zombeteiro, ele tira os dedos de meu interior e os leva a boca.

Vê-lo chupar seus dedos é demais para mim. Sinto minha vulva pulsar. Sinto o vazio. Meu corpo precisa ser preenchido. Agora.

Me apresso em abrir suas calças e o sinto sorrir em meu ouvido.

Desgraçado!

Ele está duro. Não consigo enxergar direito, uma vez que a única luz que ilumina o quarto é a da lua cheia, que entra pelas enormes janelas de vidro, mas sinto as veias de seu membro latejarem em minha mão. Aperto suavemente suas bolas e inicio um movimento rápido de vai e vem – da base do seu pau até a cabeça.

— Isso, diabinha! — ele solta o rosnado.

Minha boceta pulsa. Meu corpo arrepia. Gustavo torna a meter seus dedos dentro de minha boceta, dessa vez fazendo os movimentos pelos quais eu tanto ansiava. Ele bombeia rápido e fundo. Eu, por minha vez, acelero o ritmo da minha mão, até meu pulso começar a doer.

— Eu preciso de você dentro de mim, Gustavo. Eu preciso senti-lo me preenchendo. — digo, desesperada, e outro rosnado sai de sua boca quando ele tira seus dedos de meu interior e afasta minha mão de seu membro duro.

Em questão de segundos estamos nus, meu corpo pressionado contra a parede do quarto. Noto Gustavo lambuzar seu pau na lubrificação de minha boceta, dando leves batidinhas. Antes de se encaixa em minha entrada, no entanto, ele levanta minhas pernas para facilitar o acesso. Pressiono sua cintura com minhas coxas. Meus saltos batem em sua bunda. Seus beijos agora são desesperados. Gustavo entra com cuidado, mas quando vê que não

reclamo segue em frente, com força.

Sinto seu pau tão profundo.

— Porra, de diaba gostosa da bocetinha apertada. — ele geme.

— Mais. — peço e ele me dar.

Soca. Soca. Soca. Quente. Molhado. Forte. Mais forte. Rápido. Mais rápido.

Estou tão perto, só mais um pouco.

Gustavo captura um de meus seios. A boca ávida em meu mamilo. Reveza de um para o outro. Chupando. Sugando. Mordiscando. Puxando com os dentes.

Caralho! Que gostoso!

Ele não para, só intensifica os movimentos. O mundo não existe mais. Não ouço mais a música, somente o som de sua respiração pesada, seus suspiros e rosnados. Sua barba arranha meus seios. Estou entorpecida. Embriagada de prazer. Nem se tentasse conseguiria conter meus gemidos.

— Goza *pra* mim, minha diabinha. Quero sentir você gozando no meu pau. — ouvi-lo sussurrar o pedido me leva ao limite.

Eu posso sentir que estou vindo. Como se cada célula do meu corpo estivesse gozando. Sinto dos pés à cabeça meu corpo reagir aos estímulos. É de mais para mim. Movimento a cabeça de um lado para o outro, como se negando o orgasmo fosse aliviar a explosão. Onda após onda. Parece que não irá acabar nunca. Gustavo segura meu rosto e me faz olhar em seus olhos. *Aqueles olhos*. Me perco naquelas chamas escuras enquanto mais ondas me invadem. Ele fica rígido. Morde meu ombro. Estoca firme e forte, rosnando quando também é invadido por sua própria onda de prazer.

Ficamos um longo momento assim. Ele dentro de mim. Apenas sentindo.

19



Gustavo

RAIVA

substantivo feminino

1. *infect vet* doença infecciosa aguda causada por um vírus da fam. dos rabdovírus, transmitida ao homem pela mordida de animais infectados (cão, gato, lobo etc.), caracterizada por lesões do sistema nervoso central que provocam convulsão, tetania e paralisia respiratória; danação, hidrofobia.

2. acesso de fúria; cólera, ira.

"gritar de r."

3. sentimento de irritação, agressividade, rancor e/ou frustração.

4. aversão, horror, ojeriza, repulsão.

"tomou r. de viajar"

5. desejo, apetite intenso.

"comer com r."

6. prurido que ocorre nas gengivas das crianças, durante a dentição.

Origem

⊙ ETIM lat.vulg. *rabīa*, pelo lat.cl. *rabīes*,ei 'id.'

Raiva é tudo o que consigo sentir enquanto encaro a tela do meu computador, ainda sem acreditar nas barbaridades, calúnias, injúrias e mentiras que acabo de ler.

Fico me questionando como alguém é capaz de julgar meu relacionamento com Olivia sem sequer nos conhecer de verdade. Como eles podem taxá-la como puta quando ela é a única vítima em toda essa história? Como alguém consegue ser tão podre a ponto de escrever tanta mentira a respeito de um ser que nunca fez mal a ninguém? Eu simplesmente não consigo entender.

Quando recebi uma chamada de Bernardo, há pouco menos de dez minutos, jamais pensei que fosse relacionada a algo tão sério, ainda mais no dia que antecede nossa viagem à Brasília.

— Eu quero nomes, Bernardo. — rosno para o meu amigo e agora agente. — Quero que os responsáveis por essa matéria respondam judicialmente por cada mentira levantada com o intuito de manchar a imagem da minha mulher. Eu quero matar o homem que diz ter tido um caso com minha Liv enquanto ela ainda era casada com o desgraçado do Heitor. — cerro minhas mãos em punhos.

— Eu sei que pedir calma neste momento é inútil, mas você precisa tentar se controlar, Gustavo.

— Como raios eu posso me controlar depois de ler esse monte de merda, Bernardo? Como você espera que eu mantenha o controle quando uma quantidade absurda de idiotas está apedrejando minha mulher nas redes sociais?

— Eu... Eu estou tentando reverter a situação, Gustavo. Tudo que peço é que confie em mim e que Olivia não saia de casa.

— Como assim não saia de casa?

— Eu não sei como falar isso, cara... — faz uma pausa antes de prosseguir. — Mas você sabe o quão loucas algumas pessoas podem ser.

Mas que porra é essa? O que ele está querendo dizer? Que Olivia corre algum risco depois dos boatos maldosos que criaram a seu respeito? É isso?

Sinto minha raiva ficar ainda maior com a possibilidade de alguém machucando minha Liv.

— Gustavo?! — escuto a voz suave de minha diabinha vinda de nosso

quarto.

— Estou indo, amor! — grito de volta. — Faça o que for preciso, Bernardo, desde que os culpados sejam encontrados e punidos. — rosno, antes de finalizar a chamada.

— Está tudo bem? — Olivia questiona quando retorno para o quarto.

Seu corpo nu, coberto pelo lençol branco, e seus cabelos espalhados pelos travesseiros me trazem imagens da noite de ontem.

— Eu te amo. — digo, me juntando a ela, trazendo seu corpo de encontro ao meu.

— Eu também amo você. — ela devolve as palavras, plantando um beijo suave sobre meu peito esquerdo. — O que está lhe atormentando? — questiona depois de alguns segundos, desenhando círculos imaginários em meu abdômen.

Aninho-a ainda mais contra mim para que eu possa sentir o doce aroma de seus cabelos enquanto procuro as palavras certas, se é que tais palavras existem.

— Bernardo acabou de ligar.

— Ele está bem? Aconteceu algo com a Nathalia ou com as crianças? — sua preocupação com a minha família só faz com que eu a ame ainda mais.

Eu, sinceramente, me sinto impotente pela notícia que sou obrigado a dar a ela, principalmente porque sei que não poderei levar sua dor, por mais que eu queira.

— Você está me assustando, Gustavo.

— Não precisa se preocupar, Liv. Eles estão bem.

— Então por que sinto que algo está errado?

Porque, infelizmente, está. — Penso.

— O que Bernardo disse ao telefone, Gustavo? — torna a questionar.

E agora vem o momento que não pode ser adiado, afinal, por mais que eu queria proteger Olivia dentro de uma bolha de plástico, contra a maldade de algumas pessoas, eu não posso simplesmente tirar dela o seu direito de viver e lutar suas próprias batalhas. O que eu posso e irei fazer é lutar ao seu lado.

— Bernardo ligou para me comunicar a respeito de algumas matérias difamatórias sobre nossa relação, mas especificamente sobre você. — solto a bomba e Olivia levanta da cama em um pulo, capturando seu aparelho celular sobre o criado mudo. — Liv, por favor, não. — peço porque não quero que ela leia o que eu li. Porém, quando seus olhos brilham em lágrimas, sei que já é tarde demais.

— E-eu... Eu nunca transei com esse cara, Gustavo. Eu sequer o conheço. — a afirmação sai em um sussurro fraco, a voz chorosa, e eu logo me apresso em envolver seu corpo, ainda nu, em um abraço. — Eu juro que nunca fiz nada do que está escrito aqui, Gustavo. Eu juro. — sinto suas lágrimas molharem meu peito e, neste momento, meu coração aperta ao presenciar o seu sofrimento.

— Eu sei que não, amor. Eu sei que não. — repito as palavras, esperando que, de alguma forma, elas amenizem sua dor e, conseqüentemente, a minha.

— Por que eles estão fazendo isso conosco, Gustavo? O que nós fizemos a eles? Será que amar é algum tipo de crime?

— Ei, querida! Nós não fizemos nada de errado e amar não é crime,

mas, infelizmente, é alvo constante de inveja e perseguição.

— Eu sinto tanto, Gustavo. Não queria estragar sua campan...

— Por favor, Liv, não termine essa frase. — corto-a, pegando seu rosto entre minhas mãos para que ela me olhe nos olhos enquanto falo. — Você não estragou nada.

— Não é o que as pesquisas apontam. — joga o celular sobre a cama. — Como você não percebe que, mesmo sem querer, estou destruindo o seu maior sonho?

— Que sonho, Olivia? O de ser governador? Porque eu posso afirmar que esse deixou de ser o meu maior sonho no exato momento em pus meus olhos em você naquele café. — digo com sinceridade e sinto seu corpo relaxar quando ela puxa minha nuca para que nossas bocas se conectem em um beijo calmo e tenro.

— Eu não mereço você.

— Não, você merece alguém muito melhor, mas eu não estou disposto a deixá-la ir assim tão fácil. — faço-a sorrir. — Eu amo você, Liv. Nunca duvide disso. — torno a beijar seus lábios, desejando ter o poder de congelar o tempo.

...

— Não, ela irá comigo! Isso não é algo que está em discussão. — exclamo depois de ouvi Bernardo dizer que talvez seja melhor que Olivia não viaje mais conosco amanhã.

— Entenda, Gustavo, eu estou sugerindo isso para a própria

segurança dela. Não podemos esquecer que existe uma quantidade considerável de *haters* fazendo ameaças a Olivia, sem mencionar os nomes grotesco que estão sendo utilizados para descrevê-la.

— Eu não sei se vocês ainda se recordam, mas eu estou aqui. — Olivia nos lembra de sua presença, sentada no sofá da sala. — Sei que, até o presente momento, ninguém perguntou minha opinião, mas como acredito que ela deva ser levada em consideração, devo dizer que concordo com Bernardo.

— Você o quê? — pergunto, chateado, porque deixá-la aqui sozinha não é uma opção. Nunca foi.

— Gustavo, sei o quanto é importante para você me ter ao seu lado durante essa reta final da campanha. Entretanto, segundo as estatísticas, a probabilidade de eu prejudicá-lo é bem grande.

— Nós já conversamos sobre isso, Olivia. Achei que eu estivesse deixando claro que essa campanha nunca será mais importante que você. — digo, pela milésima vez.

— Eu sei, querido, e você não imagina o quanto é importante para mim sabe disso. Mas eu não posso ficar sentada e vê-lo jogando uma oportunidade como essa no lixo. Não é só você que estará perdendo, toda a população de São Paulo será afetada. Você é dono de um caráter e uma força de vontade que não devem ser desperdiçados, Gustavo.

— Serão quase cinco dias longe, Liv. Eu não posso ir e deixá-la aqui sozinha. — falo, um pouco mais calmo. — E se você precisar de mim? E se essas ameaças se intensificarem e ganharem novas proporções? — os cenários que invadem minha mente me assombram.

— Eu ficarei bem, Gustavo. — sorri, em uma clara tentativa de me

tranquilizar e afirmar o que acabara de dizer. — Ademais, posso passar esses dias na casa da Bella, se isso o deixar mais tranquilo. — ela sugere, mas eu ainda não acho que essa seja uma boa ideia.

— Podemos contratar um segurança também. — a sugestão, desta vez, parte de Bernardo.

— Você tem certeza que quer ficar? — fixo meu olhar no dela enquanto faço a pergunta.

— Sim, Gustavo. Eu tenho certeza.

— Certo! Vocês venceram. Irei respeitar sua decisão, mesmo não concordando com ela. — faço questão de deixar claro minha opinião.

— Bem, já que chegamos em um acordo, irei pegar as crianças no colégio e resolver os últimos ajustes para a viagem de amanhã. Não esqueça que sairemos cedo, Gustavo. — Bernardo avisa, antes de se despedir de Olivia, me dar um leve aceno de cabeça e ir embora.

— Você sabe que eu não pensaria duas vezes antes desistir de minha candidatura por você, certo?

— E você sabe que eu jamais pediria isso, certo? — ela devolve, sorrindo. — Obrigada por respeitar minha decisão. — Olivia se levanta de onde está sentada para se acomodar em meu colo. — Promete que irá ligar para mim todos os dias? Sei que sua agenda estará uma loucura, mas...

— Mas minha prioridade é e sempre será você. — mordo sua bochecha. — Acho que, no fim, a única pessoa que deve prometer algo aqui é você. — noto sua testa franzir levemente em sinal de questionamento.

— Como assim?

— Bem, digamos que eu possa ser algum tipo de louco obsessivo que

liga a cada cinco minutos. — digo, fazendo-a gargalha.

— Acho que posso conviver com isso, desde que algumas dessas chamadas sejam do tipo sujas. *Bem sujas*. — a provocadora sussurra as palavras em meu ouvido, moendo sua bunda em meu colo.

— Não me provoque, sua diabinha sexy. — minhas mãos vão, instintivamente, para seus quadris.

— Ou o quê? — desafia-me, sua mão direita vagando até o zíper de meu jeans.

— Olivia! — advirto-a, mas tudo o que ela faz é me dar um sorrisinho sapeca, pular de meu colo e se ajoelhar entre minhas pernas, livrando-se de minha calça e boxers. Meu pau lateja em antecipação.

— Alguém está precisando de carinho. — a danada aproxima seus lábios de meu membro, completamente duro, e beija a cabeça. Isso é o suficiente para o primeiro gemido sair de meus lábios.

— Porra, Liv! — rosno, ansioso para ter sua boca envolta do meu pau.

A verdade é que pareço um adolescente pronto para receber o seu primeiro boquete.

— Acho que preciso de um pouco de leite, será que você tem algum para mim, sr. Senador?

— Por que você não confere por si mesma? — eu sorrio de lado, e ela o faz.

Olivia, literalmente, suga cada gota de meu prazer. E eu, é claro, retribuo o seu excelente trabalho.

...

— Tem certeza que não quer ir comigo? — pergunto pela milionésima vez enquanto Olivia me ajuda com o nó de minha gravata.

— Tenho. — sorri. — Eu ficarei bem, amor. Não precisa se preocupar.

— Certo, mas você sabe que...

— Se eu mudar de ideia posso entrar em contato com você a qualquer momento, então mandará um jatinho para vir me buscar. — ela repete o meu discurso dos últimos 45 minutos. — É, eu acho que eu sei. — brinca, mas meu semblante fechado deixa claro que não achei graça. — Ok *senhor-não-estou-para-brincadeira*.

— Eu só estou preocupado, Liv.

— Eu sei, mas não precisa. Eu realmente ficarei bem. Bella e Angelina me farão companhia, e logo você estará de volta. Sem mencionar os dois armários que você contratou. — Olivia faz menção aos seguranças que, neste exato momento, fazem morada na porta de entrada do nosso apartamento. — Agora vá, sr. Senador, antes que perca o seu voo e atrase todos os seus compromissos. — diz ela, finalizando o nó da gravata.

— Tentando se livrar de mim, diabinha? — puxo-a pela cintura e seus braços, instintivamente, rodeiam o meu pescoço.

— Nem se eu fosse louca, sr. Monteiro. — ela dá uma leve mordidinha em meu lábio inferior, apenas o suficiente para me deixar querendo mais. — Entretanto, Bernardo disse que vocês não podem se atrasar, e eu não quero ser a culpada, caso isso venha a acontecer.

— Sentirei saudades. — digo a ela com o coração apertado.

— Eu também. — beija-me os lábios. — Não esqueça que prometeu ligar para mim todos os dias. A cada cinco minutos, para ser mais exata.

— E se você acabar abusando de mim? — faço beicinho, e ela sorri.

— Impossível! Eu nunca me cansarei de você.

— Promete?

— Prometo.

20



Olivia

TORTURA

substantivo feminino

1. volta tortuosa, curvatura, dobra.

2. dor violenta que se inflige a alguém, sobretudo para lhe arrancar alguma revelação; suplício.

"apesar da t. que sofreu, nada revelou"

3. grande tormento do espírito; sofrimento, angústia.

"a t. de uma paixão"

4. situação que encerra dificuldade; embaraço.

"pôr a alma em t."

5. *B* joelho valgo, voltado para fora.

Origem

⊙ ETIM lat. *tortūra*, *ae* 'ação de torcer'

Esses dois últimos dias sem Gustavo têm sido uma verdadeira tortura, apesar de ele cumprir com sua promessa e ligar para mim sempre que encontra tempo. Suas ligações, no entanto, não são a cada cinco minutos como ele havia prometido, até mesmo porque na maior parte do tempo ele está visitando instituições, orfanatos, participando de comícios ou, simplesmente, concedendo alguma entrevista, como agora.

— *Senador Monteiro, pesquisas apontam que o seu percentual de aceitação caiu 10% ao longo das últimas semanas. O senhor acredita que isso tenha alguma relação com o escândalo envolvendo a srta. Albuquerque, sua atual namorada?* — um dos jornalistas pergunta e noto a expressão facial de Gustavo mudar de convidativa para incômoda.

— *Achei que tivesse deixado claro, no início desta coletiva, que esse tipo de pergunta não será respondida, uma vez que esse assunto envolvendo a srta. Albuquerque, além de difamatório, não condiz com o porquê de estarmos aqui.* — Bernardo se pronuncia antes que Gustavo seja capaz de abrir a boca.

— Babaca! — Nathalia rosna ao meu lado enquanto encara a imagem imponente do seu *quase* ex-marido pela enorme TV de tela plana de sua sala de estar.

Depois que a avó de Bella ficou doente e ela teve que ir visitá-la às pressas, acabei aceitando o convite de minha cunhada para ficar em sua casa enquanto Gustavo não retorna. Não que ficar sozinha fosse algum tipo de problema para mim, longe disso, mas para meu namorado parecia ser um grande negócio. O fato é que eu não queria que Gustavo tivesse mais um motivo com o que se preocupar, por isso sequer questionei quando ele, Nath e Bernardo sugeriam a ideia.

— *Papa!* — Nathan invade a sala a passos apressados quando escuta a voz do pai e passa a encara a televisão enquanto estende os bracinhos para que Bernardo o pegue no colo. — *Papa!* — o garotinho continua chamando pelo pai, sem entender que aquela é apenas uma imagem e que o seu papai não pode ouvi-lo.

Olho para Nathalia e flagro o exato momento em que ela enxuga o rosto com as costas da mão, antes de explicar ao filho que Bernardo não está escutando o seu pedido:

— Ele não pode ouvi-lo, querido. — diz ela, pegando o Nathan em um dos braços, uma vez que segura a pequena Maria Julia com o outro.

— *Quelo* meu *papa*. — o pequeno clone de Bernardo resmunga, sem desviar os olhos da TV e a única solução que Nathalia encontra para que o

filho não comece a chorar é levá-lo até o quarto de brinquedos.

— Não vale a pena continua vendo essa entrevista, tampouco dando ouvidos ao que esses idiotas, que se acham os donos da razão, falam sobre seu relacionamento com o meu irmão. — Nathalia aconselha-me antes de sair com Nathan em seu encalço e a pequena Maria Julia que dorme tranquilamente em seus braços.

Levanto-me para desligar a TV, pronta para seguir o conselho que Nath me deu, mas a pergunta a seguir me prende no lugar:

— *Perdoe-me a sinceridade, Senador. Mas não consigo entender o porquê de falar da srta. Albuquerque, de repente, ter se tornado um tabu. Por acaso, assim como boa parte de seus eleitores, o senhor também, lá no fundo, não acabe concordando com o fato que, desde que ela entrou em sua vida, sua carreira política vem se transformando em um verdadeiro caos?* — a pergunta leva todo o meu ar embora, sinto que estou pretendendo a respiração enquanto espero pela resposta de Gustavo. Resposta essa que não vêm. A entrevista é dada por encerrada, mas aquele questionamento continua vagando em minha mente.

Será que Gustavo me culpa por tudo o que lhe está acontecendo?

— Está tudo bem, tia Liv? — Analu questiona. Seu rostinho de anjo parece preocupado.

— Sim, querida. Eu estou bem, apenas com saudades do tio Gustavo. — falo meia verdade e ela sorri em concordância.

— Também estou com saudade dele e do papai. Você não acha que o papai ficará por lá, né tia? — sou pega de surpresa por sua pergunta.

Olho para a menininha ao meu lado e seu semblante de medo faz meu coração apertar.

— Claro que não, querida. Seu papai voltará logo, logo.

— Ele e minha mãe irão se separa. Por que os pais se separam, tia Liv? Isso não deveria ser proibido? — sua ansiedade por respostas me deixa sem saber o que e como responder a seus questionamentos.

— É complicado, querida. Às vezes nós adultos temos que tomar algumas decisões difíceis. — digo, por fim. — Mas é muito importante que você e seus irmãos entendam que o fato de seus pais se divorciarem não significa que eles deixarão de estar lá quando vocês precisarem deles.

— Eu sei, mas ainda acho que eles deveriam ficar juntos. — bufa. — Já sei! Talvez devêssemos colocá-los no cantinho do castigo até que ele e mamãe façam as pazes, isso sempre funciona comigo e com Ben quando brigamos. — diz ela, entusiasmada, como se tivesse acabado de encontrar a solução perfeita para o problema de seus pais.

A beleza e a pureza de ser criança. — Penso.

— Infelizmente, não é tão simples assim, querida. Mas você não precisa e nem deve ficar se preocupando com isso. Seus pais irão encontrar uma solução que seja favorável para ambos, principalmente para vocês.

— Papai disse que agora eu, Ben, Nathan e a Julinha teremos dois quartos, um aqui e outro na casa que ele irá comprar. Mas não sei se gosto muito dessa ideia. Bem que a mamãe poderia deixar ele continuar morando aqui, não quero que ele vá para longe ou que arrume outra família. — sua última frase me chama a atenção e fico me perguntando de onde Analu tira essas ideias.

— Ele não irá arrumar outra família, Analu. Nós somos a família dele, idiota. — Ben surge com uma cara de poucos amigos depois de ouvi o comentário da irmã.

— Não chame sua irmã de idiota, Benjamim. — chamo sua atenção porque, no momento, é o que parece ser o certo a fazer. — Essa é uma palavra muito feia. Agora peça desculpas a ela.

— Eu não vou pedir desculpas a ela porque ela é um idiota com *i* maiúsculo, que não sabe o que fala. Papai não irá nos deixar, nem formará outra família.

— Mas a Julie me disse que o pai dela se casou com outra mulher e teve outro bebê depois que se separou da mãe dela. — Analu murmura para o irmão.

— Julie é outra idiota, assim como você! — ele grita.

— Eu não sou uma idiota. — os lábios de Analu tremem enquanto ela rebate a ofensa do irmão.

— É sim. Você é uma idiota bobona que só fala merda!

— Chega, Benjamim! — dou graças a Deus quando escuto a voz de Nathalia e a vejo no pé da escada. — Peça desculpas agora para sua irmã e suba já para o seu quarto.

— Eu não vou...

— Eu disse agora, Benjamim! — Nathalia diz, firme, e ele, enfim, faz o que lhe fora mandado:

— Desculpa, Analu. — pronuncia o pedido, mesmo contra sua vontade.

— Muito bem. Agora dê um abraço em sua irmã, diga o quanto ama e suba para o seu quarto. Teremos uma longa conversinha. — Nath instrui e Ben torna a seguir à risca as ordens da mãe, mas quando está subindo as escadas diz algo que pega a todos de surpresa, principalmente Nathalia:

— No fim, talvez você seja a única culpada por papai nos deixar. — o pestinha solta a bomba e corre para o quarto, deixando sua mãe estática.

Juro que sou capaz de ver a dor nos olhos de Nathalia.

— Por que você não sobe para o quarto também, querida. — sugiro a Analu que não questiona, parecendo entender que eu e sua mãe precisamos conversar.

— Te amo, mamãe. Não liga para o que o Ben fala, os meninos costumam ser insensíveis. — Analu beija o rosto da mãe e faz seu caminho para o quarto.

— Eu... Eu juro que não sei mais o que fazer. Meu casamento acabou porque o homem que eu acreditava me amar me traiu com outra, meu filho me odeia, Analu e Nathan sofrem com a ausência do pai e Maria Julia sequer saberá o que é ter um pai e um mãe juntos. — desabafa. — Sem mencionar que me sinto enorme depois dessa gravidez e cada vez menos feminina. Eu nem mesmo sou capaz de lembrar a última vez que lavei meu cabelo.

— Eu sei que você deve estar passando por uma situação difícil, Nath, mas nada disso é culpa sua. Mais cedo ou mais tarde Ben entenderá isso.

— Eu espero que ele entenda logo porque está sendo complicado lidar com esse temperamento dele. Só essa semana recebi três notificações da diretora: a primeira porque Ben falou um palavrão em sala de aula, a segunda porque ele se recusou a fazer uma atividade em grupo e a terceira porque ele se envolveu em uma briga com um coleguinha de classe. Eu não sei mais o que fazer.

— Você e Bernardo conversaram com Ben a respeito da separação?

— Sim, eu o fiz e acredito que Bernardo tenha feito o mesmo.

— Acho que você não compreendeu minha pergunta. Eu quero saber

se vocês fizeram isso *juntos*. — eu explico a ela, que nega com um balançar de cabeça.

— Para falar a verdade isso nunca nem passou pela minha cabeça, uma vez que, desde que descobri a... — faz uma pausa e entendendo que para ela seja difícil falar a respeito da infidelidade do marido. — Desde que descobri a traição de Bernardo, nós mal nos falamos, apesar das diversas tentativas dele em tentar explicar o inexplicável. — conclui.

— É aí que está o problema, Nathalia. Não estou querendo bancar a psicóloga, tampouco a dona da razão, mas vocês têm quatro filhos lindos e precisam manter um diálogo saudável pelo bem-estar das crianças. acredite, eu sei o quão difícil é crescer em um lar onde os pais mal trocam um bom dia.

— Eu sei, Olivia, mas... Ainda é difícil olhar para a cara dele e saber que ele foi para a cama com outra. Isso dói. Dói muito.

— Você ainda o ama. — conclui quando as primeiras lágrimas banham o rosto de minha cunhada.

— E eu me odeio por isso. Porque o amo quando não deveria.

— Amar não é errado. — lembro-me das palavras de Gustavo.

— No meu caso é, porque, mesmo amando-o, eu não consigo perdoar o que ele fez. O que ele fez a nossa família. Como alguém pode jogar uma relação estável no lixo como se não fosse nada? — ela indaga, mas eu permaneço calada. Sou incapaz de responder a tal questionamento. — Eu acho que nunca serei capaz de perdoá-lo, por mais que meu coração traidor continue sendo dele.

— Isso é algo que só o tempo será capaz de dizer.

— Quem sabe. — ela suspira. — Agora tenho que subir e ter uma

conversa com aquele mocinho. Será que você poderia manter um olho nas crianças? Nathan e Maria Julia caíram no sono e Analu, como você sabe, está no quarto.

— Claro. Porém, acho que talvez você e Bernardo devam ter uma conversa antes de você falar com Ben.

— Bernardo está a alguns bons quilômetros de distância.

— E é exatamente por isso que existe algo maravilhoso chamado tecnologia. Não sei se sabe, mas você pode optar pela velha chamada de voz ou pelo facetime.

— Você está muito engraçadinha para o meu gosto, Olivia.

— Apenas pense no que eu disse. Só quero sua felicidade. — beijo seu rosto e sigo para o quarto de Analu, deixando-a sozinha para que ela reflita sobre falar ou não com Bernardo.

...

Nathalia

As palavras de Olivia vagueiam por meus pensamentos até que, em um ato de coragem, subo até o quarto que dividia com Bernardo, deito-me na cama, pego o notebook ao lado do criado mudo e chamo meu futuro ex-marido pelo facetime. Entretanto, nada havia me preparando para a imagem de um Bernardo enrolado apenas em uma toalha.

— Está tudo bem, *pequena*? — essa é a primeira frase que sai de seus lábios.

Pequena... Ainda é doloroso ouvi-lo chamar-me pelo apelido

carinhoso que ele me deu logo no início do nosso namoro.

— Nath, está tudo bem com você e as crianças? — ele torna a perguntar, e só agora percebo a preocupação em sua voz e o fato de que continuo muda.

— Sim. — apresso-me em responder. — Quer dizer, Ben tem me dado bastante dor de cabeça desde que você viajou.

— Você quer falar sobre isso? — ele questiona, cauteloso, como se não tivesse certeza, ou como se eu fosse xingá-lo e finalizar a chamada de vídeo a qualquer momento.

— Sim. Estive falando com Olivia e ela me disse que, mesmo separados, devemos manter uma relação saudável pelo bem-estar das crianças. — digo e tenho a leve impressão de que vi esperança brilhar em seus olhos, por isso certifico-me de dissipá-la: — O que, consequentemente, significa que não precisamos continuar casados para exercemos nossos papéis de pais.

— Claro. — murmura. — Agora me fale o que Ben tem aprontado.

— Será que você... Hum... Será que você poderia se vestir primeiro? — digo, sem jeito, tentando desviar meus olhos de seus braços, ombros, peitoral e abdômen malhados, sem mencionar o “V” que vai até seus 22 cm de pura masculinidade.

— Oh, me desculpe. É que acabei de sair do banho. — diz ele. — Mas se você puder aguardar um minutinho posso me trocar.

— Eu posso esperar. — falo porque sei que seria praticamente impossível pronunciar qualquer frase sem gaguejar.

— Ok.

Então, quando menos espero, eis que Bernardo se afasta um pouco do notebook e desfaz o nó da toalha, que cai sobre seus pés, sem se preocupar com sua nudez. Cogito seriamente a ideia de finalizar a chamada em vídeo, mas desisto quando o seu pau salta livre em minha direção. Lambo meus lábios e aperto minhas coxas uma na outra, em um ato de puro instinto, com a visão em minha frente. Por mais que eu odeie admitir, sinto saudades de brincar com o seu pau. Continuo olhando-o, admirada, no entanto, o desgraçado percebe meu estado de estupor e sorri antes de cobrir a webcam com a toalha que usava. Grito em frustração e rezo mentalmente para que ele não tenha ouvido.

— Pronto. — diz ele, depois de uns dois minutos, e sou novamente capaz de ver seus olhos azuis e o sorriso cafajeste que faz morada em seu rosto. Por mencionar a palavra cafajeste, Bernardo agora está devidamente vestido, não que a camisa preta, que parece moldar os seus malditos músculos, seja de grande ajuda para a minha concentração.

— Certo. Bem, como eu disse anteriormente, Bernardo vem testando minha paciência nos últimos três dias. Ao todo foram três notificações vindas da diretora por mal comportamento e, mais recentemente, seu filho resolveu que não havia nenhum problema em chamar a irmã de idiota, tampouco em culpar-me pelo fim do nosso casamento.

— Wow! — Bernardo exclama, visivelmente espantando, o que eu já esperava, visto que Ben sempre foi um garoto tranquilo e compreensível.

— Eu não sei mais o que fazer, Bernardo. Eu só quero o meu bebê de volta. — digo, sem ligar a mínima para o fato de que estou chorando em frente ao homem que destruiu meu coração.

— Hey, *pequena*, não chore. Você é uma mãe maravilhosa e não tem culpa pelo o que está acontecendo. — suas palavras me fazem odiá-lo ainda

mais.

Não quero que Bernardo tenha pena de mim.

— Eu não preciso da sua pena, Bernardo. — rosno, enxugando meu rosto.

— Que bom, porque isso é algo que você nunca terá. — ele diz, sem se deixar abalar por meu comentário. — Você é a mulher mais forte que conheço, Nath, e sei que passará por isso.

Nossos olhares se encontram e não sei o que fazer, apenas agradeço a tela que nos separa.

— Você quer que eu converse com ele? — Bernardo questiona depois do que parece ter sido uma eternidade.

— Olivia sugeriu que fizéssemos isso juntos.

— Entendi. Você quer fazer isso agora, ou prefere esperar até que eu retorne?

— Eu não sei. Teria algum problema para você se conversássemos com ele agora?

A verdade é que serei incapaz de dormir, não com meu bebê achando que sou um monstro.

— A não ser que você tenha algo importante para fazer. — apresso-me em completar quando lembro o quão desgastante deve estar sendo o seu novo emprego.

— Nada é mais importante que minha família.

Apenas a vagabunda que você comeu. — Penso, mas não falo.

— Um minutinho e logo estarei no quarto dele. Reze para que ele

abra a porta. — pulo da cama e corro para o quarto de Sam, posicionando a webcam, propositalmente, no decote de minha blusa e não demora muito para o primeiro rosnado sair da boca de Bernardo.

Sim, eu sou vingativa.

— Ben, abra a porta. Precisamos conversar. — digo, dando duas batidinhas na porta de meu primogênito que, graças a Deus, atende ao meu pedido.

— Eu não irei mais chamar Analu de idiota. — diz ele, arrependido.

— Fico feliz em saber. — a voz de Bernardo ecoa e os olhos se Ben brilham ao mesmo tempo em que um sorriso genuíno estampa o seu rostinho.

— Papai? — ele pergunta e eu viro o notebook em sua direção.

— Hey, campeão! Como você está?

— Com saudades. Quando o senhor e o tio Gustavo voltarão para casa? Você irá voltar, certo? — sua última pergunta faz minha garganta apertar em um nó dilacerante.

— É claro que eu irei voltar, afinal, eu deixei meus maiores tesouros aí. — Ben sorri ao ouvi a resposta do pai, e admito que eu também fiquei feliz com a resposta. — Agora, eu e a mamãe precisamos ter uma conversinha com você, tudo bem?

— Tudo bem. — meu garoto responde sem pestanejar, me fazendo invejar a facilidade que Bernardo possui em lidar com nossos filhos.

Acomodo-me na cama de Ben, com ele ao meu lado, enquanto posiciono o notebook em minhas pernas.

— Sua mãe disse que você não tem se comportado muito bem na escola e que falou coisas desagradáveis para ela hoje mais cedo. — Bernardo

começa. — O que você tem a dizer sobre isso?

— Eu não tenho me comportado mal na escola. — Benjamim contesta, e tanto eu quanto Bernardo o olhamos sérios. — Certo, talvez eu não esteja sendo um bom garoto.

— E por que você anda agindo desta maneira? — pergunto.

— Eu... Eu não sei.

Mas nós sabemos. — sinto que é exatamente isso o que o meu olhar e o de Bernardo querem dizer.

— Ei, campeão, eu sei que deve estar sendo um pouco difícil aceitar a separação do papai e da mamãe. Mas nós nunca deixaremos de ser seus pais por causa disso. Agora, por exemplo, nós estamos juntos, não estamos?

— Sim. — Ben murmura olhando de mim para seu pai.

— Então, não importa o que aconteça, eu e sua mãe sempre estaremos *juntos* quando você e os seus irmãos precisarem, como sempre foi.

— Mesmo se você formar outra família? — noto o rosto de Bernardo perder a cor com a pergunta do filho. E não vou mentir, uma parte de mim espera ansiosamente por sua resposta.

— De onde você tirou essa ideia?

— O pai da amiga da Analu se separou da esposa e se casou com outra mulher. Ele também teve um outro bebê com essa mulher.

De repente a ideia de Bernardo com outra mulher e um bebê que não fosse nosso me deixa doente.

— Bem, o fato de eu e sua mãe estarmos nos separando não significa que eu queira formar uma outra família. Eu amo vocês, Ben, e isso é algo que nunca vai mudar. Não importa o que aconteça, meu amor por vocês

permanecerá o mesmo. — a última frase é dita enquanto ele me olha nos olhos. — Agora, eu quero que você prometa que irá se comportar.

— Eu prometo, papai.

— E quanto a mamãe? Será que ela não merece um pedido de desculpa?

— Desculpa, mamãe. Eu não deveria ter falado com a senhora daquela forma. — meu menininho diz com os olhinhos cheios de arrependimento.

— Só se você me der um abraço bem forte. — digo e ele pula em meus braços, quase derrubando o notebook no processo. — Que abraço mais gostoso. — aperto-o contra mim, beijando suas bochechas sem parar.

— Também não precisa esmagar nosso filho, Nath. — Bernardo brinca quando Ben começa a se remexer em meus braços, tentando escapar de meu aperto.

— Cala-se, seu invejoso! — devolvo em um momento de descontração, onde tudo parece estar em seu devido lugar.

O único problema é que não está.

21



Olivia

VIGIADO

adjetivo

1. que é alvo de vigia, de espreita.

"prisioneiro v."

2. que é objeto de cuidado; tratado, guardado.

"criança v. por babá"

Origem

⊙ ETIM part. de *vigiar*

Se existe algo que descobri que odeio, além da ausência de Gustavo, é a sensação de estar sendo vigiada. Quando concordei em ficar na casa de Nath, enquanto Gustavo viaja a trabalho, pensei que ele fosse desistir da ideia absurda de ter dois seguranças monitorando todos os meus passos, mero engano.

— Hum... Será que vocês poderiam dar uma voltinha enquanto eu faço minhas compras? — pergunto para os dois grandalhões ao meu lado, Alex e Matias, quando paramos em frente a uma loja de lingerie.

Eles trocam um rápido olhar, mas não dizem nada, permanecem calados no mesmo lugar, como se meu pedido tivesse entrado por um ouvido e saído pelo outro.

— Ok. Eu não queria ter que chegar a esse ponto, mas acho que serei obrigada a ligar para o patrão de vocês e dizer a ele que vocês não me dão privacidade nem para que eu possa escolher minhas próprias calcinhas. — advirto-os, meu celular em minhas mãos, em uma tentativa de dar mais

veracidade à minha ameaça.

— Sinto muito, senhorita, mas o sr. Gustavo nos deu ordens explícitas para que não a percamos de vista. — Matias fala, o que é raro.

— Bem, o sr. Gustavo não sabia que eu estaria vindo a uma loja de lingerie. — devolvo. — Acreditem, rapazes, Gustavo tende a ser bem ciumento e protetor, acho que isso vocês já notaram. Posso garantir que ele não ficaria nem um pouco feliz em saber que vocês observam a namorada dele comprar peças íntimas. Vocês não querem vê-lo irritado, certo? — pergunto, e eles, enfim, se dão por vencidos.

— Tudo bem, mas nós permaneceremos aqui, na entrada da loja, até que a senhorita retorne. — desta vez é Alex quem toma a voz, e eu não discuto, apenas viro as costas e entro no paraíso feminino com um sorriso triunfante nos lábios.

Gustavo chega em dois dias e eu quero fazer-lhe uma surpresa. E nada melhor que trocar algumas de minhas lingerie de vovó, como Bella costuma chamar, por peças mais ousadas e provocantes.

— Bom dia. — uma das funcionárias faz o cumprimento, e eu gasto a próxima hora escolhendo as lingerie que farão Gustavo, literalmente, perder as cabeças – sim, eu estou me referindo as duas: a de cima e a de baixo.

Quando dou-me por satisfeita, finalizo meu dia de compras e saio ao encontro dos meus dois cães de guardas que, por alguma estranha razão, não se encontram na entrada da loja como mencionaram que fariam.

Olho para os lados a procura de Matias e Alex e me surpreendo ao avistá-los sentados em uma sorveteria enquanto paqueram a garçonete. Sorrio com a imagem dos dois grandalhões disputando a atenção da pobre mulher. Com as mãos cheias de sacolas, caminho em direção a eles, mas paro quando

esbarro em alguém que eu, sinceramente, não esperava rever tão cedo.

— Desculpe-me. — peço antes que o homem à minha frente comece a me xingar de todos os nomes possíveis e a culpar-me pelo aquecimento global.

— Está tudo bem, a culpa foi minha por andar tão distraído.

Ok, agora eu fiquei realmente assustada. Samuel me pedindo desculpa e assumindo a culpa? Onde estão as câmeras?

— Minha nossa, você me acha tão desprezível assim? — ele questiona ao notar minha expressão de espanto.

— Não. — balbucio a mentira, e ele arqueia uma de suas sobrancelhas em descrença — Certo. Talvez um pouquinho, mas você não pode culpar-me por isso.

— Não, mas eu posso me redimir. Será que podemos tomar um café?

Hoje com certeza irá chover. Primeiro Samuel me pede desculpa e agora me convida para tomar um café com ele?!

— Eu não sei, Samuel. Não acho que essa seja uma boa ideia.

— Por favor, Olivia, eu só gostaria de conversar um pouco e saber como o Gustavo está.

— Neste caso, talvez seja melhor você ligar para ele.

— Eu tenho o feito, mas ele rejeita todas as minhas chamadas e até o presente momento não respondeu a nenhuma das mensagens que enviei. — ele esclarece, e eu fico me perguntando o motivo que levou os dois a se afastarem. — Por favor, Olivia, prometo que serei breve. — torna a pedir, e desta vez olho em direção a Matias e Alex, que ainda parecem bastante compenetrados em obter a atenção da garçonete, antes de aceitar o convite

que me fora feito.

— Tudo bem, mas não posso demorar. — aceito o convite, mesmo meu sexto sentido gritando para que eu o recusasse e seguisse meu caminho para bem longe dali.

— Não se preocupe, só levará alguns minutinhos. Prometo. — seu sorriso, por alguma razão, me assusta. — Vamos?

— Si-Sim. — hesito, mas o acompanho em direção ao café que fica a poucos metros de distância.

O mesmo café onde vi Gustavo pela primeira vez. — a lembrança me faz sorrir.

Adentramos o café e Samuel me guia até umas das mesas que se encontra no final do estabelecimento, talvez porque seja a mais reservada, longe dos olhares e ouvidos dos demais clientes, suponho. O fato é que agradeço por isso. Não quero correr o risco de ser reconhecida e algo me diz que esses óculos de sol e boné dos Yankees não é um grande disfarce.

— Bem, Olivia, eu irei direto ao ponto. — diz ele, assim que nos acomodamos em nossos acentos. — Quero que você termine com o Gustavo.

— Você só pode estar brincando com a minha cara. — sorrio de minha inocência, vulgo ignorância, em achar que Samuel tivesse realmente mudado. — Com licença, mas eu tenho mais o que fazer. — tento me levantar, mas suas próximas palavras me prendem no lugar:

— Se eu fosse você ficaria aí sentadinha e ouviria o que eu tenho a dizer, a não ser que você queira ver o seu namoradinho sofrer.

— Suas ameaças não me causam medo, Samuel. — digo, amaldiçoando o momento em que aceitei o seu convite.

— Talvez isso cause, então. — ele joga um envelope sobre a mesa. — Abra-o. — instrui, mas eu hesito. — Vamos acabar logo com isso, Olivia. Abra o envelope e descubra a verdadeira face de Gustavo.

— Vá se foder, Samuel! Eu conheço muito bem o meu homem. — as duas últimas palavras parecem deixá-lo raivoso.

— O seu homem é um idiota, que resolveu trocar uma amizade de anos pela primeira vadia que apareceu, no caso, você.

— Então é isso? Isso tudo não passa de ciúmes? — mal posso acreditar que ele esteja realmente se deixando mover por um ciúme ridículo. — Por favor, Samuel, Gustavo nunca deixou de gostar de você por minha causa, você foi o único que o afastou.

— Não. A culpa foi sua! Tudo estava bem em nossas vidas antes de você aparecer.

— Eu jamais pedi ou pediria para que o Gustavo se afastasse de seus amigos, até mesmo porque são amores diferentes. — novamente noto sua feição mudar com a pronúncia de minhas últimas palavras. — Meu Deus! — levo uma de minhas mãos à boca ao constatar o óbvio. — Você o ama.

— É claro que eu o amo. Gustavo sempre foi um grande amigo.

— Não. Não desta forma. Você não o ama como amigo, você o ama como homem.

Como eu nunca notei isso antes?

— Por isso você me odeia tanto, porque, em sua cabeça doentia, eu roubei o "*seu homem*".

— Cale-se! Você não sabe o que está dizendo.

— Sim, eu sei. Você o ama e mesmo não sendo correspondido, não da

forma que sempre quis, se contentava em simplesmente está ao lado dele, como o amigo fiel. Mas então...

— Mas então você entrou em cena e destruiu o que eu e o Gustavo levamos anos para construir.

— Você só pode estar fora de si, Samuel. Gustavo sequer sabe que você o ama desta forma.

— E novamente você é a única culpada. Eu estava disposto a revelar a ele meus verdadeiros sentimentos, assim que ele fosse eleito governador, mas então você resolveu procurá-lo porque estava sendo traída e queria se vingar de Heitor. Desde aquela maldita mensagem de texto, o Gustavo que eu conhecia se transformou em um idiota apaixonado, incapaz de enxergar a vadia que você realmente é.

— Eu não vou ficar aqui ouvido os seus desaforos.

— Bem, você deveria, a menos que queira ver o seu namorado atrás das grades.

— Agora é definitivo, você está realmente louco. — dou risada do absurdo que ele acaba de falar.

— Então veja você mesma. — ele pega o envelope, revelando, enfim, seu conteúdo. — Pegue-os. — estende alguns papéis em minha direção e eu os pego para acabar de vez com o que quer que seja que Samuel está tramando. — Estas são cópias de documentos que comprovam que o seu querido Gustavo está envolvido em um esquema de lavagem de dinheiro público. — ele explica ao perceber que não estou entendendo nada.

— Gustavo é incapaz de ser condizente com algo parecido, então não perca o seu tempo tentando fazer com que eu acredite em mentiras. — advirto-o. — Como mencionei anteriormente, eu conheço o caráter do *meu*

homem.

— Bem, não é o que a assinatura do "*seu homem*", no final de cada página, diz.

Meus olhos se voltam mais uma vez para as cópias dos documentos e a assinatura de Gustavo faz o meu sangue gelar. Não porque agora eu duvide de seu caráter, sei que ele jamais faria isso, mas porque tenho plena consciência do que pode acontecer caso esses documentos venham à tona.

— Gustavo nunca compactuaria a favor de um esquema de lavagem de dinheiro público, Samuel. Você sabe muito bem disso.

— Eu posso até saber, mas o juiz que irá julgar o caso não. — sorri vitorioso. — Sei que vivemos em um país onde a impunidade é grande, mas você sabe quantas pessoas repletas de poder aquisitivo farão o que for preciso para que Gustavo cumpra a pena máxima? Você ficaria surpresa com a quantidade de políticos que odeiam o jeito todo certinho de Gustavo.

— O que você quer de mim, Samuel?

— Que você termine com o Gustavo e volte a morar com o seu ex-marido.

— Isso não vai acontecer. — vocifero.

— Então eu acho que ainda hoje os principais jornais do país receberão a pauta para a manchete de amanhã.

— Por que você está fazendo isso? — questiono, minha voz embargada, ciente de que não me restam muitas opções. Na verdade, só há uma.

— Porque eu quero que Gustavo sofra da mesma forma que sofri. Quero que ele sinta na própria pele a sensação de ser trocado por outra

pessoa. Quero que ele conheça a dor de não ter seus sentimentos correspondidos e seu coração partido.

— Você é doente!

— E você é a cadela que tem dez segundos para me dar uma resposta. — ele devolve, sem se deixar abalar. — Então, Olivia, você irá fazer exatamente o que eu lhe propus, ou serei obrigado a entregar as provas que tenho contra nosso *amado* Gustavo para a justiça?

— Eu odeio você!

— Ótima escolha. — o desgraçado sorri porque, desde o início, já sabia qual seria a minha resposta. Samuel sempre soube que eu faria qualquer sacrifício por Gustavo, inclusive voltar a dividir o mesmo teto que Heitor. — Já que chegamos a um acordo, bom para ambas as partes, — ironiza — este é o momento em que você vai até a casa da sua cunhada, pega suas coisas e volta para os braços de Heitor. Não se preocupe, eu já conversei com o seu digníssimo ex e ele se mostrou bem-disposto em aceitá-la de volta.

— Você é um monstro, Samuel. Como você pode dizer amar Gustavo e, em seguida, fazer tudo isso?

— Não seja ingênua, Olivia. Cada um joga com as armas que tem.

— Bom dia, desculpe o incômodo, mas vocês já escolheram o que irão pedir? — o garçom pergunta ao se aproximar de nossa mesa.

— Não, na verdade, nós já estamos de saída. — o verme ao meu lado responde.

— Samuel?! — o garçom parece reconhecê-lo, o que desperta minha atenção. — Nossa, cara, quanto tempo. Como você está? E o Gustavo? Outro dia esbarrei com ele no restaurante do hotel em que eu estava trabalhando antes de voltar para São Paulo. Ele até pediu para que eu entrasse em contato

com ele assim que eu chegasse a cidade, mas...

— Desculpe, mas eu não sei do que está falando, creio que esteja me confundindo com outra pessoa. — Samuel fala de forma rude e o garçom se cala. — Vamos, Olivia. Agora. — ele solta o rosnado quando permaneço imóvel, encarando o homem alto e moreno, que parece envergonhado e decepcionado pela forma como Samuel o tratou. — Vamos, Olivia. Eu não tenho o dia todo. — com essas palavras ele me puxa pelo cotovelo e arrasta-me até a saída do café.

— Você mentiu! — exclamo. — Você conhecia sim aquele homem. Por que você o tratou daquela forma?

— Isso não lhe diz respeito. Tudo o que você precisa e deve fazer é o que eu lhe disse. — a lembrança me faz doente. — E, se aceita um conselho, não mencione sobre nossa conversinha a ninguém, principalmente aquela sua amiga intrometida. Acredite, Olivia, as coisas podem ficar ainda piores. — ameaça. — Tenha um bom dia, querida.

...

— Ei, conseguiu comprar tudo o que queria? — Nathalia pergunta assim que chego em casa, mas não respondo, subo para o quarto e começo a colocar minhas roupas em uma mala. Infelizmente, ela vem logo atrás. — Está tudo bem, Olivia? Para que essas malas?

— E-eu estou indo embora. — digo, tentando controlar o nó em minha garganta e a vontade de chorar.

— O Gustavo sabe que decidiu voltar para o apartamento de vocês?

Agora vem a parte difícil. — Penso.

— Eu acho que você não entendeu, Nathalia. — respiro fundo antes de continuar. — Eu não estou voltando para o apartamento do seu irmão, eu estou voltando para minha casa.

— Como assim? — ela parece confusa.

— Eu estou voltando para o Heitor.

— Você o quê? Você ficou louca? Isso por acaso é algum tipo de brincadeira, Oliva? Porque se for, você deve saber que não tem graça nenhuma.

— Eu não estou brincando, Nathalia. Eu... Eu e Heitor conversamos e decidimos nos dar uma nova chance.

— Então vocês conversaram e decidiram voltar, simples assim?! E o meu irmão, Olivia? Onde fica o meu irmão nessa história?

— Bem, o seu irmão precisa entender.

— Eu pensei que você fosse diferente, Olivia. Mas você não passa de uma vaca sem coração. — ela cospe com raiva. — Como você tem coragem de fazer isso com o Gustavo, mesmo sabendo tudo o que ele vem enfrentando por você? Você ao menos faz ideia do quanto ele irá sofrer? — suas palavras fazem o nó em minha garganta ficar ainda maior. — Você me dá nojo, Olivia. Nojo.

— Vocês irão superar. — digo, fechando a mala. — Obrigada pela estadia e, por favor, peça para que Gustavo não me procure.

— Vá se foder! — essas são as últimas palavras que escuto antes de deixar minha felicidade para trás.

...

Gustavo

— Como assim vocês não sabem onde ela está? — rosno a pergunta para Matias depois dele ligar para me comunicar que ele e Alex perderam Olivia de vista. — Eu dei ordens explícitas para que isso não viesse a acontecer. — ando de um lado para o outro do quarto de hotel, preocupado com a possibilidade de que algo ruim tenha acontecido a minha diabinha.

— Nós sabemos, senhor, mas a srta. Olivia insistiu em dizer que o senhor não ficaria feliz se soubesse que a observávamos comprar calcinhas.

Em outra situação eu daria risada, porque Olivia estava coberta de razão, a imagem de outro homem vendo-a escolher peças íntimas é algo que me faz ver vermelho, mas o cenário de não saber onde e como ela está é muito pior.

— Encontrem-na! — é tudo o que digo antes de finalizar a chamada.

— Ela deve estar bem, Gustavo. — Bernardo tenta me tranquilizar. — Por que não liga para Nath, já que o celular da Olivia parece está desligado? — sugere e eu me xingo por não ter pensado nisto antes.

— Você está certo. — disco o número da minha irmã e no terceiro toque ela atende. — Oi, Nath. A Olivia já chegou em casa?

Por favor, diga que sim. Por favor. — Repito as palavras mentalmente, como se elas fossem uma espécie de mantra.

— Nath? Você está me ouvindo? A Olivia já chegou em casa? — torno a perguntar depois de receber o seu silêncio como resposta.

— Si-sim.

— Graças a Deus! — suspiro, aliviado. — Será que você pode

chamá-la para mim? Tentei entrar em contato com ela, mas acho que o celular dela deve ter descarregado. — mais silêncio. — Nathalia, está tudo bem?

— Eu não sei como falar isso, Gustavo.

— Aconteceu alguma coisa? Ela está machucada?

Meu coração para enquanto espero pela resposta.

— A Olivia foi embora, Gustavo.

— Como assim foi embora? Ela voltou para o nosso apartamento? — questiono, sem entender o porquê de ela tomar tal decisão sem antes falar comigo.

— Droga, eu realmente não sei como falar isso sem que você sofra.

— Você está me assustando, Nathalia.

— Ela... A Olivia... — hesita. — Ela voltou para a casa que dividia com o Heitor. Eu sinto muito, querido.

E isso é tudo o que preciso ouvir para sentir o céu desmoronar sobre minha cabeça e o chão abrir sob meus pés.

Por que você fez isso comigo, diabinha? — Pergunto, silenciosamente, ouvindo o barulho de algo quebrar. A porra do meu coração.

22



Olivia

INFERNO

substantivo masculino

1. *mit* local subterrâneo habitado pelos mortos (tb. us. no pl.).
2. *rel* para os cristãos, lugar em que as almas pecadoras se encontram após a morte, submetidas a penas eternas.
3. *fig.* extremo sofrimento infligido por certas circunstâncias, sentimentos ou pessoa(s); martírio, tormento.
"sua casa tornou-se um i."
4. *fig.* grande confusão; completa desordem; balbúrdia, inferneira.
5. *bibl* local de acesso restrito em biblioteca, onde estão encerradas obras de caráter licencioso.
6. local onde caem resíduos líquidos de fabricação ou água que moveu alguma instalação; vazadouro.

Origem

- ⊙ ETIM lat. *infērnus*, *i* 'as profundezas da Terra'

Os enormes portões do inferno se abrem e meu pesadelo começa. Os empregados da enorme mansão, que um dia eu chamei de lar, me olham curiosos quando Carlos, o motorista de Heitor, abre a porta do carro para que eu desça, e logo o burburinho se inicia.

— Seja forte, menina. — as palavras de Carlos me confortam por saber que nem todos ali estão a me julgar.

— Obrigada. — sussurro o agradecimento antes de me virar e encarar de frente minha nova realidade.

— É como aquele velho ditado: o bom filho a casa torna. Seja bem-vinda, querida esposa. — o diabo faz o cumprimento, sem se dar ao trabalho

de esconder o sorriso de satisfação que estampa seu rosto. — Vamos, Olivia, sorria. Desta forma, irão deduzir que não está feliz em, finalmente, voltar para casa.

— Então eles deduzirão a verdade.

— Vejo que continua com a língua afiada. Mas não se preocupe, será bastante prazeroso adestrá-la.

— Devo colocar as malas da sra. Olivia no quarto do casal? — umas das empregadas questiona e Heitor afirma com um balançar de cabeça, ao mesmo tempo em que apresso-me em me opor.

— Eu ficarei em um dos quartos de hóspedes. — digo, deixando a pobre mulher confusa.

— Sr. Heitor? — ela volta a perguntar, tornando claro que a decisão de Heitor permanecerá sobre a minha, óbvio.

Olho para meu ex-marido e suplico-lhe com o olhar para que ele não me submeta a isso. Eu não seria capaz de voltar a dividir a cama com o homem que matou o meu bebê.

— Faça o que Olivia lhe disse. — suspiro aliviada ao ouvir sua resposta. — Agora vamos entrar, querida. Creio que temos alguns assuntos a esclarecer. — estende-me sua mão, mas me recuso a tocá-lo. — Certo, de qualquer forma não é como se você não soubesse o caminho. — ele dá de ombros, fazendo seu caminho até o luxuoso escritório que eu ajudei a decorar.

Quando lembro que um dia achei que amasse Heitor, sinto vontade de rir de mim mesma. Afinal, como eu poderia amar alguém se nem mesmo sabia o significado de tal palavra? Gustavo fora o único que me ensinou a amar e o único que me mostrou o quão maravilhoso é ser amada. Fico me

perguntando se Nathalia já contou a ele que "voltei" com Heitor. Meu coração, já quebrado, aperta com a imagem do seu sofrendo. Eu sei que ele, eventualmente, irá me odiar, uma vez que não conhece o motivo que me levou a tomar essa decisão, e que evitará meu nome. Sei também que, em algum momento, irá me esquecer e seguir em frente, isso é algo que deveria me confortar, mas, por algum motivo, só torna minha dor pior.

— Feche a porta. — Heitor instrui, mas hesito quando imagens da noite em que ele me agrediu invadem minha mente. — Eu não irei machucá-la, Olivia. — esclarece ao perceber o motivo de minha hesitação.

— Como se eu tivesse algum bom motivo para confiar em você. — devolvo, ainda no batente da porta.

— Eu ainda não me decidi se gosto ou não desta nova Olivia. A antiga parecia-me bem mais agradável.

— Claro, afinal, a antiga se submetia a todos os seus caprichos enquanto permanecia calada.

— Bingo! — sorri. — Agora, por favor, pare de fazer charme e feche a porta. Garanto que irá gostar do que tenho a propor.

Receosa, faço o que ele pede. Fecho a porta, porém não a tranco na chave.

— Boa garota. Agora sente-se.

— Primeira lição, Heitor: você não é ninguém para me dizer o que eu devo ou não fazer. — vocifero, fazendo-o levar as mãos ao alto, em um sinal debochado de rendição.

— Pelo visto a gatinha tem garras.

— O que você quer, Heitor? Por que aceitou compactuar com o plano

sujo de Samuel? E não me diga que foi porque me ama, porque nós dois sabemos que você é incapaz de amar alguém.

— Decidida. Pensando bem, essa nova Olivia me parece bem mais interessante.

— Eu não estou aqui para brincadeiras. — corto-o. — Diga-me, o que você está ganhando para destruir a minha vida?

— Não seja exagerada, Olivia. Se bem me recordo, até pouco tempo atrás, você morria de amores por mim. — se vangloria.

— Acredite, Heitor, Gustavo me ensinou o que é amor, e posso garantir que o que um dia eu achei sentir por você não chega nem perto do que sinto por ele. — a menção do nome de Gustavo faz seus olhos escurecerem.

— Sabe o que eu ganho com tudo isso, Olivia? Saber que Gustavo, assim como eu, perderá o que ele mais ama. Ele roubou minha oportunidade de ser governador, então, nada mais justo, que eu tirar dele o seu grande amor: você.

— Você e Samuel são dois doentes.

— E você ingênua demais, mas isso não vem ao caso agora. Tenho uma proposta que poderá beneficiar a ambos: eu e você.

— Sinto muito, mas fazer pacto com o diabo foge aos meus princípios. O último, por exemplo, me trouxe até aqui.

— Achei que talvez a ideia de sair daqui fosse interessá-la, mas, uma vez que não tem interesse, irei guardar minha proposta para mim mesmo. — o desgraçado desdenha quando percebe que despertou minha atenção.

— Certo, estou disposta a ouvir o que você tem a dizer. — deixo o

meu orgulho de lado e ele sorri.

— Garota esperta! Não foi à toa que me casei com você.

— E não foi à toa que eu pedi o divórcio. — devolvo. — Agora seja claro e objetivo, Heitor. Por que você me livraria do martírio de viver ao seu lado quando acaba de dizer que me "*ter*" é uma forma de atingir Gustavo? O que você quer em troca, afinal?

— Dinheiro. — responde, e eu me pergunto como não pensei nisso antes. — Como você deve estar ciente, eu fui expulso do meu partido e não poderei mais disputar o cargo de governador. — ele relembra o que foi notícia em todos os jornais. — Consequentemente, preciso de dinheiro para me manter, e, ao contrário dos seus pais, os meus não têm mais onde caírem mortos, já que perderam toda nossa fortuna. — sou pega de surpresa ao saber que um dos casais mais tradicionais de São Paulo, conhecido por esbanjar riqueza, agora faz parte da classe assalariada, a mesma classe que eles tanto desprezavam. — Então, depois de muito pensar, decidi que posso desistir da ideia de ter você ao meu lado como a esposa troféu que sempre foi. No entanto, em troca, você concede a mim toda a herança que os seus avós deixaram em seu nome.

— E quanto à história de ver Gustavo sofrer?

— Oh, mas ele continuará sofrendo. Se não estou enganado, lembro de Samuel mencionar ter provas capazes de mandar seu querido Gustavo para a cadeia caso você não terminasse com ele.

— E se eu me recusar a aceitar o seu acordo?

— Então serei obrigado a comunicar a imprensa a respeito de nossa reconciliação. De qualquer forma, seu dinheiro acabará sendo meu quando anularmos nosso divórcio e renovarmos nossos votos, desta vez perante a

Deus.

— Eu juro que não entendo como pude ser tão cega e idiota a ponto de me casar com um verme como você.

— Você parceria gostar do que esse "verme" aqui fazia entre quatro paredes.

— Isso só pode ser algum tipo de piada. — gargalho alto porque é impossível não rir. — Por favor, Heitor, você sequer era capaz de me fazer gozar durante nosso último ano de casados. — minhas palavras parecem ferir seu ego, o que eu já esperava.

— Ou talvez você fosse frígida demais. — tenta virar o jogo, colocando a culpa em mim, atitude típica de quem não é homem o suficiente para encarar a verdade.

— Gustavo nunca reclamou. Eu também, uma vez que finalmente descobri o que são orgasmos múltiplos.

— Cale-se! — ele esbraveja, incapaz de aceitar que Gustavo é melhor que ele em tudo, até mesmo na cama. — Você vai aceitar ou não minha proposta?

— Por mim você pode ficar com todo o meu dinheiro, desde que eu nunca mais tenha que olhar para essa sua cara. — respondo, sem nem ao menos pensar a respeito.

Heitor quer um dinheiro que eu nunca quis, um dinheiro sujo, e eu quero distância do monstro que matou o meu bebê. Nada melhor que unir o útil ao agradável.

— Ótimo. Irei ligar agora mesmo para meu advogado e logo os papéis estarão prontos para que você os assine. É sempre bom fazer negócios com você, querida.

— Vá se foder, seu desgraçado. — rosno, antes de deixar o escritório do diabo.

Ao menos agora me sinto um pouco mais leve.

...

Gustavo

— Essa é uma péssima ideia, Gustavo. — Bernardo repete a frase que se tornou um mantra desde que cancelamos todos os meus compromissos e retornamos a São Paulo. — Ir à casa de Heitor é burrice quando você nunca sabe o que esperar do inimigo.

— Eu já disse, Bernardo, se ela quer terminar comigo então que diga as palavras enquanto olha em meus olhos. — falo, incapaz de aceitar o fato de que minha Liv resolveu voltar para aquele crápula.

Sinto que algo não está certo nessa história e eu preciso descobrir o que é. Olivia não seria capaz de fazer isso comigo, de brincar com meus sentimentos desta forma.

— Ademais, você foi o único que quis acompanhar-me. Não me recordo de ter pedido para que o fizesse. — solto, sem me preocupar com o tom rude de minhas palavras.

— Claro, porque deixar você dirigir neste estado era com certeza uma opção.

— Que seja, Bernardo, apenas dirija. — rosno ao mesmo tempo em que meu coração acelera quando nos aproximamos dos enormes portões da casa de Heitor.

— O senhor não pode entrar. — um dos seguranças me barra quando Bernardo para o carro e eu pulo para fora do veículo.

— Quanto a isso não se preocupe, garanto que não faço questão alguma de pisar meus pés nessa casa. — falo ao homem que parece pronto para chutar minha bunda a qualquer momento. — Diga apenas a Olivia que Gustavo Monteiro está aqui para vê-la. — peço.

O homem parece pensar a respeito antes de puxar o telefone em seu bolso e discar o número de alguém. — Sr. Heitor, o senhor Monteiro está aqui fora e deseja falar com a senhora Olivia, o que devo fazer?

Como não pensei nisso antes? É óbvio que ele ligaria para o patrão. — Tenho vontade de rir de mim mesmo.

— Certo. — o homem de quase dois metros balbucia, finalizando a chamada, e, em menos de dois minutos depois, os portões se abrem, revelando a figura imponente de Heitor Bastardo Bitencourt.

— Ora, ora se não é o mais novo integrante do time de cornos de São Paulo. — o infeliz provoca, mas, como o covarde que é, esconde-se atrás de um dos seus cães de guarda quando parto para desfazer o sorrisinho debochado que estampa o seu rosto.

— Mantenha a calma, Gustavo. — Bernardo pede, agora ao meu lado, provavelmente com medo do que possa vir acontecer caso eu realmente parta para a agressão física. — Estamos em desvantagem, seria burrice começar algo que sabemos que iremos perder. — aconselha, me fazendo odiar a situação porque sei que ele está coberto de razão.

— Minha conversa não é com você, Heitor. Eu quero e vou falar com a Olivia. — rosno para o cretino que torna a mostrar o rosto, depois de ter certeza que não irei atacá-lo.

— Eu não entendo por que é tão difícil para você compreender que perdeu. Olivia agora está comigo, Gustavo, ocupando o lugar que sempre lhe pertenceu.

— Não seja ridículo, Heitor. Está mais do que evidente que você armou para que ela voltasse. Olivia jamais faria isso por livre e espontânea vontade.

— Por que você não aceita logo de uma vez que Olivia só ficou com você para me atingir? — questiona. — Espera, você não acreditou que ela realmente o amasse, né? Oh, meu Deus! Você o fez! — gargalha. — Você é tão patético, Gustavo. Mas quem pode culpá-lo? Olivia é realmente um furacão na cama, você deveria ter visto o delicioso boquete que ela me deu esta tarde. Sua língua... — não permito que ele complete a frase, apresso-me em desferir um soco contra seu rosto, antes de ser contido por dois de seus seguranças.

— Merda! — ouço Bernardo amaldiçoar quando também tem seus braços presos por dois grandalhões, sem poder fazer nada.

— Até que você tem um bom gancho de direita. — o desgraçado diz enquanto limpa o sangue que jorra de seu nariz. — Mas agora vamos ver o que você acha do meu. — estende a mão para um dos homens ao seu lado, que lhe entrega um soco inglês.

— Você é um covarde, Heitor! — vocifero ao mesmo tempo em que tento me libertar.

— Blá, blá, blá... Você fala demais, Gustavo. Mas não se preocupe, ficarei feliz em calar essa sua boca. — sua ameaça é explícita e eu não sou burro, sei o que está por vir.

Preparo-me para receber o primeiro soco, mas ele não vem.

— Soltem eles, agora! — Olivia grita a ordem para os seguranças que parecem divididos entre acatar sua ordem ou a de Heitor. — Será que vocês estão surdos? Eu disse agora! — ela torna a gritar, o rosto vermelho de raiva.

— Podem soltá-los. — o desgraçado manda e eles os fazem, empurrando eu e Bernardo no chão.

Noto quando Olivia faz menção em vir até mim, mas Heitor a impede, prendendo-a pela cintura.

— Que bom que você apareceu, amor. Talvez agora o nosso querido Gustavo possa finalmente entender que você, conscientemente e de livre e espontânea vontade, chegou à conclusão de que não pode viver sem mim. — o desgraçado beija o rosto de Olivia, o que leva tudo de mim para não arrancá-la de seus braços.

— Liv, olhe para mim, por favor. — peço, já em pé. — Seja lá o que esse crápula tenha feito para que você aceitasse voltar com ele, nós podemos pensar em algo. Confie em mim, nós podemos fazer isso juntos. Eu e você, amor.

— Você já está ficando cansativo, Gustavo. — Heitor finge um bocejo. — Mas, já que insiste tanto em saber a verdade, diga a ele, *docinho*, diga a ele o porquê de estarmos juntos. — ele pede a Olivia, que permanece calada. — Pode falar a verdade, querida, acredito que Gustavo seja forte o suficiente para suportá-la.

— Diga-me, Olivia. Por que você está fazendo isso conosco? — desta vez eu sou o único a pedir por uma explicação.

— Nunca... Nunca houve um nós, Gustavo. — suas palavras me fazem desejar não ter me levantado do chão, uma vez que minhas pernas fraquejam.

— Você está mentindo! — exclamo, bile subindo por minha garganta, incapaz de acreditar em suas palavras.

— Eu sinto muito se o fiz acreditar que o amava, mas, como você bem sabe, a traição de Heitor foi algo que me abalou muito. Me envolver com seu principal oponente apenas me pareceu uma boa ideia.

— Você está mentindo! — torno a contestá-la porque é impossível acreditar que o que tivemos não passou apenas de uma parte de sua vingança.

— Por favor, Gustavo, tente entender. Acredite, eu não queria...

— Ele matou o nosso bebê. — corto-a.

— Ele está arrependido. — ela balbucia.

E essas palavras são o suficiente para transformar a mulher que, até horas atrás, eu jurava ser o amor da minha vida, em uma simples estranha sem coração.

— Se você realmente pensa assim, então Heitor tem razão, eu sou mesmo patético. Não por vim atrás da verdade, mas por um dia ter amado alguém como você. — solto as palavras, sem desviar o olhar do dela. — Você me dá pena, Olivia.

— Vem. Vamos embora, cara. — Bernardo pede, tentando me puxar pelo braço, mas me desvencilho.

Ainda não terminei de falar.

— Será que você se divertiu enquanto brincava de casinha comigo, Olivia? Será que é tão legal assim brincar com os sentimentos dos outros? Diga-me, qual é a sensação de saber que destruiu algo tão bonito? — questiono, mas recebo apenas o seu silêncio como resposta. — Como eu imaginei. — sorrio. — Acho que devo parabenizá-la. Você não apenas

conseguiu conquistar a vingança que tanto queria como, de quebra, destruiu a porra do meu coração. Espero que esteja feliz.

— Vamos, Gustavo. — Bernardo volta a pedir, desta vez não me oponho.

— Adeus, Olivia. Essa foi a primeira e a última vez que deixei você arrancar o meu coração.

23



Gustavo

MENTIRA

substantivo feminino

1. ato ou efeito de mentir; engano, falsidade, fraude.

2. hábito de mentir.

"vive na m."

3. afirmação contrária à verdade a fim de induzir a erro.

4. ideia, opinião, juízo falso ou equivocado.

5. *p.ext.* aquilo que é enganador, que ilude.

"a felicidade é uma m."

6. *B infrm.* pequena mancha branca nas unhas; albugem, leuconiquia.

7. *cul RJ* bolacha redonda preparada com massa de pão de ló; mentirinha.

8. *cul MG* pastel desprovido de recheio.

Origem

⊙ ETIM orig.contrv.

Se existe algo que repúdio com todas as forças do meu ser é a mentira. Minha mãe me ensinou desde cedo que a verdade, por mais difícil que seja, é sempre melhor que a mentira. No entanto, agora, uma semana depois de descobrir que não passei de um brinquedo nas mãos de Olivia, fico questionando tal princípio. Não sei se sou forte o suficiente para encarar uma verdade que está me matando aos poucos. Não importa o quanto eu tente, a dor nunca vai embora e meus pensamentos sempre voltam para a única mulher que amei.

— Bom dia! — escuto a voz de minha irmã vindo de algum ponto do meu quarto, seguida pelo barulho de cortinas sendo abertas e a sensação da luz do sol contra meu rosto.

Meus olhos ardem.

— Feche as cortinas, Nathalia. — resmungo, enterrando minha cara no travesseiro para proteger meus olhos dos raios de sol.

— Vamos, sr. *Mal Humor*. Levante a bunda dessa cama. — ela tenta puxar meu pé, igual fazia quando éramos crianças, mas me desvencilho.

— Me deixe dormir, Nath, por favor.

— Eu até deixaria, se essa não fosse a única coisa que você viesse fazendo nos últimos sete dias. — devolve, seu tom de voz um pouco cansado. — Ela não merece nem mesmo o seu sofrimento, Gustavo. Por que você não consegue entender isso?

— Porque dói, Nathalia. — desabafo, pela primeira vez com palavras, o que eu estou sentindo. — Dói como o inferno saber que tudo o que vivemos não passou de uma mentira. — sento-me na cama. Minhas mãos vagam por meu cabelo, em uma tentativa de prender o choro.

Não quero chorar, não que eu não tenha feito isso todas as noites, quando olho para o lado de Olivia da cama e não a encontro, mas chorar na presença de minha irmã não é algo que me sinto confortável para fazer. Sempre tentei ser forte para Nathalia, mesmo falhando, como agora.

— Você sabe que não precisa continuar mantendo a promessa ridícula de não chorar na minha frente, certo?

— Como você descobriu?

— Digamos que você não era muito silencioso enquanto falava com o *papai do céu*. — sorri, juntando-se a mim na cama.

— Eu não acredito nisso, Nath. Por que nunca mencionou que sabia?
— questiono, repousando minha cabeça em suas pernas, enquanto

ela *penteia* meu cabelo com os dedos.

— Não sei. — dá de ombros. — Talvez porque acreditava que isso fosse fazê-lo se sentir melhor. Grande equívoco de minha parte, por sinal. — arqueio minhas sobrancelhas em sinal de indagação. — Eu sei que deveria ter dito isso antes, mas eu não acho que você chorar em minha frente seja sinal de fraqueza, isso significa apenas que você é humano.

— Quando foi que você cresceu? — brinco, fingindo espanto.

— Em algum momento entre Ben e Maria Julia. — sorri ao mencionar os nomes de seu primogênito e de sua caçula. — Ser mãe de quatro crianças requer amadurecimento, você querendo ou não.

— Por falar em crianças, onde elas estão?

— Bernardo as levou ao parque para que eu pudesse realizar a difícil tarefa de arrastar a bunda do meu irmão para fora da cama. — me cutuca. — Temos exatamente três horas antes de Maria Julia começar a reclamar de fome e Nathan chorar pedindo por sua *mamãe*, por isso sugiro que aproveite os próximos 30 minutos para tomar um banho e fazer essa barba de homem das cavernas.

— Eu agradeço seu esforço em tentar me fazer sentir melhor, Nath, mas eu não quero me levantar agora. Prometo que o farei em algum momento, mas não agora.

— Sinto muito, mas não estou indo para aceitar isso. Vamos lá, Gustavo. Tem uma mesa de café da manhã incrível esperando por você. — ela insiste.

— Você não vai mesmo desistir, não é? — pergunto e ela sorri ao perceber que venceu.

Ela sempre vence, uma vez que eu simplesmente não consigo dizer

não a ela.

— Eu te amo. — beija-me o rosto, os olhos marejados.

— Eu também te amo. — abraço-a, desejando que mamãe ainda estivesse conosco.

— Então, que tal ir tomar um banho? Você nunca cheirou tão mal, Gustavo. — ela quebra o abraço, tampando o nariz.

— Eu não estou cheirando tão mal assim. — ergo minhas axilas e dou uma leve cheirada.

— Eca, seu porco! — me recrimina, sua voz saindo engraçada, já que continua com o dedão e o indicador tampando o nariz.

— Como se você nunca tivesse cheirado a sua. — digo e noto seu cenho franzir. — Ah, Nath, nem vem. Todo mundo, ao menos uma vez na vida, já cheirou a própria axila.

— Sinto muito em desapontá-lo, mas eu não sou todo mundo, logo, não faço parte dessa estatística. — ela teima em nega, porém sei que está mentindo, quando criança Nathalia tinha aversão a água.

— Irei fingir que não sei das cenas que você fazia sempre que mamãe lhe dizia para tomar banho.

— Eu só tinha cinco anos, Gustavo. — defende-se.

— Na verdade, você tinha pouco mais de nove anos.

— Que seja *sr. Sabichão*. — ela me dá língua, como se ainda fossemos crianças e o tempo não tivesse passado. — De qualquer forma, se eu não lembro, eu não fiz.

— Você anda muito espertinha para o meu gosto.

— Eu sempre fui a mais esperta de nós dois, Gustavo, você apenas nunca quis admitir a verdade. — se gaba. — Agora é sério, vá tomar banho, ou terei que usar uma máscara de ar para poder respirar.

— Quanto exagero, Nath — digo, já de pé. — Você é muito chata, sabia? — questiono enquanto sigo para o banheiro que fica em meu quarto.

— Talvez eu seja mesmo um pouquinho, mas você continua me amando. — ela grita, e eu apenas sorrio porque ela está coberta de razão.

Meia hora depois e fui, enfim, capaz de substituir o meu "*mal cheiro*", como Nathalia insiste em chamar, por um de meus perfumes.

— Uau! Que irmão mais gato eu tenho. — minha irmã elogia-me assim que entro na cozinha.

— Diga-me algo que eu ainda não saiba. — brinco, sentando-me a mesa que parece ter sido preparada para alimentar um exército de soldados. — Estamos esperando quantas pessoas?

— Não seja bobo, Gustavo. Eu apenas queria agradecer o meu irmãozinho.

— Obrigado, mas não serei capaz de comer um terço do que você preparou. Para ser sincero, eu nem mesmo estou com fome.

— Com fome ou não, você precisa se alimentar. Acredite, seus eleitores não ficariam nada felizes ao vê-lo como um cadáver em frente às câmeras. — suas palavras me causam um nó na garganta.

— Eu... Eu não sei se continuar com essa candidatura ainda seja uma boa ideia. — sou, enfim, capaz de me pronunciar.

Tenho pensado muito durante todo esse período de dor e aos poucos tenho cada vez mais certeza de que continuar com essa candidatura é um erro,

principalmente depois dos últimos acontecimentos. Não sinto mais a mesma paixão que eu nutria pela política, o que, conseqüentemente, me faz pensar que eleger-me não seria algo justo para com meus eleitores. Eles merecem alguém inteiro, que se entregue de cabeça a um cargo tão árduo, e, no momento, eu não sou esse alguém, tampouco sei se um dia voltarei a ser.

— Como assim não é uma boa ideia? Esse sempre foi um de seus sonhos, Gustavo.

— Talvez meu sonho tenha mudado, não que isso faça muita diferença agora.

— É ela não é? — questiona, mas não me dou ao trabalho de responder. Minha irmã sabe perfeitamente a resposta. — Eu sei que dói e que às vezes parece que iremos morrer, mas para tudo há uma solução e no nosso caso não será diferente.

— O problema é que não acho que eu seja capaz de amar outra mulher novamente, Nath. Não com a mesma intensidade com a qual amo Olivia. Porra, eu sequer sei se um dia deixarei de amá-la. — amaldiçoo-me porque, por mais que eu queira, não consigo esquecê-la, tampouco arrancá-la de meu coração quebrado. — Como posso amar e odiar uma pessoa ao mesmo tempo?

— Não sei, mas se você descobrir a resposta me avisa. — diz ela em um sorriso fraco, e eu sei que minha pergunta a fez lembrar a traição de Bernardo.

— Você não irá perdoá-lo, né?

— Você sabe que não acredito em segundas chances, Gustavo. Quem trai uma vez, trai duas, três... Ademais, um casamento requer confiança e eu não confio mais em Bernardo.

— Achei que vocês estivessem se entendendo.

— E estamos, ao menos eu estou fazendo um esforço pelo bem-estar das crianças, mas isso não significa que um dia voltaremos a ser um casal. No momento somos apenas pais de quatro *monstrinhos* que necessitam de nossa atenção.

— Wow! Quem é você e o que fez com minha irmã?

— Bem, digamos apenas que Olivia me mostrou o que o ódio não me fazia enxergar. — sorri, mas logo fica sem graça quando percebe que mencionou o nome da mulher que destroçou meu coração. — Me desculpe, Gustavo. Eu não queria...

— Está tudo bem, Nath. — apresso-me em cortá-la. — Fico feliz que ela tenha ajudado.

— Pensei que ela fosse diferente.

— Eu também, mas as pessoas se enganam.

— O que acha de experimentar esse beiju com carne de sol? — ela muda drasticamente de assunto, empurrando o prato de beiju em minha direção, e agradeço-a mentalmente por isso.

Pergunto-me quando falar ou ouvir o nome de Olivia deixará de ser tão doloroso.

...

Olivia

Incompleta.

É assim que me sinto sem Gustavo. Sinto como se estivesse faltando algo, na verdade, alguém.

— Você precisa comer um pouco, Olivia. — Bella surge em meu quarto segurando uma bandeja de café da manhã.

— Eu não estou com fome. — respondo, abraçada ao travesseiro.

Faz uma semana. Uma maldita semana desde que meu conto de fadas acabou e três dias desde que assinei os papéis passando os meus bens a Heitor. Em troca, como o combinado, fui poupada de ter que conviver ao seu lado.

— Você tem repetido essa frase pelos últimos três dias. — minha amiga solta uma lufada de ar, colocando a bandeja sobre o lado vazio da cama. — O que aconteceu, afinal? Por que você e Gustavo terminaram? — a pergunta é feita, e me dói não poder responde-la. — Você sabe que pode confiar em mim, certo? — ela questiona depois de receber o meu silêncio como resposta

— Eu... Eu só não quero falar sobre isso, Bella.

— E eu só quero que você me ajude atender o que está acontecendo. — pede. — Antes de eu viajar para cuidar da minha avó, você e Gustavo estavam mais felizes do que nunca. Então eu retorno e não só descubro que vocês terminaram como também, para meu total espanto, a senhorita havia voltado para a casa do *Heitor Fodido Bitencourt*.

— Não há muito para ser decifrado ou explicado. Eu percebi que meu relacionamento com Gustavo não tinha futuro, resolvi colocar um ponto final antes que um de nós acabasse machucado e, como não tinha para onde ir, fui passar alguns dias na minha antiga casa.

— E eu lá sou burra para acreditar nessa história, Olivia? — revira os

olhos. — Primeiro, nenhum relacionamento é perfeito, mas o seu e o de Gustavo era forte o suficiente para vencer qualquer obstáculo, se assim vocês quisessem. Segundo, não sei se percebeu, mas você está bem machucada e Gustavo não deve estar muito diferente. Terceiro e último, você jamais voltaria a dividir o mesmo teto que o cara que matou seu bebê, não por livre e espontânea vontade. Agora seja sincera e me diga, quem a obrigou a fazer tudo isso?

— Você... Você está ficando louca.

— Por favor, Olivia, Gustavo pode até ter acreditado nessa história ridícula que você inventou, mas eu a conheço o suficiente para saber que você está sendo vítima de alguma armação.

— Você está imaginando coisas. — tento me levantar da cama para ir ao banheiro, mas Bella me puxa pelo braço.

— Não, você não irá fugir. Você permanecerá aqui, sentadinha, até me contar o que realmente está acontecendo.

— Não está acontecendo nada.

— Não? Então por que eu a escuto chorar todas as noites antes de dormir? Por que você acorda gritando durante a madrugada, chamando pelo nome do Gustavo? Por que você está fazendo isso consigo mesma, Oli?

— Eu... Eu não posso falar, Bella... Eu não posso falar. — digo, entre lágrimas. — Por favor, não me obrigue a fazer isso... Por favor.

— Ei, está tudo bem. — ela me abraça. — Não irei obrigá-la a nada, mas me dói vê-la sofrer dessa forma. Você vive trancada nesse quarto chorando, quase nunca come e quando o faz coloca tudo para fora. Eu só quero ajudá-la, amiga.

— Eu sei, mas não me sinto preparada para falar sobre isso ainda.

— Tudo bem, prometo que não irei mais pressioná-la, se você prometer que irá se alimentar e sair desse quarto. — propõe a condição. — Então, temos um acordo? — ela afasta-se um pouco e me estende a mão.

— Sim, nós temos um acordo. — aperto sua mão, mesmo que a contra gosto.

Não acho que eu seja capaz de sair desse quarto sabendo que Gustavo está sofrendo por minha culpa. Sabendo que nunca mais sentirei a eletrizante sensação de seus braços ao redor do meu corpo ou o doce sabor de seus beijos. A verdade é que algo dentro de mim morreu há uma semana e não sei se um dia serei capaz de voltar a viver.

24



Gustavo

MEMÓRIA

substantivo feminino

1. faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos.

"uma m. boa ou má"

2. nome, reputação.

"a m. desse homem é ora caluniada ora defendida"

3. aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência.

"a m. de um dia encantador"

4. monumento erigido para celebrar feito ou pessoa memorável.

5. exposição escrita ou oral de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos sequenciados; relato, narração.

"escreveu uma m. de suas viagens"

6. dissertação sobre tema ou matéria de ciência, arte, cultura etc., para publicação ou apresentação em congresso, sociedade científica, associação etc.

7. substantivo *feminino plural*

relato que alguém faz, freq. na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular; memorial.

Origem

⊙ ETIM lat. *memorīa,ae* 'memória', de *mēmōr,ōris* 'aquele que se lembra, que se recorda'

É realmente incrível como, às vezes, um simples lugar tem a capacidade de nos trazer um turbilhão de memórias.

Olho para o café onde vi Olivia pela primeira vez e sinto meu coração apertar. Sei que, se fechar meus olhos agora, poderei vê-la materializada em

minha frente, furiosa, enquanto eu recusava o acordo que levaria Heitor ao fundo do poço, o mesmo acordo que, por ironia do destino, acabei sendo a principal vítima.

Engraçado, eu não lembrava o quão dolorosas algumas lembranças podem ser.

— Aqui! — escuto a ruiva gritar de uma das mesas enquanto agita os braços para cima, e balanço a cabeça em descrença porque é quase impossível não vê-la. — Achei que não viria. — diz ela quando a cumprimento e ocupo o assento à sua frente.

— Eu também, mas estou aqui. — esforço-me para sorrir, mas falho.

Ao que parece, desde o meu término com Olivia, eu me tornei alguém incapaz de sorrir verdadeiramente.

— Ela está bem? — quando percebo a pergunta já tem saído de meus lábios e amaldiçoo-me por ser tão idiota quando ela sequer deve estar pensando em mim.

— Ela não está muito diferente de você. — Bella responde, e a vontade que tenho é a de rir debochadamente de sua resposta.

Eu estou quebrado, destruído, completamente arrasado. Dizer que Olivia não está muito diferente de mim é praticamente uma piada, afinal, ela foi a única que optou por acabar com o que tínhamos, se é que tínhamos alguma coisa.

— Tenho certeza que Heitor deve estar cuidando muito bem dela. — digo com escárnio.

— Ela não está com Heitor.

— Eu os vi junto, Isabella...

— Bella. — me corta.

— Eu os vi juntos, *Bella*. Logo, não precisa mentir.

— Eu não sei o que você viu, mas eu conheço Olivia perfeitamente para saber que ela não voltaria com Heitor por vontade própria, tanto é que ela está morando comigo desde que retornei de viagem, cinco dias atrás.

Como assim ela está morando no apartamento de Isabella? Eu os vi juntos. Ela olhou em meus olhos enquanto disse que não passei de um brinquedinho, uma marionete usada por ela para atingir Heitor. — Minha cabeça parece girar e trabalhar a mil por hora, sem entender de fato o que está acontecendo.

— Por favor, Bella. — peço, um pedido silencioso de quem não quer e nem aguenta alimentar falsas esperanças. — Olivia já fez sua escolha e eu não faço parte dela.

— Sinto muito, Gustavo, mas eu não posso ficar de braços cruzados enquanto vejo minha amiga morrendo aos poucos. Ela é importante demais para que eu simplesmente lhe vire as costas e ignore o seu sofrimento.

— E o que você espera que eu faça?

— Para começar, você bem que poderia deixar de ser tão cego e burro. — suas palavras me surpreendem com a mesma proporção que me revoltam.

Se Olivia está realmente sofrendo, como Isabella insiste em dizer, não é algo do qual eu seja culpado, muito pelo contrário.

— Desculpe-me, mas eu não irei ficar aqui ouvido...

— Sim, você vai ficar aí sentadinho enquanto escuta atentamente o que eu tenho a dizer, ao menos se ainda ama Olivia como dizia fazer.

— Então agora meus sentimentos serão colocados à prova? — questiono, um tanto quanto indignado. — Não sei se ainda lembra, mas sua amiga foi a única que colocou um ponto final no que, de acordo com ela, não passou de um jogo.

— Eu sei que você está magoado, não tiro sua razão, mas acredite quando digo que Olivia pode estar sendo vítima de alguma armação.

A última palavra detém de toda a minha atenção.

— Eu não menti quando disse que Olivia me parece tão pior quanto você. Ela não é mais a mesma, Gustavo, assim como você não é mais o mesmo.

A ideia de ver Olivia sofrendo, não deveria, mas me machuca por dentro.

— Então suponhamos que de fato ela esteja sendo vítima de uma armação, quem estaria por trás de tudo isso? Heitor?

— Não, caso contrário ela estaria com ele agora. — sua linha de pensamento começa a fazer sentido. — Não descarto a participação dele no caso, mas não acredito que a ideia tenha partido dele, há uma mente muito mais maquiavélica por trás da separação de vocês.

— Mas quem?

— Alguém que não os queria juntos, isso é meio que óbvio. Uma possível *ex*, quem sabe. — ela sugere, e sei que está falando de Alice.

— Alice pode até ter os seus defeitos, mas ela não faria algo tão baixo.

Ao menos eu quero acreditar que não.

— Será? — questiona, mas antes que eu tenha a chance de responder

a figura de um velho amigo me faz levantar de meu assento para cumprimentá-lo.

— Seu bastardo, eu não acredito que voltou à cidade e não entrou em contato comigo. — digo, abraçando-o.

— Eu juro que tentei, mas ao que parece não é uma tarefa muito fácil entrar em contato com o futuro governador de São Paulo. — Matheus sorri. — Não vai me apresentar sua amiga? — a última frase é sussurrada para que somente eu possa ouvir.

— Matheus, essa é Isabella. Isabella, este é Matheus, um velho amigo. — faço as apresentações e, pela primeira vez na vida, noto a ruiva espalhafatosa ficar tímida na presença de alguém.

— Prazer. — ambos dizem em uníssono ao apertarem as mãos, Isabella com um novo tom de rosa no rosto.

— Por que não junta-se a nós? — faço o convite.

— Porque estou trabalhando, não sei se percebeu. — ele aponta sorrindo para o uniforme em seu corpo, o mesmo que Isabella parece analisar com muita atenção.

— Está tudo bem, Bella? — pergunto, só para provocá-la, e seu rosto fica ainda mais rosado quando percebe que foi pega no flagra.

— Hã? Sim... Tudo ótimo. — gagueja, o que não poderia ser mais divertido.

— Então, o que irão pedir? — Matheus pergunta, bloco e caneta nas mãos.

— Que você se junte a nós. — insisto.

— Eu agradeço o convite, mas, como disse anteriormente, estou

trabalhando.

— Vamos, largue de besteira, homem!

— Pelo visto alguém continua bastante insistente.

— E alguém continua bastante teimoso. — devolvo. — Vamos, Matheus, seu patrão não pode demiti-lo por tomar um café com um velho amigo.

— Minha resposta continua sendo não, Gustavo. Agora digam-me, já escolheram o que irão pedir?

— Teimoso como uma mula. — bufo, mas não insisto mais. — Eu irei querer um cappuccino e um croissant. — digo, por fim.

— E a senhorita? — Matheus volta seu olhar para Isabella, seu sorriso cafajeste dando o ar da graça.

Algumas coisas nunca mudam. — Penso.

— Apenas um descafeinado. — responde ela, sem tirar os olhos do cardápio.

— Certo. — ele anota os pedidos no bloco. — Irei repassar os pedidos, com licença. — pede e começa a andar, mas parece lembrar de algo no meio do caminho e retorna. — O Samuel ainda mora na cidade? — estranho sua pergunta repentina, mas respondo:

— Sim. Por quê?

— Por nada. É que vi um cliente muito parecido com ele, cheguei até a cumprimentá-lo, mas ele disse que eu estava confundindo-o com outro alguém.

— Ele estava sozinho? — a pergunta parte de Bella.

— Não, ele estava acompanhado por uma morena.

Eu e Isabella trocamos um rápido olhar após ouvirmos sua resposta.

— Você lembra como era essa morena? — desta vez sou eu quem faço a pergunta.

— Sim. Ela era muito bonita, mas não sei se saberia descrevê-la com exatidão.

— Aqui! — Isabella retira o celular da bolsa e estende o aparelho a Matheus. — É essa a mulher que estava com Samuel?

A imagem de Olivia sorrindo, mesmo que apenas no visor do celular de Isabella, faz com que um misto de vazio, solidão e nostalgia tomem conta de mim.

— É ela mesmo. — a confirmação vem rápida, sem qualquer sinal de hesitação.

— Eu sabia! — Isabella exclama no exato momento em que eu solto um "*desgraçado*".

— Eles ficaram por muito tempo? Você ouviu o que eles falavam? Ela parecia confortável ao lado dele? — despejo a enxurrada de perguntas, desesperado por respostas.

— Eles ficaram por cerca de 15 minutos. Não costumo ficar escutando as conversas dos clientes, além disso eles escolheram uma mesa afastada das demais. Respondendo à última pergunta, ela não me parecia nada confortável e relutou um pouco em sair do café acompanhada por ele. — ele responde e agora já não existe qualquer tipo de dúvida quanto ao envolvimento de Samuel em minha separação com Olivia, a não ser a pergunta que não quer calar: por que ele fez isso? — Será que vocês irão me explicar o que está acontecendo?

— Eu preciso encontrá-la, Bella. — digo, ignorando a pergunta de Matheus. Deixarei para Isabella o trabalho de explicar a ele o que está acontecendo. No momento, tudo o que mais quero é ver Olivia e tentar encontrar as respostas para as demais incógnitas.

— Ela está no meu apartamento. Eu até lhe daria as chaves, mas as esqueci sobre o balcão da cozinha.

— Não tem problema. — digo, porque não será uma simples chave que irá me impedir de ver Olivia.

Eu estou indo ao encontro da mulher que amo, e não me importo em colocar alguma porta a baixo no processo.

...

Olivia

— Já vai, Bella! — grito, saindo do banheiro e enrolando-me em uma toalha, quando escuto a campainha tocar sem parar.

Minha amiga tem a péssima mania de deixar suas chaves jogadas em qualquer canto do apartamento, esquecendo de levá-las consigo ao sair.

Trim trim trim...

— Eu estou indo! — torno a gritar, irritada pelo barulho da campainha. — Eu juro que a próxima vez que você esquecer suas chaves em casa, ficará do lado de fora. — ameaço-a, mas quando abro a enorme porta de madeira tenho uma surpresa.

Sinto minhas pernas fraquejarem na medida em que meu coração

voltar a bater com a imagem do homem à minha frente.

— Gustavo? O... O que você está fazendo aqui? — pergunto, travando uma batalha interna contra a vontade de chorar e me jogar em seus braços.

— Nós precisamos conversar, Olivia.

Olivia. Eu nunca odiei tanto meu nome quanto agora. Odeio o fato de saber que não sou mais sua Liv, tampouco sua *diabinha*. Não, eu sou apenas Olivia, a mulher que destruiu o seu coração.

— Eu achei que já tivesse deixado as coisas bem claras aquele dia. — tento, inutilmente, me fazer de durona.

— Eu não sei se ainda lembra, mas prometemos sermos sempre sinceros um com o outro.

— Aquilo foi apenas um jogo, Gustavo. Eu já...

— Pare, por favor. Pare de mentir. Pare de dizer que o que tivemos não foi verdadeiro. — ele pede. — Isso dói, Olivia. — a dor em seu olhar e em seu tom de voz é tão transparente que faz com que eu me sinta ainda pior. — Por favor, diga-me a verdade. Por favor... — suplica-me. — Eu sei que, por mais que me diga o contrário, você ainda me ama com a mesma intensidade com que a amo.

— Você... Você precisa ir embora, Gustavo. — tento fechar a porta em sua cara, mas ele é mais rápido e muito mais forte que eu. — Você não pode entrar aqui desta forma. — recrimino-o quando ele adentra o apartamento de Isabella sem ser convidado. — Você tem que se retirar antes que eu chame a segurança.

— Sinta-se à vontade para chamar quem você quiser, mas daqui eu só saio quando você me falar a verdade. — ele me desafia.

— Eu realmente sinto muito que seja tão difícil assim para você entender que nunca tivemos na...

— Mentira! — corta-me. — Você está mentindo.

— Eu não vou ficar aqui discutindo com você. — dou-me por vencida, fazendo meu caminho em direção ao meu quarto, mas sou impedida quando Gustavo me puxa pela cintura e pressiona meu corpo entre o dele e a parede.

— A verdade, *diabinha*. — ele faz o pedido enquanto me olha nos olhos, que logo se fecham quando escuto o apelido saindo de sua boca, o mesmo que eu pensei que nunca mais fosse escutar. — Não precisa chorar, Liv. — diz ele, limpando uma lágrima solitária.

— Por favor, Gustavo, você precisa ir. — peço, tentando me libertar de seus braços, antes que eu acabe cedendo e colocando tudo a perder.

— Não adianta lutar contra o que sentimos, Liv. É inútil. — ele beija-me o pescoço e, instintivamente, aperto o nó da toalha que cobre o meu corpo.

— Eu não posso, Gustavo.

— Sim, você pode. — ele insiste, ainda com os lábios pressionados contra meu ponto sensível. — Por favor, Liv, eu não aguento mais sofrer.

— Eles irão machucá-lo. — sussurro, empurrando-o com as mãos.

É inevitável o vazio que toma conta de mim quando nossos corpos perdem o contato.

— Eu já estou machucado, Liv, caso não tenha notado. Não acho que seja possível eu ficar pior do que já estou.

— Você não entende. — murmuro.

— Então me faça entender. — pede. — O que Samuel falou para que você me deixasse sem olhar para trás? — a menção do nome de Samuel me pega de surpresa.

— Como... Do que você está falando? — tento soar indiferente ao mesmo tempo em que luto para recuperar a pose.

— Eu sei que você esteve em um café com Samuel no mesmo dia em que resolveu pôr um fim no que nós tínhamos, também sei que me ama e que seria incapaz de brincar com os sentimentos de alguém, por isso chega de mentiras, Liv. O que aconteceu naquele dia? — questiona, mas permaneço calada. — Olhe para mim, diabinha. — ele pede, e eu o faço. — De uma forma ou de outra eu vou descobrir o que aconteceu, nós dois sabemos que eu o farei, eu só esperava que a verdade partisse de você. — diz ele, sem esconder sua decepção enquanto fala. — Então é isso? É assim que termina? Continuaremos sofrendo porque assim você decidiu.

— Você está sendo injusto, Gustavo. Eu não tive escolha.

— Todo mundo tem uma escolha, Olivia.

— Pare de me chamar assim. — descontrolo-me e começo a distribuir socos contra seu peito. — Pare! Você realmente acha que eu queria fazê-lo sofrer? Acha que estou feliz sabendo que tudo o que sonhamos em viver juntos nunca se tornará real? Você realmente acredita que sou capaz de dormir à noite sem o calor dos seus braços? Eu não estou feliz, Gustavo, e se eu fiz o que fiz foi por amor, por mais maluco que isso possa soar. — lágrimas banham meu rosto quando meu ataque de raiva cessa.

— Droga, Liv! — pragueja. — Não chore! — ele me toma novamente em seus braços, e desta vez não reluto. — Você não imagina o quanto me doe vê-la chorando. — beija-me a testa, as mãos másculas afagando minhas costas.

Ficamos assim por longos minutos. Apenas eu, ele e o som de nossos corações batendo em um ritmo descompassado.

— Samuel possui provas capazes de colocá-lo na cadeia por lavagem de dinheiro público. — quebro o silêncio, soltando as palavras que estavam entaladas em minha garganta, e noto Gustavo se afastar um pouco para olhar-me nos olhos.

— Isso é impossível. Eu jamais seria capaz de... Espera... Você não acredita que fiz isso, né?

— Claro que não. — apresso-me em responder. — Eu conheço o seu caráter, Gustavo. Sei que seria incapaz de compactuar com algo do tipo. — tranquilizo-o. — Mas Samuel possui documentos comprometedores, todos com a sua assinatura. Documentos que facilmente serviriam como provas capazes de condená-lo e sujar a sua imagem.

— Você deve estar me achando um burro.

— E por que eu acharia isso? Por você confiar em um homem que dizia ser seu amigo? A culpa não é sua, Gustavo.

— Eu não deveria ter assinado os documentos sem ler. — ele se culpa, o que eu já sabia que iria acontecer.

— Você confiava nele, assim como eu confio em Bella, não consigo enxergar o porquê de estar se culpando dessa forma.

— Eu não entendo. Por que ele faria isso?

— Tem certeza que você não tem a mínima ideia do porquê?

— Para se vingar por eu tê-lo demitido?

— Ou talvez por ter perdido o homem que amava para outra pessoa.
— minha revelação faz com os olhos de Gustavo saltem em surpresa e ele

abra a boca em puro choque.

— O que você disse? Samuel... Ele...

— Era apaixonado por você. — concluo sua linha de raciocínio.

— Isso não pode ser possível, Liv. Samuel era meu amigo, ele nunca foi apaixonado por mim. Não romanticamente. — balanço a cabeça em negação.

— Eu sei que isso deve ser algo difícil de processar, mas é verdade, Gustavo. Samuel é apaixonado por você.

— Meu Deus! — ele leva as mãos à cabeça. — Por que ele nunca me disse isso? Eu sequer sabia que ele era gay.

— Provavelmente por medo de ser rejeitado.

— Eu jamais o rejeitaria por ser gay. Isso não afetaria em nada nossa amizade.

— Eis que surge o x da questão. Samuel não queria a sua amizade, ele queria o seu amor.

— Mas ele sempre soube que gosto de mulheres. — seu comentário me faz franzir o cenho e fechar a cara. — Bem, de uma única mulher, na verdade. — ele se apressa em corrigir o erro.

— Sim, ele sabe. No entanto, tal fato não o impediu de, na mente doentia dele, acreditar veemente que vocês poderiam ficar juntos um dia, caso eu não tivesse aparecido para estragar tudo.

— Isso... É muita loucura para ser verdade.

— Eu sei, e foi por isso que tive que quebrar o seu coração. Por conseguinte, o meu também foi quebrado no processo. Eu sinto muito.

— Ei, querida, você não tem o porquê me pedir desculpas. Você apenas ficou com medo do que poderia acontecer comigo se não aceitasse os absurdos que Samuel impôs. — diz ele, compreensivo. — Eu sou o único que devo me desculpar por não ter confiado mais no nosso amor. Por ter fraquejado no instante em que a vi ao lado de Heitor.

— Voltar a morar com Heitor foi uma das condições propostas por Samuel para que você não fosse preso. — explico a ele, que xinga Samuel de todos os nomes possíveis. — Eu realmente sinto muito. Posso imaginar o quão doloroso deve ter sido para você me ver ao lado do monstro que nos tirou nosso bebê. Lamento profundamente pelas palavras que fui obrigada a dizer com o intuito de feri-lo ainda mais, de afastá-lo de mim. — choro, copiosamente.

— Shhh, amor. Está tudo bem. — abraça-me apertado. — Nós estamos juntos agora. Isso é a única coisa que importa.

— Mas nós não podemos, Gustavo. Samuel entregará os documentos à polícia.

— Nós pensaremos em algo, não se preocupe com isso agora. — ele me beija a face, por onde uma de minhas lágrimas desce. — Samuel será o único a ver o sol nascer quadrado. — diz ele com convicção, e não tenho dúvidas de que não está blefando.

— Eu te amo. — sussurro, voltando a encarar o único par de olhos que faz meu coração bater apressado.

— Eu te amo mais, diabinha. — ele captura meus lábios com os seus e logo o nó de minha toalha é desfeito.

Gustavo me faz sua ali mesmo, no corredor do apartamento de Bella. Nossas bocas parecem insaciáveis e nossos corpos se encaixam como um

perfeito quebra-cabeças.

Eu sou dele. Ele é meu.

O tempo que ficamos separados deixa de existir e, como num passe de mágica, voltamos a ser um só.

25



Olivia

LAR

substantivo masculino

1. local, na cozinha, onde se acende o fogo; lareira.
2. *p.ext.* a casa de habitação; domicílio familiar.
3. *p.met.* grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto; família.
4. *fig.* a pátria, a terra natal.
5. *fig.* superfície (lajeada, ladrilhada, cimentada etc.) do forno de pão, onde é colocada a massa para cozer.
6. *fig.* ninho de aves ou covil de animal.

7. *substantivo masculino plural*

entre os etruscos e os antigos romanos, deuses domésticos, protetores da família e da casa.

Origem

- ⊙ ETIM lat. *Lar, Lāris* 'deus protetor da casa, domicílio, lareira'

Certa vez, não me recordo quando nem onde, li a seguinte frase: "*lar é aonde o nosso coração quer estar*". Tal frase nunca pareceu fazer tanto sentido quanto agora, enquanto estou nos braços de Gustavo.

— Tive tanto medo de perdê-la. — ele sussurra as palavras contra meu cabelo, depois de fazermos amor pela segunda vez em menos de duas horas.

— Você nunca irá me perder porque meu coração sempre será seu. — digo, fazendo-o sorrir largamente. Em troca, sou presenteada com as covinhas que tanto amo. — Tanta beleza deveria ser proibida. — brinco, admirando o homem nu ao meu lado.

Um verdadeiro pecado. — Penso, dando graças aos deuses por ele ser

todinho meu.

— Você precisa me prometer que, não importa o que aconteça, nós nunca mais iremos nos separar. Não sei se sou forte o suficiente para viver sem você.

— Eu não terminei o que tínhamos por vontade própria, Gustavo.

— Eu sei, amor, mas você precisa prometer que, a partir de hoje, não existirá mais segredos entre nós. Não importa o que aconteça, Liv, devemos ser sinceros um com o outro, certo?

— Certo. — dou-me por vencida.

A verdade é que tudo o que mais desejo no momento é que possamos resolver toda essa história com Samuel e vivermos *felizes para sempre*, como nos contos de fadas. O príncipe eu já tenho – e que príncipe, Senhor –, agora só preciso do meu final feliz.

— O que iremos fazer? Samuel não pode, em hipótese alguma, desconfiar que você descobriu a verdade.

— Como eu disse anteriormente, você não precisa se preocupar com isso. Eu cuidarei de tudo.

— Por favor, Gustavo, não vá fazer nada que coloque sua vida em risco. — peço, preocupada com o que ele possa estar pensando em fazer. — Oh, meu Deus! E se Samuel tiver alguém seguindo você? E se ele já tiver conhecimento que estamos juntos? — alarmo-me com as inúmeras possibilidades que invadem minha mente.

— Ei, querida, calma! — Gustavo sorri de meu desespero e tenho vontade de dar-lhe um tapa por isso. — Eu fui discreto, não se preocupe. — beija-me a têmpora e aos poucos vou controlando o medo. — Eu já mencionei o quanto senti sua falta? — um sorriso safado toma conta de seu

rosto enquanto suas mãos vagueiam por meu corpo.

— A Isabella pode chegar a qualquer momento, Gustavo. — alerto-o quando ele posiciona seu corpo sobre o meu, mas o danado me ignora, enterrando seu rosto em meu pescoço e respirando fundo.

— Só mais uma rodada, Liv. — implora, manhoso, seu equipamento armado pronto para entrar em campo.

— Você é mesmo insaciável, sr. Monteiro.

— Só quando se trata de você. — morde minha orelha, fazendo meu sexo latejar em antecipação.

Estou quase me rendendo a seu charme, mas — como eu previa — o som da campainha se faz presente, fazendo-me pular da cama e Gustavo xingar baixinho.

— Volte para a cama, Liv. — meu namorado super gostoso resmunga, tentando me puxar para seus braços enquanto procuro por algo para vestir.

— Eu preciso abrir a porta, Gustavo.

— E eu preciso me enterrar em você até as bolas. — ele rebate, igual criança mimada.

— Sinto muito, querido, mas isso terá que ficar para um outro momento.

Desisto de procurar por uma de minhas roupas e visto a primeira peça que encontro, a camisa de Gustavo.

— Eu não demoro. — beijo-lhe os lábios antes de correr para abrir a porta.

— Tia, Liv! — Angelina pula em meu colo, vestida em seu uniforme

escolar, e me enche de beijos molhados quando abro a porta.

— Meu Deus, que beijos mais gostosos.

— Agora eu entendo o motivo de toda essa demora para abrir a porta.
— Bella olha descaradamente para a camisa em meu corpo e meu cabelo despenteado, sem ao menos tentar esconder o sorriso divertido que brinca em seus lábios. — Ele ainda está aí? — ela questiona ao fechar a porta, e eu apenas aceno com a cabeça em direção ao meu quarto. — Oh pergunta idiota essa minha, sua cara de quem acaba de ser bem comida fala por si só.

— Bella! — repreendo minha amiga desbocada, rezando para que Angelina não tenha dado ouvidos as palavras da mãe.

— Comeram você, tia? — Angelina questiona com os olhinhos assustados. — Quem fez isso?

Olho para Isabella, sem saber o que responder, mas tudo o que ela faz é falhar inutilmente em sua tentativa de segurar o riso.

— Tio Gustavo! — a mini Bella grita eufórica quando Gustavo surge na sala em toda sua glória.

Pergunto-me se um dia irei me acostumar com a imagem de seu peito nu e suas calças pendendo um pouco abaixo dos quadris, revelando seu "v", vulgo o caminho para o paraíso.

— Quer um babador? — Bella sussurra a pergunta em meu ouvido ao mesmo tempo em que Angelina muito animada se atira nos braços de Gustavo.

Quem pode culpá-la? Eu com certeza não. Não quando tenho vontade de fazer o mesmo.

— Hey, princesa! Como você está? — a pergunta de Gustavo é o

suficiente para que Angelina comece a narrar todo o seu dia e o quanto Caio, um de seus coleguinhas de classe, é irritantemente chato.

— Vem, preciso que você me ajude a fazer o almoço. — Bella faz a intimação, mas sei que sua frase, na verdade, significa: *"Vem, preciso saber de tudo. E aí de você se me esconder algo"*.

— Amor, eu vou ajudar Bella a preparar o almoço. — digo, mas não acho que ele esteja ouvindo qualquer outra coisa que não seja a conversa animada de Angelina.

É impossível ver Gustavo interagindo com Angelina e não pensar no ótimo pai que um dia ele virá a ser.

— Alguém tirou a sorte grande. — minha amiga fala sorrindo, arrastando-me em direção a cozinha ao decifrar meu pensamento.

— Isso ainda levará um tempo.

— Vocês estão se protegendo? — eu, literalmente, congelo ao escutar sua pergunta. — Bem, pela sua expressão, prevejo que talvez não leve tanto tempo assim para que eu me torne titia. — ela sorri, mas eu não consigo fazer o mesmo.

Eu posso estar grávida de Gustavo e não sei se a ideia me deixa assustada ou feliz. É claro que não tenho dúvida alguma de que quero ser a mãe dos filhos dele, mas será que ele se sente da mesma forma em relação a mim?

— Eu estava só brincando, Olivia. Não precisa levar tudo o que eu digo tão a sério. — Isabella tenta voltar atrás ao perceber o quanto a possibilidade de eu estar grávida me afetou. — Agora me conta, o que o desgraçado do Samuel aprontou? — ela muda de assunto e passo a próxima hora narrando os acontecimentos que sucederam o início do meu pesadelo.

...

— Você parece um pouco pensativa. — Gustavo comenta após o almoço, quando voltamos para o quarto e nos livramos, mais uma vez, de todas as nossas roupas.

— Deve ser impressão sua. — tento sorri, mas falho miseravelmente.

— Fizemos uma promessa, Liv. — ele me lembra. — Alguma coisa está incomodando você. Fale comigo.

— Nós temos feito sexo sem proteção desde que meu médico deu sinal verde para as atividades sexuais. — solto as palavras esperando sua expressão mudar, esperando por alguma reação de sua parte, mas nada acontece. — Você não vai dizer nada?

— Dizer o quê? Ambos estávamos conscientes do fato de que nenhuma proteção estava sendo usada. Não vejo o que há de tão perturbador nisso, já que tanto eu quanto você somos pessoas saudáveis. — encolhe os ombros.

— Eu não estou falando sobre DST's ou algo do gênero, Gustavo. Estou falando sobre uma possível gravidez. — explico.

— Continuo sem entender o porquê de você está tão preocupada. Será que a ideia de termos um filho soa tão ruim assim? — a reação enfim surge, mas não da forma que eu esperava.

Gustavo parece magoado.

— Claro que não. — apresso-me em dissipar qualquer tipo de dúvida quanto ao meu desejo de gerar um filho dele. Um filho nosso. — Nada me

faria mais feliz que ter um bebê seu, um fruto do nosso amor. — desta vez minha resposta parece agradar-lhe, já que ele abre um largo sorriso.

E lá estão elas, suas covinhas.

— O que me preocupava era a possibilidade de você não querer o mesmo que eu. — confesso.

— Essa possibilidade não existe, diabinha. — beija-me os lábios de forma suave. — A ideia de ter um pedaço de mim crescendo dentro de você me faria ainda mais feliz do que já sou. — agora sou eu a exibir um sorriso de orelha à orelha.

— E quanto ao seu trabalho? Você voltou a crescer na disputa para o cargo de governador. — falo ao recordar-me da última matéria que li sobre a disputa eleitoral. — Falta pouco menos de um mês para a votação e especialistas políticos têm sua vitória como certa.

— Eu irei retirar minha candidatura.

— O que você disse? — pergunto, erguendo minha cabeça, que repousava em seu peito.

Tenho a leve impressão de que não escutei direito.

— Eu disse que irei retirar minha candidatura. — ele torna a repetir as palavras com tamanha naturalidade que parece estar narrando a última partida de Corinthians x Palmeiras.

— Você... Como? Por quê? Você não pode fazer isso, Gustavo. — balanço minha cabeça de um lado para o outro, em descrença.

— Marquei uma coletiva de imprensa para este final de semana.

— Eu não entendo... A política sempre foi a sua maior paixão.

— Não, minha maior paixão sempre foi minha família e isso não

mudou.

— Se você estiver fazendo isso por mim...

— Eu não estou fazendo isso por você, Liv. Estou fazendo isso por mim. — ele me interrompe. — Acredite, eu não tomei essa decisão de forma irracional. Eu pensei muito antes de finalmente decidir que chegou a hora de trilhar um novo caminho.

— Eu não quero que você venha a se arrepender depois, Gustavo. — coloco para fora o meu temor.

— Ei, eu não irei. — tranquiliza-me. — Já tenho tudo planejado, e espero que você não se importe em namorar um professor universitário de relações internacionais.

— Depende. Eu terei direito a aulas particulares? — mordo o meu lábio de forma provocativa.

— Você terá direito ao que quiser, diabinha. Sem mencionar que terei mais tempo para você e as crianças.

— Crianças? — pergunto, divertida.

— Claro. Estava pensando em cinco, para começar. O que você acha?

— O que eu acho? Bem, eu acho que você passará de senador a proprietário de uma creche. — meu comentário o faz gargalhar.

— Isso me soa como uma boa ideia.

— É claro que soa, não será você a sentir as contrações nem a terrível dor do parto.

— Mas serei eu ao seu lado, segurando sua mão, quando o nosso primeiro filho vier ao mundo, surrando em seu ouvido o quanto a amo. Então farei o mesmo quando chegar a vez dos outros quatro.

— Meu Deus, como alguém pode ser tão perfeito? — olho para o teto, em uma conversa com o cara lá de cima. — Senhor, eu não sei o que eu fiz de tão bom para merecer este homem, mas obrigada.

— Boba. — ele prende sua mão em minha nuca, colando nossas bocas. — Eu fui o único sortudo em toda essa história. Você é muito mais do que um dia eu sonhei, Liv, e eu mal posso esperar a hora de fazê-la minha.

— Mas eu já sou sua.

— Não perante a Deus.

Gustavo está me propondo matrimônio? É isso mesmo, produção? A possibilidade faz com que borboletas passem alegremente por minha barriga.

— Isso é um pedido de casamento, sr. Monteiro? — sorrio.

— Ainda não. — sua resposta faz o sorriso em meu rosto murchar. Não sou muito boa em esconder minhas emoções. — Mas o farei eventualmente, da forma que você merece. Não enquanto estamos nus em uma cama cheirando a sexo. Você merece mais que isso, Liv, e é o que terá.

Pergunto-me quando Gustavo deixará de me surpreender com seus gestos e palavras. Juro que, às vezes, me custa acreditar que um homem como ele possa ter se apaixonado por mim.

— Eu te amo. — falo, voltando a capturar seus lábios com o meu.

Então damos início a mais um round. Desta vez eu sou a única no controle, enquanto cavalgo-o.

— Você é tão gostosa, Liv. Tão apertada. — ele urra, as mãos em meus quadris, acompanhando meus movimentos frenéticos de sobe e desce. — Você me deixa louco, diabinha. — desfere um tapa contra uma de minhas

nádegas, fazendo-me gritar em meio a um misto de dor e prazer, ao mesmo tempo em que agradeço o fato de Bella ter levado Angelina para tomar um sorvete. — Quero tentar algo novo, você confia em mim? — a pergunta é sussurrada em meu ouvido, e eu apenas assinto em resposta, sem desacelerar o ritmo com que estou a montá-lo. — Chupe-os! — ele me oferece dois de seus dedos e o faço, chupo-os como se eles fossem o pau que agora preenche meu sexo. — Menina gulosa. — o safado sorri depois de alguns minutos, retirando seus dedos de minha boca. — Se você não gostar é só pedir para que eu pare. — diz ele quando, os mesmos dedos que estavam a poucos segundos em minha boca, começam a massagear meu ânus. — Relaxe, *diabinha*. — Gustavo instrui, e logo sinto o primeiro dedo pedindo passagem e entrando aos poucos.

— Ai! — o gemido escapa por entre meus lábios e Gustavo faz menção de retirar o dedo de minha entrada, até então proibida, mas o impeço.

— Eu posso parar se você quiser. Não tem problema. — ele faz questão de me olhar nos olhos enquanto diz as palavras.

— Não, eu quero continuar. É bom. — digo, e não estou mentindo. A sensação é um pouco estranha, não vou negar, mas não deixa de ser prazerosa. — Coloca o outro também. — peço, sem vergonha a alguma, e Gustavo não hesita antes de acatar o meu pedido.

— Assim está bom? — ele indaga quando seus dedos começam um movimento gostoso de entra e sai. Como resposta, aumento o ritmo de minha cavalgada, desesperada pelo orgasmo que me faz ver estrelas e gritar loucamente.

Juro que nunca imaginei que a sensação de ser duplamente penetrada pudesse ser tão prazerosa.

— Porraaaa! Da próxima vez será o meu pau no lugar dos dedos. —

Gustavo rosna a promessa quando atinge sua própria libertação.

— Eu mal posso esperar por isso.

26



Olivia

CONTRA-ATAQUE

substantivo masculino

1. *mil* ofensiva para desbaratar, destruir etc. força atacante.
2. *desp* domínio súbito da bola, impedindo o adversário de armar a defesa.

Se existe algo que aprendi durante esses últimos meses é que, em 99,9% dos casos, o plano de contra-ataque, realizado com o intuito de destruir o adversário e dito como estrategicamente perfeito, tem o poder de mudar vidas e não poderia estar mais repleto de falhas do que o faz. Vejam o meu caso, por exemplo, arquitetei um plano de vingança contra meu ex-marido, mas acabei por ferir a pessoa que mais amo. Já Bernardo, que durante anos lutou de forma árdua e incessante para vingar a morte de sua primeira esposa, perdeu sua família em um piscar de olhos.

Enquanto penso nas contradições da vida, manipulada por nós e por nossa sede de vingança, não consigo controlar a sensação de apreensão que me domina. Neste exato momento, Gustavo deve estar reunido com Bernardo e Matheus em seu apartamento, a espera de Samuel, para que possam colocar em prática o contra-ataque que, se falhar, poderá ter como desfecho a prisão de Gustavo.

A possibilidade de Gustavo ser condenado a pagar por algo que não fez me aterroriza.

— Eu sei que você está preocupada, amiga, mas será que você poderia fazer isso sentada? Não me leve a mal, mas ver você andando de um lado para o outro da sala, está me deixando tonta.

— Eles estão demorando para entrar em contato. — digo a ela, acatando o pedido feito pela mesma.

— Olivia, eles saíram a pouco menos de uma hora.

— Eu sei, mas...

— Não existe nenhum "*mas*" nessa história, Oli. Gustavo e Bernardo são dois caras espertos. Matheus, por sua vez, não parece ficar atrás. — noto um brilho diferente em seu olhar ao mencionar o nome do amigo de Gustavo, o que me faz perguntar se há algo acontecendo. — Eles irão conseguir, não se preocupe.

— Você está certa. Eles irão conseguir. — digo, firme, na esperança de que tais palavras se tornem reais.

— Tia Liv, olha o que eu encontrei. — Angelina invade a sala a passos apressados. Nas mãos, caderno e canetas de colorir, e ao seu lado a pequena Mel, sua fiel escudeira.

— Nossa, que legal! — exclamo quando ela me entrega os objetos.

— Mamãe os comprou para mim outro dia. O que acha de me ajudar a colorir? — pergunta com um sorrisinho encantador que só ela tem, o que me torna incapaz de recusar o convite.

— Eu acho essa uma ideia fantástica. — respondo e passo a próxima hora pintando vestidos e princesas. Todavia, meus pensamentos permanecem em Gustavo.

...

Gustavo

—Tudo pronto. — Matheus anuncia depois de instalar e esconder a última das cinco câmeras que espalhamos pela sala de estar do meu apartamento. — Você entendeu o que precisa fazer e como deve agir, certo?

— Sim. Preciso fazer com que Samuel acredite que estou arrependido por não ter o escutado, ao mesmo tempo em que o induzo a ingerir bebida alcoólica para que ele "relaxe" e confesse toda a verdade. — digo o que me foi repassado por ele e Bernardo.

— Exato. — confirma. — Já que você entendeu tudo o que precisa ser feito, eu e Bernardo iremos nos esconder em um dos quartos de hóspedes, uma vez que Samuel pode chegar a qualquer momento. Lembrando que, enquanto você coloca sua parte do plano em ação, nós faremos o monitoramento das imagens e áudios pelo notebook.

— Ah, não esquece de segurar a onda quando Samuel começar a falar mal da Olivia. — Bernardo faz o alerta.

— Bem lembrado. Para que possamos obter êxito é importante que você interprete o papel de namorado traído, Gustavo. Você precisa fazer com que Samuel acredite que o amor que sentia por Olivia se transformou em ódio, mágoa, ressentimento. — Matheus complementa.

— Tudo bem. Eu entendi. — assinto, mesmo sabendo que essa será a parte mais difícil: ouvir e ter que ser obrigado a falar mal da mulher que amo.

— Ok. Já que tudo foi esclarecido, boa sorte. — Bernardo dá um tapinha em meu ombro antes de seguir Matheus pelo corredor.

Dez minutos depois e ouço a campainha tocar. Encaro a porta e procuro manter a calma. Passei horas em claro tentando criar um plano – com a ajuda de Bernardo e Matheus – que fosse capaz de desmascarar Samuel e

ao mesmo tempo de me livrar de suas falsas acusações. Sei que há muita coisa em jogo e que não posso, em hipótese alguma, permitir que meu desejo de matá-lo fale mais alto e coloque tudo a perder.

Trim, trim, trim...

A campainha volta a soar e apresso-me em colocar o meu melhor sorriso no rosto, antes de abrir a porta e encarar o homem que um dia eu, ingenuamente, chamei de *irmão*.

— Boa noite. — cumprimento-o.

— Espero que o que você tem a dizer seja realmente importante e que valha meu precioso tempo. — diz ele, sem se dar ao trabalho de devolver a saudação que lhe fora feita.

— Eu não o chamaria se não fosse importante, Samuel. Por favor, entre. — abro um pouco mais a porta para que ele possa entrar, mas ele hesita. — Por favor, eu só quero conversar. — torno a pedir, agora obtendo êxito.

— Então? — Samuel pergunta, já acomodado no sofá onde costumávamos disputar partidas de vídeo game.

A vida e suas ironias. — Penso.

— Eu... Eu gostaria de lhe pedir desculpa. — começo.

— Pelo o que exatamente? — ele sabe perfeitamente a que me refiro, mas, ao que parece, ouvir eu admitindo que "*errei*" é, para ele, um misto de satisfação e vitória.

— Por tudo, mas principalmente por ter colocado uma mulher em frente ao que tínhamos. — sento-me ao seu lado e noto sua respiração falhar. — Eu sei que deveria ter lhe escutado, você não faz ideia do quão

arrependido estou. Eu me sinto um idiota, na verdade.

— Você me demitiu por conta daquela piranha, Gustavo, sem pensar duas vezes.

A forma como ele se refere a Olivia me deixa puto interiormente, levando tudo de mim para não socar-lhe o rosto.

— Eu pensei que ela fosse diferente. — tento justificar o que na mente doentia de Samuel não tem explicação. — Entretanto, agora eu vejo que me equivoquei ao confiar cegamente naquela... Naquela mulherzinha. — o termo e o tom que uso para descrever Olivia parece agradar-lhe, já que um leve sorriso ganha forma em seus lábios. — Só espero que não seja tarde demais.

— Devo admitir que suas atitudes me magoaram profundamente, principalmente depois de tudo o que fiz por você.

— Eu sei. — interrompo-o, repousando, estrategicamente, uma de minhas mãos em seu joelho. — Sei que o que fiz foi horrível, mas eu estava cego, Samuel. Tente entender. Tudo o que eu estou pedindo é uma chance. Será que você é capaz de me perdoar e esquecer toda a dor que lhe causei? — indago, massageando de leve seu joelho. Sua respiração voltar a falhar, e tenho que confessar: Bernardo estava certo. Usar meu poder de sedução sobre Samuel pode ser uma importante arma em nosso jogo.

— E-eu... Ao menos você caiu em si. Antes tarde do que nunca. — ele gagueja, mas logo recupera a postura.

— Isso é um sim para ao meu pedido de desculpa? — sorrio largamente, revelando minhas covinhas.

Espero que elas tenham sobre Samuel o mesmo efeito que têm sobre Olivia.

— Sim. Você está perdoado. — sorri.

— Graças a Deus! — finjo suspirar aliviado. — Você não sabe o peso que acaba de tirar de minhas costas. Acho que nossa reconciliação merece um brinde. O que você me diz?

— Eu não sei, Gustavo. Estou dirigindo.

— Não seja por isso, durma aqui comigo. — solto as palavras e noto seu corpo enrijecer. — Digo, aqui em meu apartamento. — esclareço. — Então, você acompanha-me ou vai deixar que eu beba sozinho? — refaço o convite, mas ele ainda parece pensar a respeito. — Vamos, Samuel, não seja um menino malvado. Faça-me companhia. Será apenas um drink para brindarmos à noite de hoje e ao que o futuro nos reserva.

— Tudo bem. — ele finalmente aceita. — Mas só um. Você sabe o quão fraco posso ser quando se trata de álcool.

— Não se preocupe, eu cuido de você. — pronuncio a frase olhando em seus olhos, que brilham, dando-me a certeza de que recuperei sua confiança. — Vodka ou Whisky? — questiono, levantando-me do sofá e caminhando em direção ao bar.

— Que tal você me surpreender.

— Cuidado com o que deseje, Samuel. — devolvo seu flerte, fazendo-o corar.

O primeiro copo é servido, e antes que Samuel perceba, ele já está em seu sétimo drink.

— Ela é muito puta. Eu... Eu avisei. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde ela *voltalia* com o Heitor. Ela nunca... Nunca foi *muié pra voxê*, Gustavo. *Voxê melece* alguém *muiiito* melhor. Alguém que o ame de verdade. — ele fala, a voz embolada por conta do álcool que começa a fazer efeito.

— Você está coberto de razão. Eu deveria tê-lo escutado. Mas fui burro demais para enxergar o óbvio. Você deve me achar um idiota.

— Não. Eu não acho que *voxê* tenha sido um idiota. Olivia é que foi uma vaca se *intromedendo* nos meios dos nossos planos. Nós tínhamos uma eleição para vencer, mas ela surgiu e então *boom*. — imita o som de uma bomba explodindo. — Ela acabou com tudo.

— Mas nós ainda temos uma eleição para vencer. — digo, procurando sua mão. — Você voltará a ser o meu agente, certo? Voltará a cuidar de mim como ninguém mais é capaz de fazer, não é mesmo, Samuel? — sussurro as perguntas, entrelaçando minha mão na dele. — Diga-me, Samuel, você vai continuar cuidando de mim?

— Si-i-im. — gagueja. — Eu vou continuar cuidando de *voxê* e me certificando de que ninguém mais se coloque em nosso caminho.

— Nem mesmo, Olivia? Às vezes temo que ela volte a nos separar.

— Não! Ela não vai fazer isso de novo. Não se *pleocupe*, eu já cuidei de tudo.

— Cuidou? Como? — pergunto como quem não quer nada, mas Samuel parece travar uma batalha interna ao analisar se deve ou não me contar a verdade. — Já sei, você não confia em mim. — afasto minha mão da dele. — Achei que você tivesse me perdoado, mas pelo visto me enganei. — finjo mágoa. — Talvez seja melhor eu chamar um táxi para que você possa voltar para casa, Samuel.

— Não, Gustavo. *Voxê* está *tendendo* tudo *elado*.

— Então explique para que eu possa entender.

— E-eu não posso.

— Por que não? Se não é falta de confiança em mim, então por que você não pode me contar o que fez?

— Voxê ainda ama a Olivia?

— Mas é claro que não. Como eu posso amar uma mulherzinha como ela? Se eu for sincero comigo mesmo serei capaz de reconhecer que só fiquei com ela para provar que eu... — paro de falar para aguçar sua curiosidade.

— *Pala plover* o quê? — questiona, cheio de expectativa.

— Ah, Samuel, você sabe. — sorrio. — Acho que você descobriu muito antes que eu fosse capaz de fazer, talvez porque você seja a única pessoa que me conhece de verdade. — acaricio seu braço.

— Voxê tem razão, eu *sempre* soube.

— Uma pena que você não confie em mim.

— Eu já disse que não se *tlata* de confiar ou não.

— Então do que se trata?

— Se eu disser voxê pode ficar *blavo*.

— E por que eu ficaria? Você me livrou de um grande fardo, Samuel. Por favor, seja sincero comigo e prometo recompensá-lo mais tarde. — sussurro a promessa em seu ouvido.

Tenho certeza que Bernardo deve estar se divertindo muito com minha cara enquanto assiste de camarote a tudo o que estou sendo obrigado a me sujeitar.

— Vamos, Samuel, eu sei que você quer falar. — mordo o lóbulo de sua orelha, minha mão agora repousando sobre sua coxa.

Deus, que isso termine logo, por favor.

— Eu menti *pala* a Olivia. — começa. — Disse a ela que havia feito *voxê* assinar, sem saber, alguns documentos capazes de colocá-lo atrás das grades. — ele solta.

— E como você fez ela acreditar nessa sua mentira, garoto levado? — aperto em sua coxa.

— Eu pedi *pala* um amigo falsificar sua *assinatula*. Ele é muito bom no que faz.

— Então você queria me ver preso, ein?

— Não, eu jamais *falia* isso com *voxê*, até mesmo porque um bom *pelito selia lapidamente* capaz de chegar à conclusão de que a assinatura no documento não *ela* a sua. Eu só *quelia* Olivia longe de nossas vidas. *Beeeeem* longe.

— E você conseguiu. — sorrio, incentivando-o a continuar.

— Sim, eu o fiz. Olivia é mais *bula* do que eu imaginava.

— Você é realmente um gênio, Samuel.

— Isso não foi nada, se *compalado* a morte do pirralho. — o seu último comentário me paga de surpresa.

— Que pirralho?

— O filho daquela mosca morta da Alice. Eu avisei para ela ficar longe de *voxê*, mas ela não me escutou. Juro que não *quelia* ter que descontar toda a minha *flustração* em cima da *poble cliança*, mas foi inevitável.

— Mas a Alice nunca teve filho.

— Não que *voxê* soubesse, bobinho. O pirralho tinha cerca de um ano e meio. Ela e o pai da *cliança* viviam *bligando*, a *maiolia* das *bligas ocoliam* porque os pais dela não aceitavam de forma alguma que sua filhinha se

relacionasse com homem *poble* e descendente de *neglos*. As *bligas folam* se tornando constantes, então, um belo dia ela conheceu *voxê* e se encantou.

— Eu... Eu não entendo.

— Lembra da época em que ela se ausentou *dulante* uns *tlês* meses da universidade, pouco antes de vocês começarem a namorar?

— Sim, ela teve que viajar para fora do país para visitar a avó doente.

— Não bobinho, ela teve que cuidar do *entelo* do filho que eu matei.
— ele gargalha, e, antes que eu seja capaz de pensar a respeito das barbaridades que acabo de ouvir, um Matheus descontrolado invade a sala, puxando Samuel pela camisa e desferindo um soco após o outro contra seu rosto que começa a sangrar.

— Seu desgraçado! — *soco.jute.soco*. — Você matou o meu bebê, seu infeliz. — *soco.jute.soco*. — Você o matou. — *soco.jute.soco*.

— Me ajuda, Gustavo. — Samuel faz o pedido, mas permaneço imóvel, ainda tentando processar o que acabo de descobrir.

Matheus e Alice tiveram um filho? Samuel matou o bebê deles?

— Para, Matheus! — Bernardo intervém. — Não vale a pena ir preso por conta desse merda.

— Ele merece morrer. Ele matou o meu bebê.
— *soco.jute.soco.sangue*.

Samuel vai aos poucos perdendo os sentidos e sei que Bernardo tem razão. Matheus não é mais ré primário, a morte de Samuel pode lhe custar anos de prisão.

— Ei, cara, para! Pensa no seu filho. Ele não iria querer isso. — digo.
— Não estrague a sua vida, irmão, por favor. — peço. — Pense na Alice e no

seu bebê. Pense neles. — continuo pedindo e aos prantos ele se afasta de Samuel, que cai no chão, inconsciente.

— Eu já chamei a polícia. — Bernardo anuncia.

— Ótimo. Você fica de olho nele. — peço para Bernardo, apontando em direção a Samuel. — E você vem comigo. Precisamos cuidar dessa mão. — arrasto Matheus em direção à cozinha e depois de vasculhar a geladeira entrego-lhe um saco de ervilhas congeladas para que ele coloque sobre a mão machucada. — Então você e Alice...

— Sim, nós já fomos namorados.

— Eu sinto muito pela perda de vocês.

— Obrigado. — arqueja. — Ainda recordo-me da primeira vez que vir Alice como se fosse hoje. — ele começa, após alguns minutos de silêncio. — Ela havia marcado de encontrar algumas de suas amigas no shopping, mas o carro que ela dirigia, por ironia do destino, furou o pneu bem em frente à oficina em que eu trabalhava na época. Lembro que quando a vi sair do carro meu primeiro pensamento foi: *"Ela ainda vai ser minha"*. — sorri, fraco. — Depois desse dia eu passei a acreditar em amor à primeira vista.

— Eu não entendo por que você nunca me contou a verdade.

— Porque Alice parecia estar feliz ao seu lado. — responde com um balançar de ombros. — Um dia eu havia saindo para passear com nosso filho e ao retornar para casa escutei-a, sem querer, ao telefone com uma amiga, dizendo o quanto nossas brigas estavam desgastando-a e que ela havia conhecido um outro alguém.

Eu. — Penso.

— Isso foi uma semana antes do acidente que levou Thomas de nós. — a voz de Matheus torna a embargar ao falar do filho. — Lembro que

brigamos muito nesse dia. Eu gritava alto enquanto ela tentava acalmar Thomas que chorava, assustado com meu ataque de histeria. Foi a primeira vez que ouvi da boca dela que eu já não a fazia feliz. Ela já não era feliz ao meu lado e isso levou a merda para fora de mim. Senti ali, naquele momento, meu coração quebrar, como se ele fosse feito de vidro. Naquele dia, eu perdi uma parte da minha garota e uma semana depois a outra parte se foi.

— Como... Como ele morreu?

— Depois de nossa discussão, Alice achou melhor darmos um tempo, então eu fui morar na casa de um amigo de classe. — explica. — Alice me mandou uma mensagem de texto sete dias depois, perguntando se eu podia ficar com Thomas enquanto ela terminava um artigo. Como eu estava morrendo de saudades do meu moleque, não pensei duas vezes antes de digitar uma resposta, dizendo que estava livre e que não havia problema nenhum. Naquele dia eu e Thomas passamos a manhã inteira brincado, dei sua papinha, assistimos um pouco de desenho e a tarde foi decretada a hora da soneca. — faz uma pausa, os olhos repletos de lágrimas. — Eu juro que havia fechado a porta, Gustavo. Eu juro. — soluça. — Thomas estava dormindo serenamente ao meu lado na cama quando peguei no sono. Ele dormia tranquilamente ao meu lado, mas quando acordei ele não... Ele não estava mais lá. — a dor em seu olhar é dilacerante. — Vi a porta aberta e, imediatamente, uma onda de desespero tomou conta de mim. O primeiro lugar que me veio à mente foi a piscina. Foi lá onde eu encontrei o corpo do meu bebê boiando. — mais soluços. — Eu tentei reanimá-lo de todas as formas, fiz o que pude, mas seu coraçãozinho já não batia mais, o meu também não. — ele relata e apresso-me em envolvê-lo em um abraço. Compartilhando de suas lágrimas. De sua dor.

Ficamos assim por minutos que pareceram horas.

— A polícia chegou. — Bernardo anuncia. — Samuel está sendo algemado e eu estou indo para recolher as imagens e áudios. — diz. — Ah, antes que eu esqueça, o delegado disse que precisamos acompanhá-lo até à delegacia para que ele possa obter nossos depoimentos. — avisa antes de nos deixar a sós novamente.

— Você quer que eu ligue para a Alice? — pergunto.

— Não. Na verdade, se você não se importa, eu preferia que ela não soubesse o que de fato aconteceu, ao menos até que a polícia abra o caso e Samuel venha a julgamento.

— Matheus, ela é a mãe...

— Acredite Gustavo, Alice não merece carregar a culpa pela morte do nosso filho, esse é um fardo pesado demais para ela. Para qualquer pai. — interrompe-me. — Eu não acho que ela aguentaria saber que aquele verme matou o nosso bebê apenas para atingi-la.

— Então você vai deixar que ela continue acreditando que você foi o vilão da história?

— Se isso significa que ela ficará bem, então sim. Ademais, já aprendi a conviver com o seu ódio.

— Você a ama. — constato.

— Eu nunca disse o contrário.

27



Gustavo

DECISÃO

substantivo feminino

1. ato ou efeito de decidir; determinação.
2. resolução tomada após julgamento; juízo, sentença.
3. *p.ext.* qualquer espécie de resolução sobre algum assunto; deliberação.
4. capacidade de resolver sem hesitação; coragem, firmeza.
5. *desp B* jogo decisivo; final.

Origem

◉ ETIM fr. *décision* 'id.', este do lat. *decisio,ōnis* 'diminuição, transação, decisão'

Ao longo da vida nos deparamos com decisões que, se não tomadas de forma racional e consciente, podem mudar o nosso destino. Às vezes uma decisão errada, por exemplo, tem o poder de alterar toda uma trajetória.

Lembro que minha mãe costumava dizer que não importa a situação, sempre temos mais de uma opção, logo, não podemos culpar ou lamentar por algo que deu errado. Não quando somos os únicos com o poder da escolha nas mãos. Todos, sem exceção, possuem, ao menos, dois caminhos: o mais fácil e o mais difícil. Dona Dalila vivia alertando a eu e minha irmã quanto a isso. Segundo ela, o primeiro tende a aparecer mais convidativo; no entanto, tudo o que vem fácil costuma ir com a mesma facilidade.

Toda essa teoria de vida me faz repensar, pela primeira vez, se estou tomando a decisão correta ao optar por retirar minha candidatura, uma vez que a política sempre foi umas das minhas maiores paixões, juntamente com o meu desejo de lutar e dar voz àqueles que são geralmente esquecidos.

Pergunto-me se não estou fugindo de minhas responsabilidades por medo do que o caminho árduo e longo me reserva.

— Você parece distante. — Olivia comenta, aninhada em meus braços, enquanto assistimos a Game of Thrones que é, segundo ela, a série mais viciante de todos os tempos.

Faz dois dias desde a prisão de Samuel e aos poucos estamos voltando à nossa antiga rotina, e com isso quero dizer que Olivia finalmente voltou para nossa casa, de onde nunca deveria ter saído.

— Você está assim por conta da coletiva de amanhã? — ela questiona, mas não me dá o direito de resposta. — Gustavo, eu não irei ficar chateada se você decidir mudar de ideia.

— Eu sei, Liv, é que... — respiro fundo, antes de colocar para fora o que me atormenta. — Se eu for eleito ao cargo de governador terei uma responsabilidade ainda maior, o que significa mais trabalho e menos tempo em casa.

Menos tempo para ela e a família que desejo formar ao seu lado.

— Eu sei, bobinho. Esqueceu que sou filha do atual governador? — brinca. — Mas se o que lhe preocupa é o fato de eu não ser capaz de aguentar o peso que o seu novo cargo terá em nossas vidas, pode ficar tranquilo. Irei fazer meu papel de primeira dama com perfeição, acompanhando meu homem em suas viagens e compromissos.

— E quando tivermos nossos filhos? — pergunto. — Como faremos para que as coisas funcionem?

Um dos meus maiores medos é que com o tempo eu acabe me tornando um desses pais e maridos ausentes. O mundo político está repleto deles, e não quero fazer parte desse time.

— Então eu e os nossos cinco filhos lhe esperaremos em casa com muitos beijos e abraços. — Olivia beija-me os lábios. — Faça o que o seu coração mandar, Gustavo. — repousa sua mão sobre meu peito. — Não importa que caminho escolha seguir, eu e os nossos futuros filhos estaremos ao seu lado para amá-lo e apoiar-lo no que julgar ser o correto.

— Você é mesmo real? — questiono, hipnotizado com o seu olhar.

— Não sei. Por que não vem conferir? — morde o lábio, e ela não precisa me pedir duas vezes.

Olivia é como uma droga. Quanto mais eu provo, mais eu a quero. Ela se tornou o meu vício, um vício sem cura.

— Eu o amo, futuro Governador de São Paulo.

— Eu a amo mais, futura primeira dama.

...

— Graças a Deus, você voltou a si. Juro que já estava ficando preocupado. — Bernardo exclama exagerado quando conto a ele sobre minha decisão de voltar atrás no que diz respeito a minha candidatura.

— Olivia me deu uma ajudinha, me fez enxergar o erro que eu estava preste a cometer — olho para a mulher do outro lado da sala, envolvida no que parece ser uma conversa calorosa com minha irmã e Bella.

— Bendita a hora em que essa mulher entrou na sua vida. Só assim para você criar juízo.

— Falou o cara que ainda hoje não sabe o que a palavra juízo significa. — devolvo, sorrindo. — Por falar em juízo, como estão as coisas

entre você e minha irmã?

— Não estão, simples assim. Nathalia parece evitar todas as minhas tentativas de aproximação. Sempre que eu tento contar a ela sobre o meu passado, ela se esquivava e encontra algo para fazer, desde jogar o lixo fora a limpar a privada.

— Você ao menos procurou a irmã de Sarah como eu aconselhei? — sussurro a pergunta para que somente ele possa escutar.

— Ainda não. Admito, no entanto, que depois daquela nossa conversa sobre proteção, estou tentado a procurá-la. Eu só gostaria que, antes disso, Nathalia estivesse disposta a me ouvir.

— Boa sorte com isso. — digo porque sei que ele irá precisar.

Bernardo teve dez anos para contar o seu passado para Nathalia, mas, por algum motivo, não o fez. Conhecendo a irmã que tenho, posso afirmar que ela ficará mais triste com o fato do pai de seus filhos ter escondido dela uma importante parte do passado dele, que com a suposta traição que Bernardo sequer é capaz de lembrar.

— Dez dias para a eleição. Como você se sente? — o assunto é mudado.

— Para ser sincero, eu não sei responder. A única coisa que sei é que, se por acaso eu vier a ganhar, estarei diante de um novo desafio. Contudo, nunca fui de fugir de um e não será agora que o farei.

— Você sabe que não existe um "se" nessa história, né? Sei que você é um cara modesto, mas eu sou seu agente, Gustavo, passo horas conferindo pesquisas eleitorais e o seu percentual de aceitação entre os eleitores não mente, você será o novo governador de São Paulo. Acho bom você já ter comprado o terno que usará no dia da posse. Eu já comprei o meu.

— Você é mesmo cômico, Bernardo.

— Se cômico for a nova denominação de sexy, então eu o sou. — sorri, convencido.

— Sexy? Você? Nem aqui nem na China. — Olivia se aproxima, entrando na brincadeira e ajudando-me a acabar com o ego de Bernardo.

— Não precisa mentir só porque está na frente do seu namorado, Olivia.

— Não precisa continuar se iludindo, Bernardo. — ela devolve. — Se quiser posso apresentá-lo a um espelho.

— Ela me ama, Gustavo. Tome cuidado. — diz ele antes de ser arrastado por Ben e Analu.

— Eu já disse o quanto a amo hoje? — pergunto, puxando-a pela cintura.

— Só umas quinhentas mil vezes, mas pode dizer de novo. É sempre bom ouvir.

— Eu amo você, diabinha. — as palavras são sussurradas em seu ouvido.

— Eu também te amo. — sorri. — Seria muita falta de educação da minha parte expulsar nossos convidados para que possamos fazer amor?

— Infelizmente sim, por mais que a ideia soe tentadora. — aperto sua bunda, fazendo sua virilha roçar de leve contra o meu pau, já duro.

— Não sei se ainda lembram, mas tem crianças no recinto. — Isabella grita e o meu dedo do meio coça.

— Vem, vamos nos juntar a eles. — Olivia me puxa em direção ao grupo que está no meio de uma importante decisão: mímica ou cartas. — Eu

prefiro mímica, é mais divertido.

— E você, Gustavo? — Bernardo pergunta. — Está dois a dois. Você desempata.

— Tanto faz. — dou de ombros, mas o beliscão em minha mão me diz que essa não é a resposta que Olivia quer ouvir. — Quero dizer, mímica me parece uma boa ideia.

— Ah, não! Seu voto não vale mais. — Bernardo decreta.

— E posso saber por quê? — minha namorada leva as mãos à cintura, em uma pose intimidadora.

— E você ainda pergunta? Você o induziu a fazer a mesma escolha que a sua. — meu amigo devolve.

— Você tem provas, senhor Moraes?

— Não, mas...

— Sem “mas”, se você não pode provar o que diz, consequentemente, não pode sair acusando as pessoas. Não sei se o senhor sabe, mas todo mundo é inocente até que se prove o contrário. — minha diabinha sorri vitoriosa quando Bernardo não encontra mais argumentos para contestá-la.

— Você está criando um monstro, Gustavo. — meu amigo alerta com os olhos assustados.

— Hã... O seu amigo não vem, Gustavo? Como é mesmo o nome dele? — Isabella pergunta como quem não quer nada, como se ela realmente não lembrasse o nome do homem em quem ela não para de pensar.

— Quem? Matheus? — resolvo entrar em seu jogo e me fingir de desentendido.

— É... Matheus... Acho que é esse o nome dele.

— Ah, ele está resolvendo alguns problemas pessoais, não vai poder vir. — minha resposta dissipa suas esperanças.

Devo confessar que a ideia de Isabella e Matheus juntos não me soa ruim, mas meu amigo ainda ama Alice e não sei se um dia isso vai mudar.

Provavelmente não.

Algo me diz que a história de Alice e Matheus está longe de terminar. Na verdade, acho que ela está apenas começando.

— Então, nós vamos ou não começar logo esse jogo? — Bernardo pergunta, impaciente, fazendo minha irmã revirar os olhos. — Vamos lá pessoal! Ânimo! Que comecem os jogos! — o palhaço grita, e passamos o resto da tarde e o início da noite jogando como se fossemos um bando de adolescentes. As crianças logo se juntaram a nós, nos dando uma verdadeira surra, mas prefiro não entrar em detalhes. É humilhante demais.

...

Olivia

— Ah, meu Deus, Olivia! Parabéns! — Bella e Nathalia gritam em uníssono quando conto a elas a novidade que descobri um dia após a prisão de Samuel.

— Shhh, falem baixo! — peço para as duas desbocadas. — Não quero que Gustavo escute.

— Você ainda não contou a ele? — minha cunhada questiona. — Que pergunta idiota essa minha. É óbvio que não, caso contrário ele já teria envolvido-a em um plástico bolha.

— Parem de ser malvadas. — digo quando elas começam a gargalhar do instinto protetor de Gustavo. — Ele é fofo. — defendo o meu homem.

— Quero ver você repetir essa frase daqui a alguns meses, quando ele passar a ser sua sombra. Se aceita um conselho, aproveite para fazer o número dois enquanto ainda tem privacidade.

— Eca! — torço o nariz para o comentário de Nathalia.

— Você deveria ouvi-la. — assusto-me quando Bella concorda. — Que foi? Nós já somos mães, sabemos do que estamos falando.

— Vocês estão me assustando.

— Querida, susto mesmo você terá quando se olhar no espelho durante os primeiros meses do bebê em casa. — Nathalia suspira cansada. — Basta olhar para as olheiras em meu rosto, parecem tatuagens, nem um reboco é capaz de encobri-las.

— Maria Julia parece tão calminha. — falo olhando ao longe, para a bebê que dorme tranquilamente no colo do pai.

— Quando você tiver seu próprio bebê nos braços, você vai entender o que eu estou falando.

— Sem mencionar as bombas tóxicas em forma de cocô. — Bella completa e Nath concorda com uma careta engraçada. — Agora nos diga, quando você irá contar a novidade ao papai?

— Assim que o resultado da eleição sair. Não quero que Gustavo perca outra vez o foco, principalmente faltando tão pouco para o grande dia.

— Você já foi ao médico? — agora é minha cunhada que interroga.

— Sim. Estou com pouco mais de duas semanas. — sorrio, acariciando minha barriga, ainda plana. — Como sofri um aborto a pouco

tempo, o médico aconselhou que, ao invés de um ultrassom por mês, eu faça um a cada quinzena.

— Estou tão feliz por você e por meu irmão.

— Eu também.

— Agora só falta o casamento. — Bella solta.

— Bella! — recrimino-a. — Eu... Eu meio que já me sinto casada com Gustavo.

— Você pode até se sentir assim, mas eu não abro mão de ser sua dama de honra, tampouco de desfilar com um vestido bafônico. Por isso, acho bom que aquele Senador de parar o trânsito, com todo o respeito, peça logo sua mão em casamento.

— Eu concordo com a Bella. Você e meu irmão precisam oficializar essa união.

— Era só o que me faltava agora, um complô de casamenteiras. — dou risada das duas e de suas ideias malucas. — Sabe o que eu sugiro? Deixarmos essa história de casamento de lado e terminarmos de preparar o jantar. Não quero ser a responsável por matar meus convidados de fome, principalmente quando 70% deles são crianças.

— Esse jantar sai hoje ou não? — Bernardo grita da sala, acordando Maria Julia no processo. — Droga! — pragueja quando a filha começa a chorar. — Calminha, bebê... Calminha.

— Com licença, meninas. Tenho que ir ali rapidinho, matar o idiota do meu marido e salvar a minha filhinha.

Nathalia sai pisando duro e me pergunto se ela percebeu que, pela primeira vez depois da traição, se referiu a Bernardo como seu marido.

— Você acha que eles irão se entender? — minha amiga pergunta.

— Eu não sei, mas espero que sim. De qualquer forma desejo que ambos sejam felizes, independentemente da decisão que tomarem. — respondo. — Mas e você?

— Eu? O que tem eu?

— Não se faça de desentendida para cima de mim, srta. Belford. Já percebi seu interesse pelo amigo de Gustavo.

— Quem? Matheus? — assinto. — Ah, Olivia, ele é um cara atraente, mas sei que não é para mim.

— E por que você diz isso?

— Porque eu só precisei de alguns minutos ao lado dele para saber que seu coração já tem dona.

Alice. — Penso ao lembrar da história que Gustavo me contou.

— De qualquer forma, o que não falta é homem no mercado. Mais cedo ou mais tarde irei encontrar o meu príncipe encantado, assim como você encontrou o seu.

— Mas não tão bom quanto eu. — Gustavo adentra a cozinha, abraçando-me por trás.

— Pode até ser, mais garanto que no quesito modéstia ele conseguirá superá-lo sem muito esforço. — minha amiga provoca. — O que você está fazendo aqui, afinal? Será que não consegue ficar dez minutos sem minha amiga?

— Não, sua amiga é irresistível demais. — ele morde minha orelha. — Mas não é só por isso que estou aqui, *Cruela*. Vim ajudá-las. Tem um exército de soldados famintos naquela sala e pelo que vejo nada foi feito até

agora.

— Desculpa, amor, é que a conversa estava tão boa. — digo, virando-me para capturar seus lábios com os meus.

— Ok. Eu estou partindo em retirada. É muita melação para o meu gosto. — Bella diz, mas ignoro-a, a deixando ir.

— Você acha que eles conseguem aguentar só mais um pouquinho? — pergunto, quebrando o beijo.

— Liv, não podemos matar nossos convidados de fome. Achei que já tivéssemos chegado a uma conclusão quanto a isso. — o desgraçado ri.

— Podemos pedir pizza.

— Liv, eu não vou fazer amor com você e correr o risco de Bernardo escutar.

— Eu posso ser silenciosa.

— Não, você não pode. Nós dois sabemos perfeitamente disso.

Bufo em frustração porque sei que ele tem razão. Eu não consigo ser silenciosa quando tenho Gustavo me preenchendo ou chupando-me. No entanto, quem pode culpar-me por isso? O homem sabe usar a metralhadora que possui.

— Prometo que, assim que eles forem embora, irei fazer amor com você aqui mesmo, nesta cozinha. O que me diz?

— Que a ideia de os expulsar parece cada vez mais tentadora.

— O que eu faço com você, diabinha? — ele sorri, as covinhas me dizendo olá, mas antes que eu tenha a chance de lhe dar uma resposta inteligente, Bernardo grita da sala:

— Corram! Rápido, vocês precisam ver isso!

— O que será agora? — bufo em frustração, sem mover um músculo, mas meu namorado curioso me arrasta até lá. — Se for mais alguma das suas besteiras, eu... — paro de falar quando escuto a televisão ligada e a voz de um repórter dando detalhes da morte de...

— O corpo do ex Deputado Heitor Bitencourt foi encontrado, no início da noite de hoje, por um de seus funcionários. A vítima teve o coração perfurado por uma faca, e, de acordo com o delegado que investiga o caso, a forma violenta como o assassinato aconteceu possui fortes indícios de um crime passional. Além da arma do crime, foi encontrado também, ao lado do corpo do sr. Bitencourt, um bilhete. Contudo, o delegado preferiu não divulgar o conteúdo à imprensa, segundo ele para não interferir na linha de investigação que está sendo traçada.

— Mas o delegado já tem um suspeito? — o âncora pergunta ao repórter.

— Sim, Sidney. A principal suspeita, até o momento, é Letícia Meireles de Carvalho, secretária e, aparentemente, amante da vítima. Ela já foi intimada a depor e...

O repórter continua dando explicações sobre o caso, mas meu estômago está revirado demais para que eu continue assistindo a isso. Pego o controle e desligo a TV.

— Vem, vamos para o quarto. — Gustavo sussurra o pedido e eu vou de bom grado.

— Obrigada. — agradeço quando ele me deita na cama e se junta a mim.

— Como você está se sentindo?

— Eu não sei? É errado se sentir meio que aliviada com a morte de outra pessoa?

— Não nesse caso. Isso apenas significa que você é humana.

— Sinto-me mais leve por saber que agora ele já não será capaz de nos fazer nenhum mal, mas... — engasgo. — Quando me lembro de como ele era no início do nosso namoro e durante nosso primeiro ano de casados, sei lá... me permito lamentar por sua morte, ao menos da parte boa que ele tinha em algum lugar, da parte que foi escondida pela ganância. Isso faz algum sentido?

— Sim, isso faz sentido. — beija-me a têmpora e me prende em um abraço gostoso, até que eu seja vencida pelo sono.

28



Olívia

TENSÃO

substantivo feminino

1. qualidade, condição ou estado do que é ou está tenso.

"a t. de um cabo de aço"

2. *fig.* estado do que ameaça romper-se.

"t. nas relações entre palestinos e israelenses"

3. *fís* força ou sistema de forças que age sobre um corpo sólido, por unidade de área, e é capaz de provocar compressão, cisalhamento ou tração.

4. *fon* fase da articulação que se caracteriza pelo reforço da atividade muscular dos órgãos bucais, com maior pressão do ar expirado.

5. *med* ato de distender ou ser distendido (diz-se esp. de músculo).

6. *med psiq* estado de sobrecarga física ou mental.

7. *lit m.q.* TENSE.

Origem

⊙ ETIM lat. *tensio,ōnis* 'tensão, tesão'

Falta poucos minutos para o fim da apuração e a divulgação oficial do resultado da eleição que definirá o novo governador de São Paulo. A sala de estar da casa da minha cunhada já se encontra completamente cheia, como eu nunca a via visto antes. Familiares, amigos e membros do partido de Gustavo, que trabalharam de forma árdua em sua campanha, se encontram ansiosos e tensos, na expectativa do resultado que mudará vidas, principalmente a minha e a do moreno de olhos penetrantes sentado ao meu lado, que parece ainda mais irresistível em seu smoking preto.

Gustavo, assim como a maioria das pessoas aqui presentes, se encontra compenetrado, dividindo sua atenção entre os mais de dez monitores

espalhados pela sala, todos sintonizados em diferentes canais de notícias, onde os âncoras continuam informando sobre o progresso da contagem de voto para a eleição governamental. Meu namorado, segundo a última apuração realizada, possui uma boa vantagem sobre os demais candidatos. Tal fato, no entanto, não parece ser o suficiente para tranquilizá-lo. Gustavo possui os dois pés no chão, o que só faz crescer minha admiração por ele. Não tenho dúvida alguma de que os cidadãos do estado de São Paulo estarão em ótimas mãos.

— No que está pensando? — Gustavo sussurra a pergunta, desviando os olhos de um dos televisores para poder me olhar.

— Que estou feliz por você não ter desistido. — digo, sorrindo. — Estou feliz, principalmente, por saber que irá lutar por aqueles que depositaram toda a sua confiança em você. Eles podem até não terem 100% de certeza, mas fizeram a escolha certa.

— É mesmo? E como a senhorita pode ter tanta certeza disso?

— Talvez seja porque eu conheço o seu caráter, se não o fizesse não teria confiado o meu Estado nas mãos do senhor.

— Então quer dizer que votou em minha, diabinha?

— O senhor ainda tem dúvida, Senador? — pergunto de forma divertida.

— Acho que você vai ter que mudar essa frase, Olivia. — Bernardo se intromete na conversa e tanto eu quanto Gustavo franzimos a testa. — De acordo com a última atualização da contagem de votos, o seu namorado é oficialmente o novo governador de São Paulo. CHUPA ESSA MUNDO! — Bernardo grita eufórico, e as próximas cenas parecem um borrão. Em um segundo estou abraçando Gustavo, parabenizando-o por sua conquista, no

outro ele está sendo arrancado de meus braços por membros de sua equipe de campanha que, assim como Bernardo, comemoram com euforia sua vitória.

Sorrio ao ver a felicidade estampada no rosto do homem que escolhi para dividir minha vida.

— Qual a sensação de ser a primeira dama do estado mais populoso do país? — Bella pergunta, se aproximando de onde estou. — Charlotte deve estar, com toda a maldita certeza, se roendo por dentro. — ela comenta, e eu devo admitir que, até o momento, não havia pensado sobre isso, que agora ocupo o lugar que, até minutos atrás, pertencia a minha mãe.

— A única coisa que posso dizer é que serei o oposto do que minha mãe foi. Existem pessoas lá fora que precisam de uma primeira dama que os ampare, que olhe por eles, e é isso o que farei. — digo, determinada a fazer a diferença ao lado de Gustavo.

— Uau! — minha amiga exclama.

— Não foi à toa que eu a escolhi para ser a minha primeira dama. — sinto os braços de Gustavo envolverem minha cintura por trás, ao mesmo tempo em que um beijo tenro é depositado em meu pescoço.

— Você ouviu? — pergunto, envergonhada.

Bella, como odeia segurar vela, já deu um jeito de sair de fininho.

— Cada palavra. — ele responde, e sou capaz de sentir o sorriso em seus lábios quando ele torna a beijar meu pescoço. — Obrigado por não ter deixado eu desistir. —o agradecimento é feito enquanto ele vira lentamente o meu corpo para que possamos ficar frente a frente, nossos olhares perdido um no outro.

— Você sabe que não precisa me agradecer. Eu não fiz nada...

— Shhh... — ele coloca um de seus dedos sobre meus lábios, para silenciar-me. — Nunca mais diga que não fez nada. Não quando você fez tudo. Acredite, eu não estaria aqui hoje sem você.

— Às vezes eu acho que você esquece que quase coloquei sua candidatura a perder.

— Às vezes eu acho que você esquece que nada é mais importante que você. — ele devolve, sorrindo. — Eu a amo, e não duvide quando digo que, mesmo que eu não tivesse ganho, estaria feliz. Estaria feliz porque minha felicidade não depende de um cargo político, ela depende apenas de você, do seu amor. E é por isso que, diante das pessoas que fizeram, fazem e farão parte da nossa história, eu gostaria que você respondesse à pergunta que modificará para sempre as nossas vidas. — Gustavo sorri e antes que eu perceba ele está sobre seus joelhos, nas mãos uma pequena caixinha da Tiffany. — Olivia de Albuquerque Matos, também conhecida como *minha diabinha*, você me daria a honra de se casar comigo? — a pergunta é feita e as pessoas na sala suspiram enquanto esperam por minha resposta.

— Eu... É claro que eu aceito, Gustavo. Sim, sim, sim, sim... Um milhão de vezes sim. — respondo, lágrimas banhando meu rosto quando Gustavo coloca o anel em meu dedo e, em seguida, põe-se em pé, puxando-me para seus braços, em um beijo recheado de promessas.

— Ela disse sim! — ele grita sorrindo, girando-me em seus braços. — Ela disse sim!

— Sim, eu disse sim, seu bobo. — sorrio de volta, enxugando minhas lágrimas. — Agora pare de me girar antes que eu fique tonta.

Ou enjoada. — Penso ao lembrar que agora, em meu atual estado, costumo ficar enjoada com facilidade.

— Eu acho que devemos brindar. — Bernardo diz, entregando a nós uma taça de champanhe. — Um brinde ao Governador e à Primeira Dama do estado de São Paulo. — ele ergue sua taça, as pessoas na sala acompanhando seu gesto.

— Um brinde! — todos falam em uníssono antes de levarem suas taças à boca.

— Não vai beber, Liv? — Gustavo pergunta.

— Não, quero estar 100% sóbria quando chegarmos em casa. — respondo a primeira coisa que me vem à mente e fico feliz quando ele não insiste.

— Como você achar melhor, futura esposa. — captura meus lábios com os seus. — Gosto disso, de saber que daqui a poucos meses você será oficialmente a sra. Monteiro.

— Daqui a poucos meses? De quanto tempo estamos falando, sr. Governador?

— Uns três meses. — ele responde com um leve balançar de ombros.

— Três meses, Gustavo? Você só pode estar brincando se acha que sou capaz de organizar um casamento em três meses.

— Eu não quero esperar muito tempo para fazê-la minha, Liv.

— Mas eu já sou sua.

— Eu sei, mas quero poder apresentar-lhe as pessoas como minha esposa. Por favor, Liv, não me faça esperar mais tempo por isso. Não acho que eu seja capaz.

Agora eu pergunto, como falar não quando ele faz o pedido de forma tão fofa?

— Certo, você venceu. — dou-me por vencida e ele sorri, presenteando-me com suas covinhas e me fazendo esquecer as pessoas ao nosso redor.

Eu o amo esse homem.

...

Quando a festa de comemoração à vitória de Gustavo termina passa de meia noite. Chegamos em nossa casa pouco tempo depois, exaustos, mas felizes. Gustavo agora está no banho, ele havia tentado me convencer a acompanhá-lo e eu teria o feito se não tivesse que terminar de preparar-lhe a surpresa que passei dias arquitetando com a ajuda de Bella e Nath.

Escuto o chuveiro sendo desligado e apresso-me em posicionar a caixa dourada no centro da cama. Espero mais alguns minutos e logo um Gustavo super sexy sai do banheiro, a toalha pendendo um pouco abaixo dos quadris.

Lambo os lábios com a visão a minha frente.

— Gosta do que ver? — ele pergunta, um sorriso divertido nos lábios.

— Como se você já não soubesse a resposta. — continuo cobiçando seu corpo, meus dedos coçando para desfazer o nó da toalha.

— Não, eu não sei. Se bem me recordo você foi a única a recusar a dividir a ducha comigo. — ele finge estar chateado.

— Bem, foi bom um bom motivo. Pegue! — aponto para a caixa.

— O que é isso? — Gustavo hesita ao fazer o que lhe pedi.

— Pegue e abra-a. — instruo e ele o faz. Gustavo abre a caixa e em questão de segundos seus olhos estão embaçados por lágrimas.

— I-isso... Isso é sério, Liv? — questiona, erguendo o pequeno body nas mãos.

— Não sei. O que está escrito aí?

— *"Papai, ainda sou muito (a) pequeninho (a), mas já amo muito você. Prepara o seu coração porque já já eu vou nascer."* — ele ler a frase escrita no body, a voz embargada. — Eu... Eu vou ser pai?

— Sim, nós estamos grávidos de novo. — respondo e ele se põe de joelhos pela segunda vez em menos de 24 horas, agora para beijar minha barriga.

— *Obrigado, obrigado, obrigado...* — a cada agradecimento um beijo é depositado contra meu ventre.

Ficamos assim por alguns minutos, ambos emocionados pela graça que nos foi concedida.

— Você acaba de me fazer o homem mais feliz do mundo, Liv. — ele volta a se erguer, desta vez para beijar-me os lábios e me deitar sobre nossa cama. — Eu amo vocês.

— Nós também te amamos.

— Obrigado por ter me deixado fazer parte da sua vida, por ter me dado a chance de fazê-la feliz.

— Se tem alguém aqui que deve fazer algum tipo de agradecimento, esse alguém sou eu. — digo, acariciando a barba rala que cobre o seu rosto. — Obrigada por me mostrar o que é o amor. Obrigada por me amar, Gustavo. — não consigo controlar a lágrima que escapa e rola solta por minha face.

— Hey, amor. Não chore. — ele limpa o meu rosto de forma suave, fazendo-me fechar os olhos com o toque gentil.

— Eu estou chorando de felicidade, Gustavo. Você é muito mais do que eu mereço.

Conhecer Gustavo foi a melhor coisa que já me aconteceu, seguida pela minha sábia decisão de me entregar a um sentimento tão puro e único. No fim, a traição de Heitor acabou sendo uma bênção de Deus.

— Não gosto de vê-la chorar. — meu noivo enruga a testa. — Prefiro vê-la sorrindo.

— Assim? — sorrio.

— Não. — franze o cenho. — Assim! — ele exclama quando me faz sua vítima em um torturante ataque de cócegas.

— Pa-para, Gustavo! — peço entre gargalhadas, contorcendo-me de tanto rir. — Por favor, eu imploro. — torno a pedir, desta vez mais desesperada, e ele finalmente acata minha súplica. — Você é um bobo!

— O seu bobo. — ele me beija. — O bobo que te ama, diabinha.

— Eu também amo você, Governador.

— Quero ouvir você pronunciar essas palavras enquanto a faço gozar uma e outra vez.

— Isso é algum tipo de promessa de orgasmos múltiplos?

— Pode apostar minha bunda que sim. Eu farei com que você veja estrelas, diabinha. — ele repete a mesma frase que me disse quando fizemos amor pela primeira vez.

Sorrio com a lembrança.

— Promessas, promessas, sr. Governador. — provoco-o, mas logo Gustavo se apressa em mostrar que não está para brincadeiras.

Céus, eu juro que nunca irei me cansar de fazer sexo com esse homem.

Epilogo



Gustavo

FRENÉTICO

adjetivo

1. *pat obsl.* tomado de frenesi, em completo delírio; louco, delirante.

2. que atinge o estado supremo de exaltação, de arroubo; exaltado.

"paixão f."

3. em grande agitação; convulso, agitado.

"percebia que os alunos estavam f. com a proximidade dos exames"

4. impaciente, rabugento.

Origem

◉ ETIM lat. *phreneticus*, *a,um* 'delirante, agitado'

...

Alguns anos depois...

...

Olho freneticamente para o relógio em meu pulso, como se o fato de eu encarar os ponteiros que giram sem parar fosse, de alguma forma, acelerar o trânsito de São Paulo, que se encontra mais caótico que o habitual devido um acidente de trânsito na Marginal Pinheiro.

— Nós iremos chegar a tempo, Governador. — Lucca, meu motorista/segurança a pouco mais de dois anos, tranquiliza-me.

— Deus o ouça, Lucca. — digo, sem muita convicção.

Estamos parados no mesmo local a pelo menos meia hora e eu não

acredito que isso vá mudar tão cedo.

Já era para eu está em casa. Na verdade, não era para eu sequer ter saído, mas um massacre em uma escola em São Vicente, que deixou nove mortos de dezesseis feridos, fez com que eu me deslocasse às pressas até o local da tragédia – juntamente com outros chefes de Estado – para prestar todo o apoio necessário aos familiares das vítimas e aos feridos. Hoje havia sido um dia difícil.

— Parece que o cara lá de cima resolveu nos ajudar. — Lucca diz sorrindo quando os carros começam a andar.

— Graças a Deus. — suspiro aliviado, mas logo volto a encarar o relógio, contando os segundos para chegar em casa.

Quarenta e cinco minutos depois e Lucca, finalmente, estaciona o carro em frente à casa que eu e Olivia compramos depois de casados.

— Obrigado, Lucca. — agradeço antes de pular para fora do carro e correr apressado para os braços de minha *mini diabinha* que, como sempre, me espera eufórica na enorme varanda, ao lado da mãe.

— Papai! — Marília grita, abrindo os bracinhos e correndo ao meu encontro.

— Hey, princesa! — ergo minha garotinha em meus braços, a rodopiando no ar do jeitinho que ela tanto gosta.

Suas gargalhadas se fazem presentes e preenchem meu coração de amor, principalmente depois de presenciar a dor de pais que perderem seus filhos.

— Pensei que não viesse mais. — ela franze a testa e cruza os bracinhos..

Igualzinha à mãe. — Penso, sorrindo.

— E perder o aniversário do meu raio de sol? Jamais. — digo, enchendo-a de beijos. — Parabéns, princesa!

Minha menina está fazendo três anos hoje e eu não poderia estar mais feliz.

— Obrigada, papai. — ela beija minha bochecha. — Agora aonde está o meu presente? — pergunta e tanto eu quanto minha esposa caímos na gargalhada.

— Ela fez a mesma pergunta a cada um dos convidados, hoje mais cedo. — Olivia diz ao se aproximar, levando uma das mãos às costas enquanto com a outra acaricia o ventre redondo. — Como você está? — minha esposa pergunta, mas não respondo. Ao invés disso tomo seus lábios nos meus, desesperado para sentir o seu gosto. Ansiando pelo contato entre nossos corpos.

— Eca! Isso é nojento! — Marília reclama, fazendo careta.

— Agora eu estou bem. — digo, respondendo à pergunta que minha esposa havia feito.

— Meu presente, papai. — Marília torna a lembrar e faço sinal para que Lucca traga a pequena bola de pelos.

— Você vai limpar a sujeira, Gustavo. — Olivia decreta, mas o sorriso no rosto da minha menininha me diz que este é um sacrifício que vale a pena.

— Oh meu Deus, papai! Ela é *tãoooo* fofinha! — Marília exclama animada quando Lucca entrega a ela o pequeno filhotinho de *Golden Retriever* com um laço rosa no pescoço.

— Parabéns, princesa. — Lucca a parabeniza.

— Obrigada, tio Lucca. — Marília agradece, beijando-lhe a bochecha.
— Agora eu e Angelina podemos levar nossas bebês para passearem juntas.
Isso é tãaaao legal. Você pode dizer isso a ela, tio?

— Sim, pequena, eu irei me encarregar de repassar o recado.

Lucca, além de meu segurança, é o vizinho de Isabella e um grande amigo de Angelina, apesar de viver "infernizando" a vida de Bella, segundo a própria rainha do drama, vulgo a melhor amiga de Olivia e madrinha da minha filha.

— Bem, eu tenho que ir. Tenham uma ótima noite. — Lucca se despede, ganhando mais um beijo de Marília antes de ir embora.

— Posso mostrar o meu quarto a ela? — a pequena peralta pergunta, se contorcendo em meus braços para ir para o chão.

— Pode, mas tenha cuidado. — respondo, depois que Olivia confirma com a cabeça.

— Obrigada, papai. Você é o *melhoooooor* pai de *todoooooooo* o mundo e eu te amo *muitãoooooooo* — ganho mais beijos em minhas bochechas.

— Eu também te amo *muitãooooo*, princesa. — coloco-a no chão e logo ela se põe a correr com sua nova companheira nos braços.

— Sem correr, filha! — Olivia grita.

— Tá bom, mãe! — Marília grita de volta, mas não diminui o passo.

— Puxou a mãe. — provoco, fazendo minha diabinha revira os olhos.
— Vem, preciso de um banho. — entrelaço minha mão na dela e seguimos
em direção ao nosso quarto.

— Enquanto você toma banho, eu vou dar uma olhadinha na Marília.

— Tá bom, mas não demora. Tem alguém morrendo de saudades de você. — dou-lhe o meu melhor sorriso cafajeste antes de entrar no chuveiro, já nu, e deixar a água correr por meu corpo.

Dez minutos depois e me sinto um novo homem.

— E a festa, amor? Você teve muito trabalho? — pergunto ao retornar para o quarto para encontrar minha linda esposa deitada em nossa cama enquanto me olha de cima a baixo, sem esconder o quanto me deseja. — Espero que não tenha feito muito esforço. Não podemos esquecer que o médico disse que...

— Eu tenho que manter repouso. — ela completa com um revirar de olhos. — Não se preocupe, querido, eu estou bem. Nathalia, Bella e Alice me ajudaram a organizar tudo e a festa foi um verdadeiro sucesso. Agora venha aqui, estou morrendo de saudades do meu maridão. — ela pede e eu me deito ao seu lado, beijando seus lábios e acariciando seu barrigão.

— E você, garotão? Como está aí dentro? Se comportou direitinho? — falo para a barriga de quase nove meses de minha diabinha sexy, recebendo um chute como resposta. — Vou entender isso como um sim.

— Você é tão bobão às vezes, sabia?

— Sabia, mas você ama todos os meus lados, inclusive o lado babão.

— Principalmente ele. — ela corrige. — Pensei que não fosse chegar a tempo de encontrar Marília acordada.

— Eu também, mas graças a Deus deu tudo certo.

— Você sempre consegue. — sorri. — Lembra o dia em ela nasceu?

— E como eu poderia esquecer? A apressadinha veio duas semanas antes do previsto e eu, desesperado, tive que pegar um jatinho para chegar a

tempo. — falo, lembrando-me de um dos dias mais importantes e especiais da minha vida. — Às vezes, em momentos como esse, quando preciso me ausentar para resolver problemas do Estado, me pergunto se não estou sendo egoísta com minha família. Hoje, por exemplo, perdi a festa de aniversário de três anos da minha filha.

— Ei, do que você está falando? Acredite, você pode ser muitas coisas, mas egoísta não é uma delas. Você é perfeito em tudo o que faz, Gustavo, e eu tenho sorte em tê-lo como marido e pai dos meus filhos.

— Mesmo quando eu tenho que viajar por dias?

— Mesmo quando essa sua insegurança toma conta de você. — brinca. — Nós o amamos, querido, e entendemos que, além de nós, existe um estado inteiro que precisa de você. Pessoas que contam com o seu trabalho.

— E quando eu penso que não tem como você ser mais perfeita, você vem e me prova o contrário. O que eu faço com você, diabinha?

— Me ame, sr. Governador. Apenas me ame.

E é isso o que faço, amo-a como se fosse a primeira vez. É sempre assim. E o amor que sentimos um pelo outro vai se fortalecendo a cada dia.

Eu amo minha esposa, amo a família que construímos e não poderia estar mais feliz.

Eu não sou apenas o governador de São Paulo, eu sou bem mais que isso. Eu sou o cara mais sortudo de todo o universo.

— Eu te amo, Governador.

— Eu amo você muito mais, diabinha. Muito mais.

♥ Bonus ♥



Bernardo

...

Dias após a vitória de Gustavo nas Eleições para Governador do estado São Paulo

...

— Sr. Moraes. — Naomi, a secretária de Gustavo, bate na porta quando estou terminando de arrumar minhas coisas para ir para casa.

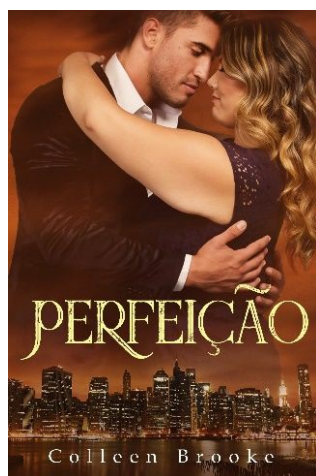
— Sim? — pergunto.

— Há uma senhora lá fora querendo falar com o senhor. Ela... ela não me parece está muito bem. Na verdade, ela está chorando muito, além de aparentar ter algumas escoriações pelo corpo. — seu comentário me deixa preocupado e me faz caminhar até a recepção, onde encontro em um canto – encolhida com lágrimas nos olhos – a mulher que bagunçou toda a minha vida.

— Samantha? — chamo.

A loira se ergue ao som de minha voz, sua barriga redonda acabando com qualquer esperança que eu ainda nutria de salvar o meu casamento.

Continua...



Ele é lindo, rico, bem-humorado e bom de cama.

Ela é baixinha, gordinha, desbocada e acaba de ser colocada no olho da rua.

Ele precisa encontrar a “Mulher Perfeita”.

Ela, por sua vez, parece ser a única pessoa disposta a ajuda-lo.

Um encontro...

Uma proposta...

E uma reviravolta que mudará suas vidas.

Afinal, os opostos se ATRAEM ou se COMPLETAM?



Dizem que o primeiro amor a gente nunca esquece, tampouco a primeira desilusão amorosa. Matteo mostrou a Alice que o ditado é de fato verídico.

Casada há pouco mais de cinco anos com o “homem dos sonhos”, Alice acreditava veemente ter finalmente encontrado o seu felizes para sempre, mas isso foi antes do ciúme e da obsessão baterem em sua porta.

Farta de ser humilhada e de ter o seu passado constantemente jogado em sua cara, Alice resolve pôr um ponto final na relação. Matteo, no entanto, não está disposto a renunciar o amor de sua esposa, não sem antes lutar. Ele irá salvar o seu casamento, nem que essa seja a última coisa que ele faça. Para que isso ocorra, ele só precisa de uma segunda chance... Uma segunda chance para fazer as coisas diferentes e provar a Alice que o amor deles é o suficiente.